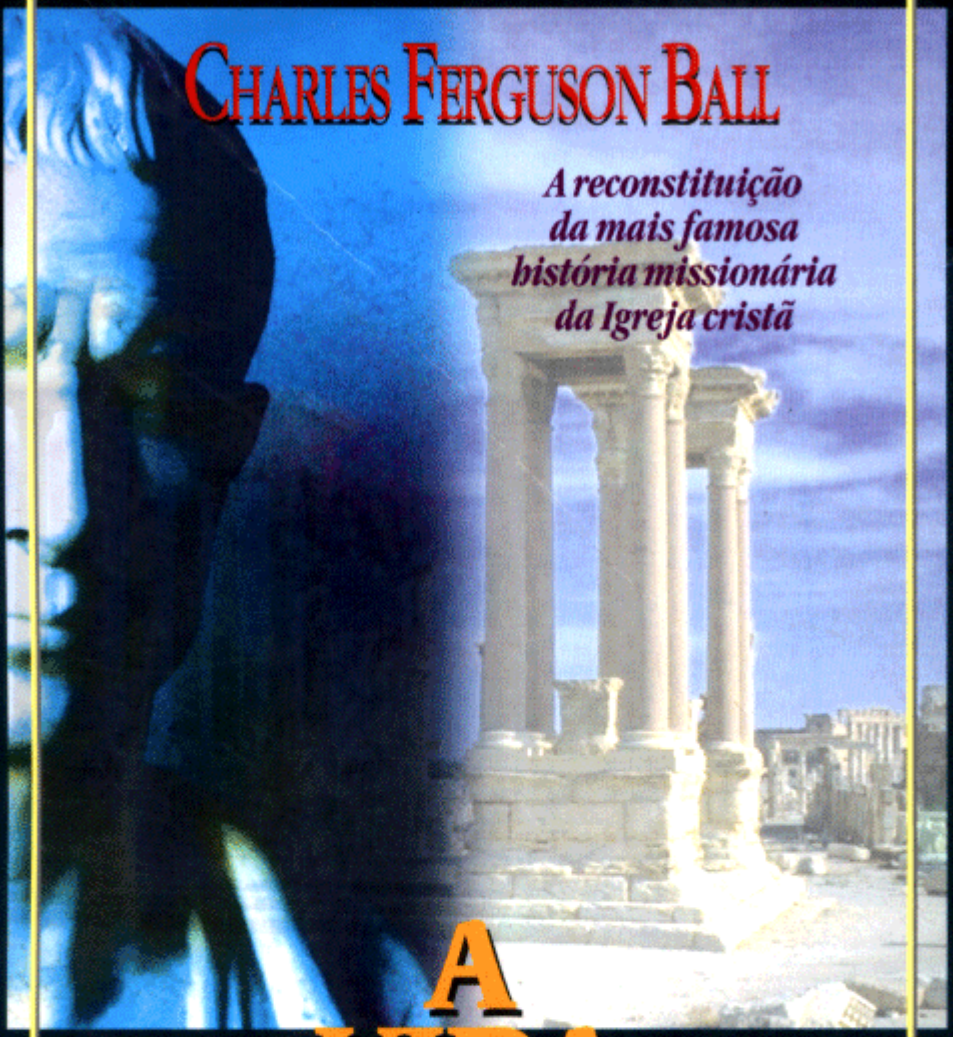
CPAD

CHARLES FERGUSON BALL

A reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja cristã



A VIDA e os TEMPOS do APÓSTOLO PAULO

CHARLES FERGUSON BALL

A VIDA *e os* TEMPOS *do APÓSTOLO* PAULO

A reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja cristã

Digitalizado por: Dimas Silva

Digitalização exclusiva para:



Todos os direitos reservados. Copyright © 1998 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

Título do original em inglês: The Life and Times of the Apostle Paul
Tyndale House Publishers, Inc.
Wheaton. Illinois, USA
Primeira edição em inglês: 1951 por Moody Bible Institute of Chicago
Tradução: Neyd Siqueira
Copidesque: Marta Doreto de Andrade
Revisão: Claudionor de Andrade
Capa: Hudson Silva

220.92 - Biografia
Ball. Charles Ferguson
BALa A Vida e a Época do Apóstolo Paulo.../ Bali, Charles *Ferguson*
1" ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.
ISBN 85-263-0186-1
1. Biografia. 2. História Bíblica.

CDD

220.92 - Biografia

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3" Edição 2000

ÍNDICE

Nota do Editor..... 05

1. Os Portões do Ocidente..... 06

2. O Lar em Tarso..... 11

3. Na Escola de Gamaliel..... 19

4. Os Inícios da Igreja..... 25

5. Lutando Contra Deus..... 31

6. O Ponto Crítico..... 36

7. O Evangelho de Saulo..... 41

8. A Primeira Viagem Missionária..... 47

9. A Grande Controvérsia..... 61

10. A Segunda Viagem Missionária..... 66

11. A Terceira Viagem Missionária..... 80

12. A Última Visita a Jerusalém..... 90

13. A Viagem para Roma..... 101

14. Prisioneiro em Roma..... 107

15. O Combate, a Corrida, o Depósito..... 114

Nota do Editor

Grande parte da vida e da época de Paulo nos tem sido preservada no Novo Testamento, principalmente nos escritos pessoais do apóstolo. Numa narrativa envolvente, Charles Ferguson Ball apresenta, pormenorizadamente, a vida do grande apóstolo dos gentios. Onde a história se cala, o autor busca prováveis detalhes em suas pesquisas, mantendo sempre a conformidade com o registro bíblico.



OS PORTÕES DO OCIDENTE

A província da Cilícia estendia-se numa estreita faixa de terra a nordeste do mar Mediterrâneo. Medindo apenas 112 quilômetros de norte a sul, alongava-se do ocidente para o oriente da Panfília, indo até as montanhas da Síria. As águas azuis do Mediterrâneo banhavam as costas ao sul, formadas de planícies férteis e montanhas onduladas, até chegar aos sombrios montes Tauros.

Os rochedos, dos três lados da Cilícia, isolavam-na completamente de seus vizinhos, exceto por duas conhecidas passagens nas montanhas.

As passagens eram fáceis de serem vigiadas, pois, através delas, só podia transitar um veículo de cada vez e, mesmo assim, com dificuldade. Em todo o Oriente eram mui afamadas como as guardiãs do único acesso, por terra, entre a Síria e o Ocidente.

Na estrada para Antioquia, em direção ao sul, ficava a passagem conhecida como o Portão da Síria. Todo o trânsito procedente da Ásia e do Sul tinha de ser feito por mar ou pelas estradas montanhosas da Cilícia. Na extremidade ocidental da Cilícia, cruzando os rochedos escarpados em direção às longínquas Grécia e Europa, encontrava-se a outra passagem estreita, chamada Portão da Cilícia ou Ciliciano.

Durante séculos, comerciantes e viajores entraram e saíram por esses portões. Sua localização estratégica proporcionou imensos lucros à Cilícia. Entretanto, por esses mesmos portões marcharam também os exércitos imperiais; e, em caso de guerra, vencia a batalha o comandante que primeiro dominasse as estradas das montanhas. A Cilícia fora conquistada e reconquistada muitas vezes. Disputada por gregos e romanos, agora pertencia a Roma. Não obstante, o idioma falado nas ruas das cidades continuou a ser o grego.

Se esses portões pudessem contar sua história, que formidável narrativa não seria! Conquistadores e cruzados, soldados e mendigos, peregrinos e ladrões - todos passavam por eles em suas viagens entre a Europa e a Ásia. Na verdade, ali estava o portão de saída para o Ocidente.

O rio Cnido, nascido nas rochas de um vale profundo, ia saltando de saliência em saliência até chegar às terras baixas do Sul. Ao longo do percurso, reuniam-se-lhe outros rios menores, cada um transbordando com a neve derretida das altas serranias dos montes Tauros. Assim aumentado, alargava-se e percorria preguiçosamente seu caminho em direção ao mar.

Pequenas aldeias, fazendas e cabanas de barro escuro salpicavam a planície. Para o ocidente, a terra era ondulada e menos fértil. Por não se prestar ao cultivo, era usada como pastagem para o rebanho. Na direção leste, porém, o solo era rico e as colheitas boas. Aninhada entre os picos altaneiros, cobertos de neve, e o mar azul e quente, a Cilícia era um lugar mui agradável.

TARSO, A CIDADE NATAL DE PAULO

Tarso, onde Paulo nasceu e foi criado, era a capital e principal cidade da Cilícia. Era uma das maiores cidades do Império Romano. Hoje, não passa de uma insignificante

cidadezinha turca. Alguns de seus largos muros de proteção ainda existem, mas em completa ruína, com flores e mato crescendo pelas frestas.

Fora da atual Tarso encontra-se uma ponte sob cujos arcos o rio Cnido correra no passado. (Se essas pedras pudessem falar!) Hoje só podemos olhar as ruínas e os registros históricos da cidade que abrigou Paulo em sua juventude, e imaginar a influência que suas escolas, academias e ginásios exerceram sobre ele.

Apesar de sua grandeza, Tarso não se destacava por sua antigüidade. Embora fundada antes de Atenas e Roma, se comparada a Damasco, ou a Jerusalém, não passava de uma criança. Ela experimentou suas primeiras glórias nos dias de Alexandre, o Grande, quando muitos gregos abastados construíram ali suas residências e palácios. A fama lhe proveio principalmente de seu entusiasmo pela cultura. Suas escolas atraíam filósofos e professores de renome internacional. A afirmação de que ofuscava qualquer cidade como centro cultural era bem justificada.

UMA CIDADE FAMOSA

Bem antes dos dias de Paulo, os filósofos e eruditos de Tarso já ensinavam retórica, matemática, ética, gramática e música. Paulo ainda não brincava nas ruas da cidade, quando grandes poetas, médicos, oradores e filósofos, treinados nas escolas de Tarso, levavam-lhe o nome para outras terras. Era tão grande a reputação da cidade que César Augusto, ele mesmo educado por Atenodoro de Tarso, escolheu Nestor, outro educador da cidade, como mestre de seu filho.

Tarso possuía inúmeros prédios públicos além de palácios e casas humildes. Havia ali um enorme teatro ao ar livre, construído para acomodar milhares de pessoas, num grande espaço aberto, aos pés de uma encosta, com fileiras e fileiras de bancos de mármore dispostos num largo semicírculo. Peças gregas eram encenadas no palco central, atraindo multidões. Ali também se apresentava a música da moda e liam-se poesias. O teatro ocupava um lugar importante na vida de ricos e pobres.

Marco Antônio, famoso general romano, morara em Tarso. Gostava tanto da cidade, que lhe deu autonomia; isto é, permitiu que seus cidadãos fizessem suas próprias leis sem qualquer interferência de Roma e sem lhes cobrar quaisquer impostos. O imperador Augusto, por sua vez, ficou tão impressionado com a cultura da cidade que lhe permitiu ter seus próprios tribunais e nomear seus magistrados. Tarso tornou-se um centro favorecido, despertando a inveja das cidades vizinhas.

Sua fama não lhe provinha apenas da cultura. Tarso era também um centro financeiro. As rotas comerciais davam-lhe proeminência. Nos dias de Paulo, o rio Cnido era tão largo que navios de grande porte subiam por seu leito, cerca de 19 quilômetros, e descarregavam suas mercadorias nos desembarcadouros da cidade. O cais era um espetáculo pitoresco. Transitavam por aqui egípcios de rosto acobreado, e africanos negros e fortes. Navios de Creta, Chipre, Rodes e Jope carregavam em seu bojo uma estranha mistura de marinheiros alegres que exaltavam a grandeza e o cosmopolitismo de Tarso.

Homens desciam o rio Cnido em balsas e barcos rústicos, transportando as mercadorias de suas fazendas e oficinas. Eram os fardos transportados para os navios e trocados por grãos, peles, lã, e barris de óleo e vinho. Os portos eram uma confusão de homens e longas fileiras de jumentos, mulas e cavalos. Quando o navio finalmente acabava de ser carregado, os gritos dos marinheiros e estivadores enchiam o ar à medida que as cordas eram desamarradas e o barco abria caminho no mar cintilante. Esse era o cotidiano no porto de Tarso.

O BARCO DOURADO DE CLEÓPATRA

O mais esplêndido navio que já aportara em Tarso era, agora, apenas uma lembrança, mas ainda perdurava a profunda impressão que deixara. Ficou conhecido como o barco dourado de Cleópatra, a lendária rainha do Egito. Ela fora encontrar-se ali com Marco Antônio para seduzi-lo com os seus encantos. Tinha os lábios pintados de vermelho e as unhas de um amarelo brilhante, cor de açafrão. Por toda parte corria a fama de sua beleza.

Naquele dia longínquo, pessoas ansiosas ajuntavam-se às margens do rio, procurando vislumbrar a belíssima rainha. O dia estava ensolarado e alegre, e o céu, azul. No alto do mastro,

uma grande vela de seda vermelha flutuava ao sabor da brisa; flâmulas amarelas, carmesins, azuis e brancas esvoaçavam no mastro principal da embarcação. Um espírito festivo permeava a cidade enquanto o barco subia o rio. Os espectadores podiam ver a sua popa incrustada de ouro e coberta por um dossel dourado. Sob o dossel, num divã, entre macias almofadas, reclinava-se Cleópatra, enfeitada de jóias resplendentes.

Os largos remos, revestidos de prata, rebrilhavam, enquanto feriam aquelas águas. Aquele fora um dia inesquecível. Sem dúvida, a história do seu esplendor seria contada e recontada no decorrer dos anos.

Os JOGOS

Os gregos e romanos gostavam de competições atléticas. Apreciavam tanto o jovem que se destacava nas corridas quanto o homem que vencia uma batalha. De seus heróis e campeões, erguiam estátuas e monumentos. A pista de corrida era um lugar enorme, aberto, como um teatro. De um lado, enfileiravam-se as arquibancadas, construídas em forma de estádio para as multidões que iam assistir aos jogos e corridas. Milhares de jovens treinavam para os jogos, e sua maior ambição era a conquista dos prêmios.

A leste da cidade, na encosta de um monte, um grande prédio erguia-se em toda a sua magnificência. Era o ginásio - lugar onde os meninos aprendiam a ser ágeis e fones. Dos 16 aos 18 anos, os rapazes nada aprendiam além de atletismo. Outras áreas da sua educação seriam cuidadas mais tarde. Afinal, o que mais importava para os gregos e romanos era o condicionamento físico. Os meninos aprendiam a correr, saltar, lutar e nadar. Havia ali banhos quentes e frios. Depois dos jogos, eles banhavam-se e esfregavam o corpo com óleo de oliva.

O ginásio era um lugar animado; ressoava com os gritos e risos de centenas de rapazinhos. O edifício era majestoso, com enormes pilares e estátuas esculpidas em mármore, representando grandes mestres, filósofos e homens vigorosos. Os meninos ficavam então cercados de exemplos de homens cultos e fortes - os líderes da sua época.

A GRANDEZA DE PAULO

De todos os homens ilustres de Tarso, produtos do ginásio e das famosas escolas, ninguém foi maior que Paulo. Ele galgou alturas superiores a todos os demais. Todos foram esquecidos e, apesar de tanta grandeza, deixaram apenas uma pequena marca na história. O grande apóstolo de Cristo, porém, cativou de tal forma o coração de milhões de pessoas em todas as eras, e alçou-se a tal proeminência, que a própria Tarso é lembrada, não por suas escolas e comércio, mas porque Paulo ali viveu.

O MUNDO DE PAULO

Naqueles dias, toda a vida do mundo concentrava-se no Mediterrâneo. Todas as grandes civilizações desenvolveram-se junto ao mar cujo nome aludia ao centro da terra. A palavra *Mediterrâneo* é formada por dois vocábulos que, juntos, significam "o meio da terra". Todos os interesses da vida humana achavam-se concentrados numa estreita faixa que se estendia pela costa sul da Europa, pela costa norte da África e pelas costas ocidentais da Síria e Palestina. Além dessa fronteira, havia regiões inexploradas, onde viviam povos bárbaros, que só entrariam na corrente da civilização anos mais tarde.

Três nações da época foram suficientemente grandes e fortes para deixar sua marca sobre as demais: Roma, Grécia e Israel.

ROMA

Os romanos governavam o mundo. Conquistaram esse direito pela força dos seus exércitos. Eles possuíam o dom da colonização e do governo.

Devido ao poder de suas legiões estacionadas em todas as colônias, eram os donos do mundo. Embora poderosos, não se aproveitavam dos povos conquistados; pelo contrário, procuravam integrá-los ao seu império, dando-lhes um lugar de honra.

Roma enviou grandes construtores e arquitetos, que edificaram magníficas estradas e levantaram prédios e templos por toda parte. As leis e instituições políticas romanas eram famosas por sua justiça, garantindo o direito de todos os cidadãos. Paulo apelou a esta lei,

quando se tornou evidente o preconceito dos tribunais da Judéia contra si.

O cenário, porém, não era inteiramente luminoso. Com o aumento do poder e da riqueza, Roma tornou-se corrupta e frívola, presa à sensualidade, ao pecado e ao luxo. Em conseqüência, o povo fez-se dolente e fraco. O império de que tanto se orgulhavam desmoronou-se diante dos bárbaros vindos do Norte, que o invadiram e saquearam. Mesmo nos dias de seu maior poderio, não tinham força espiritual; deleitavam-se em prazeres vulgares e brutais, como as lutas de gladiadores. Durante os feriados, os lutadores combatiam até a morte nas arenas. No reinado de Trajano, dez mil gladiadores lutaram num período de apenas seis meses. Lutavam entre si como tigres e leões, e milhares de espectadores aplaudiam-nos enquanto mutuamente se matavam. Multidões acorriam ao Coliseu de Roma para assistir à morte de cristãos devorados pelas feras.

Tanto por sua grandiosidade quanto por sua fraqueza, os romanos deixaram na história a sua marca indelével. A seu favor deve ser dito que construíram o maior império que o mundo já viu.

GRÉCIA

Se os romanos foram os líderes mundiais no tocante à lei e ao governo, os gregos lideraram na cultura e no conhecimento. A arte, a ciência e a literatura desenvolveram-se mais na Grécia que em qualquer outra parte. Embora o império fosse romano, a língua grega foi reconhecida como o idioma empregado pelas pessoas cultas. Os eruditos de todas as nações orientais falavam e escreviam o grego. Essa é a razão de o Antigo Testamento ter sido traduzido para o grego muito antes do nascimento de Cristo, e das cópias mais antigas do Novo Testamento estarem em grego.

Os gregos eram um povo genial. Guiados por Alexandre, o Grande, conquistaram o mundo e procuraram helenizá-lo. Desempenharam tão bem sua tarefa que, mesmo após a morte de Alexandre e a divisão de seu império, uma porção da arte e da literatura gregas permaneceu em cada nação. Os professores e filósofos gregos eram os intelectuais reconhecidos da época. Eles divulgaram, em todas as nações, a literatura, arquitetura e pensamento científico de seu país.

Muitos judeus, nos dias de Paulo, liam as Sagradas Escrituras na tradução grega - a Septuaginta - pois o hebraico estava se tornando rapidamente uma língua morta.

Quando o Cristianismo surgiu, toda praça de mercado tinha seu grupo de eruditos gregos que se deleitavam em discutir palavras e frases, e cujo talento degenerava em confusão. A balbúrdia era às vezes tão grande que milhares de pessoas, tanto conquistadores como conquistados, abandonavam a crença em seus deuses e sistemas filosóficos. As religiões pagas achavam-se à beira de um completo colapso, decadência e corrupção. Essa era a situação cultural do mundo, quando Jesus e Paulo nasceram.

ISRAEL

A nação, porém, que mais marcou a civilização mundial foi Israel. Sua marca jamais se apagará. Embora os judeus não tivessem poderio militar, destacaram-se por sua religião. Dispersos por todas as terras, construíam sinagogas para adorar a Deus. Estrabão, um dos grandes historiadores da época de Cristo, escreveu: "E difícil encontrar um único lugar na terra que não haja admitido essa tribo de homens e sido por ela influenciado".

Isso se dera devido ao fato de a Assíria, Babilônia e Roma terem invadido a Palestina, e levado daqui milhares de judeus para o cativeiro. Onde quer que fosse, o povo escolhido levava consigo as Sagradas Escrituras e as profecias de um Messias vindouro.

Eram homens orgulhosos e exclusivistas, envolvendo-se em seus mantos de justiça enquanto voltavam as costas ao grande propósito para o qual haviam sido chamados: representar a Deus entre os demais povos. Escrevendo aos Romanos, Paulo resume o lugar de Israel no mundo, e aponta suas falhas em palavras contundentes:

Eis que tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que

tens a forma da ciência e da verdade na lei; tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?... Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós (Rm 2.17-21,24).

Embora seja penosamente óbvio o fracasso dos judeus em executar os planos divinos, eles estabeleceram sinagogas desde a longínqua Babilônia até a cidade de Roma. Na história do Pentecostes, os judeus que voltaram a Jerusalém, abrangiam conterrâneos de todas as províncias do império romano:

Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia, e Capadócia, Ponto e Ásia. E Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes (At 2.9-11).

Lucas faz um resumo, dizendo que os judeus eram de "todas as nações que estão debaixo do céu" (At 2.5).

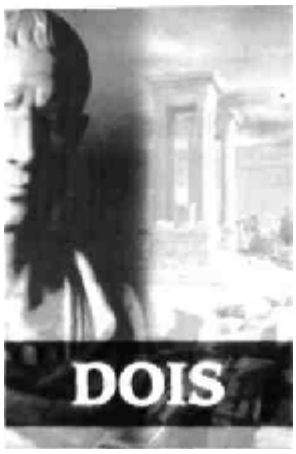
Onde quer que os judeus construíssem suas sinagogas e cumprissem seus rituais, estabeleciam um centro para a adoração do Deus Único e Verdadeiro.

Sua presença no Império Romano foi de grande ajuda, servindo de porta para o programa futuro da Igreja. Quando Paulo viajava para um novo local, sempre procurava a sinagoga para pregar, e isso geralmente dava início a uma nova igreja.

O PLANO DE DEUS

Eis aí um vislumbre do mundo em que Paulo nasceu. O cenário era de confusão, conflito, insatisfação e necessidade - necessidade que não podia ser satisfeita pela lei romana, erudição grega ou religião judaica.

Entretanto, Deus decidiu enviar a este mundo um homem que, pelos seus dons naturais, pôde cativar toda classe de pessoas. Com seus antecedentes e preparo, estava apto a falar com autoridade aos romanos, gregos e hebreus. Deus separou esse homem, mudou todo o curso de sua vida e usou-o para fortalecer a Igreja de maneira milagrosa. Saulo de Tarso, o escolhido de Deus, tornou-se um dos maiores pensadores e, certamente, o maior líder e teólogo da Igreja.



O LAR EM TARSO

Jamais foi escrita uma biografia completa do apóstolo Paulo. Essa tarefa é simplesmente impossível por nos faltarem o início e o fim de sua história. Nosso registro de suas atividades começa em sua juventude, pouco antes de ele iniciar o apostolado. Foi aí que Lucas o conheceu e incluiu-o em sua história da Igreja Primitiva. Além disso, só temos algumas notas pessoais nas 13 epístolas eclesiásticas e pastorais escritas por ele em diferentes partes do Império Romano. Apesar das muitas lacunas desses registros, temos o suficiente para tornar o relato um dos mais emocionantes da História.

Está claro que não houve monotonia na vida de Paulo. Sumariando esse período, ele menciona vividamente alguns episódios:

Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo. Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da. minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos. Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez (2 Co 11.24-27).

Em lugar algum, porém, esta história é inteiramente contada. Além do breve relato de um naufrágio, os outros não são mencionados. Não há nenhuma narrativa da noite e do dia terríveis passados em alto mar, agarrado talvez a um destroço. Nem é feita a descrição dos assaltos nas passagens montanhosas, onde os ladrões tornaram-se tão ameaçadores para os viajantes, que estes tinham de se organizar em caravanas. A seguir vieram os rios caudalosos e as enchentes, com apenas algumas pontes para cruzá-los. Para os de viva imaginação, essas aventuras são verdadeiramente estimulantes!

Embora não haja registro da infância de Paulo, uma história muito interessante pode ser montada a partir das informações colhidas da história, da tradição e das notas pessoais nos escritos paulinos.

O NASCIMENTO DE PAULO

O grande apóstolo nasceu por volta do ano três de nossa era, no lar de um piedoso casal, no bairro judeu de Tarso. As ruas eram estreitas e as casas pobres, mas aquele dia foi de imensa felicidade para a família. Contemplaram o rosto do filho, e sentiram-se satisfeitos e orgulhosos.

Embora vivessem numa cidade gentia, seus pais resolveram dedicá-lo ao serviço de Deus, e fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para educá-lo como um verdadeiro israelita.

O pai pertencia à tribo de Benjamim e gabava-se disso sempre que os vizinhos mencionavam suas árvores genealógicas. Todos sabiam que Saul, o primeiro rei de Israel, era benjamita.

Apesar de morar em Tarso, a família considerava as montanhas orientais da Palestina o seu verdadeiro lar como o faziam os judeus piedosos. Para eles, Jerusalém era a cidade mais bela do mundo, pois ali estava a Casa de Deus. Eles enviavam ofertas para os reparos do Templo, e a cada ano planejavam visitar a Cidade Santa por ocasião da Páscoa.

Oito dias após o nascimento do menino, os pais deram-lhe um nome. A cerimônia foi seguida de uma ceia, para a qual todos os amigos e parentes foram convidados, e cada um levou o seu presente. Ele recebeu o bom nome hebreu de Saulo. Esse era um nome mui querido de todos os descendentes de Benjamim porque assim se chamava o primeiro rei de Israel. Mas como viviam no mundo romano, usaram também a forma latina do nome — Paulo.

Nos negócios, ele era Paulo, porque isso impressionava os gentios. Mas a mãe sempre o chamava de Saulo, pois esse nome agradava-lhe o coração.

PRIMEIROS ENSINAMENTOS EM CASA

O pai de Saulo era muito severo. Sendo fariseu, acreditava que os mandamentos de Moisés, como interpretados pelos rabinos e escribas, deveriam ser observados à risca.

Uma caixa metálica brilhante, medindo 2x7 centímetros, ficava pendurada no batente de sua porta. Quando os visitantes chegavam, ou saíam, tocavam-na e beijavam os dedos, resmungando algumas palavras da Escritura. Dentro da caixa, escritos num pedaço de pergaminho, estavam versículos da lei de Moisés, começando com aquelas palavras tão familiares: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder" (Dt 6.4-5). Esta caixa era chamada de mezuzah. Antes de o pequeno Saulo ter idade suficiente para falar, provavelmente já imitava os outros. Do colo da mãe, esticava o bracinho roliço para tocar a caixa brilhante, beijando em seguida a mão como vira outros fazerem. Prazenteira, a mãe sorria, acariciando-lhe a cabecinha.

À medida que Saulo crescia, aprendeu a ajoelhar-se com o rosto voltado à distante Jerusalém e, com as mãos cruzadas à frente, já fazia uma oração pela manhã e outra à noite. Quando perguntou a razão de ter de olhar para Jerusalém, foi-lhe dito que o Santo Templo estava ali, e que no Lugar Santo, por trás da grande cortina púrpura, Deus habitava no meio de seu povo. O menino não compreendia tudo, mas ficava impressionado porque a voz da mãe tornava-se solene, e ela curvava a cabeça todas as vezes que falava de Deus.

Ela também contava-lhe como o profeta Daniel, quando exilado numa nação gentia, jamais se esquecera de abrir as janelas em direção à Cidade Santa, e falar com o seu Deus. Instado a não mais orar, recusou-se a obedecer o edito do rei e, como castigo, foi lançado à cova dos leões. Mas as feras não lhe fizeram mal algum, porque Deus fechara-lhes a boca.

A mãe de Saulo contou-lhe as histórias de seu povo. Falou da opressão do Egito e de como Deus libertara o povo das mãos de Faraó, fazendo-o atravessar em triunfo o mar Vermelho. Ela nunca se cansava de mencionar Saul, o rei de quem o filho levava o nome, e como ele fora o mais alto, belo e majestoso de todos os homens de Israel. Enfatizava repetidamente o fracasso dos juizes e a humildade de Saul, o primeiro rei de Israel. "Por causa de sua humildade", repetia-lhe a mãe, "ele foi honrado por Deus".

Mas o fim trágico de Saul ficou gravado para sempre no coração de seu jovem homônimo, numa advertência de como Deus rejeita o que dEle se desvia para buscar a própria glória. A mãe de Saulo costumava concluir seus ensinamentos, citando a Escritura: "Aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão envilecidos" (1 Sm 2.30). De igual modo, contou a Saulo sobre Abraão, o pai do seu povo; Moisés, o grande legislador; Gideão, Sansão e a rainha Ester, filha de judeus pobres. Os heróis da nação judaica tornaram-se parte dos seus pensamentos e da sua conversa diária. Suas histórias preferidas eram as de aventuras e combates.

Quando o sol enorme e quente descia por trás dos morros da Panfília e as estrelas surgiam no céu púrpura, era a hora de todo menino dormir. Saulo e a irmã sentavam-se, então, nos joelhos da mãe e ouviam-na falar de Davi, o pastorzinho que matara um urso e um leão que tentaram devorar-lhe as ovelhas. Ela contava também sobre o grande rei Salomão, cuja glória maravilhava o mundo inteiro; falava ainda sobre a rainha de Sabá que fora a Israel verificar se era verdade tudo o que se dizia sobre a sabedoria e riqueza do rei Salomão.

Uma das histórias favoritas de Saulo era a do profeta Elias, que se escondera numa caverna e fora alimentado pelos corvos. Num dia glorioso, no monte Carmelo, com todos os profetas de Baal contra si, Elias pediu fogo do céu, e mostrou ao povo quem era verdadeiramente o Deus Todo-Poderoso.

Aos poucos, mas solidamente, foi-se desenvolvendo no menino a consciência de que pertencia a um grande povo. Orgulhava-se de que, embora minoria em Tarso, os judeus tinham Jeová por Deus, que sempre os abençoava quando eles o reverenciavam.

Nas longas noites de inverno em Tarso, com os postigos e portas bem fechados para impedir a entrada dos ventos frios do Norte, a família reunia-se ao redor da lâmpada de óleo que brilhava. A mãe tecia o pano para fazer um casaco para o pequeno Saulo. Enquanto seus dedos guiavam os fios, contava aos filhos sobre a túnica que Jacó dera a José, e como este, despertando os ciúmes dos irmãos, fora por eles vendido ao Egito. Mas Deus estava com José, que se tornou o primeiro - ministro no governo de Faraó, rei do Egito. José foi o meio usado para salvar o seu povo da grande fome que sobreviera à terra de Canaã.

Mãe alguma tinha uma reserva tão grande de histórias, nem jamais as contara com tanto orgulho e convicção.

A SINAGOGA

A mãe de Saulo levou-o à sinagoga quando ele atingiu a idade apropriada. Ao chegar, lavaram os pés empoeirados e depois sentaram-se na seção das mulheres e crianças, separada da dos homens adultos por uma treliça de pedra. Através da treliça, ele podia ver o pai sentado no chão com os homens, ouvindo enquanto o rabino lia a Lei, e dirigia-se à congregação.

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás pois o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E essas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas (Dt 6.4-9).

O pequeno Saulo não compreendia muita coisa do que se passava na sinagoga. Mas a mãe achava que ele deveria conhecê-la desde a mais tenra idade para, mais tarde, sentir-se estimulado a freqüentá-la regularmente. Ela podia imaginá-lo dentro de poucos anos, sentado com os outros homens, discutindo os caminhos de Deus e, depois, como rabino, explicando as Escrituras. Seu coração estremecia com o privilégio de educar um filho de Israel que freqüentasse a sinagoga de Tarso durante toda a sua vida.

Durante aqueles primeiros anos, a mãe de Saulo foi sua única professora. Olhos puros fitavam olhos confiantes. E, assim, Saulo passou a viver conforme o padrão escolhido pela mãe. Ela sabia que era seu dever levar o filho a conhecer e a amar as Escrituras conforme ensinara Moisés:

Quando teu filho te perguntar pelo tempo adiante, dizendo: Quais são os testemunhos, e estatutos e juízos que o Senhor nosso Deus vos ordenou? Então dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó no Egito, porém o Senhor nos tirou com mão forte do Egito (Dt 6.20,21).

OS ENSINAMENTOS DO PAI

Os rabinos da antigüidade diziam que as lições em casa deviam começar aos cinco anos. O pai seria o principal professor nesse período, cuidando da educação do filho. A escola começou então oficialmente para Saulo nessa idade. Depois disso, o aprendizado não se baseava tanto nas histórias, mas na memorização de versículos do Antigo Testamento e dos cânticos da sinagoga. Os salmos de Davi eram usados como hinos de adoração, e cada menino tinha de aprendê-los, juntamente com os mandamentos de Moisés e as tradições dos grandes rabinos.

Grande parte da educação resumia-se em decorar textos. Para Saulo, este exercício

iniciou-se aos cinco anos e continuou até os trinta. Os judeus não precisavam estudar outros livros didáticos. As Escrituras continham todos os conhecimentos relativos à vida. As histórias do seu povo eram o seu único prazer, e extrair conhecimento de quaisquer outras fontes era desencorajado e visto com desconfiança.

A primeira lição de Saulo, baseada num versículo de Deuteronômio, foi-lhe transmitida em grego. Ele a repetiu várias vezes até decorá-la: "O que o Senhor requer de mim, senão adorá-lo e andar em seus caminhos, amá-lo e servi-lo de todo o meu coração e alma, e guardar os mandamentos que Deus ordena neste dia para o meu bem?"

Depois disso, Saulo decorou verso após verso das muitas promessas divinas, pois os seus pais acreditavam que, se um judeu fosse bom e adorasse a Deus, o Senhor abençoaria sua casa, campos e negócios. Mas, se não amasse e adorasse ao Senhor, certamente Deus o castigaria, retirando-lhe sua bênção. Desde a infância, Saulo foi levado a crer em tudo o que a Escritura dizia. Mais tarde, não teve dificuldade em aceitar tudo o que ensinava o rabino.

Aos seis anos, seus pais o levaram pela mão à escola de rabinos. Com um olhar de medo e saudade, o menino largou a mão da mãe, que o entregou ao professor. O ambiente não era tão confortável como sua casa. O mestre era um estranho barbudo. O pai ficou ali mais algum tempo, observando o filho sentar-se de pernas cruzadas na companhia de outros trinta garotos, que olhavam fixamente à face severa do mestre.

Os pais voltaram para casa experimentando uma mistura de sentimentos. Orgulhavam-se pelo fato de o menino estar crescendo, mas entristeciam-se porque o tempo de seu aprendizado no lar chegara ao fim. Todavia, sentiam-se satisfeitos porque o filho ia ser educado como um verdadeiro hebreu, embora estivesse numa cidade grega e distante do Templo de Jerusalém.

Diferentemente das escolas gregas, não havia na escola da sinagoga nem aula de desenho nem de pintura. Traçar a figura de um homem, pássaro ou animal era proibido pela Lei. Os jogos e esportes gregos também não tinham espaço nas escolas rabínicas; eram costumes pagãos desprezados pelos eruditos judeus.

Em casa e na escola, Saulo aprendeu que a maior coisa do mundo era adorar a Deus de todo o coração e obedecer aos mandamentos de Moisés.

Não havia necessidade de carregar livros, pois nem o professor os possuía. Em voz alta e monótona, este repetia as lições aos alunos até que tudo lhes ficasse gravado na memória. Era repetir, repetir e repetir.

Como todos os meninos, Saulo fazia inúmeras perguntas. Seus pais encorajavam-no a isso, especialmente no que dizia respeito aos rituais religiosos. Saulo devia perguntar por que a mãe varria a casa e acendia a lâmpada, entregando esta depois ao pai a fim de procurar migalhas em todos os aposentos. Por que comiam pão sem fermento, com as cabeças cobertas, como se estivessem prontos a fugir do inimigo? Por que a mãe acendia uma vela a cada noite, até que, depois de oito noites, a casa ficasse toda iluminada? Por que esperavam tão ansiosamente a lua nova? Ele perguntava todas essas coisas e muitas outras. O pai, muito orgulhoso, explicava-lhe o significado de cada uma delas: como eles celebravam os grandes dias de sua história, e como Deus lhes ordenara que essas datas fossem lembradas. Os judeus eram diferentes de todos os povos do mundo; nessa diferença, repousava o seu orgulho e alegria.

A seguir, veio o aprendizado do alfabeto, tanto hebraico quanto grego. Se na sinagoga, o hebraico era falado e lido, em casa e nas ruas, até os judeus falavam o grego. Saulo teve, portanto, de aprender ambos os idiomas. O pai retirava os rolos sagrados da caixa, entregava-os ao filho, e punha-se a contemplá-lo satisfeito, enquanto o menino fazia a leitura na amada língua hebraica.

O DIA DE SÁBADO

Como as escolas não funcionavam aos sábados, as crianças judaicas esperavam ansiosas por esse dia. Os cidadãos de Tarso não guardavam o sábado, e odiavam os judeus por serem tão diferentes. O pai suspendia o trabalho mais cedo na sexta-feira, e parecia contente ao ver a casa varrida e arrumada, os filhos vestidos com as melhores roupas e a refeição da noite sobre a mesa. O dia de descanso começava com o pôr-do-sol na sexta-feira e ia até o fim do sábado.

Quando a escuridão descia sobre a cidade, o som da trombeta era ouvido do alto da

sinagoga. Os pais de Saulo inclinavam-se juntos. Em seguida, o chefe de família impetrava a bênção sobre o lar. Ato contínuo, lavava as mãos numa bacia de água e colocava um pouco de vinho na taça. Reunidos em volta da mesa, todos provavam do cálice. Então o pai dizia algumas palavras a respeito do Senhor e, mergulhando um naco de pão no sal, oferecia-o a cada membro da família.

Esse era o começo do melhor dia da semana.

Eles sentavam-se para uma refeição composta de peixe, sopa, pão e frutas. Era o dia de descanso solene e não se avistava nenhuma fumaça evolando-se das casas judias, pois Deus ordenara fosse o sábado um dia de repouso. Nenhum fogo era aceso; nenhum alimento, cozido; e o pai declarava gravemente que quem desobedecesse devia ser morto. Moisés não condenara à morte o homem flagrado colhendo gravetos para acender o fogo no sábado?

Nesse dia, todos iam à sinagoga. Por trás da treliça que separava as mulheres e crianças da parte principal do prédio, Saulo podia ver o pai no grande salão onde ardia o castiçal de sete hastes. O pai removia os sapatos e amarrava filactérios nos braços e na testa; colocava um xale azul na cabeça, e voltava-se em direção a Jerusalém, para orar com os outros homens.

As portas eram então fechadas e, de algum ponto, uma voz cantava: "Bendito o Senhor, o Rei do universo, que fez a luz e as trevas, que envia a paz e cria todas as coisas e quem, na sua misericórdia, dá luz à terra; quem, na sua bondade, renova dia a dia as obras da criação". Podia se ouvir dos lábios dos ouvintes um "amém" em voz baixa, enquanto todas as cabeças mantinham-se inclinadas.

Enquanto observava, Saulo viu um dos homens pegar um rolo grande de pergaminho e fazer a leitura em hebraico. Era a lei de Moisés. Cada sentença era repetida em grego a fim de que todos pudessem entender. A seguir, um dos principais da sinagoga comentava o trecho lido. Às vezes, argumentava acaloradamente, citando opiniões dos grandes rabinos. Eles também faziam perguntas difíceis e procuravam respondê-las demonstrando grande autoridade.

Depois das perguntas, uma breve bênção despedia o povo que saía em silêncio. Às vezes, reuniam-se nas casas, mas nunca passeavam a pé, já que era proibido andar mais de §00 metros nesse dia. Quando o sol se punha, o pai reunia a família e orava por cada um em particular, pedindo a bênção de Deus sobre o dia que terminava.

O RIGOR DOS FARISEUS

Todas as regras que Saulo aprendia na escola eram seguidas rigorosamente pelo pai; este era meticuloso até na forma de lavar as mãos. No lar de Saulo, havia mais rigor e disciplina que na maioria dos de seus amigos. Seu pai era fariseu e decidira que o filho também o seria. Ser fariseu significava pertencer a mais importante seita do Judaísmo.

Os saduceus pertenciam à classe alta e rica; eram a aristocracia; ocupavam a maioria dos altos cargos, mas não se importavam com a fé nem com a moral. Aceitavam as Escrituras de modo geral, mas não acreditavam no céu, nem nos anjos, ou na vida após a morte. Os fariseus apiedavam-se deles; achavam que o desejo de ser modernos virara-lhes a cabeça.

Por seu turno, os fariseus não só aceitavam integralmente as Escrituras, como também as tradições orais dos rabinos. Diziam que as tradições originavam-se da Palavra de Deus. Eles estavam continuamente brigando e discutindo com os saduceus, por acharem ter alcançado uma posição superior à de qualquer outra classe. Orgulhosos e intolerantes, agradeciam a Deus por não serem como os demais.

Andar uma milha, carregar um graveto, ou acender o fogo no sábado era considerado ofensa grave por Saulo e seu pai. Até mesmo comer um ovo posto por uma galinha no sábado era considerado pecado. Saulo pensava, trabalhava e crescia segundo os ensinamentos do farisaísmo. Preparou-se gradualmente para liderar outros nessa tradição, sem jamais sonhar que, um dia, des-pojar-se-ia dela como de algemas pesadas, liberto que seria por Cristo.

INFLUÊNCIAS GENTIAS

Ao norte da cidade ficava a pista onde eram disputadas as provas de atletismo. A cidade inteira comparecia para apreciar tais eventos. Menino algum que crescesse em Tarso poderia fugir à influência desse lugar. Os jovens da Grécia e de Roma gostavam tanto de correr, e davam a isso tamanha importância, que um vencedor tornava-se herói nacional, e tinha uma

estátua erguida em sua honra.

Saulo foi tão influenciado por essa pista de corrida que, mais tarde, em seus escritos, comparou a vida cristã a uma prova atlética. Considerou que a vida em Cristo tem um ponto de partida, uma pista e um alvo. O cristão não é alguém sem rumo; tem um alvo diante de si e concentra-se na busca do prêmio. À medida que a vida de Saulo aproximava-se do fim, sua mente voltava à pista. E ele escreveu a Timóteo: "Completei a carreira" (2 Tm 4.7).

Saulo provavelmente nunca teve permissão para assistir a esses jogos. Era um passatempo gentio e impróprio para um bom judeu, principalmente se fosse fariseu. Não obstante, ele via os jovens gregos treinando para as corridas, e não podia deixar de se interessar pelo vencedor.

O teatro também atraía milhares de pessoas cultas; o melhor no campo da música, poesia e drama era apresentado ali. Os judeus, porém, não apreciavam tais frivolidades. O pai de Saulo considerava-as supérfluas e inadequadas ao filho de um fariseu.

Quando permitia que Saulo fosse ao ginásio ver os rapazes saltar, correr e praticar todo tipo de esportes, dizia-lhe que o exercício físico era necessário à formação de bons soldados, mas o jovem que estudasse a lei de Moisés seria um homem melhor.

O FILHO DA LEI

Quando Saulo completou 13 anos, sua vida passou para um estádio totalmente novo. Aos poucos foi tomando consciência das responsabilidades da vida pessoal e comunitária. Conforme ensinavam os rabinos, ao chegar aos 13 anos, o jovem torna-se responsável por seus atos e já pode ser admitido na seção masculina da sinagoga. A fim de marcar tal mudança, Saulo foi levado à sinagoga para uma cerimônia conhecida atualmente como bar mitzvah.

O pai disse-lhe que até então ele estivera aprendendo a Lei, mas chegara a hora de obedecê-la. Chegara a hora da responsabilidade. Como bons pais, tinham feito o possível para educá-lo na pureza da fé. Agora, achava-se ele por conta própria aos olhos da Lei Mosaica; se deixasse de obedecê-la, poderia ser castigado pelo tribunal da sinagoga como qualquer outro judeu.

Depois de submetido a um exame solene, Saulo foi declarado apto para ter o filactério amarrado no braço, como sinal de haver adentrado a idade adulta. Na sinagoga mal iluminada, os amigos da família reuniram-se enquanto o pai apresentava o filho ao rabino. Este prendeu a pequena caixa preta na parte superior do braço de Saulo, e recomendou-lhe que nunca entrasse na sinagoga sem ela. A seguir, pela primeira vez em público, ele procedeu à leitura da Tora, mostrando ter sido educado como um verdadeiro hebreu. Depois disso, o rabino - seu velho amigo e professor fez-lhe um discurso, no qual resumiu muitas das lições que lhe ensinara. Com palavras de conselho, o líder espiritual acolheu-o na comunhão da sinagoga.

Na audiência, por trás da treliça, a mãe de Saulo ouviu seu menino ser declarado filho da Lei. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Nunca mais ele se sentaria ao seu lado na sinagoga. Ela suspirou e chorou. Saulo tornara-se repentinamente um homem, e mãe alguma está preparada para tal mudança.

Na caixa presa ao braço de Saulo, havia trinta versículos da Escritura, escritos em pergaminho, começando com a admoestação:

E te será por sinal sobre tua mão, e por lembrança entre teus olhos; para que a lei do Senhor esteja em tua boca: porquanto com mão forte o Senhor te tirou do Egito. Portanto, tu guardarás este estatuto (Êx 13 9,10).

Veio a seguir a festa em casa; os amigos levaram presentes e deram-lhe os parabéns. Era a aceitação pública de Saulo como homem. Ele passou assim da infância para a idade adulta aos olhos de seu povo. Não era mais um simples escolar, e sim um estudante. Não abandonou os estudos; só mudou a maneira de estudar.

FABRICANTE DE TENDAS

Afirma o ditado rabínico: "O homem que não ensina um ofício ao filho quer que ele se

torne ladrão, pois quem não trabalha para ganhar o próprio pão come o de outrem". Sabendo disso, o pai de Saulo desejava que o filho tivesse uma profissão. Ele era fabricante de tendas e fora morar em Tarso atraído pela fama de seus tecelões. Essa reputação devia-se ao fato de o cilicium, um tipo especial de tecido, ser um produto da província. Era fabricado com o fio comprido do pêlo das cabras que pasciam nos montes da Cilícia, a oeste e ao norte da cidade. O cilicium era considerado o melhor material para tendas, pois, de tão duro, tornava-se quase impermeável. Também era empregado nas velas dos barcos e trajes externos dos pescadores e marinheiros.

Havia uma pequena oficina nos fundos da casa de Saulo. Era um barracão comprido e baixo, aberto numa das extremidades, contendo um tear, rodas para tecer o fio, caldeirões para tingir o pêlo de cabra, e um banco para cortar o couro e costurar as tendas. Fardos de peles de cabra amontoavam-se num canto, do jeito que haviam saído das mãos do pastor.

Várias vezes ao ano, o pai de Saulo viajava para as montanhas distantes, a fim de comprar peles. Ele sabia onde encontrar os pastores que vendiam 3s peles de pêlo mais longo e resistente de toda a Cilícia. Completadas as compras, carregava os jumentos com sua mercadoria e voltava à oficina. O pêlo tinha de ser então penteado e preparado para ser tecido. Uma parte era tingida de vermelho, outras de amarelo, roxo e verde, para atrair os mercadores. O fio era depois enrolado em fusos e preparado para as lançadeiras e o grande tear manual.

Preparado o tecido, vinha a fabricação da tenda. Saulo observava o pai cortar o material em tiras e costurá-lo com um fio bem forte e uma grande agulha de bronze. O segredo era costurar tão bem e tão apertado, que nem uma gota de chuva pudesse atravessar, ou vento algum rasgar o material. Não era fácil fazer uma boa tenda. Era preciso prepará-la, enrolar a corda, fazer as estacas e colocar ilhoses e ganchos de couro para pendurar caldeirões, panelas e arreios. A seguir vinham as decorações. Algumas tendas eram coloridas com largas faixas amarelas, vermelhas ou azuis. Mas o tipo comum não tinha faixas, era sempre preto ou cinza.

Com o passar do tempo, Saulo tornou-se um perito na profissão e podia fabricar tendas tão fortes e boas quanto as de seu pai. Ele nunca se esqueceu do seu ofício e, anos mais tarde, voltou a praticá-lo em muitas das cidades que visitou, pois não aceitava dinheiro das igrejas para o seu sustento. Um fabricante de tendas de Tarso era sempre bem recebido. Sua habilidade nessa profissão foi reconhecida em todo o mundo.

Todavia, seus pais queriam que ele fosse um professor da Lei de Moisés, um rabino. Naqueles dias, todo rabino tinha um ofício, pois não era costume aceitar dinheiro pelo ensino.

- Não use a Lei como enxada para cavar - disse um dos mais famosos.

- Faça qualquer tipo de trabalho - disse outro. - Nem que seja tirar a pele de um cavalo à beira da estrada; e não diga para justificar-se: "Sou um sacerdote".

Os FERIADOS JUDEUS

A semana mais importante do ano era a da Páscoa. Era uma grande data nacional; tinha um profundo significado religioso. A Páscoa celebrava a libertação dos israelitas do cativeiro no Egito. É claro que havia outros feriados, tal como o da Festa dos Tabernáculos, quando as crianças iam ao campo com os pais, e cortavam ramos para construir uma cabana em cima da casa, na parte plana do teto. Isso era feito para que se lembrassem da época distante, quando os judeus, ao deixarem o Egito, passaram a morar em tendas. Sem uma habitação permanente, vaguearam entre as rochas do deserto.

Havia também a Festa da Colheita, o Purim e o Dia da Expiação. Para cada grande dia, vários peregrinos piedosos deixavam Tarso e voltavam a Jerusalém. Saulo era ainda muito jovem para ir; mas, desde que Tarso ficava junto à estrada principal, ele se acostumara a ver centenas de judeus descansando ali, à noite, na longa viagem para o Sul. Por várias vezes, tios, primos e outros parentes haviam pernoitado em sua casa. Saulo lembrava-se de como, pelo menos uma vez ao ano, seu pai juntava-se a esses grupos de viajantes. Ele embrulhava suas melhores roupas a fim de vesti-las quando chegasse a Jerusalém, e depois arreava um jumento e partia alegre pela estrada que o levaria através das montanhas até o Santo Templo.

Após meses de ausência, o pai voltava admirado, cheio de histórias de grandes aventuras, que entreteriam a família durante semanas. O menino, que nunca estivera em Jerusalém, ouvia extasiado as descrições entusiasmadas do pai e pensava que a grande cidade

deveria estar logo abaixo do céu em glória e grandeza. O pai falava do toque das trombetas dos sacerdotes, ao iniciar-se o dia de adoração no Templo, e dos coros dos levitas, vestidos de branco, cantando os grandes salmos nos degraus de mármore.

As ruas ficavam cheias de multidões alegres; turistas de todas as partes do mundo. Costumes interessantes podiam ser vistos em toda parte, e línguas estrangeiras eram ouvidas quando os grupos se juntavam nos pontos de reunião. O jovem Saulo ouvia essas histórias até sua mente ficar repleta de sonhos e visões. Quando ele também poderia ir a Jerusalém?

- Seja paciente, meu filho, não falta muito para você poder ir com seu pai - dizia-lhe a mãe.

De fato, na última viagem, o pai fizera alguns planos. Ele sempre esperara e ambicionara tirar o filho da cidade gentia de Tarso, dando-lhe a vantagem de uma escola em Jerusalém. Todo bom rabino fora treinado ali. Para ser bom professor era necessário ter contato com os grandes rabinos do templo.

Desde que a mãe concordara com o plano, não havia mais dúvidas. Os negócios na fábrica de tendas tinham sido bons e, para o filho, não queria nada menos que o melhor. Enquanto estivera em Jerusalém, só se falava do grande Gamaliel. Muitos o procuraram durante os feriados para ouvir-lhe a sabedoria. Não se tratava de um simples boato. Seus discursos eram poderosos, pois ele falava com autoridade. Ficou então decidido que Saulo iria para a Cidade Santa, e talvez retornasse mais tarde como um dos grandes rabinos de Israel.



NA ESCOLA DE GAMALIEL

A sinagoga de Tarso muito se orgulhou ao saber que um de seus rapazes iria estudar com os grandes rabinos de Jerusalém. Muitos dos vizinhos tinham amigos ou parentes nesta cidade, e ofereceram-se para escrever-lhes contando sobre a ida de Saulo, e pedindo-lhes que o acolhessem. Todos queriam ser úteis, e na ceia, oferecida em sua homenagem, levaram-lhe presentes, apresentaram-lhe as congratulações e até lhe ofereceram alguns conselhos. Todos sabiam que Saulo era um bom estudante e dele esperavam grandes coisas. Foram unânimes em afirmar que, um dia, ele voltaria para falar, e talvez ensinar, em sua própria sinagoga.

Semanas antes da viagem, a mãe de Saulo ocupou-se fazendo-lhe roupas novas e arrumando as coisas que ele deveria usar na cidade grande. Ter várias mudas de roupas era sinal de riqueza e boa educação, e ela queria que o filho tivesse um bom começo. Medo e alegria subiam e desciam pelos corredores de sua alma, perseguindo-se mutuamente, quando pensava no filho saindo de casa e no grande vazio que lhe ficaria; mas ao mesmo tempo, pensava na honra e privilégio de sacrificar-se, como é dever de toda mãe, Para que o filho convivesse com os poderosos de Israel. O pai mantinha-se silencioso e distante, mas um brilho de orgulho surgia em seus olhos quando imaginava seu menino na escola de Gamaliel.

Muitas vezes Saulo observara as caravanas carregadas com todo tipo de mercadorias, partindo de manhã bem cedo, para aproveitar ao máximo a luz do dia. Houve ocasiões em que olhara para aquelas caravanas com inveja; agora iria partir com elas, e talvez permanecesse fora durante vários anos. Uma sensação de medo e solidão o envolvera. Era a primeira vez que ficaria longe de casa. E o mundo, agora, lhe parecia tão grande. Todavia, não estava triste, pois eram tidos como bem-aventurados os que podiam fazer a viagem. Nem todos tinham tais oportunidades ou um futuro assim promissor.

Para o leste, numa faixa branca e estreita, a estrada estendia-se pela vasta planície e desaparecia nos montes distantes. Um grito alegre elevou-se da caravana, enquanto os peregrinos acenavam com ramos verdes àqueles que tinham ido à sua despedida.

A DESPEDIDA

Saulo juntou-se à estranha caravana de velhos e jovens, ricos e pobres que, vagarosamente, iam deixando Tarso para trás. Seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto, repetidas vezes, voltava-se para acenar aos pais, até que a longa estrada fez com que estes e a cidade desaparecessem de vista. O pequeno grupo continuou marchando lentamente, rindo, conversando e trocando histórias. Mas o coração de Saulo estava tão pesado que ele mal disse uma palavra o dia inteiro. Pensava em sua casa e em seus pais. Como tinham sido bons, e quão cuidadosamente protegeram-lhe a vida contra tudo que fosse errado! Agora, porém, estava por conta própria, e sua ambição era fazer com que os pais se orgulhassem dele. Jamais esqueceria as lágrimas da mãe em sua despedida.

O sol já se punha quando os peregrinos se aproximaram da cidade de Adana, a cerca de 32 quilômetros de casa, e armaram as tendas para passar a noite. Alguns mais ricos foram até a

estalagem de Adana, mas a maioria acampou fora dos muros da cidade. A estalagem era um simples espaço aberto, cercado por um muro. No meio do cercado havia um poço, e ao longo do muro alinhavam-se pequenos pórticos em forma de arco, onde os viajantes se deitaram a fim de passar a noite. Não havia qualquer tipo de mobília. Cada um desenrolava sua esteira, preparando o próprio leito; todos levavam panelas e potes para cozinhar. Pelo menos estavam a salvo de ladrões.

Aquele era um bando interessante de viajores. Havia um velho mendigo com seu bordão e roupas em frangalhos. Fizera a viagem muitas vezes e nada mais o surpreendia. Havia também o menino de olhos vivazes, que viajava com o pai. Montavam cavalos e mantinham-se longe dos outros, pois eram ricos. E o mercador gordo, de turbante que, com uma faca na cinta, andava ao lado de suas mulas carregadas. Parecia desconfiar das pessoas e não falava muito. Em sua maioria, porém, os viajantes eram alegres e tagarelas, e os dias iam-se passando rapidamente. Cheios de expectativas, os viajantes pensavam no fim da jornada.

ATRAVESSANDO TERRAS HISTÓRICAS

Viajaram dia após dia, armando as tendas e levantando acampamento. As pedras que pavimentavam a estrada eram lisas e gastas, pois os exércitos de várias nações haviam marchado sobre elas. Mercadores com seus camelos caminhavam por essa estrada. Levas de escravos cansados, presos uns aos outros com correntes, tinham sido impelidos como gado ao longo desse mesmo caminho, até que seus pés sangrassem feridos. No quarto dia, os viajantes aproximar-se-iam do litoral, pois a estrada passava por uma larga baía de águas azuis, na extremidade oriental do Mediterrâneo. Em breve, voltar-se-iam para o sul, nas fronteiras da Cilícia.

A sua frente, levantavam-se as serranias da Síria. A estrada serpenteava pelos morros, subindo de saliência em saliência, até chegar a uma passagem estreita e difícil, que marcava a fronteira entre a sua província e a Síria. Era o Grande Portão da Síria. Depois de atravessar essa passagem, Saulo estaria do outro lado das montanhas que haviam sido a fronteira do seu mundo.

A velha cidade de Antioquia ficava logo adiante, estranha e diferente com seus muros maciços, parecendo uma fortaleza no alto de um morro. Antioquia era a capital da Síria. Seus teatros e templos eram mais esplêndidos que os de Tarso. Herodes, o Grande, de Jerusalém, pavimentara a rua principal e a enfeitara com pilares de mármore. A cidade era belíssima, e ainda mais rica que Tarso.

De Antioquia, eles seguiram para a estrada elevada de Damasco e depois pelas montanhas, até aproximarem-se da Terra Prometida. As neves do Monte Hermom brilhavam à distância, muito claras ao sol; e as florestas do Líbano, com suas lindas árvores de cedro, fizeram-no lembrar dos salmos que conhecia e tanto amava.

Chegaram a Nazaré, uma cidade de hospedadas, onde as caravanas sempre pernoitavam. Mas não passava de uma cidadezinha e não tinha boa reputação. Os viajantes apressaram-se por chegar ao rio Jordão. Aí, finalmente, Saulo estava chegando às terras que a história dos judeus tornara famosas. Ele pensou em Josué que, muitos anos antes, guiara os israelitas para uma terra que manava leite e mel. O monte Tabor, com suas densas florestas, fora onde Débora e Baraque reuniram dez mil homens e derrotaram Sísera com seus carros de ferro.

Ao sul do Tabor ficava o vale de Jezreel, salpicado de vilarejos e campos verdejantes. Grandes batalhas travaram-se ali. À distância adivinhava-se o monte Gilboa, onde o rei Saul jogara-se contra a própria espada, depois de perder uma difícil batalha.

O povo de Samaria era hostil aos judeus. Por isso, evitando atravessar a região, os viajantes que iam para a Cidade Santa passavam para a margem leste do rio Jordão, entrando em Decápolis e Peréia. Deixando rapidamente Samaria, Saulo e seus companheiros chegaram ao lugar onde, mil anos antes, os israelitas haviam cruzado o Jordão. O grupo entrou alegremente nas águas frias, como fazem os viajantes judeus até hoje. Atravessaram para o outro lado, e Saulo pôde, enfim, pisar pela primeira vez a terra tão amada pelos benjamitas. Aqui ficava a cidade que fora inexpugnável -Jerico - mas cujos muros caíram ao som das trombetas de Josué. Aqui também localizava-se Gilgal, onde o povo reunira-se para coroar Davi. Cada pedra, ribeiro, vale e colina tinha alguma história preciosa ao coração do judeu. E Saulo viu, pela primeira vez, a terra onde seu povo tornara-se grande e mui poderoso.

Para além de Jerico, a terra tornava-se mais inóspita e a planície estreitava-se num vale cercado por montes íngremes e próximos. A estrada mostrava-se sinuosa como uma serpente, e eles corriam o risco de se depararem com bandos de salteadores. A subida era íngreme e os viajantes estavam cansados, mas alegravam-se com a perspectiva de poderem ver, dentro em breve, o monte das Oliveiras e a cidade mais bela da terra.

A CIDADE DE DEUS

Finalmente, do alto da estrada, avistaram a Cidade de Deus, construída sobre um monte mais baixo que o das Oliveiras. Do outro lado do vale profundo, seus muros, torres e prédios abobadados apresentaram-se magníficos à luz dourada do sol poente. Entusiasmados, os peregrinos entreolharam-se com olhos úmidos. Experimentaram o mesmo ímpeto de alegria e orgulho pela grandeza da sua terra nativa. Algumas das cúpulas e torres eram revestidas de puro ouro. Do alto da montanha, Saulo contemplou o outro lado do vale do Cidrom e viu o pátio do templo; do ponto mais elevado, avistou também o prédio onde, sob as asas estendidas dos querubins de ouro, habitara Jeová.

Enquanto apreciava com interesse e reverência o cenário, o grupo de peregrinos começou a cantar um dos salmos que, através dos séculos, os viajantes entoavam ao aproximar-se dos muros de Jerusalém:

De bela e alta situação, alegria de toda terra é o monte Sião aos lados do norte, a cidade do grande Rei. Dai voltas a Sião, ide ao redor dela; contai as suas torres. Notai bem os seus antemuros, percorrei os seus palácios, para que tudo narreis à geração seguinte. Porque este Deus é o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até a morte (SI 48.2,12-14).

O TEMPLO

Na manhã seguinte, quando o sol surgiu no céu oriental, as ruas já estavam coalhadas de gente. Três toques de trombeta soaram dentro dos muros do Templo, proclamando o amanhecer de um novo dia de adoração. Eram necessários vinte homens para abrir os portões do templo. Quando as portas maciças giraram nos gonzos, a multidão invadiu os pátios externos. Saulo achou-se pela primeira vez no Templo do Senhor, e a primeira coisa que viu foi o sacrifício matutino queimando sobre o altar. Erguendo os olhos à cobertura dourada do Lugar Santo, ele fez as orações matinais com uma sensação de força e proximidade que nunca antes experimentara.

Naquele lugar, os hinos de Israel pareciam ganhar um novo significado:

Quão amáveis são os teus tabernáculos, SENHOR dos Exércitos! A minha alma está anelante e desfalece pelos átrios do SENHOR; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo! Até o pardal encontrou casa, e a andorinha ninho para si e para sua prole junto dos teus altares, SENHOR dos Exércitos, Rei meu e Deus meu. Bem-aventurados os que habitam em tua casa; louvar-te-ão continuamente (Sela). Porque vale mais um dia nos teus átrios do que em outra parte, mil. Preferiria estar à porta da Casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade... **Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor** (SI 84.1-4,10; 122.1).

O grande pátio externo era calçado com pedras coloridas, e muitos adoradores de países estrangeiros encontravam-se ali. Junto aos muros havia redis e gaiolas de madeira, onde se vendiam ovelhas e pombos para os sacrifícios diários. Havia também cambistas trocando moedas romanas e gregas pelo dinheiro de Israel, pois só a moeda hebraica era aceita como oferta no Templo. Ali comprava-se e vendia-se, pechinchava-se e enganava-se, pois os vendedores de animais não partilhavam a mesma reverência dos visitantes.

Saulo jamais vira pilares tão esplêndidos, nem um piso de tamanha magnificência; ajuntamentos de sacerdotes vestidos de branco, e tantas pilhas de dinheiro. Na extremidade do pátio, uma longa fileira de degraus levava a um terraço superior.

Quando Saulo aproximou-se deles, leu em grego e latim estas palavras: "O estrangeiro não deve subir estes degraus, sob pena de morte".

Ele subiu ao pátio interno. Nem sonhava que um dia, exatamente ali, sua vida seria ameaçada. As mulheres não podiam ir além desse segundo pátio, mas Saulo cruzou-o rapidamente, subiu um segundo lance de escadas e passou pela Porta de Nicanor, feita de prata e ouro puros, entrando no pátio dos homens e dos sacerdotes.

Ali, no centro do pavimento, estava o grande altar onde o fogo nunca se apagava. Suas pedras eram rústicas, pois nunca martelo ou cinzel as tocara. Ele viu as mesas onde as ovelhas eram mortas, e as longas filas de adoradores que carregavam ovelhas ou pombos, esperando a sua vez, enquanto os sacerdotes ofereciam os sacrifícios um a um.

A seguir, noutro terraço ainda mais alto, ficava o magnífico Lugar Santo. Suas pedras eram revestidas de ouro. Grandes pilares brancos sustentavam o teto. Do lado de dentro havia uma porta de ouro puro, coberta por uma cortina externa tecida de azul e escarlate, roxo e branco. Por trás da cortina e da porta de ouro, onde ninguém podia entrar, exceto o sumo sacerdote uma vez ao ano, havia coisas tão sagradas que Saulo teve até medo de olhar para aquele lado. Ajoelhou-se com os olhos fechados e o rosto no chão, profundamente comovido, orando ao Senhor Deus que habitava no Lugar Santo.

Saulo sabia que a construção do Templo iniciara-se 40 anos antes, mas ainda não havia sido concluída. Havia casas para os sacerdotes e os guardas; era uma cidade dentro da cidade. O número de sacerdotes chegava a vinte mil e o de levitas e guardas era ainda maior. Cada homem tinha de servir apenas duas semanas no ano; portanto, não ficavam sobrecarregados, exceto nas grandes festas, quando todos deviam estar presentes. Os levitas eram cantores, músicos ou porteiros.

Essa não era uma simples sinagoga, mas o centro cultural de uma grande nação. O tesouro do Templo era o lugar mais seguro do mundo para se guardar ouro e jóias. Ricos presentes de judeus abastados, pratos de ouro de príncipes estrangeiros, e pilhas de artigos preciosos, enviados de todas as terras, achavam-se aí custodiados. As ofertas diárias dos adoradores, recolhidas dos gazofilácios, eram também depositadas na sala do tesouro.

No pátio externo, havia muitos pórticos com colunatas onde multidões se aglomeravam para ouvir os rabinos. Ouviam um deles por algum tempo e depois iam ouvir outro. Algumas vezes, o rabino falava com voz clara e forte, outras, com voz baixa e fraca. Alguns eram oradores, atraindo grandes multidões; outros tinham apenas pequenos grupos, atraídos mais por sua sabedoria que por seu timbre de voz. Enquanto passava de um para outro, Saulo não ouviu nada de novo. Era praticamente a mesma coisa que aprendera em Tarso. Nada questionou, pois nunca duvidara do conhecimento desses grandes homens. Fora ali para adorar aos seus pés. Só quando o sol já descambava no horizonte e o sacrifício noturno terminava, é que ele deixou os pátios. Aquela era, para ele, a Casa de Deus. Chegara finalmente ao templo dourado.

Passou dias e dias nos pátios do Senhor, aprendendo tudo sobre a adoração a Deus. Impressionava-se cada dia mais com a beleza e o esplendor do lugar. Chegaria a hora quando poderia dizer que conhecia e amava cada pedra do Templo. Enquanto Saulo adorava diante do altar, sua ambição de ensinar a Lei de Deus foi tornando-se cada vez mais forte. Muitas vezes imaginava-se como um rabino famoso, sentado num dos alpendres fechados, interpretando a Lei de Deus ao povo, mostrando que dominava perfeitamente o conhecimento de todas as eras.

A ESCOLA DE GAMALIEL

Dentre os muitos rabinos de Jerusalém, o pai de Saulo escolhera Gamaliel. Em primeiro lugar porque, sendo fariseu, advertiria Saulo contra os saduceus; em segundo, pela grande reputação de sua sabedoria e bondade; e, em terceiro, porque era filho do rabino Simeão, e neto do rabino mais culto que já houvera em Israel. O avô Hillel morrera há muito tempo, mas todas as opiniões modernas ainda baseavam-se no que ele dissera ou escrevera. Ser neto de um mestre tão ilustre dava a Gamaliel um prestígio que ninguém mais possuía.

Gamaliel era um homem de meia-idade, forte e vigoroso. O povo o considerava tanto que o chamava de *raban*. Embora fosse um fariseu severo, era justo e mais tolerante que a maioria de seus pares. Anos mais tarde, quando o apóstolo Pedro fosse julgado perante o Sinédrio por falar de Jesus, Gamaliel aconselharia seus colegas a deixá-lo em paz: "Agora vos

digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus" (At 5-38-39).

É certo que Gamaliel seguiu os passos do pai e do avô em sua tolerância; havia, porém, rabinos mais severos e inflexíveis. O rabino Shammai era tão estreito de mente que foi chamado de "o Presilha". Ele prendia seus seguidores com tantas regras, que a religião tornara-se-lhes enorme fardo. Hillel, por outro lado, como fosse bondoso, generoso e tolerante, recebeu o título de "o Afrouxador". Ele iniciara como porteiro, carregando fardos pesados nas costas, e fora tão pobre nos tempos de estudante, que não podia sequer comprar roupas quentes.

Gamaliel olhou para o jovem Saulo e, com um amável bem-vindo, recebeu-o em sua escola. Logo Gamaliel descobriu que Saulo era um aluno dedicado e obediente. Em pouco tempo, já demonstrava grande simpatia pelo novo aluno, esperando deste grandes resultados. Percebeu no rapaz reais possibilidades de liderança. Saulo era tão sincero em seu aprendizado que cativou o coração do professor. Mais que isso, os pais de Saulo haviam cuidado para que o filho considerasse a religião o ponto mais importante de sua vida. Alguns estudantes não nutriam um verdadeiro amor pela cultura e adoração. Mas em Saulo havia um sentimento quase fanático, que o levava a ser piedoso não só nos dias de festas, mas em todo o tempo. Paulatinamente, o Zelo de Saulo foi-se fortalecendo. Ele descobriu que a vida em Jerusalém era diferente da de Tarso. Aqui ninguém ria nem perseguia os judeus. Não havia nada que lhe prejudicasse o desenvolvimento. Não havia influência gentia; só encorajamento para mergulhar cada vez mais fundo nos mistérios do Judaísmo.

Durante os meses que se seguiram, o rapazinho transformou-se num homem independente. Gamaliel alegrou-se com seu progresso. Passado um ano, os pais de Saulo viajaram a Jerusalém para festejar a Páscoa, mas o principal motivo era ver o filho. Aquele foi um grande dia! Ficaram observando orgulhosos, enquanto Saulo discutia vários aspectos da Páscoa. Julgaram ouvir uma nota de autoridade em sua voz, ao ouvi-lo discorrer sobre as coisas que aprendera de Gamaliel, provando-as com passagens das Escrituras. Ele sabia até apresentar argumentos contra os saduceus. Concluíram que Saulo sempre soubera raciocinar e argumentar com lógica, mas agora isso estava sendo trazido à superfície. Que satisfação lhes dava o filho!

PREDIÇÃO DO MESSIAS VINDOURO

Quando analisado, o Judaísmo parecia uma simples religião de promessas e esperanças. Em seu âmago, a tristeza mesclava-se com o esplendor. Todo judeu sentia pesadamente o jugo de Roma; ansiava e orava pelo dia em que a nação seria liberta, e os exércitos de Roma, expulsos. Os mesmos peregrinos que se gloriavam no Templo também choravam amargamente em suas casas, clamando ao Senhor por livramento. Todos os sacrifícios e cerimônias perderiam o significado se os judeus tivessem de continuar sob o jugo de um rei estrangeiro. Certamente, um dia Deus haveria de livrar e abençoar o seu povo, como fizera no passado.

Havia um grupo organizado de judeus patriotas, conhecidos como zelotes, que realizavam reuniões secretas e planejavam uma revolta contra Roma. As autoridades romanas mantinham-se ocupadas em procurá-los e castigá-los. Mas a sociedade trabalhava ocultamente, mantendo viva a esperança de que, um dia, Deus enviaria um libertador poderoso como Moisés, que tiraria seu povo do cativeiro e novamente o exaltaria sobre todas as nações.

Havia uma coisa que Gamaliel ensinava com grande convicção. Não era um simples raio de esperança. Tratava-se do ensinamento dos antigos profetas sobre a vinda de um líder enviado por Deus. Ele reuniria o povo de todas as partes do mundo para expulsar os romanos, e reinaria em Jerusalém para todo o sempre. Essa era a promessa que Deus fizera a Davi: seu trono jamais desapareceria, por mais negro que o céu se tornasse. Esse grande Redentor, que traria a salvação a Israel, era o Messias.

Saulo sabia que a vinda do Messias tinha sido mencionada pelos profetas há mais de mil anos. E Gamaliel falava disso mais que qualquer rabino de Tarso, pois o esperava a qualquer momento. O sábio professor lia passagem após passagem sobre o Cristo nos profetas, e até descobria promessas de sua vinda na Tora. Contava como seria o Messias e como julgaria todas as nações. Ele esmagaria o mal e reinaria com justiça.

Todo judeu sabia que o Messias pertenceria a tribo real de Judá, e nasceria em Belém,

pois o profeta Miquéias predissera-o claramente. O professor de Saulo contou-lhe que, quando Ele viesse, ficaria oculto por algum tempo. A seguir, reuniria o povo e marcharia sobre Jerusalém, para dispersar os romanos e reinar para sempre pelo poder de Deus.

DUAS OPINIÕES

O que Saulo não sabia, até então, é que os rabinos estavam divididos em suas opiniões sobre o Messias. Alguns liam que Ele seria um príncipe poderoso, livrando seu povo pela guerra, e que as montanhas seriam tingidas de vermelho com o sangue dos seus inimigos. Certos rabinos chegavam a afirmar que chamas sairiam de sua boca para destruir os opositores.

Havia um grupo menor, porém, que estava muito confuso com certas passagens, como o capítulo 53 de Isaías e o Salmo 22. Esses versículos deixavam claro que o Messias muito sofreria. Ao mesmo tempo, ninguém podia negar que Ele viria para reinar com poder. Portanto, cresceu a idéia de que haveria dois Messias - um sofredor; e o outro, um rei triunfante. Nas sinagogas e nos alpendres fechados do Templo, essa diferença era discutida e defendida com grande eloqüência pelos eruditos.

Saulo começou a ver muito claramente que as esperanças da nação dependiam desse Salvador vindouro. Passou então a procurar zelosamente um líder e guerreiro, que reunisse grandes exércitos para lutar contra Roma. Os rabinos contavam muitas histórias sobre o Messias que estava para vir. Algumas delas não passavam de sonhos absurdos e tolos. Outras eram fantásticas e irreais, não se baseando de modo algum nas promessas de Deus. As últimas eram produto da imaginação de um povo oprimido, que não compreendia os caminhos de Deus. Alguns dos rabinos odiavam tanto os romanos, que descreviam o Messias fazendo toda sorte de crueldades contra estes, a fim de vingar os judeus.

Os anos gastos por Saulo nos estudos foram cheios de reverência, mas, até certo ponto, também de rotina e monotonia. Não havia incentivo para desenvolver qualquer coisa original; o estudo servia apenas para aumentar a capacidade de sua memória. Com esse treinamento, não é de surpreender que a vida de Saulo se tornasse cada vez mais estreita.

Os fariseus eram a sua única companhia e, pouco a pouco, achou-se ele mergulhado cada vez mais nas regras humanas. Seu gosto pela discussão fez com que se transformasse no centro de muitas disputas. Sempre que surgia a oportunidade de defender os sacerdotes ou rabinos, ou o sistema de adoração do Templo contra os estrangeiros, Saulo entrava na arena com a língua afiada e o espírito em chamas.

A VOLTA DE SAULO A TARSO

Exigia-se que os professores estudassem dez anos para que fossem considerados aptos a lecionar. Depois disso, ainda era necessário muito tempo para se construir boa reputação e falar com autoridade. Antes de chegar aos 25 anos, Saulo voltou para sua casa em Tarso.

Seus dias de estudo e aprendizado jamais terminariam. Como porém estivera bastante tempo com Gamaliel, já possuía um amplo e profundo conhecimento das opiniões dos grandes rabinos. Sentiu então que já podia firmar-se sobre os próprios pés. Aprendera e vira muita coisa. Conhecera pessoas de todo o mundo e tornara-se um excelente aluno de sua história, especialmente em relação ao Império Romano. Chegara a hora de deixar Jerusalém e os grandes rabinos, e retornar a Tarso levando o conhecimento e a experiência que adquirira. Voltaria a fabricar tendas com o pai, na esperança de que sua cultura o tornasse conhecido e procurado como rabino em Tarso.

De uma coisa tinha certeza - a única esperança para sua nação era a vinda do Messias. Entre os judeus piedosos, esse era o tópico principal das conversas. Em cada coração havia um anseio profundo. Alguns até achavam que Ele já tivesse descido à terra, e estivesse apenas aguardando o momento marcado por Deus para se apresentar à nação.



OS INÍCIOS DA IGREJA

Saulo deixou Jerusalém e voltou a Tarso provavelmente em 26 A.D. Não era ainda um rabino, pois não tinha idade suficiente para ocupar tal posição. Mas tomou lugar junto aos homens da sinagoga, sentando-se nas principais cadeiras. Foi reconhecido por todos como um culto e jovem judeu, pois retornava da fonte do conhecimento. À medida que crescesse em idade e experiência, poderia ser aceito como rabino; mas até lá, dedicar-se-ia ao comércio de tecelão, costurando tendas e vendendo-as no mercado.

Saulo morou em Tarso durante nove ou dez anos, aumentando o seu zelo por Israel e ganhando o respeito dos amigos. Todos estavam certos de que ele viria a ser o seu líder um dia. Na sinagoga, seus argumentos já eram ouvidos com maior interesse que os do rabino. Era uma voz nova Que surgia, e seu contato com o grande Gamaliel dera-lhe uma fama que poucos poderiam alcançar. Tudo que precisava agora era da autoridade conferida pela vida adulta; dentro de poucos anos, seria um líder destacado em Tarso.

ALVORADA DA ERA CRISTÃ

Enquanto Saulo aguardava pacientemente em Tarso, um evento da maior importância teve lugar na Palestina. Jesus, da pequena cidade de Nazaré, reunira ao redor de si um grupo de amigos; a maioria, seguidores de João Batista. Este de tal maneira havia pregado que milhares de pessoas o aceitaram como profeta de Deus, talvez comparável a Isaías ou a Jeremias. Ele tinha muitos discípulos e o seu ministério era conhecido em toda a zona rural. Quando porém apareceu Jesus, João saiu de cena, apontando o Nazareno como o Messias há muito esperado. Durante algum tempo, houve grande entusiasmo, e alguns se perguntavam se Jesus os guiaria na revolta contra Roma. Mas em vez disso, Ele reuniu alguns discípulos e retirou-se para o campo a fim de ensiná-los sobre o reino dos céus.

Três meses mais tarde, Jesus foi ao Templo de Jerusalém e, contemplando-o em toda a sua beleza, ousou contradizer grande parte dos ensinamentos dos rabinos. Falara com tanta segurança que ofendeu os sacerdotes. De fato, deixara-os tão zangados que todas as sinagogas foram instruídas para que não o recebessem em suas reuniões. Os sacerdotes e rabinos tentaram desesperadamente apanhá-lo em alguma contradição com respeito ao sábado a fim de condená-lo à morte.

Ao conhecer os rabinos do Santo Templo, Saulo passou a nutrir por eles o maior respeito. A interpretação que faziam das Escrituras era para ele algo inquestionável, divino. Isso não aconteceu com Jesus. A cada passo, Ele entrava em conflito com as tradições dos homens e, quando falava, era com a autoridade de Deus. Os líderes religiosos estavam irados porque Jesus afirmava ser Deus, e confirmava tal alegação com prodígios, sinais e maravilhas. Alguns diziam que o Nazareno merecia a morte pois, corajosamente, os havia desafiado a destruir o Templo que levara 49 anos para ser construído. Ouviram-no dizer claramente que o reconstruiria em três dias.

Era fácil para alguns ignorá-lo, acreditando-o louco. Mas a questão era que muitos

dentre o povo ouviram-no pregar, e agora testemunhavam que Ele alimentara mais de cinco mil pessoas com apenas cinco pães e dois peixinhos. Milhares criam que Ele era o Messias prometido, e dispunham-se a lutar contra Roma, sob a sua liderança. Alguns diziam que Jesus só conseguia atrair a escória - publicanos, pecadores e indivíduos de reputação duvidosa. Mas era sabido que diversas autoridades e rabinos também o haviam procurado em segredo; muitos destes foram transformados e saíram a pregar que Jesus era, de fato, o Messias de Israel.

Os Ensinamentos de Jesus

Chegou então a hora! Jesus fez um grande discurso, proclamando os princípios do seu reino. O sermão era revolucionário; colocava a palavra de Jesus acima da de Moisés. Para o judeu isso era inconcebível e tão pecaminoso quanto uma blasfêmia. Não havia dúvidas: Ele merecia morrer! Infringira o sábado, afirmara perdoar pecados e, diante dos fariseus, admitira ser o Messias, o Filho de Deus!

Jesus repreendeu repetidamente os fariseus e saduceus, usando uma linguagem contundente e enérgica. Em certa ocasião, chamou-os de "sepulcros caiados" e "raça de víboras" (Mt 23.27,33). Disse-lhes que não eram filhos de Deus, mas do diabo (Jo 8.44). Não é de surpreender que os rabinos o odiassem tanto; não podiam se sentir confortáveis em sua presença. Quando o viam, desmanchavam-se em ódio por não suportarem a luz de sua sabedoria. Em seus conselhos, eles já o haviam condenado à morte.

Os rabinos diziam que homem algum podia ensinar antes de haver passado muitos anos na escola de Jerusalém. Saulo fora educado desse modo. Mas ali estava o Homem da Galiléia. Ele falava com mais autoridade que todos os rabinos, e era capaz de curar todo tipo de enfermidade. Alguns tinham visto Lázaro depois de ressurreto, e não podiam negar um fato por demais notório e evidente. Mas como Jesus jamais freqüentara tal escola, acusaram-no de estar ensinando sem autorização. Os sacerdotes ordenaram ao povo que não mais desse ouvido aos seus ensinamentos.

Quando, porém, os coxos passavam a andar, e os cegos a enxergar, regra alguma, mesmo as estabelecidas pelo sumo sacerdote, era capaz de manter os necessitados longe de Jesus. Estes chegavam aos milhares, e retornavam para suas casas curados de todas as suas enfermidades, proclamando a todos que haviam encontrado o Messias. E Ele os curara!

Durante três maravilhosos anos, Jesus andou pelos campos, pregando na Judéia, Samaria, Decápolis, Galiléia e Peréia. Sua fama espalhara-se por toda a terra, e os líderes de Israel já não sabiam o que fazer. Chegou então o dia quando Ele entrou em Jerusalém sob a aclamação do povo. Gritavam para quem quisesse ouvir que o seu rei chegara. Essa seria talvez a centelha que levaria o povo a revoltar-se contra Roma.

Jesus, entretanto, foi direto ao Templo, e escandalizou deliberadamente °s sacerdotes. Fazendo um chicote de cordas trançadas, passou a açoitar os vendedores de pombas e ovelhas que se achavam nos pátios do santuário. Com um grito de indignação, derrubou as mesas dos cambistas, fazendo as moedas rolarem pelo pavimento multicolorido. O povo ficou ali parado, com medo, pois ninguém jamais ousara perturbar o Santo Templo daquela maneira. Os sacerdotes e rabinos encheram-se de horror e indignação. Os adoradores haviam assistido a uma demonstração de autoridade que jamais esqueceriam. Muitos dos israelitas sentiam-se incomodados com os redis de ovelhas e gaiolas de pombas que profanavam a Casa de Deus. Há muito que os sacerdotes já deveriam ter endireitado as coisas. Mas ninguém tivera coragem.

A raiva dos sacerdotes transbordou. Quiseram pegá-lo, mas temiam a multidão, pois a maioria considerava-o profeta. Em toda a história dos judeus, ninguém jamais pronunciara palavras tão cortantes. Jesus acusou os líderes de colocarem pesados fardos sobre o povo; fardos estes que eles nem ao menos se dignavam a mover com o dedo mínimo. Faziam obras para serem vistos pelos homens; desejavam sempre os primeiros lugares na sinagoga, e gostavam de ser chamados de rabinos.

Com o fogo do céu rebrilhando nos olhos, Jesus pronunciou infortúnios sobre os escribas e fariseus, chamando-os de hipócritas. Eles fechavam o reino dos céus aos homens; não entravam e ainda serviam de obstáculo aos que o desejavam. Chamou-os ainda de guias cegos, pois limpavam o lado de fora do copo enquanto o seu interior continuava sujo; eram tão estreitos de visão, que coavam o mosquito, mas engoliam o camelo.

A CRUCIFICAÇÃO

Não é de admirar que os sacerdotes e rabinos hajam se reunido no palácio de Caifás, para planejar furtivamente a prisão e morte de Jesus, antes que o povo se amotinasse. Foi nessa ocasião que Judas fez um trato com eles para entregar-lhes o Senhor por trinta moedas de prata.

No Getsêmani, o Messias orava ajoelhado, enquanto os discípulos dormiam. Os inimigos chegaram em meio à oração. Guiados por Judas, entraram no horto com espadas e porretes. O traidor sabia que Jesus ia sempre orar no Getsêmani. A multidão estava decidida a levá-lo à força ao sumo sacerdote.

O Sinédrio foi convocado no palácio do sumo sacerdote. Não queriam deixar a reunião para o dia seguinte, temendo que o povo viesse a sabê-lo e exigisse a soltura de Jesus. Agora que as autoridades tinham-no em seu poder, cuidariam para que nada os detivesse. O tribunal reuniu-se então à noite, e a sentença foi lida: "Morte ao Nazareno!"

Porém, segundo a lei romana, nenhum tribunal judaico tinha competência jurídica para aplicar a pena morte. Por conseguinte, era necessário levar Jesus a Pilatos. No entanto, ao saber que Jesus era galileu, o governador romano, para livrar-se daquela responsabilidade, enviou-o a Herodes, representante de César em toda a Galiléia. O rei Herodes, porém, mandou-o de volta a Pilatos que, procurando agradar os judeus, entregou-lhes o Senhor para que fosse crucificado. A execução se deu num monte chamado Calvário (ou Caveira), não muito longe dos muros da cidade.

Com a morte de Jesus, os sacerdotes e rabinos suspiraram aliviados. O problema estava finalmente resolvido. O povo não mais seria perturbado pelo falso Cristo. Isso seria o fim do pequeno grupo que o seguia. Por sentirem-se desanimados e derrotados, seus discípulos retornaram à vida antiga mais mistificados que nunca; o coração pesava-lhes de tristeza pela forma como tudo terminara.

A RESSURREIÇÃO E A ASCENSÃO

No primeiro dia da semana, findo o sábado, o pequeno e abatido grupo ganhou vida com o maior milagre já ocorrido: Jesus saíra da sepultura e aparecera aos discípulos! Eles experimentaram então o sabor da vitória. Esta certeza jamais os abandonaria; levaria-os a preferir a morte a negar o que tinham visto com os próprios olhos.

Durante quarenta dias, o Salvador encontrou-se com os discípulos, provando-lhes a realidade de sua ressurreição, e fortalecendo-lhes a fé. Mas veio o dia em que Ele os deixou, pois tinha de retomar o seu lugar na glória do Pai. Diante deles, Jesus subiu aos céus até ser ocultado por uma nuvem.

Antes de deixá-los, porém, prometera-lhes que, em breve, receberiam o dom do Espírito Santo que os habilitaria a pregar o Evangelho a partir de Jerusalém até alcançar os confins da terra.

O PENTECOSTES

O pequeno grupo de crentes reuniu-se em Jerusalém para orar e esperar o dom prometido. Certa manhã, chegada a festa de Pentecostes, reuniram-se eles novamente para orar. De súbito, o poder de Deus sacudiu o lugar, e o Espírito Santo desceu sobre eles. A experiência foi tão tremenda Que os discípulos gritaram de alegria. E era tão forte o poder de Deus, que eles o louvam em línguas estranhas. Esse milagre era outra evidência de que o Senhor continuava no meio deles, cumprindo sua promessa.

Diante do milagre, uma multidão reuniu-se à volta dos discípulos. Alguns diziam que estes pareciam tão felizes que deviam estar embriagados. A fim de justificar o estranho evento, Pedro pôs-se de pé e começou a pregar para aquela enorme audiência.

Ele explicou-lhes que a vinda do Espírito Santo era um cumprimento da profecia. Em seguida, acusou-os de haverem matado o Messias. Contou-lhes também como Deus ressuscitara a Jesus em cumprimento às palavras de Davi. Pedro terminou o sermão, dizendo que todos os seguidores de Jesus eram testemunhas de sua ressurreição. E, agora, anunciavam o Evangelho com a total aprovação do céu.

Quando Pedro terminou o sermão, muitos dos presentes, profundamente comovidos, perguntaram-lhe o que deveriam fazer.

"Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo" foi a resposta (At 2.38). Eles arrependeram-se, deixando-se convencer pelo Espírito de Deus quanto à veracidade das palavras do apóstolo. Aquele foi um grande dia para os seguidores de Jesus. Era o início da Igreja. Em poucas frases, Lucas faz uma bela descrição da alegria e júbilo que tomaram conta dos primeiros cristãos.

Esse não foi o único milagre a fortalecer a fé dos primeiros cristãos. Pedro e os demais discípulos saíram a pregar, e muitos prodígios e sinais eram feitos por seu intermédio em nome de Jesus. Os inimigos empenharam-se ao máximo para anular o testemunho da Igreja. Os sacerdotes e rabinos opunham-se-lhes violentamente. Mas em vão. Pois os adeptos da "nova seita", como eram chamados, inclusive já se reuniam no primeiro dia da semana, e não aos sábados, pois fora num domingo que o Senhor ressuscitara dentre os mortos.

A VIDA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

A vida dos primeiros cristãos era marcada pela simplicidade e amor. Eles procuravam viver como Jesus vivera. Havia entre si um laço tão forte, unindo-os fraternalmente, que o seu coração transbordava de alegria. Sua vida era uma oração contínua, levando-os testemunhar zelosamente de Cristo onde quer que fossem.

A Igreja crescia diariamente à medida que o povo ouvia o Evangelho. Os discípulos falavam de Cristo no Templo e nas casas. No trabalho, continuavam a dar testemunho da graça salvadora. O poder de Deus acompanhava suas palavras de modo que, em toda parte, homens e mulheres eram atraídos a Cristo mediante o contato com estes homens simples, mas convictos.

Os discípulos tinham agora uma mensagem para pregar. Mensagem esta que lhes transformara as vidas e dera-lhes não só esperança para esta vida como também a promessa de ressurreição depois da morte.

Onde quer que fossem, saudavam-se com a palavra *maranatha:* "O Senhor Vem". A vinda do Senhor era a sua única esperança, pois Jesus prometera voltar. E enquando o observavam subir ao céu, foram consolados pelos entes angelicais com estas palavras: "Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir" (At 1.11).

A Igreja vivia cada dia como se o Salvador fosse voltar a qualquer hora, pois a promessa de sua volta causara-lhes profunda impressão, purificando-os e afastando-os deste mundo. A promessa encheu o horizonte de suas vidas, levando-os a se dedicarem a Cristo.

Mas nem tudo andava bem com os membros da Igreja Primitiva. Eram olhados com desconfiança e ódio pelos fariseus e saduceus e por todos os líderes de Israel. Os inimigos de Jesus continuavam a ser inimigos de sua Igreja, e empenhavam-se em esmagar os que eram do "Caminho".

OS MINISTÉRIOS DE PEDRO E JOÃO

Certo dia, quando Pedro e João subiam ao Templo na hora da oração, um mendigo, coxo de nascença, achava-se sentado à porta do santuário, pedindo esmolas. Era seu costume mendigar todos os dias, e tudo que esperava era uma ajuda para sustentar-se. Mas Pedro, movido pelo poder de Deus, curou o homem daquela enfermidade.

Imediatamente, formou-se um grande ajuntamento em volta dos discípulos, pois todos estavam cheios de assombro e admiração. Pedro aproveitou-se da oportunidade e, colocando-se num dos pórticos do pátio externo, onde os rabinos geralmente ensinavam, pregou-lhes um sermão. O tema do seu discurso era Jesus, o Messias.

Pedro deixou bem claro ao povo que o poder de curar não era dele, mas do Senhor. E continuou a falar, mostrando-lhes que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó glorificara a seu Filho, Jesus, a quem haviam entregue a Pilatos, e condenado à morte. Contou-lhes como Deus levantara a Jesus da sepultura e o levara para o céu, onde permaneceria até que as profecias fossem cumpridas. Então, Ele voltará para o seu povo, trazendo juízo sobre todos os seus inimigos. Em seguida, Pedro convidou o povo a arrepender-se e a converter-se, para que os seus pecados fossem apagados. Através desse testemunho, cerca de cinco mil pessoas creram. E, assim, a Igreja crescia com espantosa rapidez.

Os sacerdotes, as autoridades do Templo e os saduceus, que não criam na vida além-

túmulo, enfureceram-se com o atrevimento daqueles homens que, embora não fossem rabinos, pregavam a ressurreição de Jesus. Por isso, enviaram os guardas do Templo para suspender a reunião e prender ambos os discípulos.

No dia seguinte, os discípulos foram levados diante do conselho, composto de setenta membros, que lhes perguntou com que autoridade faziam tais coisas. Eles responderam que ensinavam e curavam em nome do Senhor Jesus. Pedro, que jamais perdia uma oportunidade, pregou o Evangelho de Cristo diante do Sinédrio. Ao ouvir-lhes a declaração, o Conselho percebeu que, embora indoutos, falavam corajosamente. Maravilhados, disseram entre si que tal coragem devia-se ao fato de eles haverem estado com Jesus. A autoridade com que Jesus falava permanecia em sua lembrança. Resolveram, pois, adverti-los a que não mais testemunhassem em nome de Jesus. Em seguida, libertaram-nos. Pois sabiam que o coxo era conhecido, e condenar os que haviam operado tão grande milagre poderia provocar a ira da multidão.

Novos crentes iam sendo acrescentados à Igreja. O poder do Espírito que operava nos discípulos, juntamente com o exemplo destes, levou grande número de pessoas a converter-se. A sua fé era confirmada por muitos milagres.

Os saduceus fizeram uma segunda tentativa de extinguir a nova fé. Lançaram os apóstolos na prisão. Mas ficaram abalados ao saber que um anjo os libertara, e que já se encontravam na companhia dos outros discípulos.

CRESCIMENTO CONTÍNUO DA IGREJA PERSEGUIDA

Quanto mais os líderes judeus tentavam esmagar a Igreja, mais atiçavam-lhe a chama. A ressurreição do Senhor dera ao povo a esperança e a segurança que antes não existiam. Todos os anseios de Israel, profecias, sacrifícios e esperanças foram cumpridos em Jesus. Contudo, a nação perdera a sua maior oportunidade, rejeitando-o. Esse Evangelho, hoje tão evidente para milhões de cristãos, estava apenas brotando no coração dos judeus.

Com a pregação do Evangelho, muitos estavam vendo, pela primeira vez, o cumprimento de suas esperanças. Presos pela terceira vez, os discípulos foram reconduzidos ao Sinédrio, sob a acusação de haverem desobedecido à ordem de não pregar. Pedro colocou-se corajosamente diante do grupo e, em sua defesa, proclamou de novo a ressurreição de Cristo, responsabilizando os membros do Conselho pela sua morte.

Ofendidos com tais palavras, eles pediram a morte dos discípulos. Finalmente poderiam acabar com aquela seita, silenciando-lhe os principais pregadores e líderes. Com calma e bom senso, Gamaliel, o famoso rabino que instruíra a Saulo de Tarso, advertiu o Conselho. Lembrou-lhe de que outrora Deus levantara profetas que, embora rejeitados pelo povo, haviam cumprido fielmente a sua missão. Aconselhou-os, pois, a soltarem os discípulos. Se a mensagem que pregavam fosse de Deus, nem o Sinédrio poderia destruí-la; e se não o fosse, a seita desapareceria como tantas outras no passado. Sua conclusão foi tão amorosa quanto sábia. Após açoitar os discípulos, o Conselho os deixou ir com uma advertência.

A medida que a Igreja crescia e a perseguição aumentava, também elevava-se o número de necessitados. Os apóstolos perceberam então que quase não lhes sobrava tempo para outra coisa senão para socorrer os mais carentes. A fim de terem mais tempo para a pregação e o ensino, indicaram sete diáconos para atender aos pobres. Esse foi o início da organização do ministério eclesiástico. Deus abençoou a iniciativa dos apóstolos, usando-a para fortalecer o seu povo.

O ÓDIO DO MUNDO

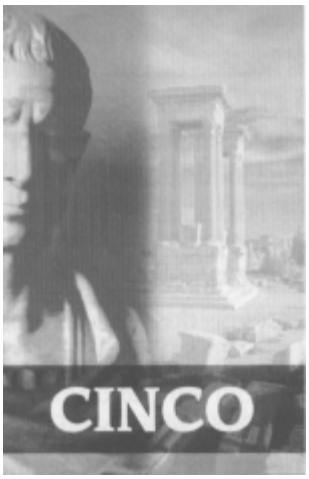
Como nunca foi popular ser um verdadeiro cristão, os seguidores de Jesus passaram a ser odiados e rejeitados pela sociedade. Eram demitidos de seus empregos e tinham dificuldade em garantir o seu o sustento. Como sempre houvesse necessitados, agrupavam-se para se protegerem e se encorajarem mutuamente. Naqueles primeiros dias, o amor e o desprendimento eram tão reais, que muitos vendiam seus bens e traziam o dinheiro para o fundo comum a fim de socorrer os menos afortunados.

Ondas de ódio e perseguição sucediam-se ameaçando a Igreja. Alguns membros eram tão fracos em suas convicções que, pensando apenas na segurança e conforto pessoais, voltaram para o Judaísmo. A maioria, contudo, permaneceu sólida como as rochas em dias de tempestade.

Cada vez que o braço armado do inimigo se erguia, Deus suscitava outros heróis para levar adiante a sua obra. Quando Herodes, ao perseguir a Igreja, mandou que se degolasse a Tiago, irmão de João, julgou ter extinto para sempre o trabalho do Senhor. Mas o relato da história, feito por Lucas em Atos, encerra-se com esta afirmação: "Entretanto a palavra do Senhor crescia e se multiplicava" (At 12.24).

Quanto maior a perseguição, maior o crescimento da Igreja. Muitas vezes, os cristãos tiveram de adorar a Deus em segredo, mas nunca vacilavam. Quando algum pregador era preso, os outros reuniam-se para orar. O Senhor sempre lhes ouvia as orações, abençoava o seu povo, e usava as dificuldades para fortalecer a Igreja.

O Cristianismo contudo não ficou restrito a Jerusalém. Os que ouviram a pregação de Pedro, no Dia de Pentecostes, procediam de todo o Império Romano. E levaram as boas novas do Evangelho aonde quer que fossem.



LUTANDO CONTRA DEUS

Quando ainda estava em Tarso, Saulo ouvira várias histórias sobre Jesus. Algumas eram fantasiosas, pois as histórias costumam desvirtuar-se quando transmitidas oralmente. Muitos dos amigos da sinagoga haviam assistido as festas em Jerusalém, e sabiam o que estava acontecendo no Templo. Na sua volta, Saulo e os principais da sinagoga foram informados sobre o impostor de Nazaré, e ficaram enfurecidos com a idéia de que alguém havia tido a coragem de profanar os pátios da Casa de Deus com um ensino tão blasfemo. Além disso, tal homem não tinha o direito de ensinar, pois não aprendera com os rabinos. Todavia, todos que o ouviam, confirmavam: ninguém jamais dissera palavras de tanta sabedoria - nem mesmo os grandes rabinos.

Ficou evidente para Saulo que Jesus não podia ser o Messias por ter acusado os doutores da Lei, opondo-se às as suas regras. Ouvira dizer também que Jesus ensinava o povo a desobedecer aos rabinos, provocando tamanhos tumulto nas sinagogas que todo o verdadeiro judeu acabou por considerá-lo inimigo de Israel.

Quando chegaram as notícias de que Jesus fora preso, julgado e crucificado, todos agradeceram a Deus: o blasfemador enfim fora silenciado. Ficava provado, pois, que Ele não passava de mais um falso messias, que tudo fizera para conturbar a religião judaica. Saulo e os demais fariseus aplaudiram a crucificação de Jesus. Não podiam perdoar aquEle que, ousadamente, os havia chamado de víboras e hipócritas.

Saulo não se considerava hipócrita. Seu objetivo era ser um judeu melhor e obedecer a todas as regras dos grandes rabinos. Na sua opinião, essa era a única maneira de se agradar a Deus. Por isso, quem se opunha à antiga ordem merecia morrer. Foi com um grande alívio que os principais da sinagoga de Tarso ouviram que Jesus fora finalmente tirado do caminho, e os seus ensinamentos interrompidos de vez. Segundo diziam, a justiça divina havia sido feita.

Sua indignação, porém, chegou ao ponto de ebulição ao saberem que os seguidores do Nazareno não haviam sido dispersos, mas reuniam-se em pequenos grupos para adorar a Jesus, declarando ter Ele ressurgido dos mortos. Resolveram então fazer o possível para lutar contra a perigosa seita. Notícias chegadas de Jerusalém davam conta de que alguns fariseus haviam deixado a verdade e se juntado aos nazarenos. Membros da seita podiam ser encontrados também pregando abertamente nos pátios do Templo e nas sinagogas, convencendo a todos de que Jesus era o Messias. E milhares criam neles. Isso tornara-se uma grande ameaça, pois até alguns sacerdotes estavam abandonando a velha ordem para seguir a Jesus. De igual modo, iam os nazarenos pelas ruas da cidade, conversando com o povo em suas casas, persuadindo-os a juntarem-se a si.

Saulo sentia raiva ao pensar neles. Ouvira dizer que alguns de seus líderes haviam sido apanhados e levados diante do Sinédrio por haverem falado abertamente no Templo, e que seu velho mestre, Gamaliel, mostrara-se complacente e até recomendara o relaxamento de sua prisão. Ele sentiu-se irritado com Gamaliel. Como poderiam manter pura a religião de Israel se

permitissem que qualquer um alegasse ser o Messias? Não havia dúvidas de que os seguidores de Jesus mereciam a morte. O Conselho deveria ter eliminado para sempre tal ameaça.

A PERSEGUIÇÃO DOS NAZARENOS

Com tais pensamentos em mente, Saulo decidiu deixar Tarso e voltar a Jerusalém. Estava tão insatisfeito, que decidiu lutar pessoalmente contra a seita dos nazarenos. Desligando-se imediatamente de Gamaliel e de sua escola, ofereceu seus préstimos ao sumo sacerdote a fim de eliminar todos os que se opusessem ao Judaísmo. E já perseguia a Igreja com tamanha fúria que seu nome tornou-se o terror de todo e qualquer ajuntamento cristão. Saulo era genioso e cruel. Com a sua eloqüência, atacou os cristãos que oravam e pregavam no Templo. Rápido em suas ações, dispersou a muitas congregações e igreja locais. Lançou homens e mulheres na prisão, condenando-os à morte. Tão cego em sua ira e tão pronto para esmagar os seguidores de Jesus, que se achava disposto a extirpar de dentre o seu povo todos quantos ousassem oferecer fogo estranho ao Senhor. Com essas idéias fervilhando-lhe na mente e com o olhar brilhante de um fanático, decidiu acabar sumariamente com a seita dos nazarenos.

ESTÊVÃO CONFUNDE SAULO

Um dos sete escolhidos pela igreja de Jerusalém para encarregar-se dos pobres era Estevão, o mais capaz e ativo dos diáconos. Ele não nascera em Jerusalém e até recebera um nome grego. Debatendo com os rabinos, provou ser melhor que eles. As suas palavras eram irresistíveis e cativantes como as de Jesus. Em suas prédicas, afirmava que a salvação era obtida por meio de Jesus, o Messias, e não pela obediência à Lei de Moisés. Como Jerusalém possuísse várias sinagogas onde os judeus de diferentes nações costumavam reunir-se, Estêvão ia de uma para outra, pregando o Evangelho e discutindo com os líderes.

A sinagoga alexandrina tivera ocasião de ouvi-lo. As congregações de Cirene e da Cilícia conheciam-lhe os argumentos e lutavam ferozmente contra ele, pois Estêvão persuadira alguns dentre os seus membros a crerem em Jesus.

É provável que tenha sido na sinagoga da Cilícia que Saulo tenha encontrado Estêvão pela primeira vez. Ele ouviu-o com amargo desprezo; mesmo assim, pôde sentir quão atraentes e poderosas eram as suas palavras. O cristão achava-se possuído de um zelo tão santo que ele jamais vira em qualquer rabino. Quando Estêvão falou da ressurreição, Saulo teve de admitir para si mesmo que essa esperança era a doutrina central dos fariseus. Notou também que eram os saduceus quem mais se opunham a esta crença.

Saulo desprezava os saduceus, apiedava-se deles. Fora apenas a questão da ressurreição, Saulo sentia que poderia ouvir com agrado a esse homem. Mas ele falava contra o Templo e desejava mudar os velhos costumes estabelecidos pelos rabinos. Era portanto necessário silenciar-lhe a voz.

O jovem fariseu confrontou-o em um debate aberto, e ficou zangado ao descobrir que, apesar de todo o seu conhecimento, não conseguia revidar os argumentos de Estêvão. Seu orgulho sentia-se ferido; sua única defesa agora era um ódio cada vez maior. Achava-se, pois, decidido a se lhe opor com todas as forças. Foi então de sinagoga em sinagoga e descobriu que os seguidores de Jesus encontravam-se em toda parte. Saulo convenceu as pessoas de que os nazarenos deviam ser silenciados mesmo que fosse pela espada. Pois os seus ensinos eram contrários à Lei. E quando diziam que Jesus era o Cristo, blasfemavam contra Deus. Mas percebeu que até os analfabetos da seita sabiam citar as Escrituras, e conheciam a história judia tanto quanto ele.

Como Estêvão parecia-lhe o mais poderoso e culto dos nazarenos, decidiu persegui-lo e expulsá-lo de Jerusalém. Quem falasse contra a Lei de Moisés, ou dissesse que o Carpinteiro de Nazaré era o Messias, seria julgado como blasfemo! Onde quer que fosse, Saulo não tinha medo de repetir tal advertência. Estava cansado dos enganadores que desviavam o povo da Lei. E sendo Estêvão um dos piores agitadores, Saulo sentia estar prestando um grande serviço a Deus livrando-se dele.

Quanto mais pensava nessa seita e nos progressos que ela fazia, tanto mais agitado ficava. Sua raiva transformou-se finalmente em claro preconceito - não podia mais discutir com aquelas pessoas baseado nas Escrituras. Seu único desejo era exterminá-las. Por acaso não foi

exatamente isto que Deus ordenara a Saul? (1 Sm 15).

ESTÊVÃO DIANTE DO SINÉDRIO

Quando chegaram as notícias de que Estêvão fora preso e devia agora comparecer perante o Sinédrio, Saulo sentiu que o líder fora para sempre silenciado, e que seria apenas uma questão de tempo até que todos os cristãos fossem apanhados.

Naquele dia, Saulo compareceu a reunião do Sinédrio. Queria estar lá quando seu oponente chegasse ao tribunal. Ele não era o único; centenas tinham ido assistir ao interrogatório. Os saduceus achavam-se ali sorrindo zombeteiramente. Aquele era o dia tão esperado. Os fariseus também compareceram, juntamente com os sacerdotes, escribas e uma grande multidão que ouvira Estêvão e admirara-se da sua coragem. Saulo tomou seu lugar, e sorriu enquanto esperava.

Aquele era o mesmo Conselho que condenara Jesus. Anás e Caifás, ambos jubilados do sumo sacerdócio, achavam-se presentes. Jônatas, o atual pontífice, era o presidente do Conselho. Também entre eles encontrava-se Gamaliel. o sábio e bondoso fariseu. Todos estavam cansados dessas interferências.

Desde a reunião em que Jesus fora condenado, os membros do Sinédrio haviam tido problemas com Pedro e João. Não bastasse, a cada dia apareciam outros; a nova seita mostrava-se incansável em sua blasfema propagação. Embora houvessem recebido repetidas ordens para que se mantivessem silenciosos em relação a Jesus, sempre desobedeciam. Aliás, os nazarenos haviam se tornado de tal forma atrevidos, que chegaram ao cúmulo de acusar o Conselho de haver matado o Messias.

Agora chegara a vez de Estêvão, o mais ousado de todos.

Quando Estêvão entrou no tribunal, todos os olhares voltaram-se à sua direção. Algumas cabeças curvaram-se de medo, pois o seu rosto era calmo e sereno como a face de um anjo. Chamadas as testemunhas, confirmaram terem-no ouvido falar contra o Templo e os anciãos. Além disso, ensinava a todos que Jesus era o Messias. Quando deram-lhe a oportunidade de responder às acusações, voltou-se à multidão silenciosa, procurando um rosto amigo. Não encontrando ninguém, entregou-se à misericórdia do Senhor. E, mostrando uma radiância celeste em sua fisionomia, pôs-se a falar.

Começando com Abraão, Estêvão referiu-se à história judaica para mostrar que os homens podiam adorar a Deus em outros lugares além do Templo. Ele traçou os caminhos de Deus com o seu povo desde Abraão até Moisés, e provou que este profetizara sobre o Cristo: "O Senhor, vosso Deus, vos levantará dentre vossos irmãos um profeta como eu"(At 7.37).

Contou como Moisés recebera a planta do Tabernáculo e como Salomão construíra o Santo Templo. Em seguida, citou o profeta Isaías a fim de provar que o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos humanas: "O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés. Que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Porventura, não foi, a minha mão que fez todas estas coisas?" (Is 7.49,50).

Enquanto prosseguia, os ouvintes encaravam-no com ódio sombrio. No final, chegando ao ponto alto de seu discurso, declarou corajosamente ao Sinédrio o que vinha dizendo ao povo em cada sinagoga:

Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas; vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos, e não a guardastes (7.51-53).

Houve um espoucar de vozes no salão, pois as palavras de Estevão queimavam como fogo e cortavam como afiadas lâminas. Acusações insultuosas! Desafiadoras! De repente, ele se cala. No terrível silêncio que se segue, sua fronte ergue-se para o céu e um sorriso emoldura-lhe a face como se houvera tido uma visão do alto. E Estêvão declara: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus" (7.56).

Não lhe foi permitido dizer mais nada. Alguns fariseus taparam os ouvidos para não

ouvir outras blasfêmias. Outros tentaram agarrar o prisioneiro. Estêvão, então, foi rapidamente levado para fora do tribunal antes que a multidão o linchasse. Nunca tinham ouvido palavras tão atrevidas e cortantes!

O APEDREJAMENTO DE ESTÊVÃO

Depois de o prisioneiro ter sido arrastado para fora, o veredicto foi rapidamente concluído. Na opinião de todos, ele era culpado de morte. A Lei de Moisés deixava isso bem claro:

Aquele que blasfemar o nome do Senhor, certamente morrerá; toda a congregação o apedrejará; assim o estrangeiro como o natural, blasfemando o nome do Senhor, será morto (Lv 24.16).

Saulo ficou mui comovido com o julgamento, pois acompanhara cada palavra de Estêvão. Gloriou-se na história de seu povo e impressionou-se pela forma como Estêvão a contara. Jamais conhecera alguém com tamanho conhecimento da Escritura. Pensou ainda nos rabinos e nas suas disputas. Como pareciam mesquinhos! Considerou sua própria opinião sobre o Messias e o que Gamaliel lhe ensinara. Enfim, compreendeu que os fariseus, embora cressem na ressurreição, nunca haviam podido demonstrá-la. Mas ali estava uma demonstração plausível - se ao menos fosse verdade! E como o rosto de Estêvão irradiava êxtase! Era como se estivera vivendo num outro mundo. E as suas palavras finais? E se ele tivesse realmente visto Jesus à mão direita de Deus?

Não, isso era coisa de fanático. Estevão era um impostor. Aquelas últimas palavras sobre a hipocrisia dos rabinos eram imperdoáveis. O homem era um inimigo da Lei Divina. Morte aos inimigos de Deus! Que seja apedrejado! Saulo ficou tão convencido de que o julgamento fora justo que estava pronto a ajudar na execução da sentença. As palavras insultuosas de Estêvão ainda soavam-lhe aos ouvidos.

Cercado pelos guardas do Templo, Estêvão foi arrastado pelas ruas da cidade até um lugar perto dos muros. De repente, o grito: "Morte ao blasfemo! Morte ao nazareno!" A Lei de Moisés ordenava que a primeira pedra fosse atirada pelas testemunhas que, despindo-se de seus mantos, empilharam-nos aos pés de Saulo. A incumbência deste era cuidar para que as roupas não fossem roubadas.

Estêvão ajoelhou-se e, ignorando a multidão, orou: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito!" (At 7.59). As pedras foram atiradas, fazendo-o sangrar mortalmente. Mas antes que sua alma deixasse a morada terrena, partindo para as mansões celestes, clamou em alta voz: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7.60). Estava tudo acabado. Sua alma já se encontrava com Jesus.

A DIFUSÃO DO CRISTIANISMO

Saulo deixa a cena em silêncio. Testemunhara algo que jamais houvera visto. Não podia negar que ficara grandemente abalado. Ouvira a oração de Estêvão. Quem jamais orara por seus algozes? O ódio de Saulo era amenizado por um estranho sentimento de piedade. Mas isso durou apenas alguns segundos. Ele não permitiria que suas emoções o empolgassem. Estêvão merecia morrer! Sua execução desanimaria outros, e quem sabe, acabasse de vez com a seita dos nazarenos. Todavia, os eventos daquele dia ficariam para sempre em sua memória.

Depois da morte de Estêvão, Saulo passou a comandar a perseguição à Igreja. Ele percebeu que a sua morte não tinha afetado os cristãos. Pelo contrário: tornara-os mais audaciosos e fortes. Depois de consultar o Sinédrio e os principais sacerdotes, concluiu que a melhor maneira de acabar com a ameaça ao Judaísmo seria visitar cada sinagoga, descobrir quem se inclinava a crer em Jesus e levar os infratores a julgamento.

Tendo em vista seus precedentes, Saulo cumpriu zelosamente a nova missão. Em breve, tornou-se conhecido em toda a Judéia como o mais feroz inimigo de Cristo. Ele caçava os cristãos, atirando-os nas celas e ordenando-lhes a execução. Sua indignação ardia como fogo, e seu grito soava amedrontador: "Repudie a fé em Jesus ou morra!"

A perseguição tornou-se tão severa que os cristãos viram-se forçados a deixar seus domicílios. Os de Jerusalém espalharam-se por toda a Judéia e Samaria. Isso contudo não teve o efeito que Saulo e o Sinédrio desejavam, pois onde quer que os discípulos fossem, contavam a história de Cristo. Em vez de uma grande Igreja em Jerusalém, muitos pequenos grupos de crentes passaram a reunir-se secretamente nas casas. Os esforços de Saulo só fizeram com que o fogo se espalhasse e se tornasse inextinguível.

Infelizmente, alguns preferiam abandonar a Igreja a enfrentar a perseguição e as privações decorrentes desta. Outros foram compelidos a blasfemar o nome de Jesus.

Muitos seguiram para o norte, em direção a Samaria, onde Paulo não tinha qualquer jurisdição. Entre estes encontrava-se Filipe, um dos sete diáconos da igreja de Jerusalém. Colaborador de Estêvão, teve de fugir para salvar a vida. O povo de Samaria recebeu-o alegremente, pois lembrava-se de Jesus e de seu ministério entre eles.

Samaria ficava ao norte de Jerusalém. Era habitada por um povo mestiço, parte dele oriental e a outra parte de origem hebréia. As dez tribos de Israel habitaram ali, mas os assírios levaram-nas para o cativeiro, deixando apenas um remanescente na terra. Milhares de estrangeiros contraíram casamentos mistos com aqueles judeus, resultando numa raça mestiça. Por isso, todo judeu de sangue puro olhava para os samaritanos com desprezo. Filipe, contudo, pregou a Cristo livremente em Samaria, e Deus abençoou o seu testemunho. Muitos foram os que se fizeram seguidores do Senhor.

Quando os apóstolos ouviram falar que uma grande obra estava sendo realizada em Samaria, enviaram para cá Pedro e João para ver se era ou não autêntica. Pois ainda não estavam convencidos de que alguém pudesse ser um verdadeiro cristão sem primeiro ser judeu. Mas foi justamente ali, naquela terra odiada, que os apóstolos descobriram que o Espírito Santo também havia sido derramado sobre os samaritanos. Antes de partirem, Pedro e João pregaram nas aldeias. E assim a igreja em Samaria cresceu sem que fosse incomodada pela perseguição.

INÍCIO DA CONVICÇÃO DE SAULO

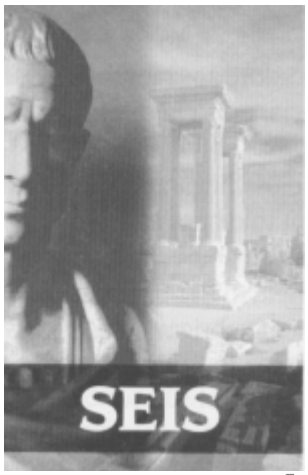
Saulo enfrentava uma nova dificuldade. Embora houvesse dispersado os nazarenos de Jerusalém, recebeu diversos relatórios de que estes continuavam espalhando seus ensinamentos. A Igreja, em vez de diminuir, crescia mais e mais. Ele então começou a se perguntar se todo o seu trabalho estava ou não baldado ao fracasso. Será que o seu velho professor Gamaliel tinha razão ao dizer que, se a seita dos nazarenos fosse de Deus, nem o Sinédrio nem um poderoso exército iria detê-la?

Seria realmente uma obra divina? Estaria Saulo lutando contra Deus? É certo que fora derrotado na discussão com os nazarenos, pois estes conheciam as Escrituras e fizeram-no calar-se na sinagoga. Estêvão certamente vencera os perseguidores, pois na hora de sua execução, um estranho poder o possuíra, impressionando profundamente a Saulo. E os cristãos que seguiam para a morte com uma expressão de vitória estampada no rosto? Até aquele ponto Gamaliel acertara: A perseguição só ajudara a propagar o novo ensinamento.

As cenas se sucediam na mente de Saulo. Ele pensou em sua educação farisaica e em todas as regras que aprendera. Acreditava que, seguindo-as, receberia a vida eterna. Mas agora tinha de admitir: sua vida era vazia. Quanto aos ensinamentos rabinicos, não seriam suficientes sem a esperança do Messias. Neste ponto, Saulo surpreendeu-se pensando no Messias; desejava que Ele viesse logo.

Tinha certeza de que os nazarenos pregavam um falso messias. Todavia, tinha a sensação de que o grande e misterioso poder que nEle se achava viera sobre homens como Estêvão.

Saulo perguntou a si mesmo porque tais homens, a quem condenara à morte, estavam dispostos a morrer pela nova religião. Ele sempre acreditara que as pessoas defendiam coisas falsas enquanto lucrassem com isso; mas, quando a espada era posta em suas gargantas, desistiam imediatamente. Mas por que os seguidores de Jesus agarravam-se à sua fé como se esta lhes fosse mais preciosa que a própria vida?



O PONTO CRÍTICO

Embora estivesse colecionando lembranças amargas, Saulo decidira continuar a luta. Irritado com a propagação da Igreja, prepara uma expedição a Damasco, onde, segundo ouvira falar, vários nazarenos haviam se refugiado por causa da perseguição desencadeada em Jerusalém. Além disso, pregavam ativamente a Cristo nas várias sinagogas. Saulo achava que poderia abater definitivamente os seguidores de Jesus se os expulsasse dessa fortaleza. Acompanhado por uma tropa de guardas do Templo, saiu de Jerusalém pela Porta de Damasco respirando ameaças e mortes. A distância até Damasco era de aproximadamente 240 quilômetros. Apesar de a estrada ser ladeada por uma das paisagens mais belas do mundo, o propósito de Saulo não era apreciar o cenário; era acabar com a Igreja de Cristo.

A região achava-se repleta de lembranças históricas. Dois mil anos antes, Elieser, o damasceno, tornara-se servo de Abraão e viajara por aquela mesma estrada. Naamã passara por aquele caminho quando fora ter com Eliseu. Mas Saulo não queria pensar nessas coisas, pois estava dominado pelo ódio. Planejara caçar os cristãos e levá-los acorrentados a Jerusalém Para que fossem julgados e condenados pelo Sinédrio. Na túnica, trazia uma carta selada do sumo sacerdote aos rabinos de Damasco, ordenando que se lhe desse toda a assistência, pois era o representante legal das autoridades judaicas.

O sol ardia quando eles chegaram às proximidades da velha cidade. À sua frente, estendia-se um vale bem irrigado e protegido por densas florestas com árvores de todo tipo. Lá estavam a palmeira com suas delicadas folhas e o álamo. Os vinhedos, nas encostas, eram os mais ricos de toda a Síria. Os viajantes geralmente abrigavam-se sob essas árvores quando o sol se encontrava no auge de sua força. Em sua impaciência, porém, Saulo não quis descansar.

Na sinagoga, todos já tinham sido avisados de sua chegada. Quanto aos nazarenos, ainda se lembravam da confusão que ele criara em Jerusalém, por isso tremiam com a idéia de enfrentar novamente a perseguição. Isso significava que famílias seriam separadas e reduzidas à pobreza, ou até mortas. Haviam porém decidido manter-se fiéis a Cristo não importando as conseqüências.

O meio-dia encontrou Saulo na periferia da cidade, apressando-se em direção a ela. As estradas estavam desertas àquela hora. Até mesmo o gado havia procurado a sombra dos arvoredos e aí se acomodara até que passasse o calor. Apesar de toda aquela calmaria, Saulo não parará a fim de descansar. Os guardas do Templo que o acompanhavam, embora surpresos, não ousavam fazer-lhe qualquer observação.

O pequeno grupo aproximou-se do alto de um monte de onde se podia ver os prédios rebrilhando ao sol. Segundo o poeta, Damasco era "um punhado de pérolas numa taça de esmeralda".

A APARIÇÃO DE CRISTO

Ao descerem o monte, um raio de luz, mais brilhante que o sol em todo o seu esplendor,

veio subitamente sobre o pequeno grupo. Sua radiância era tanta que o sol pareceu enfraquecer. Eles ficaram ofuscados com o brilho e caíram por terra; alguns, de bruços para protegerem-se da luz, e outros com as mãos cobrindo os olhos, temendo aqueles raios.

Admirados, entreolharam-se como que pedindo uma explicação do que houvera. Foi então que viram o seu chefe caído por terra, enquanto o animal, em que montara, mantinha-se perto dele amedrontado. Saulo falava com alguém, mas eles não viam o seu interlocutor. Embora parecesse uma voz, não lhe compreendiam as palavras. Agora os lábios de Saulo se moviam; tinha ele as mãos estendidas à sua frente como se estivesse cego. Saulo tremia da cabeça aos pés.

Deitado no chão, sem nada ver, Saulo ouviu uma voz que lhe falava: "Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões" (At 26.14).

Perturbado com todos os pensamentos que o tinham perseguido desde a morte de Estêvão, temeroso, ousou perguntar: "Quem és tu, Senhor?" (At 26.15).

"Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (At 26.15).

Na linguagem do amor, superior a tudo que já conhecera, ele ouve mui claramente: "Eu sou Jesus". Seria este o Jesus que morrera? De repente, brota-lhe na alma a terrível compreensão de que estava errado. De fato, toda a sua vida fora um erro.

O torvelinho que sentira, as perguntas que iam surgindo, a crescente convicção de que estivera lutando contra Deus - todos esses pensamentos pairavam diante de si com súbita clareza e, de tal forma, que não podia mais suportá-los.

Todo o orgulho de sua origem farisaica, toda a dignidade do cargo e toda a arrogância advinda de sua reputação como o principal perseguidor do Cristianismo desmoronaram enquanto se achava ali, indefeso na estrada. Sua visão física lhe fora tirada para que a sua alma pudesse enxergar. Ele estava pensando nas palavras: "Por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrares contra os aguilhões".

Tais palavras eram próprias da vida campestre. Saulo vira muitas vezes o boi escoiceando o aguilhão, oferecendo inútil resistência. Em vez de obedecer a quem o dirigia e submeter-se a ele, o boi teimava e dava patadas nas varas que o dono usava para estimulá-lo. Era uma descrição mui apropriada da vida de Saulo. Ele estivera fazendo isso há meses, e como lhe fora difícil! Saíra para caçar os seguidores de Jesus; mas, em vez disso, descobriu que estava sendo caçado por Jesus, a quem perseguia.

Essa foi a grande crise da vida de Saulo. Ele encontrou-se face a face com o Messias, e viu-se forçado a reconhecer que estava errado, e os nazarenos, certos: Jesus era o Cristo.

Naquele momento, toda a sua luta cessou. Uma grande revolução, maior do que qualquer outra que já conhecera, teve lugar em seu íntimo. Estava quebrantado e abatido nas mãos daquEle que julgara ser seu inimigo. A rendição foi completa. Sua alma estava finalmente em paz.

A voz do céu era clara: "Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer" (At 9.6).

A TRANSFORMAÇÃO

Tudo acabara em poucos instantes, mas foi a maior experiência de Saulo. Nela, pensaria até o dia da sua morte. Naquele momento, Jesus o dominara, mudando-lhe por completo a vida. Nenhuma dúvida nem interrogação ser-lhe-iam possíveis a partir daquele instante. Pois não tivera uma simples visão de Jesus; fora, de fato, uma aparição do Cristo, não mais com a glória velada, como nos dias de seu ministério terreno, mas com tamanha plenitude de glória que o homem não podia suportar-lhe o brilho.

Saulo falaria disso mais tarde como a última das aparições de Jesus aos seus seguidores após a ressurreição (1 Co 15.8). Moisés teve a mesma experiência no Monte Sinai, quando a visão da glória do Senhor aparecera-lhe como um fogo devorador. Foi isso que Isaías viu quando o Senhor o chamou para o ministério. Essa foi também a experiência de Pedro, Tiago e João no monte da Transfiguração. Foi o que João viu em Patmos e depois de tê-lo visto, "caí a seus pés como morto" (Ap 1.17). E para o rabino de Tarso, era concedida uma entrevista com o Cristo ressurreto.

Posteriormente, alguns vieram a duvidar de seu apostolado, alegando que ele jamais

vira o Senhor. Mas a todos os seus inimigos, podia responder que recebera a sua comissão diretamente de Jesus que lhe dissera:

Te apareci por isso, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás **a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim** (At 26.16-18).

Quando seus companheiros, já recuperados dos efeitos da visão, foram ajudá-lo a pôr-se em pé, descobriram que ele estava cego, por isso tiveram de conduzi-lo pela mão à cidade. Que mudança nele se operou! Tinha sido um orgulhoso fariseu, cavalgando com pompa e autoridade, cheio de indignação e soberba. Mas, num momento, foi transformado num servo trêmulo, que tateava, humilde e quebrantado, agarrando-se à mão de um soldado que o guiou ao seu destino. Ao chegar a Damasco, entrou num quarto da casa de Judas, na rua chamada Direita, e pediu que o deixassem a sós. Queria tempo para pensar.

Já afastado do mundo por causa de sua cegueira, podia finalmente ordenar seus pensamentos. Sentou-se no escuro, imaginando como Deus poderia usar um cego em sua obra.

Saulo não comeu nem bebeu durante três dias. Estava por demais absorvido em seus pensamentos. Todo o passado descortinava-se diante de si. Pensou no zelo do pai ao educá-lo como fariseu. Lembrou-se do rigor da escola em Tarso e de como as palavras dos rabinos haviam lhe marcado a vida. Recordou-se do Templo e de todas as suas belas e agradáveis cenas. Como poderia esquecer-se das multidões dos adoradores entregando os sacrifícios aos sacerdotes.

Agora, porém, nada disso lhe tinha importância. O Messias aparecera e fora crucificado exatamente pelas pessoas a quem viera abençoar. Toda a vida de Saulo parecia estar desmoronando. Podia ver agora que estivera lutando contra Deus. Cego por seu farisaísmo, ele havia perseguido o Messias. Todavia, ei-lo quebrantado aos pés do Salvador. Toda a sua vida mudara por meio da força dessa colisão com o Cristo. Estêvão tinha razão: tanto ele (Saulo) como o Sinédrio haviam cometido um gravíssimo erro. Os anos estéreis, porém, terminaram; o futuro devia ser ocupado na proclamação dessas grandes descobertas.

Quando prendia os nazarenos, Saulo o fazia com espírito de vingança e ira. Era o inimigo mortal deles. Mas quando Jesus de Nazaré o prendeu, não havia vingança nem ira. Se em seu poder, Deus o derrubou por terra, em seu amor o levantou e dele tomou posse. Saulo começa a compreender como Estêvão pôde orar pelos inimigos mesmo quando as pedras o atingiam mortalmente. Em Cristo, encontrou uma paz até então desconhecida para ele, o implacável fariseu.

Enquanto Saulo, jejuando no escuro, pensava e orava a respeito das estranhas experiências que tivera, tem uma visão em que um discípulo, chamado Ananias, vinha vê-lo a fim de lhe restaurar a visão.

As VISÕES DE SAULO E ANANIAS

Nessa mesma ocasião, o Senhor preparava Ananias para que visitasse j* Saulo. Ananias fora, certa vez, destacado, em sua sinagoga, como um homem piedoso e que obedecia à Lei de Moisés com o rigor de um fariseu.

Mas desde que se tornara cristão, os judeus passaram a suspeitar dele. Alguns diziam que Saulo tinha ido a Damasco especialmente para prender Ananias, pois os nazarenos haviam-no reconhecido como seu líder. Mas numa visão, o Senhor ordenou a Ananias: "Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas, por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando, e numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver" (At 9.11,12).

Ananias imediatamente protestou. Afinal, os nazarenos de Damasco tinham medo de Saulo por causa das notícias que chegavam de Jerusalém. Além disso, haviam sido informados que ele estava na cidade a fim de que, como representante do sumo sacerdote, procedesse a prisão dos discípulos de Jesus e os conduzisse a Jerusalém. Os cristãos não haviam orado para que Deus os livrasse? Quando chegaram as notícias de que Saulo ficara cego, agradeceram a

Deus. Era a resposta à sua oração.

Mas, agora, ordenava o Senhor: "Vai, porque esse é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios e dos reis, dos filhos de Israel" (9.15).

Sem mais duvidar, Ananias dirigiu-se à casa de Judas, e perguntou por Saulo, o rabino de Jerusalém. Levado a um quarto nos fundos, deparou-se com o jovem e terrível fariseu sentado, completamente cego e abalado pelo conflito que se desenrolava em sua alma. Saulo já não sentia qualquer amargura, pois havia atravessado águas profundas naqueles três dias; passara por uma sondagem como nunca pensara ser possível.

Ananias atravessou o quarto, aproximou-se de Saulo e, impondo a mão sobre a sua cabeça, disse-lhe em voz baixa: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (9.17).

Um nazareno o chamara de "irmão"! E pensar que ele, Saulo, viera justamente prender um homem como esse que, agora, estendia-lhe a destra da comunhão! Dissipadas as trevas, Saulo vê o homem que o procurara como mensageiro de Deus.

Ele acabara de receber a confirmação do que tinha ouvido na estrada de Damasco. Como não render-se ao Cristo? Por um momento, Saulo duvida: como ser perdoado pela perseguição e pelos problemas que criara à Igreja. Mas a voz de Ananias lhe dá plena segurança quanto ao amor e benignidade de Deus.

Saulo sabia que o batismo era o sinal nazareno do arrependimento. Era uma forma de mostrar publicamente que havia mudado, invocando o nome daquEle a quem antes odiara.

Saulo estava pronto. Encontrava-se nas mãos de Deus e já não havia dúvida em seu coração. Ajoelhou-se com Ananias, e orou ao Senhor como se fora uma criança, confessando-lhe os pecados, pedindo-lhe que o perdoasse em nome de Jesus e invocando-lhe o nome de seu Filho vez como o faziam os nazarenos. A seguir, Ananias o batizou, marcando definitivamente a sua entrada na nova vida.

VIVENDO PARA CRISTO

Saulo saíra das trevas para a luz. Morrera para a velha vida, sob a Lei, e fora cheio do Espírito. Desejava, agora, provar o seu arrependimento através de uma vida de serviço a Cristo. Essa perspectiva dava-lhe grande alegria. Depois de ter-se alimentado, levantou-se com um zelo tão intenso por Cristo que excedia de muito sua antiga dedicação ao Judaísmo.

Ananias voltou para anunciar aos cristãos de Damasco que o perigo passara. Saulo não só havia desistido de persegui-los, como também fora batizado, invocando o nome de Cristo. Era agora um nazareno. Eles receberam-no, pois, com grande alegria; acolheram-no como a um irmão.

Os cristãos de Damasco fortaleciam a Saulo diariamente com a cordialidade de sua comunhão, e doutrinavam-no acerca de Jesus. Ele se mostrava mais que atento. Os irmãos falaram-lhe do Salvador, de sua vida e de sua obra. Ficaram surpresos ao ver o conhecimento que ele tinha das Escrituras e como constatava rapidamente, agora, que todas elas apontavam para Jesus. Sua erudição deixou-os admirados. Ele parecia encontrar argumentos fortes e favoráveis a Cristo que antes lhe haviam escapado. Seus corações encheram-se de alegria ao compreender que ele também viria a ser um grande mestre das doutrinas enunciadas pelo Senhor Jesus.

Durante o curto período em que permaneceu em Damasco - somente alguns dias - Saulo cresceu espiritualmente e já ansiava por testemunhar da grandiosa experiência que tivera na estrada de Damasco. Junto com Ananias e outros nazarenos, visitou a sinagoga e pregou a Cristo. Ele era hábil em rebater todos os argumentos dos fariseus. Como tivesse o dom da oratória, causou grande impressão sobre o povo. Embora não pudesse dizer muito a respeito dos ensinamentos de Jesus, sabia apelar para a Lei, os Profetas e os Salmos. Ele sentia-se mui à vontade nesses tópicos.

A primeira vez que Saulo visitou a sinagoga, que se achava repleta, foi um grande dia para os nazarenos. Ali estava um jovem, destemido e forte, que tivera o privilégio de ser educado na escola de Gamaliel. A maioria dos judeus sabia de seu ódio a Cristo, e alguns que suspeitavam dos nazarenos, achavam que a sua missão em Damasco era necessária.

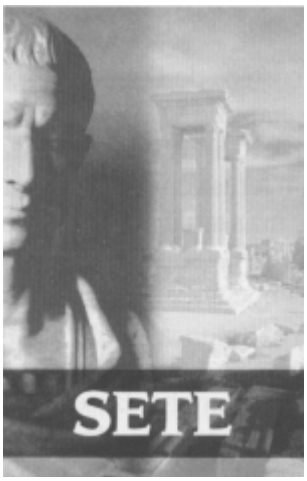
Inicialmente, Saulo contou-lhes a história de sua ida a Damasco e do incidente na

estrada: como encontrara a Jesus de Nazaré e contemplara. com os próprios olhos, aquEle a quem vinha perseguindo, e como, desde então, toda a sua vida se transformara. Ele cria agora que Jesus era o Cristo. Com sua habilidade de rabino, citou passagem após passagem do Antigo Testamento para provar a messianidade de Jesus. Ao terminar o discurso, confessou publicamente o seu pecado em perseguir os seguidores de Jesus, e descreveu a nova vida que nele havia por meio da habitação interior do Espírito Santo.

Ninguém podia acreditar no que estava ouvindo: "Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam esse nome, e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais sacerdotes?" (At 9.21).

Ao verem-no abjurar as antigas crenças, ficaram indignados. O primeiro discurso de Saulo como nazareno foi respondido pelos rabinos da sinagoga, que o tacharam de falso mestre e traidor da nação. Negaram o uso que o novo discípulo de Cristo fazia das Escrituras, discutindo acaloradamente com ele sobre o correto significado destas. Mas não puderam refutar-lhe os argumentos, nem a sua experiência na estrada de Damasco. Quando a congregação retirou-se, todos estavam comovidos com o que ouviram. Alguns creram, mas a maioria achava que Saulo merecia ser expulso da sinagoga e açoitado publicamente.

O inimigo declarado e preconceituoso de Cristo mudara rápida e drasticamente, transformando-se num cristão inabalável, com a determinação de entregar sua vida ao serviço do Senhor. Ao cair diante de sua glória, tornara-se de Jesus um servo para todo o sempre. Saulo vira-o ressurreto, e tinha plena certeza disso. E, sobre esta certeza, construiu todas as suas esperanças na eternidade. Foi ainda esta certeza que o levou a pregá-lo com toda a autoridade (1 Co 9.1).



O EVANGELHO DE SAULO

Quando alguém se converte a Cristo de modo tão inesperado e radical quanto Saulo, passa a sentir de imediato um forte desejo de partilhar sua experiência com todos. Diante de um testemunho como o seu não há como disfarçar as emoções. A experiência de um homem que viu a glória divina nos aquece o coração.

Saído de um ambiente tão rígido como o do farisaísmo, o choque que Saulo recebeu foi enorme. Seu modo de pensar modificara-se tão rapidamente, que ele precisava de tempo para descansar e refletir. Queria repensar o passado, observar lógica e tranqüilamente o futuro, e preparar-se para a grande obra a que Deus o chamara. O Senhor não dissera que ele devia levar o nome de Cristo diante dos gentios, dos reis e dos filhos de Israel?

Saulo era um pensador profundo. Não tomava nenhuma atitude sem antes raciocinar e pesar as conseqüências. Algumas pessoas a tudo analisam; outras, não se preocupam com nada. A mente de Saulo era analítica; teve necessidade de refletir para ajustar-se aos fatos que lhe abalaram a estrutura existencial.

Ao despedir-se dos cristãos de Damasco, isolou-se na Arábia a fim de concentrar-se nesta nova etapa de sua vida.

Na Epístola aos Gálatas, Saulo revela que, depois de sua conversão, não se dirigiu aos apóstolos em Jerusalém, ou para quaisquer outros, a fim de se inteirar do Evangelho que mais tarde pregaria. O Evangelho foi-lhe revelado diretamente por Deus. Em várias ocasiões, apóstolo o enfatizou: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei" (1 Co 11.23).

NA ARÁBIA

No deserto, longe do burburinho da vida urbana, com as rochas e areias ardentes durante o dia, e as estrelas silentes à noite, despojou-se Saulo das amarras de uma vida inteira, libertando-se da Lei e da tradição judaicas. Na quietude da Arábia, andou com Deus. Aqui, o Senhor revelou a Saulo as grandes verdades que viriam a ser as âncoras de sua pregação. Foi aqui também que reestudou as Escrituras, e meditou sobre as grandes doutrinas que iria em breve ensinar em todas as igrejas. Aprendeu o valor da comunhão com Deus, tornando-se-lhe sensível à vontade.

Foi no deserto que Moisés veio a encontrar Deus. E foi num momento de desespero, que Elias procurou a quietude do deserto. No deserto, o maná alimentou o povo de Deus por quarenta anos. Que lugar seria mais propício para Saulo reencontrar-se com o Senhor? Onde poderia ser alimentado diariamente pelo pão do céu senão aqui?

É impossível saber os detalhes daqueles dias de consagração. Mas de uma coisa não temos dúvida: Saulo deixou o deserto plenamente convicto e preparado para apresentar as razões de sua fé. Ele sabia que, no exato momento em que abrisse os lábios na sinagoga, os fariseus opor-se-lhe-iam amargamente, tachando-o de hipócrita, traidor. Por isso, deveria estar preparado a fim de apresentar tanto a sua defesa quanto a de Jesus com toda a sua força e poder.

Na defesa da fé, seria imprescindível que tivesse idéias muito claras acerca da salvação oferecida por Cristo. Falar de uma experiência é simples, mas debater com os filósofos e defensores de outras religiões exige um conhecimento bem definido e pontos de vista sólidos. Além de justificar a morte de Cristo conforme predita nas Escrituras, Saulo teria de explicar porque isso foi necessário e por que Deus o exigiu.

Ao pensar no propósito da vida e na felicidade de que ora desfrutava, Saulo concluiu: o que aprendera na escola rabínica era de fato uma poderosa verdade. O supremo propósito do ser humano é receber o favor divino. Mas a única maneira de se obter tal favor é submeter-se à justiça de Deus. Somente Ele pode conceder-nos a paz.

ENTENDENDO o DOM DA JUSTIÇA DE DEUS

A história do homem sempre foi o relato do desvio da justiça divina e do deliberado afastamento de Deus. Muitos são os que, embora se julguem justos e condenem os outros, jamais sentiram comunhão com Deus. Outros, como os judeus, dependem de sua obediência à Lei para obter o favor divino. Saulo viveu desse modo até encontrar a Jesus. Mas agora, podia ver quão vazia era a vida dos judeus: por não haverem recebido a Jesus, achavam-se na mesma condição dos gentios.

Os gentios falharam em sua busca pela justiça. Não porque Deus haja se ocultado deles, pois Ele lhes dera suficiente conhecimento para que viessem a ser conduzidos pela justiça. Eles porém não quiseram seguir a luz; tentaram extingui-la. E já que não alcançaram o favor de Deus, fizeram-se filhos da ira. Quanto aos judeus, gabavam-se de suas muitas vantagens sobre o resto do mundo. Possuíssem embora a Lei e os Profetas, não tiraram proveito deles.

O que importa diante de Deus não é saber o que é certo, mas praticar o que é justo. Antes, Saulo acreditava que guardar a Lei era a única maneira de se agradar a Deus. Isso, porém, jamais lhe havia proporcionado satisfação espiritual. Por outro lado, estava ciente de que, como depositário da Lei de Deus, tinha mais responsabilidades espirituais do que os gentios. Agora, contudo, já não podia ignorar: tanto os judeus como os gentios, haviam falhado na busca da justiça divina; encontravam-se ambos expostos à ira de Deus.

Nem os judeus nem os gentios eram bons, por haverem ambos herdado a natureza pecaminosa de Adão. Tal natureza torna a pessoa fraca demais para ser justa. A Lei, por descrever claramente o pecado, teria sido um precioso guia para conduzir-nos à vida santa. Mas como curar uma natureza tão enferma? Aquilo que queremos fazer, não o fazemos; e aquilo que não queremos, isso o fazemos. Deus outorgou a Lei com o propósito de mostrar-nos Qual o padrão de sua justiça.

Todos esses pensamentos formavam-se na mente de Saulo à medida que o Senhor lhe transmitia gradualmente a mensagem que deveria ensinar em todas as igrejas. Seu dia mais ditoso foi aquele em que Deus ofereceu-lhe um plano de salvação que não dependia de se guardar a Lei. Foi aí que compreendeu que jamais alcançaria a justiça divina por seu próprio esforço.

Com o passar dos dias, Saulo começou a entender mais claramente todo o quadro da salvação oferecida por Deus. E essa revelação, obtida na Arábia, foi mencionada repetidamente por ele como "o meu evangelho". Saulo não a obteve mediante estudo ou leitura, nem a recebera de homem algum. Foi por intermédio de Jesus que chegou ao conhecimento de tais fatos.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA IGREJA

O retrato completo da Igreja apareceu mais vividamente a Saulo, durante sua estada no deserto. Ele foi o primeiro apóstolo a compreender que a Igreja não era uma seita judaica, mas uma irmandade universal que se estendia a todas as raças e nações. Tempos depois, travaria muitas batalhas com os que não estavam dispostos a admitir os gentios na Igreja.

Saulo considerava a Igreja um edifício, cujas pedras todas achavam-se bem ajustadas, tendo a Cristo como a pedra angular. A seguir, viu-a como um corpo bem coordenado. E os membros todos desse corpo - braços, pernas, pés, dedos, olhos e ouvidos - eram os cristãos em particular que, ligados uns aos outros, constituíam-se num só organismo, tendo a Cristo por cabeça. A figura ajudou-o a compreender a unidade da Igreja e a sua dependência em relação ao Senhor Jesus.

Saulo fora chamado por Cristo para deixar de lado as regras, tradições e todo o passado do qual tanto se gloriara. Outros já o haviam feito e tiveram de enfrentar oposição. O futuro não lhe seria fácil. Ele pensa em Estêvão e como fora este poderoso no Evangelho. Se Saulo tivesse aberto os olhos antes, quantas centenas de crentes não teriam sido poupadas! Mas ele tomaria o lugar de Estêvão, e quem sabe, faria para Cristo uma obra ainda maior. Uma vez mais Saulo delibera ser fiel à visão celestial, e passar o resto de sua vida pregando o Evangelho aos judeus e gentios.

O MUNDO, UM CAMPO MISSIONÁRIO

Saulo começa a refletir sobre o mundo que o rodeava. Embora só o conhecesse parcialmente, sabia que o Império Romano estendia-se para além dos Portões da Cilícia, em direção ao ocidente. Em suas fronteiras, havia milhões de pessoas.

Que mundo de trevas era aquele!

Os ídolos eram adorados por toda a parte. As cidades encontravam-se repletas de estátuas, altares e templos. Tateando, as pessoas andavam à procura de algo real. Seus corações estavam vazios; seus olhos, voltados para os grandes blocos de granito e mármore. Se os gentios pudessem enxergar o vazio de seus templos! Se soubessem que somente Cristo podia satisfazê-los!

Saulo compreende que será mais fácil convencer os gentios do que os judeus. Ele alegra-se por ter sido escolhido pelo Senhor para levar o Evangelho da graça salvadora de Deus aos gentios.

Ao fazer um retrospecto de sua vida, Saulo percebe que deveria estar louco e cego ao imaginar que o seu ódio e crueldade pudessem reconduzir os convertidos ao Judaísmo. Na Arábia, Deus forçou-o a abandonar os seus métodos e a aprender um pouco do grande Espírito que estava em Estêvão, quando este orava por seus inimigos.

Não se sabe quanto tempo Paulo permaneceu na Arábia. Sabemos, porém, que três anos se passaram entre a sua conversão e a sua volta a Jerusalém. Mesmo depois desse período, ele ainda sabia o suficiente sobre Jesus. Mas, pelo menos, já tivera tempo de organizar seus pensamentos, e agora estava pronto a pregar o Evangelho com todas as suas forças, pois sentia-se em débito para com os judeus e gregos.

De qualquer forma, Saulo achava-se melhor preparado para, sinceramente, lutar pela fé. Em cada sinagoga, os fariseus se lhe opunham, zombando de sua mudança de vida e chamando-o de mentiroso. Ele era obrigado a, todo o instante, a defender o Evangelho a que se habituara a chamar de "meu evangelho", não por ser diferente do de Pedro, ou de qualquer outro dos discípulos, mas porque Deus o entregara diretamente a ele.

Mais tarde, Saulo aprenderia de Pedro e dos demais apóstolos o verdadeiro significado das declarações e ensinamentos do Senhor. Mas, por ora, já sabia o suficiente para começar a pregar a Jesus como o Cristo das Escrituras, por cujo intermédio podia-se alcançar a justiça divina.

Com as palavras do Senhor no coração, avançaria e estabeleceria igrejas em todas as partes. Se em sua ignorância prendera e até matara, agora ofereceria a sua vida por Cristo. Afinal, Jesus não vencera a morte levantando-se [d]a sepultura? Sua mente já estava apaziguada e cultivada pelos ministérios de Deus. Chegara pois o momento de deixar o deserto da Arábia e regressar a Damasco.

O REGRESSO A DAMASCO

Saulo foi cordialmente recebido pelos irmãos de Damasco. Todos ansiavam por sua volta, pois somente ele poderia enfrentar os judeus que se opunham ao Evangelho. Lembravam-se todos de como Saulo silenciara os rabinos antes de partir para a Arábia. Com um poder muito maior, Saulo retoma o trabalho nas sinagogas. A oposição judaica contra si já se havia transformado em ódio. A sua determinação de pregar a Jesus Cristo, contudo, em nada diminuíra.

Durante o período em que esteve em Damasco com os nazarenos, homens e mulheres aceitavam diariamente a Cristo ao ouvir-lhe a pregação. O conselho da sinagoga fez o máximo para tapar os ouvidos de seus congregados. Mas como a mensagem de Saulo tivesse como base

as próprias Escrituras, ninguém era capaz de resistir-lhe as palavras. Até os rabinos temiam proibir o acesso de alguém com tamanho conhecimento da Tora na sinagoga.

A cada discussão com Saulo os rabinos mais se enfureciam. E já instigavam o conselho da sinagoga contra Saulo, pois mais de uma vez ele os suprepujara. Em seu ódio, queriam fazer dele um exemplo público. E tanto fizeram, que vieram a conseguir o seu intento. Açoitaram-no diante da porta da sinagoga com 39 chibatadas. Enquanto o chicote rasgava-lhe as costas, Saulo experimentava uma estranha sensação de alegria por ser considerado digno de sofrer pela causa de Cristo. Não fora exatamente isso o que ele havia feito com os que seguiam a esse mesmo Jesus?

O corpo de Saulo fica marcado para sempre; com orgulho exibiria essas marcas por haverem-no introduzido numa comunhão mais profunda com o Cristo e com os que foram chamados a sofrer pela fé.

Finalmente, ele foi expulso da sinagoga. Todavia, encontrando-se secretamente com os judeus de Damasco, ganhou a muitos deles para Cristo. Os rabinos vieram a compreender, então, que ninguém poderia deter a propagação do Cristianismo. O que fazer? Ordenaram-lhe pois que deixasse a cidade, mas Saulo não lhes acatou a ordem. Pelo contrário: agora, pregava a Cristo com mais vigor e intensidade. O conselho reuniu-se então em segredo, e chegaram a esta conclusão: "Só há um meio de calar a Saulo - tirar-lhe a vida".

Os judeus favoráveis aos nazarenos, alertaram a Saulo sobre a decisão do conselho. Ele pois escondeu-se de modo a que não pudessem encontrá-lo. Cada sinagoga era vigiada, mas o acusado não aparecia. Seus inimigos finalmente descobriram que ele sabia da conspiração. E para que Saulo não fugisse disfarçado de mercador, ou viajante, resolveram ir ao governador e fizeram uma acusação formal contra o desafeto, dizendo que este era um perturbador da ordem pública, pois incitava os judeus a se amotinarem. O governador prontamente enviou as ordens para a prisão de Saulo. Imediatamente, os soldados passaram a vigiar os portões da cidade, observando as caravanas que saíam de Damasco. Como a cidade só possuísse quatro portões, os rabinos julgavam que, em breve, o prenderiam.

Sempre atentos a qualquer movimento, os judeus pretendiam acabar com a seita que os perturbava, livrando-se de seu novo líder. Diante disso, os amigos de Saulo perceberam que só havia um meio de salvar-lhe a vida: tirá-lo da cidade.

Os velhos muros eram tão largos em determinados lugares que casas haviam sido construídas sobre eles. Numa dessas casas, com janelas salientes, morava um nazareno. Quando a noite caiu sobre a cidade, Saulo foi levado a essa casa. Então, amarraram uma corda a um grande cesto que foram baixando pelo muro até que pousasse em segurança. Ato contínuo, o passageiro deixou rapidamente o cesto, embrenhando-se na escuridão.

A VIAGEM DE SAULO A JERUSALÉM

Saulo ganhara a liberdade. Não foi senão depois de muitos dias que as autoridades da sinagoga foram informadas de que ele encontrava-se em Jerusalém, perturbando o povo de lá como o fizera em Damasco. Fazia exatamente três anos desde que deixara Jerusalém com uma guarnição e uma ordem de prisão contra os nazarenos. Nessa época, representava o Templo, os sacerdotes e os fariseus em toda a sua oposição a Cristo. Agora, representava ajesus, e estava voltando justamente para dar testemunho do Salvador. Saulo encontrara a Cristo - o Caminho, a Verdade e a Vida - e estava mui feliz.

A permanência de Saulo em Jerusalém foi curta. Depois de duas semanas, o vigor de sua mensagem irritou tanto aos judeus que estes procuraram matá-lo. Quando Saulo retornou à Cidade Santa, esta não o recebeu como antes, com amizade e esplendor. Agora, mostrava-se fria e nada acolhedora. Não teve permissão para visitar a escola de Gamaliel ou o palácio do sumo sacerdote. Era agora conhecido e odiado nas sinagogas, e a única coisa que pode fazer foi procurar os nazarenos. Saulo sabia que numerosos discípulos ʳeuniam-se na casa de Maria, mãe de Marcos, e foi então para lá, esperando ter notícias dos demais cristãos de Jerusalém. Na casa de Maria, Barnabé, Primo de Marcos, imediatamente o reconheceu e acolheu.

Barnabé era um judeu originário da ilha de Chipre. Homem rico, dono de grandes propriedades, fora também um levita do Templo. Em virtude de sua formação, tornou-se um dos líderes da igreja em Jerusalém.

Ouvindo a história de Saulo, Barnabé comoveu-se. De imediato, ofereceu-lhe a destra, tratando-o de irmão. Mas os outros nazarenos agiram de modo diferente; suspeitavam de alguma traição; não podiam acreditar na conversão de Saulo. E se fosse mentira? Aquele homem perseguira de tal forma a Igreja, que muitos crentes haviam sido expulsos da cidade; famílias haviam sido separadas por sua causa. Embora friamente recepcionado, Saulo aceitou a tudo graciosamente. Pelo menos, tinha a Barnabé por amigo.

O respeitado líder levou-o aos apóstolos que, ao lhe ouvirem a história, creram e receberam-no como um deles. Quando Pedro soube que Saulo havia ido a Jerusalém especialmente para vê-lo, acolheu-o em sua casa. Durante duas semanas, o jovem, que sentara aos pés de Gamaliel, agora achava-se aos pés do pescador que, nesse curto espaço de tempo, lhe ensinaria mais sobre as Palavras da Vida do que todo o tempo em que fora aluno do afamadíssimo rabino.

Cada vez que Pedro falava em Jesus, seus olhos brilhavam. Ele descreveu-lhe o Cristo sem pecado que pregara como homem algum jamais o fizera. Os detalhes da vida do Salvador eram vivos e recentes para Pedro. Pois fazia agora seis anos que Jesus havia sido crucificado no Calvário.

Pedro discorreu-lhe sobre os grandes milagres e ensinos de Jesus. Discorreu-lhe ainda acerca do Reino de Deus e como os homens, em toda parte, jamais haviam conseguido opor-se à sabedoria do Rei. Contou-lhe como Jesus fora rejeitado, traído e crucificado, e como o maior de todos os milagres ocorrera três dias após a crucificação - o milagre da ressurreição de Cristo. Pedro também falou-lhe, em termos exaltados, a respeito das muitas vezes em que o Salvador aparecera aos discípulos, e especialmente da ocasião em que Ele, chamando-o à parte, conversou consigo depois da ressurreição.

"A cada dia, Pedro desenhava-lhe uma figura diferente do Cristo que, viajando pela Galiléia, ensinava as multidões. Agora, Saulo já se sentia tão seguro do seu conhecimento acerca de Jesus, que tinha a impressão de haver convivido pessoalmente com o Salvador. Ele já tinha, pois, plenas condições de anunciar o Evangelho às mais distantes regiões.

A PERSEGUIÇÃO DE SAULO EM JERUSALÉM

Embora haja ficado apenas duas semanas em Jerusalém, Saulo, à semelhança de Estevão, foi às sinagogas helenísticas e, ali, declarou corajosamente a todos que era agora um nazareno. Muitos lembravam-se dele como o perseguidor dessa seita. Mas agora estavam surpresos ao ouvi-lo conclamar os judeus ao arrependimento por haverem rejeitado a Jesus.

Entre outras coisas, disse-lhes que a vida eterna não **é** conquistada obedecendo à Lei, mas confiando no Filho de Deus que, graciosamente, nos concede o dom da salvação. Homens de grande zelo e habilidade rabínica opunham-se-lhe e o debate ficava a dia mais acalorado. Em Jerusalém, os rabinos lançaram-lhe em rosto os argumentos que antes ele usara para combater os nazarenos. O próprio Saulo não dissera que Jesus era um impostor e que havia merecido a morte?

A batalha foi breve. Saulo tinha agora tantos inimigos, que um movimento surgiu para livrar a religião judaica dessa maldição. Por que não fazer com ele o que haviam feito com Estêvão? Ele merecia morrer; era um impostor, um blasfemador e um traidor! Pior ainda, fora treinado como rabino, mas passara a odiar o sistema que o nutrira.

O CHAMADO PARA PREGAR AOS GENTIOS

Certo dia, Saulo achava-se no Templo para orar, e enquanto suplicava a orientação e a sabedoria do Senhor em relação ao seu futuro e quanto à abertura de uma porta a fim de que pregasse aos judeus ali, no centro de sua adoração, teve ele uma experiência que lhe determinaria o caminho a ser tomado. Numa visão, o Senhor lhe disse: "Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim" (At 22.18). Saulo respondeu imediatamente:

Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em ti. E quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava as vestes dos que o matavam (At

22.19,20).

Saulo tinha consciência de sua dívida. Por isso, em profunda agonia, confessava repetidamente o seu pecado ao Senhor por haver perseguido a Igreja. Mas Jesus falou-lhe novamente numa visão: "Vai, porque hei de enviarte aos gentios de longe" (At 22.21).

A visão desapareceu com a mesma rapidez com que surgira. Saulo volta a si. Embora sua mente estivesse tomada pelo mistério, de uma coisa tinha certeza: Deus o guiava e tinha um grande propósito para si - não entre o seu povo, mas em terras distantes. Pensando já nos vastos países que ficavam a oeste dos Portões da Cilícia, resignou-se a deixar Jerusalém.

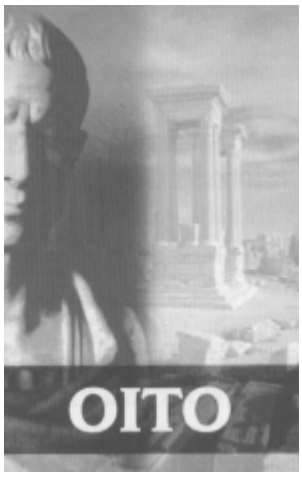
Sabendo dos planos para silenciar a Saulo, seus amigos, disfarçados por causa da segurança, conduziram-no a salvo para fora dos muros da cidade. A Jerusalém dos seus sonhos acabara por ser-lhe uma decepção. Muitos de seus velhos amigos agora o odiavam e teriam-no apedrejado em nome da Lei de Moisés. Até os nazarenos, seus novos amigos, mostravam-se reservados quanto à sua conversão. Barnabé e Pedro, contudo, aceitaram-no abertamente. Eles viam em Saulo de Tarso um defensor da fé, e alguém que nos anos vindouros seria usado por Deus para defender o Evangelho.

Saulo deixou Jerusalém apenas quinze dias depois de sua chegada. De volta para casa, tomou a estrada costeira em direção a Cesaréia, capital romana da Palestina.

A VOLTA DE SAULO A TARSO

Em Cesaréia, Saulo foi para o porto, e procurou um navio, entre os muitos que ali se achavam ancorados, que o levasse para Tarso.

Como as coisas haviam mudado desde a época em que tinha poder e achava-se armado com a autoridade do sumo sacerdote! Não passava agora de um fugitivo, expulso de cidade em cidade, perseguido e odiado, tendo de disfarçar-se, e quase sem amigos. Mas, no seu coração, havia uma leveza e alegria que não conhecera antes. Era a alegria de Cristo.



A PRIMEIRAVIAGEM MISSIONÁRIA

Em seu regresso, Saulo foi recebido de braços abertos por alguns. Mas os que sabiam de sua mudança logo sentiram que a sua presença causaria confusão, pois ele, agora, acreditava no impostor Jesus. A confirmação veio de seus próprios lábios. Todos estavam desapontados e enfurecidos. Como um fariseu erudito, cuidadosamente criado e educado por hebreus, e que logo se tornaria rabino, pôde tomar semelhante atitude?

Não se sabe de que forma os pais de Saulo receberam o duro golpe. Como não estivessem preparados, sentiram-se envergonhados por seu filho: justamente ele havia oferecido fogo estranho no altar.

Quando relatou sua experiência em Damasco - seu encontro com o Cristo ressurreto - houve admiração e desdém. Muitas vozes elevaram-se contra, mas nenhuma pôde calar-lhe os lábios. Cristo Jesus era tão real para Saulo, que não lhe importava se o mundo fosse contrário à sua mensagem; continuaria a pregá-la fielmente. Em Tarso, Saulo achava-se longe da sombra °o Templo e do Sinédrio, e sendo um hábil orador, é provável que multidões se reunissem para ouvir-lhe os sermões. Alguns podem ter-se rejubilado com cada palavra e se tornado abertamente nazarenos.

Os rabinos mais velhos, invejosos de sua capacidade, certamente o advertiram a não falar contra as regras. É possível que em Tarso, diante da porta de sua própria sinagoga, haja sido chicoteado em público, fato que, mais tarde, haveria de mencionar (2 Co 11.24). Mas nisso se gloriou. Por seu intermédio, o Evangelho abriu os olhos aos cegos e levou a esperança a muitos corações. Nada o deteria. Não lhe dissera o Senhor que se tornaria apóstolo para os gentios?

OBSCURIDADE E FABRICAÇÃO DE TENDAS

Apesar de sua confiança e do chamado divino, Saulo entra num período de inatividade. Durante sete ou oito anos, pouco se ouve falar dele. Mas aqueles foram anos de espera, disciplina e paciência. Saulo talvez necessitasse desse tempo para fortalecer-se e descobrir o segredo de esperar pacientemente no Senhor. Ele tinha uma missão, mas faltava-lhe a oportunidade.

No plano de Deus, para quem o tempo não existe, aquele período haveria de amainar o rancor dos rabinos. Talvez Saulo tenha permanecido em Tarso, enfrentando a oposição e sustentando-se na loja de tendas, até que Deus completasse mais um grande estádio na história da Igreja. Nesse interregno, Pedro e os demais apóstolos foram se conscientizando de que a Igreja não era exclusivamente para os judeus. O Senhor dera a Pedro a visão dos animais puros e impuros, preparando-o para evangelizar Cornélio, o gentio de Cesaréia, que foi admitido na

Igreja sem ter de passar pelos rituais judaicos. Esse foi um passo que revolucionou toda a perspectiva do Cristianismo. É possível que nessa ocasião, Saulo haja se irritado e resmungado contra a demora em seu ministério. Mas acabaria por aprender que as delongas de Deus têm sempre um propósito; nada sai errado em seu cronograma.

Enquanto isso, Saulo vivia na obscuridade. É provável que haja pregado não apenas em Tarso, mas também na zona rural que visitara quando menino para comprar pêlo de cabra. Sempre que viajava pelas estradas e trilhas de camelos, através das florestas e vales, procurava seus conterrâneos. Falava-lhes de Jesus, o Messias, e convidava-os a procurar nEle a justificação pela fé.

DISPERSÃO DA IGREJA DE JERUSALÉM

A Igreja de Jerusalém teve seus altos e baixos. Quando a perseguição aumentou, os nazarenos viram-se obrigados a esconder-se. Alguns até saíram da Palestina, e procuraram refúgio noutras terras. Grande número dirigiu-se a Damasco. Outros foram até Antioquia, a linda capital romana da Síria, a cerca de 480 quilômetros ao norte de Jerusalém. Em Antioquia, muitos judeus estrangeiros haviam se tornado seguidores de Jesus. Eles eram mais liberais, e o medo do sumo sacerdote não os constrangia. Alguns haviam nascido na Grécia, outros na costa africana de Cirene, e outros em Chipre. À medida que o Evangelho lhes era pregado, grande número veio a crer. E o Espírito de Deus atuava na pregação levando também muitos gentios de Antioquia a se converterem. E isso muito aborreceu aos cristãos hebreus, pois estavam certos de que Jesus Cristo pertencia somente a eles, e a única maneira de tornar-se nazareno seria tornar-se, primeiro, um prosélito da sinagoga.

BARNABÉ EM ANTIOQUIA

O movimento de Antioquia cresceu tanto que um sinal de alarme foi enviado à igreja-mãe. Em Jerusalém, após as deliberações, Barnabé, com sua mente aberta e esclarecida, foi enviado a fim de investigar a autenticidade das proclamadas conversões dos gentios.

Barnabé ouvira os argumentos dos judeus de mente estreita e também dos judeus oriundos de Chipre. Vira igualmente as multidões de gentios que haviam abandonado seus ídolos, e agora professavam alegremente a Cristo. Barnabé não podia negar a realidade daquelas conversões. Essas pessoas também haviam sofrido por Cristo; algumas, apesar de desprezadas por sua própria gente, regozijavam-se por sua salvação.

Barnabé, impressionado com o que via, levantou-se para falar. Não criticou os gentios, nem ordenou que se afastassem da Igreja até serem instruídos no Judaísmo. Pelo contrário: maravilhou-se porque a graça de Deus estendia-se além das fronteiras de Israel. Ele os exortou a que se agarrassem a Jesus, mesmo em face das perseguições, e jamais desistissem da fé. Suas palavras alegraram os ouvintes; houve perfeita unidade na Igreja. E o Senhor acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.

O CHAMADO PARA ANTIOQUIA

Ao perceber a obra esplêndida que se poderia realizar em Antioquia, Barnabé só pôde pensar num único homem - alguém que encontrara em Jerusalém, que fora criado numa cidade gentia, e que possuía muitas das qualificações exigidas para uma grande liderança. E mais que isso: o Senhor lhe colocara no coração o ministério para os gentios.

A imagem de Saulo de Tarso formou-se na mente de Barnabé. Tempos atrás, vira-o arder com a missão de pregar a Cristo aos estrangeiros. Se Saulo pudesse ir a Antioquia com seu fervoroso zelo e suas palavras poderosas!

Sem mais delongas, Barnabé percorreu os 25 quilômetros até o porto de Selêucia. Encontrou aí um barco e, após um longo dia no mar, chegou ao rio Cnido, onde as velas foram amadas e os compridos remos o levaram corrente acima, até o porto de Tarso.

Será que encontraria Saulo? Quando Barnabé finalmente o encontrou, ambos se abraçaram. Eles não se viam há oito anos. Barnabé Contou a história, e Saulo prestou atenção a cada palavra. Havia de fato uma grande obra a ser feita em Antioquia, e essa era a porta que Deus lhe estava abrindo! Saulo assentiu em partir imediatamente.

Ao embarcarem, Saulo foi informado do debate em Jerusalém a respeito de Cornélio e

da admissão dos gentios na Igreja. Soube que Pedro mudara de opinião sobre o assunto.

SAULO EM ANTIOQUIA

Com meio milhão de habitantes, Antioquia da Síria era a terceira maior metrópole do Império Romano. Os muros da cidade eram tão fortes, que as suas ruínas ainda podem ser visitadas. Eram largos e possuíam muitas torres. O monte Silpio levantava-se no centro da cidade, e achava-se coalhado de barracas, onde aquartelavam-se os soldados romanos que guardavam a região.

Muitos reis haviam despendido grandes somas para tornar Antioquia ainda mais bela. Ali havia jardins, lagos e palácios magníficos. Herodes adornara uma de suas ruas com colunas de mármore, numa extensão de cerca de três quilômetros. Fora da cidade, encontrava-se um grande anfiteatro onde eram realizados jogos e corridas.

O povo de Antioquia adorava as estrelas e vários ídolos, em cuja honra tinham construído majestosos templos. No lado oposto da cidade, o grande escultor Licos modelara uma enorme cabeça adornada com uma coroa. Esculpira-a num grande bloco de pedra que se projetava do solo. A figura tornou-se o símbolo de Antioquia, assim como a Estátua da Liberdade viria a ser o símbolo da América. Até hoje ela pode ser vista em muitas das moedas de Antioquia.

Como em todo o império era intensa a busca pelo prazer e ociosidade. Antioquia não fugia à regra. Da porta de Dafne, uma estrada estendia-se por oito quilômetros, até o bosque de Dafne e o templo de Apoio, pontilhada pelas casas e jardins dos mais abastados. O bosque, um dos lugares mais aprazíveis de toda a região, era palco de orgias tão desenfreadas que até os próprios romanos delas se escandalizavam. Visitantes chegavam a Antioquia, vindos de todas as partes do mundo: africanos, gregos, romanos, persas, egípcios e judeus. As pessoas enchiam as ruas e, num espírito de permanente feriado, consideravam o bosque de Dafne o lugar mais interessante e animado do mundo.

Saulo foi levado à cidade. O Evangelho de Jesus Cristo penetrara em alguns corações e o poder do Espírito Santo operava nos judeus e gentios igualmente. Apesar de toda a sua grandeza, Antioquia continuava faminta e necessitada.

Barnabé levou o amigo a reunião da igreja. Era uma assembléia quase tão forte quanto a de Jerusalém. Saulo conheceu vários líderes da igreja, entre os quais Manaem, um parente de Herodes Antipas. Ele era um homem de alta posição em Antioquia. Havia também Simeão, o Africano, Lúcio de Cirene e tantos estrangeiros de rincões desconhecidos que Saulo foi levado a regozijar-se em seu meio.

Em Jerusalém e em todos os outros lugares, os seguidores de Jesus eram chamados de nazarenos, mas em Antioquia receberam outro nome. O povo chamou-os de "cristãos" para zombar deles. O nome outrora pronunciado em tom de desprezo nos é hoje motivo de orgulho. Como qualquer rabino em Israel, Saulo estabeleceu-se em seu ofício, pois os fabricantes de tendas sempre encontravam trabalho. Dessa forma, ganhava seu sustento, mas a principal razão de sua presença em Antioquia era ajudar a Igreja a fortalecer-se na fé.

Saulo visitava diariamente a sinagoga e os bazares, e muitas vezes ficava à beira da estrada enquanto o povo ia lotando as pistas de corridas. Ele chamava a todos ao arrependimento, exortando-os a se voltarem para Deus. Dizia-lhes que Jesus de Nazaré - que há dez anos fora crucificado em Jerusalém e ressuscitara ao terceiro dia - era o Cristo das Escrituras: o Filho de Deus enviado ao mundo para salvar os homens do pecado.

Saulo chamou-os do vazio da idolatria para a plenitude da vida cristã. Os [a]mantes do prazer, mercadores, turistas, e mulheres da sociedade - ninguém podia ingorar a eloqüência de Barnabé e a grande sabedoria de Saulo. Não Podiam deixar de admirar-lhes a coragem e o zelo, mesmo em face da multidão escarnecedora. Pelo menos não havia sumo sacerdote ali para levantar a mão contra eles. O ministério do Evangelho estava desimpedido e a Igreja crescia rapidamente; cada cristão era uma incansável testemunha de Jesus.

Durante um ano, Saulo trabalhou pelo Evangelho nessa importante cidade. Falava com empenho, e o Senhor tornava produtivos o seu ensino e pregação. Não demorou muito, e Antioquia já era um centro cristão mais forte que Jerusalém, pois a igreja, aqui, não sofria quaisquer distúrbios.

OUTRAS PERSEGUIÇÕES AOS CRISTÃOS

Quando o imperador Calígula foi assassinado, Herodes Agripa achava-se em Roma. Por ter ajudado o novo imperador, foi ele honrado com o governo das terras de seu avô, Herodes, o Grande. Houve júbilo em Jerusalém quando ele passou a reinar, pois sabia-se ter sido ele fariseu; a rigidez da religião judaica não lhe era estranha.

Seu primeiro ato como rei foi remover Anás, o saduceu, do cargo de sumo sacerdote, e indicar Gamaliel para presidente do Sinédrio. Tudo isso parecia promissor aos fariseus, que se alegraram ao ver surgir um defensor de sua causa. Todavia, quando Agripa desceu ao seu palácio em Cesaréia, tirou o manto farisaico, passando a viver abertamente como um romano irrefletido e profano.

Como Herodes Agripa quisesse cair na graça dos rabinos, pôs-se a perseguir os cristãos. Ordenou que se prendesse e decapitasse a Tiago, irmão de João. Tiago foi o primeiro dos apóstolos a morrer. Vendo que o Sinédrio muito se agradara disso, e estimulado com o crescimento de sua popularidade, Herodes ordenou ainda a detenção de Pedro. Lançou-o na prisão, pretendendo matá-lo depois da Páscoa. No entanto, um anjo de Deus, abrindo as portas do cárcere, soltou o apóstolo.

PRESENTES PARA OS CRISTÃOS DE JERUSALÉM

No auge da perseguição, um certo profeta chamado Ágabo, que morava em Jerusalém, visitou Antioquia. Levantando-se na assembléia, deu a entender, pelo Espírito do Senhor, que Deus enviaria uma grande fome sobre o império. Isso significava que tempos difíceis abater-se-iam sobre todos. Ato contíno, os cristãos de Antioquia levantaram ofertas e as enviaram aos santos da Judéia pelas mãos de Barnabé e Saulo.

Despedindo-se da igreja de Antioquia, partiram ambos para Jerusalém, levando Tito consigo. Nos anos seguintes, viria este a ser um excelente líder, sendo o encarregado de supervisionar as igrejas de Creta.

Quão tocante não deve ter sido quando Barnabé e Saulo depuseram as provisões diante dos irmãos de Jerusalém. Todas aquelas dádivas lhes haviam sido enviadas por homens e mulheres que jamais tinham visto. E muitos deles eram gentios!

A GRANDE CONTROVÉRSIA

A questão dos gentios na Igreja era uma das pendências que Saulo pretendia resolver em sua estadia em Jerusalém. Contrariando seus hábitos, não foi pregar nas sinagogas. Em vez disso, reuniu-se com os líderes a fim de fazê-los entender que os gentios tinham o direito de fazer parte da Igreja sem ter de se submeter aos ritos e cerimônias da sinagoga.

Foi aí que Saulo veio a constatar: ainda tinha inimigos entre os próprios cristãos, pois alguns achavam que Tito, por ser grego, não tivera uma real experiência com o Senhor. Na igreja-mãe, havia também alguns fariseus que alegavam ser seguidores de Jesus, mas não passavam de traidores; sua presença na Igreja prejudicava o crescimento do Evangelho. Eram espiões do inimigo, e faziam o máximo para levar os nazarenos de volta ao Judaísmo.

Saulo os enfrentou, provando-lhes que a graça de Deus se havia estendido também aos gentios. Ele animou-se ao ver que Pedro, João e outros discípulos o aprovavam. Estes insistiram com Saulo e Barnabé para que fossem pregar aos gentios, e os admitissem na Igreja sem sujeitá-los aos ritos judaicos.

Mas a questão ainda não fora resolvida; alguns continuavam a ensinar que a Lei de Moisés era necessária; outros diziam que não. Preocupados, Barnabé e Saulo deixaram a igreja de Jerusalém, e prepararam-se para a longa viagem de volta a Antioquia.

A casa de Maria, parente de Barnabé, era o ponto de encontro dos líderes cristãos. Saulo e Barnabé haviam desfrutado de sua hospitalidade durante a viagem, e sentiram-se especialmente atraídos por seu filho, Marcos. Apesar de ser ainda um rapazinho, Marcos seguia sinceramente a Jesus. Quando criança, conhecera o Senhor e, mediante a pregação de Pedro e João, passara a ser um fiel nazareno. Naturalmente Barnabé via grandes possibilidades no jovem; Saulo também impressionou-se com sua dedicação. Ambos persuadiram-no a acompanhá-los até Antioquia. Aquela seria sua primeira viagem para lugares distantes. O chamado da aventura era forte, e ele Partiu entusiasmado.

O RETORNO A ANTIOQUIA

A igreja de Antioquia recebeu os seus líderes de braços abertos, alegrando-se com as notícias dos cristãos de Jerusalém. Era bom saber que seus presentes serviram para encorajá-los num período tão difícil.

Antioquia estava tornando-se rapidamente o centro das atividades da Igreja. O braço da perseguição não era tão pesado lá como o era em Jerusalém à sombra do Templo. A igreja cresceu sem o rancor dos sacerdotes e principais da sinagoga, até que outras comunidades cristãs menores começaram a aceitar-lhe a liderança.

Muitos dos cristãos de Antioquia procediam de lares gentios. Eles lembravam-se naturalmente de seus parentes dispersos por todo o império, e achavam que o Evangelho também lhes deveria ser pregado. Uma vez que Saulo fora chamado pelo Senhor para ministrar aos gentios, esses cristãos concluíram que se deveria formar um grupo missionário, e enviá-lo aos países vizinhos.

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Depois de várias reuniões e muita oração, os líderes da igreja entenderam que era a vontade de Deus que enviassem Barnabé e Saulo nessa missão. Quem seria melhor qualificado para ela? Eram homens experimentados, e ambos defendiam a idéia de que os gentios deviam ser participantes da promessa juntamente com os judeus. Haviam ambos viajado muito e pareciam ser cidadãos do mundo. Estavam capacitados a representar a Cristo; para isto haviam sido chamados.



0 300 Mi.
6 3O0 Km
PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO (Atos 13.1-14.2B)

Os líderes, levantando-se numa reunião da igreja, segundo o costume dos sacerdotes de Israel, impuseram as mãos sobre Barnabé e Saulo, abençoando-os e encarregando-os solenemente da tarefa missionária.

Com as mochilas cheias de provisões e presentes oferecidos pelos membros da igreja, Barnabé e Saulo partiram numa jornada que os manteria longe de casa por mais de dois anos. Deixaram atrás de si uma igreja que jamais haveria de se esquecer deles em suas orações.

Os missionários levaram consigo o jovem Marcos. Quando a primavera chegou aos montes da Síria, os três partiram; muitos irmãos estavam lá pra se despedirem deles. Os missionários caminharam pela longa estrada pavimentada que os levaria ao porto de Selêucia, onde havia grande atividade. Navios mercantes chegavam e partiam para outros portos em todo o Mediterrâneo. Muitos barcos de pequeno porte, levando frutas de Chipre, distante dali cerca de 113 quilômetros, navegavam regularmente pela estreita faixa de água azulada, num percurso de seis horas, com vento favorável. Como Barnabé era de Chipre, eles certamente seriam bem acolhidos na cidade. Além disso, havia na ilha alguns cristãos que tinham sido expulsos de Jerusalém quando da perseguição geral.

A ILHA DE CHIPRE

O pequeno navio bordejou a ilha, e navegando junto à costa escura e rochosa, chegou à principal cidade, Salamina, na foz do rio. A atividade no porto era enorme. Dois grandes diques de pedra estendiam-se como braços protetores para o belíssimo azul das águas, convidando os navios de todo o globo a ancorarem ali. As ruas da cidade comparavam-se às de Tarso. Em toda parte avistava-se santuários de ídolos e templos erigidos aos deuses gregos. O prédio mais popular da cidade era o templo de Afrodite, a deusa que representava a beleza feminina, e cuja adoração era acompanhada por ritos vergonhosos e pecaminosos.

Os sacerdotes desse templo costumavam contar como, há muito tempo, a bela Afrodite surgira dentre a espuma das ondas e, vendo as areias macias da praia, fizera de Chipre sua residência permanente. Essa, segundo eles, era a razão de as mulheres de Chipre serem tão altas e belas. O aniversário de Afrodite era celebrado com um festival.

A vida na ilha era fácil e despreocupada; o povo tinha como principal objetivo a busca do prazer. Com certeza, Barnabé conhecia muito bem a essa gente. Depois de visitar os amigos e parentes, passou a freqüentar as sinagogas. Enquanto isso, Saulo anunciva o Evangelho, afirmando que Cristo cumprira as promessas feitas a Israel, e viera para ser o seu Messias.

Como houvesse várias sinagogas em Salamina, Barnabé e Saulo narraram a história de Jesus de modo que todo judeu pudesse ouvi-la. Sem dúvida, Saulo contou que fora educado para ser rabino e fariseu, e que passara anos perseguindo os cristãos antes de encontrar o Senhor ressurreto na estrada de Damasco - o encontro que mudara-lhe a vida. Não se sabe se alguém foi levado a Cristo em Salamina. Depois de haverem passado algum tempo ali, os três obreiros viajaram a pé de uma ponta à outra da ilha.

Eles pregavam a Cristo sempre que tinham oportunidade. É possível que o fizessem nas minas de cobre, nas salinas, nos pomares, nas fábricas, ou onde quer que houvesse grupos de pessoas. É certo que visitaram as sinagogas nas aldeias, e finalmente, depois de várias semanas, entraram no vale que descia para o mar ocidental e a cidade de Pafos. Aqui, na praia beijada pelo sol, achava-se o lugar onde, supostamente, Afrodite saíra das ondas. Seu templo, com grandes pilares de mármore, marcava o local onde chegara à praia, e que era considerado sagrado. Pafos era a capital de Chipre.

Como na maioria das cidades, havia ali um bairro judeu. E Saulo e Barnabé, acompanhados por Marcos, conseguiram descobri-lo. De acordo com o seu costume, Saulo pregou Cristo à sua gente. Alguns creram; outros sentiram-se insultados.

Sérgio Paulo, o governador enviado por Roma à ilha, era um homem culto e que se interessava pela ciência da sua época. Uma ciência, porém, estranhamente misturada à feitiçaria e à astrologia. Sérgio Paulo, embora estivesse acostumado aos deuses e deusas de Roma, continuava procurando algo que lhe satisfizesse a alma.

Quando o governador soube da chegada de Saulo e Barnabé, mandou chamá-los; queria ouvir a nova doutrina. Essa era a grande oportunidade de Saulo, e ele a encarou como se fora uma porta aberta para o Evangelho. Com humildade, mas cheio de entusiasmo, foi encontrar-se com o ilustre romano e sua mulher. Outros religiosos e supersticiosos também se achavam ali, querendo conhecer a nova crença.

Como Saulo também era romano, começou a falar desenvolta e habilmente. Expôs o amor romano à verdade e à justiça, e sua aceitação e tolerância com todas as religiões. A seguir contou, um a um, os grandes fatos do Evangelho - a vinda de Jesus Cristo, a rejeição de seu próprio povo, sua crucificação e, finalmente, sua ressurreição. Recapitulou sua experiência pessoal como opositor do Cristianismo, e como certo dia o Senhor o cativara e transformara-lhe completamente a vida.

Sérgio Paulo ficou impressionado. As palavras de Saulo agradaram-lhe os ouvidos. Seu coração inclinou-se para Deus e a luta por sua alma já estava quase ganha. Mas Barjesus, um mágico e feiticeiro da corte, também chamado de Elimas, negava vigorosamente as palavras de Saulo. Barjesus era judeu e estava vivendo em oposição à Lei de Moisés, pois esta condenava a feitiçaria. Todavia, diante da pregação de Saulo, seu judaísmo veio à tona; seus argumentos tornaram-se fortes.

Paulo discutiu com ele, e vendo que se vendera a Satanás e estava agora obstruindo a palavra de Deus, clamou contra ele:

Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora, contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. No mesmo instante a escuridão e as trevas ciaram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão (At 13.10,11).

Enquanto Sérgio Paulo observava, os olhos de Elimas embaçaram e a escuridão caiu sobre si. O homem estendeu desesperadamente a mão, tateando para encontrar o caminho, e teve de ser guiado através do aposento.

O governador romano vira a poderosa mão de Deus sobre uma alma rebelde, e deixou-se convencer. Levantou-se do divã; não pôde mais resistir ao Evangelho. Creu e foi contado entre os cristãos. Esse foi um grande avanço. Deus honrara o ministério de Saulo, dando-lhe o homem mais importante da ilha.

PAULO, UM NOVO HOMEM

Movimentando-se entre os gentios, Saulo passou a ser chamado de Paulo, pois essa era a forma romana de seu nome. Enquanto estava na sinagoga, e mesmo depois de tornar-se cristão, era conhecido pelos amigos como *Saulo*. Mas esse nome era israelita, e de certa forma representava tudo o que ele fora como judeu e fariseu. O nome *Paulo* indicava o novo homem e seu novo trabalho. Enquanto permaneceu entre os gentios das províncias, foi se tornando cada vez mais conhecido como Paulo. Com o correr dos anos, até o fim de sua vida, usou o nome romano para assinar todas as suas cartas.

A CAMINHO DE PERGE

Em Chipre, as circunstâncias eram favoráveis a Paulo, Barnabé e Marcos. Sem que o percebessem, transcorreram-se vários meses. Mas eles não haviam planejado passar o inverno lá. O verão já se fora e a colheita terminara, quando os três despediram-se dos amigos, e começaram a viagem de dois dias para a província da Panfília, no continente. Esta ficava somente a 160 quilômetros a oeste da casa de Paulo, em Tarso, sendo porém uma porta de saída para as cidades gentias da Ásia Menor.

O pequeno barco foi navegando pela costa rochosa da Panfília, procurando encontrar a foz do rio Cestro. A 13 quilômetros rio acima, chegaram à cidade de Perge. As velas foram baixadas e os compridos remos levaram o barco finalmente ao molhe. Ali, na encosta do morro, ficavam o anfiteatro, a pista de corridas e o templo de Diana.

As casas eram semelhantes às de Tarso - em estilo grego e de grande beleza. Naquela época do ano, muitos habitantes de Perge iam aos passos, nas montanhas, que levavam à cidade de Antioquia, no interior da Galácia. Marcos, porém, desanimou. As montanhas da Panfília eram perigosas e as passagens infestadas de assaltantes. Plínio fizera um discurso grandioso contra a pirataria em mar aberto, diante do tribunal de Roma, e o resultado foi uma campanha para expulsar dos mares os navios piratas. Os meliantes retiraram-se, então, para as montanhas, tornando-se ladrões de estrada, molestando freqüentemente os viajores. É possível que, pensando nessas coisas e nos animais selvagens à espera nos desfiladeiros, Marcos haja sentido medo. E, pensando nas possíveis conseqüências, decidiu voltar para casa.

Após a partida de Marcos, Paulo e Barnabé continuaram viagem pelas trilhas montanhosas, seguindo o curso do rio. Algumas vezes as rochas eram íngremes e o caminho estreito; outras, viajavam por vastas planícies onde o sol tostava as pastagens. Levaram uma semana para chegar às terras altas e frias, onde era mais saudável viver. Ali, no sopé das Montanhas Sultão, a cidade de Antioquia florescia, com fileiras e fileiras de construções.

O MINISTÉRIO EM ANTIOQUIA DA PISÍDIA

Antioquia da Pisídia era a porta de saída para o interior da Ásia Menor. Fora antes uma cidade grega, mas agora havia nela uma fortaleza romana. Os prédios de mármore branco brilhavam ao sol, emprestando-lhe uma beleza singular. Os judeus sempre eram bem acolhidos pelos moradores de Antioquia, e Paulo e Barnabé encontraram um bom local para estabelecer-

se. Fabricante de tendas, Paulo gostava de ganhar seu sustento, aonde fosse, a fim de não ser pesado à Igreja. Além disso, seus contatos com mercadores e suas viagens às lojas para vender as mercadorias, davam-lhe muitas oportunidades de falar de Jesus.

Aos sábados, Paulo e Barnabé iam juntos à sinagoga, e eram convidados pelos líderes a tomar parte na adoração e falar aos presente. Havia sempre orações seguidas por leituras da Lei e dos Profetas. A reunião terminava com um discurso ou um debate entre os principais membros da sinagoga sobre alguma passagem das Escrituras. Quando os líderes perceberam que Paulo e Barnabé eram homens cultos, e pareciam ser portadores de uma mensagem, disseram-lhes: "Varões irmãos, se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai" (At 13-15).

UM IMPORTANTE SERMÃO DE PAULO

Havia um bom número de pessoas presentes, tanto judeus como prosélitos (gentios convertidos ao Judaísmo). Barnabé reconheceu que a experiência de Paulo qualificava-o como mensageiro. Olhou para ele com um sorriso que dizia: "Essa é a sua oportunidade, aproveite-a!"

Paulo estava pronto. Levantando-se, pediu silêncio com um gesto. Como de costume, os judeus estavam sentados no chão, de pernas cruzadas, com os xales de oração sobre os ombros. Os olhares voltaram-se para ele quando começou a falar lentamente:

Varões israelitas, e os que temeis a Deus, ouvi: O Deus desse povo de Israel escolheu a nossos pais, e exaltou o povo sendo eles estrangeiros na terra do Egito, e com braço poderoso o tirou dela; e suportou os seus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos; e destruindo a sete nações na terra de Canaã, deu-lhes por sorte a terra deles. E, depois disso, por quase quatrocentos e cinqüenta anos, lhes deu juizes, até o profeta Samuel.

E depois pediram um rei, e Deus lhes deu, por quarenta anos, a Saul, filho de Quis, varão da tribo de Benjamim.

E, quando esse foi retirado, lhes levantou como rei a Davi, ao qual também deu testemunho e disse: Achei a Davi, filho de Jessé, varão conforme o meu coração, que executará toda a minha vontade (At 13.16-22).

Esse retrospecto da história era familiar aos judeus, que o acompanharam com grande interesse e aprovação. Mas o objetivo de Paulo ao recapitular tais fatos era apresentar-lhes Jesus. Então prosseguiu:

Da descendência desse, conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel; Tendo primeiramente João, antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel, o batismo do arrependimento. Mas João, quando completava carreira, disse: Quem pensais vós que eu sou? Eu não sou o Cristo; mas eis que após mim vem aquele a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés.

Varões irmãos, filhos da geração de Abraão e os que dentre vós temem a Deus, a vós vos é enviada a palavra dessa salvação. Por não terem conhecido a este, os que habitavam em Jerusalém, e os seus príncipes, condenaram-no, cumprindo assim as vozes dos profetas que se lêem todos os sábados. E embora não achassem alguma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. E havendo eles cumprido todas as coisas que deles estavam escritas, tirando-o do madeiro, puseram-no na sepultura (At 13 23-29).

Paulo preparava-se para a parte principal do sermão. As palavras saíam-lhe mais rápidas. Sua voz elevou-se; ele foi tomado de fervor espiritual ao exclamar triunfante:

Mas Deus o ressuscitou dos mortos; E ele por muitos dias, foi visto pelos que subiram com ele da Galiléia a Jerusalém, e são suas testemunhas para com o

povo. E nós vos anunciamos que a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no salmo segundo: Meu filho és tu, hoje eu te gerei.

Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por este se vos anuncia remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado, todo aquele que crê (At 1330-33,38-39).

O sermão de Paulo terminara. Os ouvintes estavam atônitos. Ele era um pregador corajoso e todos sentiram-se dominados pelo seu zelo e intrepidez.

Alguns dentre os principais da congregação começaram a murmurar, mas grande número de judeus e gentios saíram naquele dia indagando-se: "Será que isso é verdade? Será mesmo verdade?"

Quando Paulo e Barnabé voltaram para casa, pequenos grupos seguiam-nos pela rua estreita pedindo para ouvir mais sobre o novo ensino. Ansiosos, queriam saber tudo a respeito de Jesus. Naquela noite, quando o sol se pôs e as velas foram acesas em Antioquia, muitos judeus e gentios tinham o coração aberto ao Salvador e os olhos voltados ao céu.

No dia seguinte, o discurso de Paulo era o tema das conversas nos lares judeus. Os gentios também souberam do acontecido, e suplicaram-lhe que repetisse o sermão no sábado seguinte.

No dia marcado, pessoas vieram de todas as direções. A sinagoga sombria, com uma única lâmpada acesa, estava repleta como nunca. Muita gente teve de ficar do lado de fora. Mais tarde, escrevendo a respeito, Lucas conta que quase a cidade inteira se reunira para ouvir a Palavra de Deus. Paulo repetiu o sermão e o povo escutou. Mas quando declarou que Jesus era o Cristo, vozes elevaram-se contra ele. Alguns judeus, movidos pela inveja, contradisseram-no publicamente. Era costume interromper o orador na sinagoga. Paulo acostumara-se a isso, e não esperava outra coisa.

De repente, os líderes judeus puseram-se a gritar. A violência cresceu. Já agora atacavam selvagemente a Paulo, pontuando suas palavras com maldições e blasfêmias. Os dois discípulos elevaram as vozes acima do tumulto, chamando os ouvintes à razão. Porém os judeus continuaram gritando cada vez mais alto, na tentativa de calar Paulo.

Dirigindo-se aos líderes, o apóstolo declarou: "Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais e vos não julgais indignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios" (At 13.46).

O MINISTÉRIO DE PAULO É ABENÇOADO

A multidão bloqueava a saída e enchia a rua, ansiosa por ouvir falar da vida eterna. Paulo e Barnabé deixaram a sinagoga em meio ao murmúrio e maldições dos judeus, mas na porta foram saudados por um brado de alegria. Os gentios, cansados de sua religião vazia, tinham ouvido falar pela primeira vez de Jesus, da ressurreição e da vida eterna. Aquele foi um dia cheio para os apóstolos. Quando a noite chegou, estavam cansados, mas alegres por tantas almas salvas naquela cidade gentia.

Durante toda a semana, a oficina de tendas e a casa onde estavam foram invadidas por pessoas de todas as classes sociais. Queriam saber mais de Cristo, que lhes havia preenchido o vazio dos corações e satisfizera-lhes a maior necessidade da vida: a salvação. A casa dos apóstolos passou a sediar uma nova igreja. Quando o inverno chegou, o testemunho da graça salvadora de Jesus era dado diariamente nos bazares. E, indo às cidades do interior a fim de cuidar de seus negócios, os crentes aproveitavam para contar as boas novas de como nossos pecados eram perdoados em Cristo. Antes de completar um ano, a Palavra de Deus estava sendo pregada em toda a região, e muitos grupos de cristãos reuniam-se no Dia do Senhor para adorar a Deus e receber as bênçãos da vida eterna.

Com a chegada da primavera, as estradas nas passagens das montanhas foram abertas e o comércio ganhou vida nova. Os bazares enchiam-se de estrangeiros vindos de lugares distantes. Os pregadores não descansavam em seus esforços por ganhar homens e mulheres para Cristo. Os judeus continuavam aborrecidos com o sermão de Paulo, e opunham-se

vigorosamente à formação de igrejas cristãs em sua cidade. Não conseguiriam descansar enquanto não dessem fim àquele movimento.

A adoração no templo de Baco e nos templos do deus-lua era exclusivamente para satisfazer aos homens. As mulheres sofriam quando seus maridos entregavam-se às orgias e bebedeiras em honra a Baco. A adoração paga, portanto, nunca foi popular entre as mulheres. Em vista disso, muitas delas começaram a freqüentar a sinagoga, tornando-se prosélitas da religião judaica, pois encontravam ali algo infinitamente melhor que tudo quanto haviam conhecido. Os líderes das sinagogas instigaram essas mulheres - principalmente as casadas com cidadãos importantes de Antioquia - a convencer os maridos de que deviam proibir a pregação dos discípulos e expulsá-los da região.

PAULO E BARNABÉ FORÇADOS A DEIXAR ANTIOQUIA

Paulo e Barnabé foram intimados a comparecer perante os magistrados, e receberam ordens para deixar a cidade. As autoridades cuidaram para que as ordens fossem obedecidas. Enviaram um guarda para acompanhar os apóstolos até bem longe dos portões de Antioquia, advertindo-os a que saíssem da província e jamais voltassem. Os líderes dos judeus acompanharam os guardas, contentes por se verem livres daqueles mestres cristãos. Seguindo a recomendação do Senhor, os viajantes tiraram os sapatos e sacudiram destes o pó de Antioquia da Pisídia, como sinal de desprezo pela cidade que os expulsara.

Não obstante, antes de partirem, haviam reunido os líderes da nova igreja e insistido a que permanecessem fiéis, mesmo se perseguidos. Quando as torres de Antioquia desapareceram na distância, um sentimento de alegria inundou o coração dos deportados. A viagem para Antioquia da Pisídia não fora em vão. Deus abençoara sua obra ali, e centenas de crentes estavam testemunhando de Cristo na cidade, nas aldeias e povoados de toda a região. O Espírito de Deus certamente os guiara, pois a semente havia sido plantada.

A estrada para o leste era sinuosa e íngreme, mas bem pavimentada; era a principal rota comercial, ligando a Síria às cidades do mar Egeu.

DIAS PRODUTIVOS EM ICÔNIO

Icônio era a capital da Licaônia e distava de Antioquia mais de 96 quilômetros. Paulo e Barnabé decidiram ir para lá. Era uma velha cidade murada que prosperara com a fertilidade das planícies que a cercavam. A jornada era tensa, pois passava por um território bravio e cheio de bandoleiros.

Os muros de Icônio podiam ser vistos a quilômetros de distância, enquanto a caravana descia as montanhas. A região era rica, e a primavera mostrava-se em toda a sua plenitude nos vinhedos e jardins.

Os principais ídolos de Icônio eram Adônis e Cibele. Adônis era um belo jovem, amado pela mitológica Afrodite, e morto por um javali durante uma caçada. Cibele, filha de Arano, era representada sobre um trono ladeado por enormes leões. Segundo a lenda, ela fizera Adônis voltar à vida.

Planejando passar algum tempo em Icônio, Paulo e Barnabé procuraram um alojamento e voltaram a praticar o seu comércio. Milhares de judeus moravam em Icônio, por isso foi fácil encontrar abrigo na cidade. O propósito deles era fazer o mesmo que haviam feito em Antioquia. Quando chegou o sábado, foram à sinagoga e aguardaram uma oportunidade para falar. O sermão assemelhava-se ao de Antioquia, pois esse era o grande peso do coração de Paulo. Havia algo divinamente sedutor na maneira como falavam, e a sua mensagem era tão atraente que muitos judeus e gregos creram em Jesus.

INÍCIO DA IGREJA EM ICÔNIO

A princípio, os líderes da sinagoga não se opuseram a Paulo e a Barnabé. pois interessava-lhes aquele novo ponto de vista. Porém, ao verem quantos da sua congregação creram e quantos gentios estavam aceitando a Cristo, aborreceram-se com a pregação. Proibiram então os discípulos de freqüentar a sinagoga, mas não puderam impedir que falassem nas ruas. O Senhor abençoou tanto o trabalho em Icônio que grande número de pessoas veio a crer. Estava iniciada ali uma forte igreja.

Quanto maior a oposição, tanto mais ousadamente os discípulos falavam. A opinião do povo dividiu-se: alguns eram a favor do novo ensinamento; outros não queriam saber dele. Os inimigos - judeus e gentios - opuseram-se abertamente, e várias vezes os ameaçaram nas ruas. Mas a jovem igreja firmara-se na fé e Paulo sabia que, quando partissem, os irmãos não voltariam aos ídolos. Adônis perdera. Quem reinava agora nos corações era Cristo! Ao serem informados por alguns crentes de que os inimigos planejavam apedrejá-los até a morte, os missionários despediram-se dos cristãos e deixaram rapidamente a cidade. Seguiram pela estrada pavimentada até Listra e Derbe, cidades da grande planície, a cerca de 29 quilômetros ao sul.

O MILAGRE EM LISTRA

Mal haviam chegado a Listra e arranjado acomodações, surgiram oportunidades para pregar em cada esquina. Na praça do mercado e em qualquer lugar onde as pessoas se aglomerassem, Barnabé e Paulo falavam de Jesus, o Filho de Deus, e da vida cheia do Espírito. O contraste entre a nova vida e as orgias do templo pagão, a que o povo se acostumara, era de fato notável.

Um grande templo dedicado a Júpiter ocupava o centro de Listra. O poeta Ovídio conta que há muito tempo, Júpiter e Mercúrio desceram à terra disfarçados de viajantes. Procuraram alojamento e alimentação de porta em porta, mas foram repetidamente escorraçados. Chegaram finalmente a uma casa humilde, onde vivia um casal idoso. Filemom e sua mulher, Baucis, acolheram os dois e os alimentaram com seus parcos recursos. Quando a refeição terminou, os estranhos revelaram que eram deuses e concederam ao casal vida longa como guardiães de um templo sagrado.

Os moradores de Listra ouviram atentamente os apóstolos, enquanto estes pregavam a Cristo, e muitos deixaram a idolatria, tornando-se cristãos.

Numa tarde, quando Paulo discorria sobre o Deus Único e Verdadeiro, viu entre a multidão um homem paralítico de nascença. Alguma coisa no sermão comoveu o homem, e Paulo sentiu que o Espírito de Deus estava agindo poderosamente. De repente, Paulo virou-se para o aleijado e ordenou em alta voz: "Levanta-te direito sobre os teus pés!" (At 14.10).

Todos os olhos fitaram o infeliz. No mesmo instante, este se pôs em pé e começou a andar e a saltar. Ninguém podia acreditar! Seria um sonho?!

OS APÓSTOLOS SÃO RECEBIDOS COMO DEUSES

Uma exclamação de surpresa seguida de um grande grito fez-se ouvir na multidão. O povo presenciara um milagre. Embora fosse o grego a língua oficial, na intimidade do lar, todos falavam o licaônico. Vendo o paralítico andar, maravilharam-se de tal forma que abandonaram por um instante o grego e gritaram no dialeto nativo: "Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós" (At 14.11).

A notícia espalhou-se. Milhares de pessoas vieram ver os discípulos. A lenda de Júpiter e Mercúrio estava se repetindo diante de seus olhos, confirmando a sua religião. Enquanto os observava, o povo chamou Barnabé de Júpiter, por causa da sua altura e porte atlético. A Paulo chamaram de Mercúrio, por ser o portador da palavra.

Quando os sacerdotes do templo de Júpiter, no bosque junto à cidade, ouviram falar disso, trouxeram touros e grinaldas até o portão da casa onde os discípulos estavam hospedados. Homens e mulheres corriam agitados pelas ruas, contando a todos que os deuses tinham descido até eles. Uma grande multidão, guiada pelos sacerdotes, adentrou os portões para oferecer sacrifícios aos deuses recém-chegados. Os gongos soavam; os tambores batiam. Grinaldas de flores foram colocadas nos chifres dos touros. Aquele era um grande dia para Listra!

Quando ficou evidente a Paulo e Barnabé que o povo queria adorá-los, ambos perturbaram-se imensamente. Só de pensar, sentiam-se repugnados! De acordo com o costume oriental, eles rasgaram as vestes em sinal de grande angústia e correram gritando em meio a multidão.

Os gongos e címbalos silenciaram e a multidão se calou. Os "deuses" estavam falando!

Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos

as mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu e a terra, o mar e tudo o quanto há neles; o qual, nos tempos passados, deixou andar todos os povos em seus próprios caminhos; contudo, não se deixou a si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do céu, dan-do-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria o vosso coração" (At 14.15-17).

Não foi sem razão que chamaram Paulo de Mercúrio - o mensageiro dos deuses. A oratória que o povo ouvia de seus lábios era refinada e bela, muito superior a qualquer outra que já tivessem ouvido.

As multidões debandaram com resmungos duvidosos, e os sacerdotes voltaram com os touros aos estábulos do templo. O entusiasmo diminuíra, mas o povo comentou o episódio durante vários dias. Aos poucos, homens e mulheres foram conhecendo a Jesus Cristo, e convencendo-se da verdade do Evangelho. A igreja em Listra começava a crescer.

TIMÓTEO E SEU LAR

Um dos novos crentes era o jovem Timóteo. Sua mãe, Lóide, e sua avó, Eunice, viviam em Listra e abriram sua casa aos discípulos. Paulo e Barnabé passaram bastante tempo com a família e, enquanto o jovem Timóteo os ouvia contar repetidamente a história de Cristo, descobriu que também queria ser pregador do Evangelho. Seu coração foi aquecido pela forma como o Espírito de Deus usava os discípulos.

Porém, era inevitável que judeus de Antioquia e Icônio visitassem amigos em Listra, ou fossem ali vender suas mercadorias. A história de Paulo e Barnabé continuava viva em suas mentes; a presença de igrejas cristãs cheias de gentios em suas cidades ainda machucava os rabinos. Estes achavam-se furiosos porque ambos continuavam pregando o que, para eles, era uma religião falsa. Decidiram deliberadamente acabar com aquilo. Não foi difícil instigar os judeus de Listra contra os discípulos. E, com mentiras e informações manipuladas, fizeram brotar tamanho ódio no coração dos conterrâneos que logo decidiram agir por conta própria e matar os discípulos, especialmente o seu porta-voz.

O APEDREJAMENTO DE PAULO

Certo dia, estando Paulo falando a seus amigos cristãos, um grupo de judeus de Icônio e Antioquia aproximou-se deles, e opôs-se abertamente às verdades pregadas. Agitavam-se enraivecidos, enquanto Paulo respondia-lhes usando a mesma Escritura. Até que, aos berros, aqueles homens correram em meio aos ouvintes procurando dispersá-los. Punhos ergueram-se acompanhando o grito: "Apedrejem-no! Ele merece morrer. Qualquer homem que pregue contra a Lei de Moisés é um traidor. Apedrejem-no!"

As pedras zumbiam no ar, vindas de todas as direções. Paulo continuou firme onde estava, suplicando-lhes em nome do Senhor Jesus. A essa altura, já se achava ferido e sangrando, mas ainda podia ver a crescente ira do povo. Finalmente, um homem atirou uma pedra mais pesada, atingindo a testa do apóstolo. Sangrando e inconsciente, Paulo caiu. A multidão rodeou-lhe o corpo e pôs-se a chutá-lo. Agarrando-o pelas roupas, arrastaram-no para fora da cidade, e abandonaram-no em uma vala ao lado da estrada. "Esse é o fim de Paulo!", pensaram satisfeitos, e voltaram às suas casas.

O pequeno grupo de amigos ficara indefeso ante a multidão. Acompanharam a turba que arrastava o corpo de Paulo e temeram o pior. A voz de um grande apóstolo fora silenciada. Já tinham visto muita gente morrer assim, mas... quem sabe ainda estivesse vivo!

Fora da cidade, é possível que Barnabé, com seus braços fortes, tenha recolhido e levado o corpo de Paulo à sombra fresca de uma árvore. Alguém deve ter ido buscar água a fim de lavar o sangue e a sujeira. A ansiedade dos amigos foi aliviada quando viram o apóstolo abrir os olhos, recuperando a consciência. Alguém glorificou: "Louvado seja Deus, que poupou o seu servo, livrando-o dos nossos inimigos".

Os corações dos crentes foram reanimados. Ajudaram Paulo a levantar-se e o levaram até a casa de Timóteo. As fiéis Eunice e Lóide trataram-lhe os ferimentos e ajudaram-no a se recuperar.

Ao amanhecer, antes que os mercadores enchessem as ruas com suas mercadorias e

gritos, dois vultos saíram pelo portão sul da cidade. O mais baixo mancava e apoiava-se no braço de seu alto companheiro. Eles seguiram pela estrada pavimentada e depois por um caminho secundário, que passava por uma região montanhosa. Esse era o caminho para as Portas da Cilícia, que Paulo chamava de lar. A cidade aonde estavam indo, porém, era Derbe, distante cerca de quarenta quilômetros ao sul. Era um posto alfandegário, onde Roma recolhia os impostos sobre todas as mercadorias embarcadas.

O INVERNO EM DERBE

Não havia sinagoga em Derbe, mas ali viviam muitos conterrâneos de Paulo. Como ele falasse com a autoridade de um rabino, os judeus escutavam-no de boa vontade. O inverno chegara e as estradas logo estariam cobertas de neve. Nas montanhas, as passagens ficariam bloqueadas durante meses, e ninguém viajaria até a volta da primavera, quando a neve se derretia.

Paulo e Barnabé permaneceram tranqüilamente em Derbe, durante todo o inverno. Paulo fez e vendeu tendas, enquanto ensinava a nova fé em sua casa ou nos lares que se lhe ofereciam. Embora nada espetacular acontecesse ali, uma forte igreja foi fundada, pois muitos não puderam resistir à lógica do ensino, convertendo-se dos ídolos a Cristo. Durante os longos meses de inverno, os dois discípulos estiveram completamente ocupados, chamando homens e mulheres a Jesus, e o Senhor concedeu-lhes grande sucesso.

A neve derreteu-se nos vales e a brisa da primavera encheu o ar. A igreja de Derbe já estava forte e capaz de continuar sem a ajuda de Paulo. Fazia mais de dois anos que a igreja da Síria enviara os dois missionários; sementes haviam sido plantadas e cresceriam para a vida eterna. O caminho fora difícil, mas o Senhor estivera com eles e honrara-lhes o trabalho.

A VOLTA PARA CASA

A viagem de regresso teria sido fácil, se viessem pelas montanhas e pelas portas da Cilícia até Tarso, passando depois por terreno muito familiar até chegar à Síria. Paulo, porém, tinha bem vivido na mente o furor de Listra, Icônio e Antioquia. Sem dúvida seria mais fácil voltar pelo caminho de Tarso; mas, e as igrejas recém-fundadas? Como estariam suportando o chicote da perseguição? Teriam crescido, ou algum membro enfraquecera, voltando a Adônis? Estava claro que ele deveria visitar todas as igrejas e confirmar os cristãos na fé. Eram seus amigos, e o apóstolo jamais cessara de orar por eles, mencionando-os pelo nome. E se essa visita resultasse *realmente* em perseguição? O Senhor não os protegera sempre? Paulo e Barnabé resolveram, então, voltar pelo mesmo caminho.

Em Listra, as cenas eram familiares; já sabiam onde encontrar os cristãos. Foram até à casa de Timóteo e ficaram contentes por saber que o povo de Deus continuava firme, apesar da perseguição. Paulo e Barnabé sentiam-se confiantes; os cristãos de Listra estavam suficientemente fortes para se organizarem. Portanto, em cada igreja, ordenaram presbíteros para supervisionar espiritualmente a família cristã. A seguir, orando por todos, ambos partiram para Icônio.

Depois de alguns meses, a igreja de Icônio fizera um verdadeiro progresso e achava-se também pronta para ser organizada. Os discípulos fizeram isso e continuaram o caminho de volta para casa.

Ao chegarem aos portões de Antioquia, de onde tinham sido expulsos alguns meses antes, lembraram como os gentios daquela cidade haviam acolhido o Evangelho. Foram recebidos com alegria pelos velhos amigos e informados de que os cristãos de Antioquia haviam permanecido firmes durante todos aqueles meses.

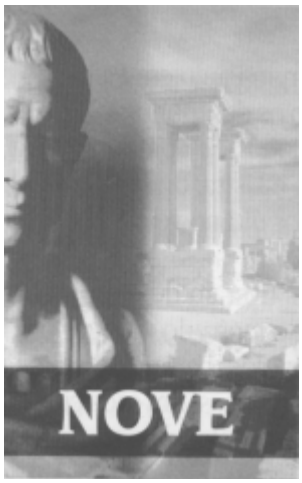
Paulo pregou-lhes novamente e, antes de partir com Barnabé, nomearam homens de confiança, provados durante a perseguição, para dirigir a igreja.

A primavera já estava bem avançada, e os discípulos queriam chegar ao porto de Perge antes que aumentasse o calor do verão. Lembravam-se dos dias e noites quentes quando chegaram a Perge, e como fora agradável o frio das montanhas em sua viagem a Antioquia. Na planície que beirava a costa, o verão chegara em toda a sua força. Como na visita anterior haviam passado pouco tempo pregando em Perge, decidiram-se demorar ali e testemunhar de Cristo. Dia após dia foram usados por Deus, e fundaram na cidade uma igreja.

Enquanto pregavam, esperavam por um navio que os levasse para casa. Havia barcos de muitos lugares, mas nenhum que fosse para Selêucia. Despediram-se dos crentes e continuaram a viagem pela planície até o mar, e depois ao longo da estrada costeira até Atália, um dos maiores portos marítimos de todo o império. Atália era grande e importante, e, como em qualquer outra cidade dessa região, havia nela muitos judeus. Mas Paulo e Barnabé estavam ansiosos por encontrar um navio que os levasse de volta, e seguiram imediatamente para o porto. Sua busca teve sucesso; havia ali uma porção de barcos grandes e pequenos, oriundos de terras estrangeiras de todas as partes do mundo.

Eles pagaram a passagem e, quando se levantaram os ventos matutinos, as velas foram desfraldadas e o barco partiu, acompanhando a costa rochosa até Selêucia. Durante todo aquele primeiro dia, puderam ver as altas montanhas da Panfília elevarem-se sobre a vasta planície costeira. Haviam passado dois invernos naquelas montanhas. O trabalho fora difícil, mas enquanto os morros desapareciam na distância, os dois homens de Deus recordavam-se de como o Senhor havia honrado Sua Palavra. Em cada cidade, muitos que, há apenas um ano, viviam nas trevas, estavam agora servindo a Deus.

Todas as noites, enquanto navegavam e oravam sob as estrelas, Barnabé e Paulo lembravam-se de cada crente fiel, agradecendo ao Senhor e entregando-os ao seu cuidado. Até que a viagem chegou ao fim.



A GRANDE CONTROVÉRSIA

Paulo e Barnabé animaram-se ao avistar Selêucia. Ali estava o porto de Antioquia, protegido pelo quebra-mar. Para os apóstolos era como voltar à casa paterna; estar naquela igreja era o mesmo que estar em família. Era uma igreja forte; maior que a igreja-mãe em Jerusalém. Paulo gostava dos cristãos de Antioquia da Síria, e considerava-os uma igreja modelo. Afinal, haviam aberto o coração aos gentios, recebendo-os juntamente com os descendentes de Abraão no Reino de Deus.

Os missionários mal tinham posto os pés no portão da cidade, e a notícia de sua chegada já se espalhara. Naquela noite, uma grande multidão reuniu-se à volta deles. Dois anos antes, aqueles crentes haviam acompanhado Paulo e Barnabé até o navio que os levaria em sua primeira viagem missionária. Agora estavam de volta, e todos queriam ouvi-los. Foi uma noite emocionante. Jovens e velhos sentaram-se no chão, de pernas cruzadas, e ouviram-nos discorrer sobre a atuação do poder de Deus em cada cidade.

É provável que tenham contado toda a história; primeiro Barnabé e depois Paulo. Ninguém se cansou de ouvi-los, e muitos choraram de alegria ao saber dos caminhos de Deus para os gentios. Os missionários falaram da viagem até Chipre; de Sérgio Paulo em Pafos; do calor de Perge e da deserção de Marcos, que muito os desapontara. Descreveram seu primeiro inverno passado na outra Antioquia, e como muitos ali haviam se tornado cristãos. As fugas para Icônio e Listra, onde Paulo tinha sido apedrejado, foram contadas rapidamente. Por último veio a história do segundo inverno, passado em Derbe.

Em todas as cidades, tiveram de enfrentar a oposição dos judeus nas sinagogas; mas na praça do mercado, os gentios tinham-nos ouvido de boa vontade e, deixando os ídolos, haviam se voltado para Deus. Centenas tinham aberto o coração para Jesus! Em cada cidade visitada pelos missionários, uma igreja havia sido estabelecida.

IMPORTÂNCIA DA PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Enquanto os cristãos de Antioquia ouviam as histórias missionárias, grande alegria inundava-lhes o coração. Deus estivera trabalhando. O plano de pregar o Evangelho até os confins da terra estava se cumprindo com tremendo sucesso. Em toda parte, apesar da oposição, lâmpadas estavam sendo acesas para brilhar e dissipar as trevas do mundo. A semente fora plantada e regada, não só em Jerusalém e Antioquia, mas também na Ásia Menor e em Chipre. Agora estava crescendo e produzindo frutos. Nada mais restava a fazer a não ser convocar uma reunião de oração e agradecer a Deus por sua graça. Os cristãos oravam e regozijavam-se por serem embaixadores a serviço de Deus, arrancando homens e mulheres de suas vidas vazias e trazendo-os para a vida abundante; da morte para a vida eterna.

Paulo ficou vários meses em Antioquia, trabalhando na fabricação e comércio de tendas, enquanto expunha as grandes verdades do Evangelho. Falava especialmente da justiça de Deus, que não pode ser obtida pela guarda da Lei, mas recebida como um dom da sua

maravilhosa graça. Homens e mulheres passaram a ver que todas as suas esperanças e necessidades eram satisfeitas em Jesus Cristo, o Salvador.

CRESCENTES DISSENSÓES NA IGREJA

Até essa época, a oposição encontrada por Paulo na pregação do Evangelho viera de uma única fonte: o judeu incrédulo que, de tão enfurecido com o ensino cristão, tornara-se cego. O desgosto dos judeus era aumentado pelo fato de Paulo ter sido antes fariseu, rabino, amigo da sinagoga e inimigo dos nazarenos. Todo judeu leal acreditava que Paulo fosse um traidor da Lei de Moisés, e por causa disso, perdera o direito de ser respeitado. Paulo sabia como se sentiam e simpatizava com eles. Não tivera os mesmos sentimentos antes de sua conversão? Ele estava preparado para enfrentar a oposição e considerava um privilégio argumentar com os que negavam sua mensagem.

O problema, porém, surgiu dentro da própria igreja: alguns judeus cristãos, de mente estreita, não haviam aberto o coração aos gentios. Queriam que a Igreja fosse uma seita judaica, do mesmo modo que o farisaísmo o era em Israel. Não concordavam em receber os gentios, a não ser que se submetessem primeiro às cerimônias da sinagoga. Achavam que os crentes gentios deviam tornar-se prosélitos, e manter as leis judaicas referentes aos alimentos, festas, abluções e ofertórios.

Pedro era amigo de Paulo. Desde que o Senhor lhe ensinara que os gentios também faziam parte do seu plano e o guiara até o gentio Cornélio, tornara-se ele favorável ao posicionamento de Paulo. Ao ouvir sobre a sólida congregação de Antioquia, decidiu fazer-lhes uma visita.

A VISITA DE PEDRO

Paulo recebeu Pedro com grande entusiasmo. Repetiu-lhe a história da primeira viagem missionária à Ásia Menor, e contou-lhe como Deus o abençoara, juntamente com Barnabé, na pregação aos gentios. O coração do velho pescador aqueceu-se com cada palavra. Comoveu-se com a fraternidade que observou em Antioquia. Judeus e gentios reuniam-se ao redor da mesma mesa, compartilhando as refeições como membros de uma única família. Isso seria algo inconcebível em Jerusalém; proibido pela Lei Mosaica. E, infelizmente, os crentes em Cristo ainda levavam em conta tal proibição.

Encontrar e ouvir Pedro, o velho pescador que conhecera Jesus pessoalmente e que podia descrever as histórias ocorridas em seu ministério terreno, foi uma experiência memorável para os cristãos de Antioquia.

Pedro estava vendo e experimentando uma liberdade em Cristo que nunca antes conhecera. Em Antioquia, um negro e um branco sentavam-se juntos. Um escravo e seu senhor eram um em Cristo. Não havia diferença entre judeu e gentio, desde que ambos tivessem sido batizados pelo Espírito de Deus na igreja. Estavam unidos por um laço mais forte que qualquer outra coisa neste mundo.

A PROPAGAÇÃO DA DISCÓRDIA

Pedro alegrou-se com tudo o que viu, até o dia em que mensageiros autonomeados chegaram a Jerusalém para espalhar a discórdia. Eles sabiam tudo sobre Barnabé e Paulo, e a história do seu trabalho no Ocidente os desagradara. Resolveram então ir a Antioquia, e interromper quaisquer o era em mais gentios à Igreja. Por serem da igreja de Jerusalém, julgavam-se revestidos de autoridade. Com ousadia, advertiram os gentios de que não seriam cristãos, a não ser que se submetessem primeiro aos mandamentos dados por Moisés aos israelitas.

Pedro ouviu falar deles, e reconheceu tratarem-se dos fariseus que criam em Jesus, mas não conseguiam desistir do Judaísmo. Eles representavam muitos de seus conterrâneos, e o seu zelo em purificar a Igreja de todos os gentios era suficientemente grande para levá-los a fazer uma viagem tão longa. Pedro não concordava, mas temendo que viessem a perturbar seu ministério em Jerusalém, decidiu que enquanto estivessem presentes, se afastaria dos gentios. Isso lhe pareceu necessário porque alguns daqueles homens tinham grande influência na igreja e eram nitidamente sinceros.

PAULO ENFRENTA OS PERTURBADORES DA ORDEM

Nem Pedro nem os visitantes da Judéia tinham qualquer idéia da grande força e convicção de Paulo. Em dias passados, Paulo tinha sido um deles e sabia exatamente quais eram os pensamentos de um fariseu. Portanto, não teve piedade; lutou com todas as forças contra aqueles homens que estavam tentando destruir a liberdade desfrutada pelos cristãos mediante a graça de Deus. Eles afirmavam não haver salvação sem observância da Lei. Eram um inimigo formidável, pois até Barnabé ficou impressionado e, por um momento, começou a duvidar se agira corretamente ao admitir os gentios (Gl 2.12,13).

Certo dia, numa assembléia da igreja, os visitantes falaram tão convicta-mente, que uma sombra de incerteza pairou sobre a congregação.

Paulo subiu à plataforma. Já vira e ouvira o suficiente! Era hora de colocar aqueles perturbadores no seu devido lugar! Eles haviam confundido muitos dos gentios cristãos com a sua estreiteza de espírito. Ou não compreendiam a graça de Deus, ou eram inimigos da Igreja, como os lobos que se insinuam para espalhar o rebanho. Disse então a Pedro e aos outros judeus:

Nós somos judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios. Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.

Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo, nós mesmos também somos achados pecadores, é porventura, Cristo ministro do pecado? De maneira nenhuma. Porque se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor. Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2.15-21).

Enquanto Paulo continuava argumentando, Barnabé compreendeu que errara ao dar ouvidos aos visitantes da Judéia, e pensou na forma como Deus movera o coração dos gentios em toda a Ásia. Estava convencido de que Paulo tinha razão, e agradeceu ao Senhor pela coragem que o levara a opor-se aos falsos mestres.

A resposta era clara. A igreja tinha de chegar a uma decisão definitiva sobre a questão dos gentios. A controvérsia não poderia ser resolvida em Antioquia, mas apenas em Jerusalém, onde muitos queriam que a Igreja continuasse como mera seita judaica.

O APELO A JERUSALÉM

Embora o argumento de Paulo tivesse vencido temporariamente, e todos tivessem ficado felizes na igreja de Antioquia, eles compreendiam que, para o futuro da Igreja, alguma norma definitiva tinha de ser estabelecida. O conselho concordou então que Paulo e Barnabé fossem enviados a Jerusalém, onde deliberariam com os apóstolos e resolveriam essa importante questão.

Era inverno, e os barcos costeiros permaneceriam ancorados até a primavera. Portanto, teriam de viajar cerca de 11.200 quilômetros por terra. Isso significava seis longas semanas, ou mais, e embora a viagem não fosse novidade para Paulo, ele achou mais seguro viajar em caravana.

Providos de alimentos, roupas quentes e dinheiro dado pela igreja, Paulo e Barnabé partiram pela estrada do litoral. O céu estava carregado e cinzento, mas os cristãos de Antioquia acompanharam-nos até certo ponto do caminho. Após a despedida, os crentes voltaram às suas casas a fim de orar pela segurança dos amigos e para que tivessem êxito em sua missão.

Dia após dia, os três cavalgaram pela estrada pavimentada. Os rios tinham se tornado caudalosos com as chuvas, mas havia pontes de pedra para atravessá-los. Ao cair da noite, apressavam-se para chegar a algum vilarejo onde encontrar abrigo. No pátio da estalagem, armavam a tenda e acomodavam-se para passar a noite.

Os apóstolos pararam em muitas aldeias por toda a província da Fenícia, e quando

chegaram a Tiro e Sidom, ficaram por alguns dias, encontrando vários grupos de crentes e confirmando-os na fé. Paulo recapitulou, para ouvidos atentos, a história da sua viagem à Panfília, Pisídia e Licaônia. Os cristãos agradeceram a Deus, e animaram a Paulo com suas orações. Rogaram que o Senhor protegesse o grupo que se dirigia a Jerusalém com o propósito de resolver a questão dos gentios.

Em Samaria havia muitos cristãos e, em cada igreja, os discípulos contaram a história do seu trabalho em Antioquia e na Ásia Menor. Os cristãos de Samaria ficaram contentes com o relato. Eles nunca tinham ficado presos às regras dos rabinos de Jerusalém, e quando Paulo contou sobre os gentios que aceitaram a Cristo, alegraram-se muito. Fortaleceram os apóstolos em sua jornada, com a esperança de que Deus honraria o seu testemunho em Jerusalém.

Quando foram avistadas as montanhas da Judéia, os três servos do Senhor estavam realmente completando outra viagem missionária, pois haviam fortalecido e confirmado as igrejas ao longo de todo o trajeto até a Cidade Santa. Fazia seis anos que Paulo visitara Jerusalém, levando as ofertas dos santos de Antioquia. Mas dessa vez, encontrava-se ali para defender a si mesmo e aos cristãos gentios dos ataques dos falsos mestres, que procuravam destruir-lhe a liberdade.

Na casa da mãe de Marcos, encontraram vários líderes da igreja. Esses homens os receberam cordialmente, e ouviram de boa vontade a narrativa de como Deus operara por meio de Barnabé e Paulo na grande viagem. Paulo ficou sabendo que os falsos mestres, que tanto perturbaram os crentes de Antioquia, não haviam sido enviados oficialmente pela igreja de Jerusalém, nem eram líderes desta.

Diante de uma grande platéia, Barnabé e Paulo discorreram sobre as suas viagens e sobre o poder de Deus para salvar pessoas que antes adoravam ídolos. Mesmo assim, houve quem se levantasse e declarasse que todos esses estrangeiros não eram cristãos de verdade porque não obedeciam à Lei de Moisés. Estavam até comendo carne que não fora preparada de acordo com a lei! Enquanto esses homens estreitavam as portas do reino, Paulo argumentava que a retidão jamais seria conferida a qualquer homem por obedecer à Lei de Moisés, mas sim pela fé no Senhor Jesus, que tinha os braços abertos a todos.

A Solução da Grande Controvérsia

A solução não foi encontrada de imediato. Após muita disputa e acirradas discussões, os apóstolos e presbíteros convocaram uma reunião para considerarem as várias opiniões e chegarem a uma decisão. Participaram da reunião representantes dos dois partidos. Suas opiniões eram tão inflexíveis que a amargura insinuou-se no debate. Só com grande dificuldade Tiago, o irmão do Senhor, e líder reconhecido da igreja-mãe, conseguiu manter a ordem.

A seguir, Pedro, o discípulo que falara com Jesus exatamente sobre o assunto, e que conhecera a vontade de Deus através de uma visão repetida três vezes, levantou-se e exigiu atenção de todos:

Varões irmãos, bem sabeis que já há muito Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do Evangelho e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós. E não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar? Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus, como eles também (At 157-11).

Pedro sentou-se e a multidão ficou em silêncio. Todos os olhos voltaram-se a Barnabé e Paulo, esperando que dessem a última palavra. Mas Paulo já dera sua opinião e só lhe restava confirmá-la, descrevendo os sinais e prodígios operados por Deus quando ele e Barnabé pregaram o Evangelho em terras distantes.

Depois disso, ninguém mais falou. Até os que se opunham ferozmente a Paulo não puderam mais defender sua posição. Alguns ainda não se achavam inteiramente convencidos, mas não puderam argumentar contra o poder de Deus.

Após alguns minutos de silêncio, Tiago, respeitado por todos como irmão do Senhor,

resumiu os pensamentos colhidos na reunião:

"Varões irmãos, ouvi-me", disse ele solenemente e com grande dignidade. Os ouvintes inclinaram-se para ouvir cada sílaba, pois ele era o seu chefe e diria, sem dúvida, palavras de sabedoria.

Varões irmãos, ouvi-me: Simão relatou como, primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. E com isso concordam as palavras dos profetas, como está escrito: Pelo que julgo que nào se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas (At 15.13-15,19-21).

A PRIMEIRA CARTA CIRCULAR AS IGREJAS

Para tornar oficial a decisão, Tiago e os outros discípulos escreveram uma carta para ser lida e explicada na igreja de Antioquia. Judas e Silas foram escolhidos para a levar o documento até lá. Era tão importante a decisão do primeiro concilio, que eles enviaram seus principais membros como portadores das notícias; homens revestidos da maior dignidade aos olhos da igreja.

Essas foram palavras sábias, com as quais todos os apóstolos e presbíteros concordaram. Paulo vencera a grande controvérsia: estrangeiros de todo o mundo, de qualquer procedência, poderiam ser cristãos sem prestar obediência à lei judaica. Resgatada da estreiteza do Judaísmo, a Igreja estender-se-ia ao mundo todo. Os cristãos estavam livres da sinagoga!

Essa foi a primeira das cartas circulares às igrejas. O próprio Paulo, em anos posteriores, usaria esse método de escrever às igrejas, assim como Pedro e João.

Paulo e Barnabé viajaram para casa com o coração leve. Seu entusiasmo não conhecia limites! Agora, podiam fazer um relatório alegre a todas as congregações. A Igreja dera finalmente um grande passo e removera suas cadeias para sempre. Que imensurável satisfação para os crentes gentios!

Retornando a Antioquia, Paulo e Barnabé convocaram os cristãos a fim de comunicar-lhes o resultado da reunião em Jerusalém. O silêncio reinou quando Judas e Silas foram apresentados. Seus nomes eram bastante conhecidos na igreja de Jerusalém, e os crentes de Antioquia tiveram grande satisfação em recebê-los.

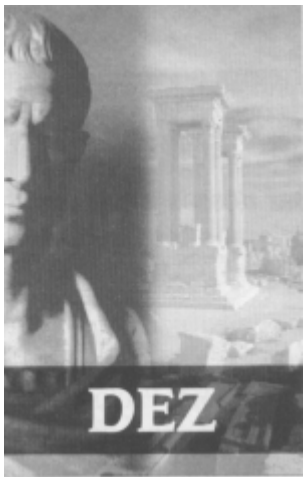
Os dois contaram sobre as reuniões em Jerusalém e do debate acalorado com respeito aos gentios. A seguir mostraram a carta assinada por Tiago, onde estava escrito.

Os apóstolos, e os anciãos, e os irmãos, aos irmãos dentre os gentios que estão em Antioquia, Síria e Cilícia, saúde.

Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos perturbaram com palavras e transtornaram a vossa alma (não lhes tendo nós dado mandamento), pareceu-nos bem, reunidos concordemente, eleger alguns varões e enviá-los com os nossos amados Barnabé e Paulo, homens que expuseram a vida pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais de boca vos anunciarão também o mesmo. Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo, senão essas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue e da carne sufocada, e da fornicação; dessas coisas fareis bem se vos guardardes. Bem vos vá. (At 15.23-29).

A congregação louvou a Deus pela notícia e decidiu, mais fervorosamente que nunca, propagara mensagem da salvação por Jesus Cristo a todo o mundo gentio - até à própria Roma!

Embora para os discípulos a grande disputa houvesse terminado, muitos em Jerusalém não estavam plenamente convencidos. Com o passar dos anos, em diversas igrejas por todo o império, Paulo os encontraria pregando seus padrões farisaicos. Alguns argumentavam que a liberdade da Igreja corria risco e que a obra de Cristo estava dividida. Mas agora, finalmente, os apóstolos tinham liberdade para pregar aos gentios e recebê-los com todos os direitos na Igreja.



A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

Paulo permaneceu em Antioquia durante todo o inverno. As estradas das montanhas estavam cobertas de neve e os barcos ancorados no cais, onde permaneceriam até que as brisas da primavera enchessem o ar. A oficina onde Paulo fabricava suas tendas era um ponto de comércio e local de encontro para os cristãos, que gostavam de levar os amigos não convertidos para ouvirem-no falar de Jesus. Barnabé era o amigo e companheiro constante de Paulo. Com eles, a igreja tinha uma liderança leal e criara novas forças.

Além de Paulo e Barnabé, outros homens vindos de Jerusalém ocupavam posições de liderança em Antioquia, e pregavam na cidade e aldeias vizinhas. Um deles, chegado recentemente, era Silas. Depois de cumprir sua missão na igreja de Antioquia, Silas decidira deixar sua antiga casa e encontrar trabalho na Síria, onde poderia desfrutar da amizade dos novos irmãos.

A SEPARAÇÃO DE PAULO E BARNABÉ

Quando o clima se tornou favorável às viagens, Paulo sentiu que deveria visitar outra vez as igrejas do Ocidente. Eram igrejas novas; precisavam ser orientadas. Paulo carregava no coração um peso constante por esses cristãos novos, e à medida que o plano foi-se-lhe formando na mente, procurou o amigo Barnabé, na esperança de viajarem juntos outra vez.

Tornemos a visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estáo (At 15-36).

Barnabé concordou, e imediatamente tiveram início os preparativos para a partida. Todavia, Barnabé achou que deveriam levar João Marcos, seu primo, para ajudar no trabalho. Mas Paulo recusou terminantemente. Marcos tivera a sua oportunidade e os abandonara nas montanhas da Panfília, justamente quando mais precisavam dele. Desde que Marcos optara pela segurança da cidade, Paulo não estava disposto a repetir a experiência. Certamente, a mão de Deus não estivera na primeira associação de Marcos com os dois apóstolos. Por que haveriam de supor que as coisas fossem diferentes agora?

Barnabé, porém, estava decidido a ponto de pôr em risco o sucesso do empreendimento. Sua determinação colidiu com a recusa direta de Paulo e houve discussão entre ambos. Era a primeira vez que isso acontecia. As palavras trocadas foram tão ásperas que os planos para viajarem juntos tiveram de ser cancelados. Um motivo tão insignificante serviu para separar os

amigos que juntos haviam enfrentado tantos perigos. Mas cada um julgava estar com a razão, e nenhum quis ceder.

Deus finalmente transformou o mal em bem: em vez de um, dois grupos foram formados. Barnabé navegou para Chipre, levando consigo seu jovem primo Marcos, enquanto Paulo convidou Silas a acompanhá-lo às igrejas da Ásia Menor.

A briga foi violenta e áspera, mas de pouca duração. Com o passar dos anos, Marcos justificaria plenamente a confiança do primo, e Paulo alegrar-se-ia em recebê-lo e servir-se dele como um honrado ministro. Prevaleceria o amor de Deus, e o sentimento provocado pela disputa dissipar-se-ia ante a necessidade de espalhar o Evangelho.

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

Barnabé e Marcos embarcaram num navio, enquanto Paulo e Silas foram por terra ao longo da estrada dos mercadores, atravessando as altas serranias de Listra. O zelo demonstrado por Silas em Antioquia impressionara Paulo, e dera-lhe a certeza de que Deus honraria o seu testemunho onde quer que fosse. Silas, como Paulo, era cidadão romano. Juntos, pensou Paulo, poderiam realizar grandes coisas para Deus, enquanto visitavam as cidades gentias.



SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO (ATOS 15.36-18.22)

Com as mochilas às costas, e os jumentos carregados de provisões, despediram-se dos irmãos e partiram para o monte Tauro. Por essa estrada, Paulo viajara quando criança para ir a Jerusalém com o pai. Era uma estrada larga, e ele tinha a sensação de conhecer cada palmo dela. Mas, por segurança, foram em grupos, juntando-se aos mercadores e peregrinos.

Provavelmente, Paulo conhecia bem a Síria e a Cilícia. Bem pode ser que tenha pregado em muitas aldeias e cidades dessa região, enquanto aguardava o chamado de Deus em Tarso. Havia diversas pequenas igrejas em lugarejos perto da estrada, e Paulo pretendia visitá-las, confirmando-as na fé e encorajando-as a manter firme lealdade a Cristo.

As igrejas precisavam realmente dessa visita. Não tinham o Novo Testamento para orientá-las na vida cristã e, às vezes, as ondas da perseguição eram enormes. Receber a visita do apóstolo Paulo, conhecer Silas que viera da igreja-mãe, e ouvir sobre os cristãos de outras cidades, era sem dúvida de grande ajuda.

NA CILÍCIA

Paulo e Silas viajaram por estradas acidentadas e trilhas pedregosas. Foram de cidade em cidade, algumas vezes seguindo o curso do rio, outras, subindo as trilhas das montanhas. Mas seguiam conscientes da presença de Deus e de que seu povo carecia de encorajamento. Onde chegavam, encontravam amigos que lhes ofereciam hospitalidade e convidavam outros crentes para conhecerem os apóstolos. Atravessaram assim a passagem elevada da montanha, que levava à Cilícia. As estradas eram íngremes nos Montes Amanos, e havia poucas cidades na parte ocidental da província. Essa era a terra natal de Paulo, e ele estivera muitas vezes em cada

vilarejo, vendendo suas tendas. Mais tarde, pregara o Evangelho nessa região. Agora, portas amigas abriam-se para eles em todos os lugares. Os cristãos reuniam-se com os apóstolos e ouviam Silas ler a carta de Jerusalém. Também compraziam-se com a pregação de Paulo.

No Lar em Tarso

Finalmente, deixaram o desfiladeiro e os rochedos escarpados, descendo à vasta planície no vale do Cnido. Tarso continuava sendo o lar de Paulo, embora seus pais já houvessem falecido. Havia uma igreja em Tarso, e muitos amigos que Paulo conhecera na sinagoga faziam agora parte dela. Eles alegraram-se com a sua volta e o acolheram juntamente com Silas. Era um privilégio conhecer aqueles homens a quem Deus escolhera para levar o Evangelho ao mundo. A igreja havia prosperado e contava com muitos gentios entre seus membros. Não havia diferenças na comunhão; amavam-se como membros de uma mesma família.

A carta de Tiago foi lida aos cristãos de Tarso. Paulo advertiu-os a que se mantivessem firmes na liberdade cristã, sem se contaminarem com a idolatria.

Na Licaônia

Paulo e Silas pretendiam visitar as igrejas recém-estabelecidas. Portanto, despedindo-se dos cristãos de Tarso, juntaram-se ao fluxo constante de mercadores na importante estrada que seguia para a província da Licaônia, atravessando os Portões da Cilícia, no lado norte do Monte Tauro. Apenas um ano se passara desde que Paulo e Barnabé haviam deixado Derbe. Quando a cidade surgiu à sua frente, animaram-se com a expectativa de uma recepção amigável.

Lembranças dos santos de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia inundaram a mente de Paulo. Lembrou-se da disposição com que receberam o Evangelho e de seu zelo face à perseguição. O coração do apóstolo aqueceu-se com a idéia de revê-los. Estariam todos lá, ou alguns teriam voltado aos ídolos?

Os dois homens alegraram-se ao ver a fidelidade desses irmãos em Cristo. Como ficaram felizes por rever Paulo! Mas este não pôde demorar muito em qualquer desses lugares. Sua missão não era fundar igrejas. Isso já fora feito e ele notou que, desde sua primeira visita, a Igreja crescera em cada cidade. Isto foi um grande incentivo a Paulo. Depois de falarem sobre a decisão do concilio de Jerusalém e lerem a carta de Tiago, Paulo e Silas partiram apressados, desejosos de chegar a novos lugares.

Não enfrentaram perseguição nessa viagem, porque não fazia parte de seus planos pregar nas praças do mercado. Isto estava sendo feito por outros, e o Senhor vinha acrescentando diariamente à igreja os que aceitavam a Cristo.

Em Listra, Paulo visitou a casa de Timóteo, recordando a bondade de Lóide e Eunice, especialmente quando fora apedrejado e jogado quase morto numa vala fora da cidade. O testemunho de Timóteo agradou tanto a Paulo e Silas, que ambos pensaram em convidar o jovem a acompanhá-los na jornada. Ele substituiria João Marcos, que desertara na primeira viagem.

Listra e Timóteo

No ano em que Paulo e Barnabé ali estiveram, Timóteo trabalhara tão fielmente na igreja que os membros mais velhos tinham muitos elogios a fazer-lhe. Timóteo era filho de pai grego e mãe judia. Seu pai, como muitos gregos cultos da época, talvez não tivesse encontrado qualquer satisfação em seus deuses pagãos. Ele aparentemente concordara, de boa vontade, que sua esposa ensinasse ao menino a religião judaica. Timóteo ouvira desde a infância as histórias do Antigo Testamento, e podia descrever os tratos de Deus com seu povo e sua promessa do Messias. No correr do tempo, a mãe de Timóteo, Eunice, ouvira o Evangelho. Assim como o jovem Timóteo, ela e sua mãe idosa, Lóide, creram em Jesus como o Cristo e foram recebidas na igreja.

Agora, de boa vontade, Eunice entregava a Deus o rapazinho, deixando que acompanhasse os missionários numa viagem a terras distantes - talvez ao estrangeiro - levando as Boas Novas. Paulo amava o rapaz, chegando até a chamá-lo de filho. Orgulhosa por um de seus jovens estar sendo convocado por Deus, a igreja de Listra fez uma reunião especial. Os

presbíteros, com Paulo e Silas, impuseram as mãos sobre Timóteo, em oração solene, separando-o para o ministério.

A Mensagem de Icônio

A cidade de Icônio ficava a apenas quarenta quilômetros de distância, e os cristãos de lá souberam da chegada de Paulo. Quando o pequeno grupo de viajantes se aproximou, a notícia correu, e muitos crentes foram cumprimentar Paulo. Eles lembravam-se de sua primeira visita e dos muitos milagres que operara naquela ocasião. Aqueles cristãos amavam o apóstolo Paulo; deviam a salvação ao seu esforço incansável na pregação do Evangelho. Silas leu a carta de Tiago aos cristãos judeus e gentios, que se rejubilaram ao saber que eram um só em Cristo e membros do mesmo corpo. Não era sempre que podiam ouvir homens como aqueles, por isso ficaram até tarde fazendo perguntas e tirando as dúvidas que tinham em seu primeiro ano de vida como igreja. Paulo teve prazer em ajudá-los e fortalecê-los com palavras de exortação, animando-os a manterem-se firmes na fé em Cristo Jesus e a pregar acerca dEle, aonde quer que fossem.

Em Antioquia da Pisídia

A mesma advertência foi repetida em Antioquia, e o coração dos cristãos animou-se com a visita e as notícias das outras igrejas. Em toda parte houve júbilo com o conteúdo da carta de Tiago. Era como se um grande fardo tivesse sido removido dos ombros dos cristãos gentios. Antes, sentiam-se infelizes pela incerteza da sua posição. A própria igreja sentia-se inquieta ao pensar que alguns discípulos de Jerusalém não admitiriam gentios em sua comunhão. Mas agora, tudo fora resolvido e a igreja desfrutou de grande paz.

Sensibilidade à Liderança Divina

Paulo, Silas e o novo companheiro, Timóteo, gostaram das visitas, mas queriam seguir para um território onde o Evangelho ainda não tivesse penetrado. Sentindo que já haviam ficado o suficiente em Antioquia da Pisídia, despediram-se dos amigos. Juntando-se a um grupo de viajantes, seguiram na direção nordeste, para a província da Galácia. Sua idéia era ir até as colônias judaicas do mar Negro. A estrada era boa, não muito íngreme nem perigosa. Saía dos montes Sultão e estendia-se por planícies cobertas de matas, passando por vales aprazíveis e chegando ao mar distante. Viajar sozinhos, porém, não era recomendável, pois os lobos, leopardos e leões eram comuns no planalto, para além das montanhas. As feras não molestavam os grupos grandes; os que viajavam sozinhos, porém, jamais chegavam ao seu destino.

Depois de percorrerem cerca de 160 quilômetros, chegaram às exuberantes florestas da Bitínia, onde as encostas desciam suavemente até o mar Negro. Estavam aproximando-se do seu objetivo, e a viagem parecia convidativa. Mas, de repente, Paulo compreendeu que Deus não queria que fossem à Bitínia. Quer tivesse sonhado ou tido uma visão, ficou cada vez mais claro que deveriam voltar. Paulo vivia bem perto do Senhor, e era sensível à sua orientação; jamais começava qualquer viagem sem primeiro colocar seus planos diante de Deus. De alguma forma, tornou-se evidente que deveria desistir daquela viagem e seguir noutra direção.

Paulo Adoece na Galácia

Consultando-se entre si, decidiram ir para a Ásia, pregando ao longo do caminho. Mas o Espírito de Deus falou-lhes claramente que não deveriam se demorar pregando na Ásia. Ficaram perplexos, imaginando aonde Deus finalmente os levaria. Voltando pela estrada em direção ao ocidente, Paulo adoeceu e o grupo teve de parar em uma das cidades da Galácia. Prosseguir era impossível; Paulo estava fraco e precisava descansar. Os irmãos daquela igreja cuidaram bondosamente dele e fizeram o possível para que se restabelecesse. Trataram-no como a "um anjo de Deus".

Bem mais tarde, Paulo escrever-lhes-ia, recapitulando toda a história:

E vós sabeis que primeiro vos anunciei o Evangelho estando em fraqueza na carne. E não rejeitastes, nem desprezastes isso que era uma tentação na minha carne; antes, me

recebestes como a um anjo de Deus, como Jesus Cristo mesmo. Qual é, logo, a vossa bem-aventurança? Porque vos dou testemunho de que, se possível fora, arrancaríeis os olhos, e mos daria (Gl 4.13-15).

Podemos supor que Paulo sempre tenha tido problemas com os olhos, e sua enfermidade talvez tivesse sido uma recidiva que provocou uma inflamação. Considerando isto um obstáculo ao seu ministério, orou ao Senhor, em três ocasiões, rogando que lhe removesse a doença. Embora Deus ouvisse e atendesse às orações de Paulo, sua resposta foi um não. Em vez de curá-lo, Deus concedeu-lhe forças para vencer e provar que o sofrimento e a fraqueza podem ser suportados com dignidade.

EM TRÔADE

Com a ajuda de Deus, Paulo recuperou-se o suficiente para continuar viagem. Sem saber o que o Senhor lhes reservava, os três viajaram para o Oeste, e atravessaram a província de Mísia, onde não tiveram oportunidade de pregar. Certo dia, encontraram-se no porto de Trôade, à beira das águas azuis do mar Egeu. Trôade era um porto famoso. Era a Tróia* da conhecida poesia de Homero e palco de muitas batalhas. A história do cavalo de Tróia desperta hoje o mesmo interesse que despertava nos dias de Homero.

Paulo, porém, não tinha tempo para pensar no passado; ele refletia sobre o presente e o futuro. Do alto dos montes que circundavam a cidade, podia-se ver as ilhas gregas estendendo-se como degraus para que um gigante atravessasse o mar a seco. Os viajantes sabiam que além delas achava-se o grande continente europeu, que abrangia as extremidades das terras conhecidas, pelo homem. Ali encontrava-se o abismo da ignorância paga, e também o centro da cultura grega; para além, a grande cidade de Roma, a terra dos Césares.

Essa era uma civilização rica em estátuas, templos e palácios senhoriais. O povo adorava nos santuários da lascívia e do prazer, rendendo homenagens a Júpiter, Saturno e Juno, assim como a um exército de deuses menores.

Paulo e Silas permaneceram ali, perguntando-se aonde o Senhor desejaria levá-los. Ansiavam por envolver-se na pregação do Evangelho. Estavam perplexos por Deus não lhes ter aberto uma porta em quaisquer cidades ou metrópoles do norte da Ásia Menor. Agora encontravam-se em Trôade, uma cidade-fortaleza romana. Seria esse o lugar escolhido por Deus, ou teriam de continuar viajando?

Enquanto esperavam dia após dia, travaram conhecimento com um pequeno grupo de cristãos. Paulo não lhes ministrou, mas encontrou entre eles aquele que veio a ser seu melhor amigo: Lucas. O médico amado, escritor do Evangelho que lhe leva o nome e do livro de Atos, juntou-se aos três viajantes em Trôade. Ele já era cristão e, apesar de muito respeitado como médico, estava disposto a passar a vida curando almas.

*Há divergências quanto à nomenclatura utilizada. Trôade não deve ser confundida com a Tróia dos relatos de Homero, cujas ruínas situam-se a 16 quilômetros de distância, em uma escarpa montanhosa da planície costeira. A cidade de Trôade foi fundada no ano 300, próxima a Tróia, pelos sucessores de Alexandre, que a chamaram Alexandria Trôade, em homenagem ao imperador macedônio. (N.E.)

O CHAMADO PARA A MACEDÔNIA

Certa noite, Deus falou a Paulo num sonho. Paulo podia ver as ilhas da Grécia estendendo-se como uma ponte sobre o mar Egeu, até as ilhas distantes... Um homem da Macedônia, de pé, com os braços estendidos, suplicava-lhe que cruzasse o mar e fosse ajudá-lo e a seus conterrâneos. O chamado há tanto esperado chegara afinal. O suspense terminara. Pela manhã, Paulo contou o sonho a Silas, Timóteo e Lucas, e todos concordaram que o Senhor queria que fossem à Europa. Não havia tempo a perder. Naquela mesma manhã, com suas bagagens às costas, saíram à procura de um navio que fosse para o Ocidente. Quando a fresca da noite desceu sobre a cidade e o vento sul assoprou, o navio desfraldou as velas iniciando a jornada de 160 quilômetros, que levaria os apóstolos até Filipos, na Macedônia.

No dia seguinte, alcançaram a ilha de Samotrácia; à noite, desembarcaram em Neápolis.

Após uma noite de descanso, fizeram uma viagem curta, pegando a estrada pavimentada que seguia o rio para o interior, até a cidade de Filipos.

A Obra de Paulo em Filipos

"Passa à Macedônia e ajuda-nos!" tinha sido o grito do macedônio. É claro que a ajuda de que precisavam não se tratava de instrução. Pois eles tinham escolas muito melhores que as da Judéia. Tão pouco necessitavam ajuda para se tornarem fortes ou ricos. Filipos tinha riqueza, e aqueles quatro homens nada poderiam lhes acrescentar. O que nem os romanos nem os gregos possuíam era a felicidade verdadeira. Os prazeres eram abundantes, mas sem Cristo não havia como serem saciados. Filipos tinha sido capturada anos antes por Roma, e muitos cidadãos romanos vieram morar na cidade. Ela tornara-se parte do grande Império Romano que se estendia por toda a terra, desde a Bretanha até a Palestina. Era agora uma colônia livre de impostos, e tinha entre seus habitantes muitos romanos de alta categoria.

Não havia sinagoga na cidade, porque o número de judeus era pequeno. Os poucos que havia reuniam-se todos os sábados para orar num lugar afastado, fora da cidade, às margens de um rio. O pequeno grupo compunha-se em sua maioria de mulheres. Algumas delas eram prosélitas que, abandonando a idolatria, haviam encontrado na religião de Israel algo infinitamente melhor.

Lídia, a Vendedora de Púrpura

Os quatro homens destacavam-se entre as mulheres. E quando Paulo começou a pregar, o coração de uma determinada gentia comoveu-se grandemente. Tratava-se de Lídia, comerciante de Tiatira, do outro lado do mar. Lídia era uma viúva que se vira forçada a manter o próprio negócio, como vendedora de tecidos feitos de púrpura. Tiatira era conhecida pela sua tinta de púrpura, e Lídia enriquecera vendendo suas mercadorias às mulheres romanas da cidade.

O coração de Lídia sensibilizou-se com o sermão. Ela cria no Deus dos hebreus e, como eles, esperava o Messias. Paulo pregou. O Espírito de Deus abriu o coração dessa mulher especial, e ela recebeu Jesus. As margens do rio, tendo as outras mulheres por espectadoras, Lídia foi batizada. E toda a sua casa seguiu-lhe o exemplo!

Grande hospitaleira, Lídia insistiu que Paulo e seus companheiros ficassem em sua casa. A princípio eles rejeitaram o oferecimento para não constrangê-la. O plano de Paulo fora sempre sustentar-se com a fabricação de tendas, mas Lídia não aceitou qualquer desculpa e obrigou-os a acatar o convite.

No decorrer das semanas, os quatro homens não perderam qualquer oportunidade de dar testemunho de Cristo. Todos os sábados, reuniam-se no lugar de oração dos judeus, junto ao rio, e falavam aos presentes sobre as riquezas insondáveis do Evangelho. Só algumas mulheres tornaram-se cristãs. Evódia e Síntique creram, juntamente com dois homens - Epafrodito e Clemente - e alguns outros cujos nomes constam do Livro da Vida. Ainda que os resultados fossem pequenos, eram reais. Paulo animou-se a ficar e pregar não só perto do rio, mas também nos bazares e praças.

A Escrava

Tudo parecia ir bem, quando a oposição surgiu de fonte inesperada. Havia uma jovem escrava possuída por um espírito maligno, que fazia adivinhações. As pessoas procuravam-na para conhecer o futuro, e seus donos muito lucravam com o preço das consultas. Ela atraía homens inseguros que não se aventuravam a fazer negócios, ou resolver casos de amor, sem primeiro consultar um médium que afirmasse manter contato com o mundo espiritual.

Da mesma forma que o espírito maligno reconhecera Jesus como o Filho de Deus, o espírito nessa moça percebeu que os apóstolos eram enviados do Senhor. Seguindo-os diariamente pelas ruas e na praça do mercado, a escrava gritava aos passantes: "Esses homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo" (At 16.17). Seus donos ficaram aborrecidos, mas ela não se importou porque na verdade os odiava. A mensagem de Paulo cativara-a de tal forma, que ela esperava todos os dias na rua até que os apóstolos aparecessem.

Paulo, no entanto, não se agradou do testemunho dos demônios. Indignado com aquela importunação diária, voltou-se à escrava e ordenou, em nome do Senhor Jesus, que o espírito a deixasse. A moça ficou parada, atônita; estava finalmente livre, senhora de suas faculdades.

A PRISÃO DE PAULO E SILAS

Vendo seu meio de vida ser tirado por aqueles judeus, os donos da escrava ficaram furiosos. Enraivecidos, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram pelas ruas, gritando aos que passavam. Uma grande multidão os acompanhou, pensando tratar-se de algum ladrão. Paulo e Silas foram levados à praça do mercado, sob a acusação de haverem perturbado a paz. Foi fácil colocar o povo contra eles, uma vez que os judeus eram muito odiados. O imperador Cláudio não mandara banir todos os judeus de Roma?

Numa extremidade da praça, dois magistrados romanos estavam sentados numa plataforma elevada, sob um dossel que os abrigava do sol. A tarefa deles era ouvir e julgar as queixas do povo. Esse foi o primeiro tribunal de justiça. Arrastando os apóstolos pelas vestes e pelos cabelos, os perseguidores levaram-nos aos magistrados.

"Esses homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade." Acusaram-nos aos berros. "E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos" (At 16.20-21). A multidão gritava: "Fora com eles! Fora com os judeus!"

Os magistrados deixaram-se convencer. Não permitiram aos prisioneiros qualquer julgamento ou defesa. Se soubessem que Paulo era cidadão romano, sem dúvida o tratariam com respeito, mas nada lhe perguntaram. Os juizes deram ordens para que fossem publicamente açoitados. Depois de descobrirem as costas dos presos, os pretores avançaram e levantaram as varas. Enquanto os apóstolos encolhiam-se de dor sob os açoites, a plebe gritava: "Prendam os judeus!"

Machucados e sangrando, Paulo e Silas foram levados à prisão e entregues ao carcereiro, com instruções para guardá-los com toda a segurança. Os dois foram então levados para um cárcere interior, onde ficaram com os pés presos ao tronco. Ao deixá-los naquele lugar úmido e frio, o carcereiro ficou imaginando o porquê daqueles homens que não pareciam marginais serem julgados tão perigosos.

Na casa de Lídia, Timóteo e Lucas passaram uma noite angustiosa, e oraram em companhia da dona da casa e de outros cristãos. Mas não foram os únicos a orar: Paulo e Silas também não conseguiam dormir. Suas costas continuavam doendo por causa dos açoites e o tronco tornava o sono impossível. Entretanto, podiam orar, e foi o que fizeram. A paz caiu sobre eles, e começaram a cantar alguns dos salmos que conheciam desde a infância - salmos de louvor a Deus. "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?" (SI 27.1).

A CONVERSÃO DO CARCEREIRO

Aqueles sons no meio da noite eram sem dúvida estranhos. Os outros prisioneiros estavam acostumados com gemidos e maldições, mas jamais tinham ouvido algo assim. O que poderia ser? Estavam escutando os cânticos em silêncio quando, de repente, um som baixo e ameaçador fez-se ouvir. Aquilo que a princípio parecia um trovão à distância foi aumentando cada vez mais. O chão começou a tremer. Um terremoto! O chão balançava, subindo e descendo; as portas foram arrancadas dos batentes e as cadeias dos prisioneiros abriram-se, libertando-os.

O carcereiro acordou com o choque. Saltando da cama, seu primeiro pensamento foi para os prisioneiros sob seus cuidados. Teria algum escapado? Em caso afirmativo, como se explicaria com Roma? Ao primeiro olhar, viu que as portas estavam escancaradas. Lá estava a pesada porta de madeira, arrancada dos gonzos. Com uma tocha na mão, apressou-se pelo corredor.

As celas interiores estavam danificadas; suas portas, completamente abertas. O homem puxou rapidamente a espada. Era melhor acabar logo com tudo, escapando ao horror de um julgamento e da execução pública. Paulo viu quando ele pôs a espada na garganta para suicidar-se. Uma voz alta e clara, saída da escuridão, assustou o carcereiro: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos" (At 16.28).

Trêmulo, ele pegou a tocha e entrou na cela, onde caiu prostrado aos pés de Paulo e Silas. O homem sentia-se tremendamente perplexo. Não conseguia entender porque não haviam escapado. Paulo explicou-lhe que eram cidadãos romanos e não tinham necessidade de fugir; além disso, eram servos do Senhor Deus e levavam a mensagem de salvação aos gentios.

Encontrado o caminho que procurara durante toda a vida, o carcereiro exclamou: "Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?" (16.30).

Sem hesitar, Paulo respondeu: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (16.31).

No pátio da prisão, com a poeira do terremoto ainda pesando no ar e o ruído da confusão nas ruas escuras lá fora, Paulo pregou as boas-novas de grande alegria, e explicou o significado de crer. Imediatamente, o brutal carcereiro passou das trevas para a luz.

Solícito, levou os apóstolos para sua casa, onde se achavam sua esposa e filhos. Ali, lavou-lhes as costas doloridas. Depois de limpar o sangue, esfregou ungüento nas feridas abertas pelas varas dos pretores. Naquela noite Paulo contou-lhes tudo sobre Jesus e, antes do dia amanhecer, uma família inteira tornou-se cristã e foi batizada.

Quando raiou o dia, mensageiros dos magistrados bateram à porta da prisão. Traziam uma mensagem amedrontada dos seus senhores: "Soltai aqueles homens" (v. 35).

Na mente dos magistrados estava claro que a catástrofe fora um castigo de Deus por terem colocado dois de seus servos na prisão. Entretanto, quando o carcereiro levou a Paulo e Silas a notícia da sua liberdade, estes não a receberam de bom grado.

- Diga a seus senhores - declarou Paulo - que somos romanos e eles não podem encobrir sua injustiça, livrando-se de nós às ocultas.

Paulo conhecia os direitos da cidadania romana; podia apelar à própria Roma, se quisesse. Sabia que os magistrados estavam agora à sua mercê.

- Diga aos seus senhores que venham pessoalmente e nos ponham em liberdade.

Os orgulhosos magistrados, com medo de perderem o cargo, viram que não havia outra opção senão atender ao desejo dos prisioneiros. Sem perda de tempo, apresentaram suas humildes desculpas em pessoa, suplicando aos apóstolos que nada dissessem sobre o erro cometido, e deixassem a cidade o mais rápido possível. Eles levaram Paulo e Silas para a rua e, publicamente, os libertaram.

Os apóstolos não deixaram imediatamente a cidade. Procuraram a paz e tranqüilidade da casa de Lídia, até que suas feridas sarassem e pudessem viajar. Receberam os cuidados de Timóteo e do doutor Lucas, e foram visitados pelos poucos que haviam levado a Cristo.

A PRIMEIRA IGREJA NA EUROPA

Durante aqueles dias de restabelecimento, Paulo e Silas tiveram a alegria de acolher na nova igreja de Filipos ao homem que lhes prendera os pés ao tronco, assim como todos os de sua casa. Mediante sofrimento e fidelidade, o pequeno grupo cresceu até tornar-se uma das mais fortes igrejas.

Quando Paulo e Silas sentiram-se suficientemente curados para deixar Filipos, despediram-se dos crentes e partiram para Tessalônica, a capital da Macedônia. Lucas e Timóteo ficaram em Filipos por algum tempo, a fim de fortalecer a igreja.

A estrada que os dois apóstolos escolheram era a melhor da província, pavimentada com blocos de mármore. Depois de cerca de 169 quilômetros, chegaram a Anfípolis, uma cidade maior que Filipos. Ansiosos, não ficaram ali; prosseguiram para o sul e para o oeste, passando por Apolônia e descendo a grande Via Inácia, até a cidade que Alexandre, o Grande, chamara de Tessalônica, em homenagem à sua irmã.

PAULO EM TESSALÔNICA

Ao sair da região montanhosa, eles contemplaram as águas azuis do golfo e entraram na cidade passando por um enorme arco de mármore, esculpido com cinco cabeças de touros enfeitadas de guirlandas. Esse monumento era uma lembrança perpétua de que Otávio e Antônio haviam ganho a batalha de Filipos. Tessalônica, por ter apoiado os generais conquistadores, tornara-se uma cidade livre. Isto significava que podia escolher seus próprios magistrados, livrar-se das guarnições romanas, e não sujeitar-se de forma alguma ao governador romano da

Macedônia.

Os apóstolos hospedaram-se na casa de Jasom, parente de Paulo, e testemunharam na sinagoga durante três sábados. Paulo começava com as profecias do Antigo Testamento, explicando aos conterrâneos que elas foram cumpridas em Jesus de Nazaré. Alguns murmuraram depois de seus apelos veementes, e os líderes da sinagoga opuseram-se à sua doutrina, proclamando que era falsa. Todavia, outros creram e tornaram-se amigos de Paulo, seguindo-o por toda parte e encorajando-o em sua pregação. A maioria dos convertidos era formada por prosélitos gregos e esposas de oficiais, que haviam abandonado os ritos imorais da adoração aos ídolos. Elas haviam encontrado no Judaísmo uma religião onde a mulher era respeitada.

Paulo e Silas não se limitaram a pregar apenas na sinagoga, mas aproveitavam todas as oportunidades para dar testemunho de Jesus. Em três semanas, conseguiram reunir um número suficiente de cristãos para formar uma igreja. Não perderam tempo. Os cristãos reuniam-se todas as noites com Paulo e Silas, que lhes explicavam as verdades do Evangelho. À medida que outros enxergavam a luz, também eram recebidos na congregação. Estabelecer uma igreja em três semanas era uma tarefa colossal, mas foi o que Paulo e Silas fizeram, não só levando os convertidos a Cristo como também instruindo-os na fé. Antes dessas breves semanas terminarem, Paulo falou-lhes sobre a volta do Senhor e os sinais dos tempo. Advertiu-os sobre o abandono da fé, que precederia a vinda do anticristo.

PAULO É OBRIGADO A DEIXAR TESSALÔNICA

Paulo era um trabalhador incansável, capaz de formar uma comunidade forte de cristãos quase da noite para o dia. Mas, como de costume, os judeus incrédulos levantaram-se contra ele. Instigaram um grande grupo de malfeitores, que rodearam a casa de Jasom atirando pedras no pátio e exigindo que Paulo e Silas lhes fossem entregues. Enfurecidos, derrubaram a porta e procuraram em cada aposento, descobrindo que os dois não se encontravam na casa. Jasom providenciara em tempo a fuga de ambos, mas ele mesmo não escapou. A turba agarrou-o, como também a outros cristãos, e arrastou-os até a praça do mercado, onde as autoridades mantinham seu tribunal:

Esses que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui, os quais Jasom recolheu. Todos esses procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus (At 17.6,7).

A acusação era grave e não podia ser ignorada. Os magistrados tomaram nota e ficaram muito perturbados; o assunto poderia acabar em desastre. Ordenaram que Jasom e seus amigos pagassem fiança e voltassem no dia do julgamento.

Como Jasom era homem de posses, a fiança foi paga e todos tiveram permissão de voltar para casa. Naquela mesma noite, depois de conferenciarem, os irmãos procuraram Paulo e Silas e explicaram como seriam prejudicados se eles ficassem. Então, enquanto a cidade dormia, os dois saíram disfarçados pelos portões, e dirigiram-se ao sul, para a cidade de Beréia.

A ACOLHIDA EM BERÉIA

Timóteo juntou-se a Paulo e Silas em Beréia. Ele chegara de Filipos, onde ficara com Lucas para fortalecer a igreja, e encontrou-os na sinagoga. Timóteo sabia que era costume de Paulo procurar a casa de adoração dos judeus, portanto esperou lá por ele. Quando os apóstolos chegaram, ensinaram na sinagoga que Jesus era o Cristo e provaram isso pelas Escrituras. Paulo ficou surpreso e contente ao ver que os judeus o ouviam sem fazer oposição. De fato, mostraram verdadeiro interesse, devorando cada palavra pregada. A seguir, foram buscar os grandes rolos guardados numa caixa por trás da cortina azul, e examinaram diligentemente as palavras de Isaías, de outros profetas e da Lei de Moisés, traçando a história do Messias até no seu livro de hinos. Não aceitariam a mensagem até provarem pelas Escrituras a sua autenticidade. Ao descobrirem que as citações de Paulo não continham qualquer erro, receberam alegremente a mensagem e creram em Jesus.

Tudo ia bem até que as notícias chegaram a Tessalônica, levadas por algum judeu ingênuo, que não pretendia fazer mal. Uma onda de oposição rebentou quase que imediatamente sobre a igreja recém-formada. Um bando de judeus zelosos precipitou-se de Tessalônica e, com mentiras, incitaram os membros da sinagoga contra Paulo. Principal alvo do ataque maldoso, Paulo achou melhor seguir o conselho dos irmãos e deixou a cidade.

ATENAS, UMA CIDADE IDOLATRA

Um grupo de cristãos conduziu Paulo ao porto de Dio, onde ele embarcou para Atenas, a maior cidade da Grécia. Seus amigos acompanharam-no até chegar a Atenas, mas deixaram-no ali e regressaram.

Silas e Timóteo ficaram em Beréia para fortalecer os cristãos. Quando terminassem o trabalho, iriam encontrar-se com Paulo em Atenas. Ambos permaneceram com relativa segurança em Beréia, pois os inimigos achavam que, sendo Paulo o chefe, não precisavam preocupar-se com eles.

Depois da retirada dos amigos, Paulo ficou absolutamente só em uma das cidades mais belas do mundo: Atenas - a "Mãe da Grécia". A cidade era dominada pela Acrópole, um monte com a parte superior plana e rochosa, que servia de base a vários templos. Quinhentos anos antes, Atenas estivera no apogeu da sua glória, mas desde que fora saqueada pelos romanos, encontrava-se sob o seu domínio. Paulo estivera em muitas cidades, mas nunca visitara um lugar tão belo e cheio de esculturas de mármore brilhando ao sol. Os edifícios em estilo clássico eram elegantes e graciosos. O povo era culto e orgulhava-se de sua liberdade de pensamento. Arquitetura, pintura, escultura e grandes bibliotecas podiam ser encontradas em toda parte. Ao longo de cada rua, e em cada praça, havia estátuas e altares - santuários construídos para a adoração de muitos deuses. Paulo ficou surpreso ao ler as inscrições. Seu coração acelerou-se ao admirar o esplendor das estátuas, algumas feitas por Fídias, o maior de todos os artífices em mármore. Mas também apiedou-se ao pensar na cegueira do povo ateniense.

Naquelas mesmas ruas e naquela mesma praça ao pé da Acrópole, Sócrates ensinara ao povo; Platão instruíra seus seguidores naquele mesmo lugar; Demóstenes, o grande orador, era uma lembrança do passado. A marca de todos eles fora deixada na cultura daquele povo altivo. Abaixo dos templos da Acrópole, ficava o teatro de Dionísio com seus assentos de mármore estendendo-se sobre o vale. Todas as noites as multidões aglomeravam-se nele para assistir às importantes peças teatrais. Não havia dúvida de que aquele povo era o mais inteligente, refinado e complacente que Paulo já encontrara.

O apóstolo alojou-se perto da sinagoga e decidiu ficar ali até a chegada de Silas e Timóteo. Porém não estava satisfeito. Aqueles ídolos e seus templos não lhe suscitaram admiração, mas preocupação e piedade. Gostaria que todos fossem derrubados e, ao invés da confusão dos deuses, o povo pudesse ver o Deus vivo e verdadeiro. Todas aquelas estátuas desonravam ao Senhor, e Paulo queria ver em Atenas uma igreja que apagasse cada ídolo do coração de seus habitantes.

No sábado, ele foi pregar o Evangelho aos seus conterrâneos na sinagoga, mas não conseguiu ganhar nenhum deles. Desanimado, saiu de lá e começou a pregar nas ruas e praças. Muita gente dispôs-se a ouvi-lo; havia nas ruas um grande número de pessoas que apreciavam uma discussão. Elas passavam o dia indo de um filósofo a outro, à procura de alguma doutrina nova que pudesse tornar-se moda em Atenas.

Em toda parte havia sinais de idolatria. Queimavam incenso diante de cada imagem. Num altar próximo, Paulo viu mulheres levantando as crianças até o ídolo, num oferecimento. O apóstolo sentiu o coração confranger-se ao ver a cidade completamente entregue à idolatria.

Certo dia, descobriu numa única rua os templos de Atena, Artemis e Afrodite. Ao lado deles havia altares dedicados à Guerra, Fama, Piedade e Modéstia. Em toda a cidade havia três mil estátuas e altares onde os atenienses ofereciam sua adoração vazia. Paulo leu muitas inscrições enquanto caminhava pelas ruas, e ficou imaginando como um povo tão religioso poderia ser tão cego. Sondou as faces das pessoas e percebeu que estavam cansadas dos seus deuses.

Alguns filósofos, estóicos e epicureus, encontraram Paulo numa praça e indagaram:

Que quer dizer esse paroleiro?... Parece que é pregador de deuses estranhos... Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas? Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos: queremos pois saber o que vem a ser isso (At 17.18-20).

O SERMÃO DA COLINA DE MARTE (AREÓPAGO)

Logo depois do mercado barulhento, na metade do caminho que levava aos templos da Acrópole, ficava um semicírculo rochoso, conhecido como a colina de Marte. Paulo foi conduzido a esse lugar para contar sua história.

Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais náo o conhecendo, é o que eu vos anuncio (At 17.22,23).

Imediatamente interessada, a platéia inclinou-se à escuta. Com um olhar para o conjunto de templos no topo do monte, e ao próprio Parthenon - edifício mais perfeito do mundo - Paulo continuou:

O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Nem tão pouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós. Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração.

Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens" (At 27.24-29).

A audiência agradou-se do discurso e, animada, ficou à espera de mais. Sem dúvida, ali estava alguém de grande cultura. Era judeu, mas conhecia os poetas gregos. E Paulo então continuou:

Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo o lugar, que se arrependam. Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos (At 1730-31).

Um cascatear de risos ouviu-se entre o povo, quando ele falou em ressurreição. "Esse homem deve estar louco para pregar tais asneiras!" E não quiseram mais ouvi-lo.

Alguns mais educados sugeriram que o ouviriam noutra ocasião, mas Paulo percebeu tratar-se de uma desculpa amável para se livrarem dele.

O apóstolo já encontrara todas as formas de oposição, mas aquela era a primeira vez que alguém ria de suas palavras. Isso silenciou-o mais que os insultos e pedradas. Com um sentimento de fracasso, deixou a colina de Marte; desceu às praças logo abaixo e perdeu-se na multidão. Enquanto lutava com a crescente sensação de desânimo, ouviu passos às suas costas.Voltando-se, deparou com um pequeno grupo de homens e mulheres que se apressava para alcançá-lo. Seus rostos eram amigáveis; queriam fazer mais perguntas sobre a nova doutrina. Dionísio, um membro do conselho da sinagoga de Atenas, e uma mulher chamada Dâmaris, além de outros atenienses não nomeados, creram em suas palavras e receberam a Jesus Cristo.

Paulo começou a inquietar-se em Atenas. Pensava nos cristãos de Beréia, onde Silas e Timóteo se encontravam, e imaginava a razão de não ter notícias de lá. Sentiu-se tentado a

viajar novamente para o norte e até planejou voltar a Tessalônica, mas as circunstâncias o impediram. Será que o longo silêncio significava oposição? Teriam os judeus de Tessalônica continuado a perseguir Silas e Timóteo? Paulo temia pela igreja de Tessalônica. A perseguição ali fora penosa, e ele ficava a pensar se a fé dos irmãos resistiria à prova. Ele só estivera com aqueles crentes durante três semanas...

PAULO EM CORINTO

Não mais suportando a longa espera, Paulo enviou um cristão ateniense para indagar sobre o bem-estar dos crentes de Tessalônica, e deixou uma mensagem avisando que ia para Corinto. Se Timóteo e Silas chegassem, deveriam ir à capital, onde ele os esperaria.

Com uma sensação de liberdade, deixou para trás Atenas e seus templos de mármore. A lembrança dos risos no dia em que pregou sobre o Cristo ressurreto ainda queimava-lhe no peito. Perguntava-se porque o Senhor não lhe dera mais almas naquela cidade.

Com o espírito abatido, Paulo encontrou um navio que ia para Corinto, capital da Acaia. Sabendo que seu dinheiro estava acabando, começou a questionar o significado exato da visão sobre o homem da Macedônia. Até então, só tivera uma série de decepções; fugira de cada cidade a fim de salvar a vida, deixando aos companheiros de viagem a tarefa de estabelecer a nova igreja.

ÁQUILA E PRISCILA

Embora desanimado, Paulo procurou um local onde pudesse usar a arte que aprendera em Tarso. Encontrou uma rua onde os fabricantes de tendas tinham suas lojas, e entrou na oficina de Áquila. O Senhor parecia tê-lo encaminhado justamente àquele lugar, pois Áquila era um refugiado judeu banido de Roma pelo imperador Cláudio. Ele e sua mulher, Priscila, haviam se estabelecido no negócio de tendas em Corinto, poucas semanas antes da chegada de Paulo.

Áquila gostou da ajuda extra, e Priscila, ao saber que Paulo era judeu, acolheu-o de bom grado. Bastaram alguns dias de trabalho para que Áquila apreciasse ainda mais a habilidade de Paulo na fabricação de tendas. Enquanto costurava o couro, Paulo contava as maravilhosas experiências que tivera; como Deus o protegera das dificuldades e o livrara da prisão. O casal ficou espantado por aquele artesão ter sido um rabino, e haver perseguido ardentemente a seita dos nazarenos. Pouco a pouco, abriram seus corações a Cristo e foram salvos.

A antiga Corinto, mais velha que Atenas, tivera tantas batalhas travadas em suas ruas que só restaram ruínas. Reconstruída por Júlio César, era agora uma bela cidade e, durante cem anos, ocupara na Grécia uma posição de proeminência. Grande centro comercial, atraiu logo os judeus da região. A adoração à Afrodite, deusa do amor, também centralizava-se ali. Famosa por suas riquezas e inclinação aos prazeres e vida fácil, Corinto tornou-se símbolo do pecado. Marinheiros e mercadores do mundo inteiro levavam a história de Corinto às suas terras, aumentando-lhe a fama de pecado e encanto.

Paulo foi apresentado na sinagoga como um judeu que freqüentara o templo de Jerusalém, e recebeu permissão para falar. Mas discursou com um sentimento de fraqueza. Embora houvesse argumentado, provado e persuadido tanto judeus quanto gregos, teve de lutar contra o crescente desânimo que começara a envolvê-lo.

SILAS, TIMÓTEO E PAULO EM CORINTO

Silas e Timóteo finalmente chegaram. Tinham estado em Atenas e souberam que Paulo havia partido para Corinto. Que alívio vê-los e ouvir as notícias! Agora Paulo sabia que não estavam presos e que tudo ia bem. E as igrejas de Beréia e Tessalônica? Tinham notícias de Lucas em Filipos? Os cristãos estavam firmes?

Sim, as notícias eram boas. As igrejas em toda parte continuavam firmes na fé. E mais: estavam testemunhando em toda a Macedônia e muitos haviam se rendido a Cristo nas últimas semanas. Deus estava operando nas igrejas e abençoando o testemunho de seus seguidores. Os irmãos não haviam esquecido Paulo; lembravam-se diariamente dele em suas orações, do mesmo modo que este se lembrava deles. Como demonstração do seu amor, tinham enviado

uma oferta em dinheiro para o seu sustento; assim, em vez de trabalhar, Paulo poderia dedicar-se integralmente ao ministério. O coração do apóstolo alegrou-se grandemente ao ouvir essas notícias. Seu desânimo desapareceu como a neblina da manhã ao nascer do sol. O antigo zelo voltou, e com grande vigor, deu início a uma campanha para a conversão dos coríntios.

Quando, porém, os judeus se lhe opuseram, blasfemando contra o Senhor, Paulo os abandonou, advertindo-os de que o sangue deles cairia sobre as suas próprias cabeças.

"Desde agora parto para os gentios" (At 18.6).

E foi o que fez. Como resultado, muitos coríntios creram e foram batizados. Todavia, antes de partir, teve a grande alegria de ganhar Crispo, o principal da sinagoga. Seu coração aqueceu-se ao vê-lo ser batizado com a mulher e os filhos!

Depois da chegada de Timóteo e Silas, a casa de Áquila ficou pequena para abrigar todos eles. Foram então alojar-se ao lado da sinagoga, na casa de um cristão chamado Justo. Paulo, porém, continuou trabalhando sempre que necessário.

Com o passar dos dias, a enorme tarefa de testemunhar àquela cidade sem Cristo começou a pesar-lhe nos ombros. Enquanto refletia no assunto, um temor sorrateiro foi tomando conta de seu coração. Corinto era, indiscutivelmente, a cidade mais perversa do mundo, e Paulo perguntava a si mesmo se haveria ali qualquer esperança de sucesso.

Certa noite, deitado em seu leito na casa de Justo, Paulo teve uma visão. O Senhor disse-lhe palavras semelhantes às que Deus dissera a Josué, muitos anos atrás, quando o coração dele se acovardara:

Não temas, mas fala e não te cales. Porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nessa cidade (At 18.9,10).

Isso era tudo o que Paulo precisava saber. Lembrou-se então do dia em que estivera face a face com Jesus, na estrada de Damasco, e pôde ouvir novamente as palavras do Senhor repetidas por Ananias:

Esse é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome (At 9.15,16).

Paulo passou a pregar com zelo renovado. Os missionários trabalharam durante um ano e meio, procurando converter homens e mulheres, tanto judeus quanto gentios. Empregavam todos os esforços para trazê-los das trevas do pecado para a família de Deus. Muitos vieram a conhecer a verdade e separaram-se da sua antiga e corrupta religião, ganhando uma nova vida em Cristo.

A Primeira Epístola Aos Tessalonicenses

Paulo ficou tão comovido com a oferta de Tessalônica e o relatório positivo a respeito daquela igreja, que resolveu escrever-lhes uma carta. Esta pode ter sido a sua primeira carta. Era dirigida a todos os discípulos de Tessalônica, e elogiava-os por sua firmeza na fé, mesmo em face à perseguição. Agradecido pela ajuda, Paulo escreveu-lhes uma carta de conselhos paternais, recordando-lhes os ensinamentos que lhes ministrara, e insistindo para que crescessem na graça e andassem como verdadeiros filhos de Deus. Deveriam ser cada vez mais profícuos no testemunho e no viver diário, atentos à aproximação da volta do Senhor para buscar os salvos - tanto os mortos como os vivos. Era uma linda carta, expressando o afeto do apóstolo por seus filhos na fé.

Paulo e seus amigos demoraram-se bastante em Corinto, e seu ensino teve maior sucesso ali que em qualquer outro lugar. A igreja aumentava a cada dia, à medida que o povo mais humilde tornava-se cristão. Mas nem tudo foi fácil e bem-sucedido; alguns judeus detestaram a mensagem de Paulo, e ficaram à espera de uma oportunidade para dar vazão ao seu ódio. Certo dia, conforme planejado, eles incitaram um grupo de ociosos a agarrarem o apóstolo enquanto este pregava. Paulo foi levado diante do tribunal de Gálio, o procônsul romano. Gálio

era um homem bondoso; recebera o cargo porque o imperador Cláudio conhecia a sua sabedoria e capacidade. Diante de Gálio, os judeus não sabiam como apresentar uma acusação válida contra aquele prisioneiro que não oferecia resistência. A única acusação que podiam formular era fraca aos seus próprios ouvidos. Não podiam culpar o apóstolo de perturbar a paz ou instigar uma revolta, e disseram contrafeitos: "Esse persuade os homens a servir a Deus contra a lei" (At 18.13).

Enquanto Paulo preparava-se para responder à acusação, Gálio levantou-se e declarou:

Se houvesse, ó judeus, algum agravo ou crime enorme, com razão vos sofreria. Mas, se a questão é de palavras, e de nomes, e da lei que entre vós há, vede-o vós mesmos; porque eu não quero ser juiz dessas coisas (At 18.14,15).

Impaciente e irado, expulsou-os do tribunal. Muitos gregos que haviam testemunhado a cena ressentiram-se contra os judeus. Ofendidos, agarraram Sóstenes, o principal da sinagoga, e espancaram-no diante do tribunal. Gálio ficou sentado calmamente, sem aplaudir nem censurar. Desde que a raiva deles não fosse dirigida a Roma, tudo o mais lhe era indiferente.

Depois de vários meses, o homem que levara a primeira carta de Paulo a Tessalônica voltou e contou como a epístola fora recebida. Ela resolvera algumas das dificuldades dos tessalonicenses, mas aparentemente suscitara outras, especialmente com respeito à volta de Cristo. Alguns entenderam que o tempo era tão curto, que deveriam parar de trabalhar e viver do que haviam poupado, pois em questão de dias, seriam recebidos nos céus para estar com o Senhor.

A Segunda Epístola aos Tessalonicenses

Paulo discutiu o problema com Silas e Timóteo e decidiu enviar uma segunda carta. Elogiou os tessalonicenses por sua paciência na tribulação e suplicou-lhes que não se deixassem perturbar com palavras de homens ou cartas falsas, que julgavam ser dele. Alguém lhes forjara uma carta em nome de Paulo, afirmando que a volta de Cristo aconteceria naqueles dias, e que talvez até já houvesse acontecido. Paulo recordou-lhes o grande plano de Deus; lembrou-os de que nos últimos dias muitos se desviariam do Senhor, e o homem da iniqüidade viria para se opor a tudo o que era de Deus. Assegurou-lhes ainda de que as perseguições que estavam sofrendo não eram, absolutamente, a Grande Tribulação:

Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. E vós, irmãos, não vos canseis de fazer bem. Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por essa carta, notai o tal, e não vos mistureis com ele, para que se envergonhe (2 Ts 2.15; 3.13-14).

A Volta de Paulo a Antioquia da Síria

Pouco depois desses acontecimentos, Paulo admitiu que a igreja de Corinto já estava suficientemente forte; podia deixá-la e dedicar-se a outro trabalho. De algum modo, sentiu-se impelido a voltar a Antioquia da Síria. Queria igualmente visitar Jerusalém por ocasião da festa. Áquila e Priscila estavam indo para Éfeso, e Paulo decidiu ir com eles. Silas e Timóteo não os acompanharam; permaneceram em Corinto para continuar o trabalho.

A viagem marítima para Cencréia, porto de Corinto, foi agradável e sem incidentes. O navio permaneceu em Éfeso o tempo suficiente para Paulo visitar a sinagoga, onde discutiu com os judeus e mostrou-lhes Jesus, o Cristo das Escrituras. Os judeus não se opuseram ao apóstolo dos gentios, nem à sua mensagem. Ao contrário, pediram-lhe que ficasse mais tempo. Não sendo possível, Paulo prometeu visitá-los em breve. Deixando Áquila e Priscila testemunhando em Éfeso, voltou ao navio que o levou em segurança para Cesaréia, o porto mais próximo de Jerusalém.

Não se demorou na cidade santa. Sua principal preocupação ali era visitar outra vez a igreja-mãe. A época era de festa e as ruas estavam repletas de peregrinos. Paulo cumprimentou os cristãos e renovou sua amizade com Tiago, Pedro e os demais discípulos que se reuniam na casa de Maria. Depois voltou a Antioquia, a igreja que o enviara em todas as suas viagens.

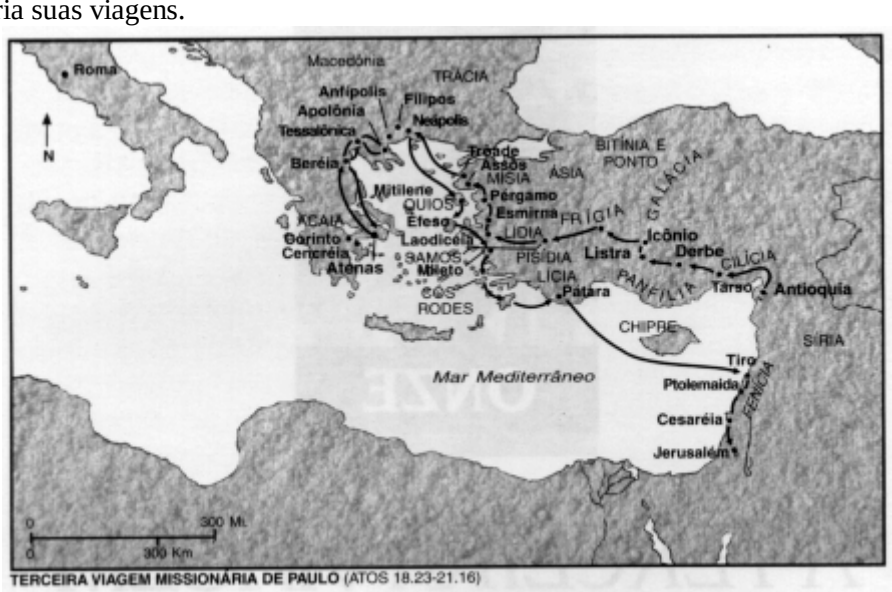


A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Já fazia um ano que Paulo prometera aos judeus de Éfeso voltar e continuar ali o seu ministério. O apóstolo pensava muito neles e em Áquila e Priscila que lá ficaram testemunhando. Durante todo o inverno, e até fins do verão seguinte, ele permaneceu em Antioquia. Sabia que se tivesse de viajar para a Ásia Menor, seria necessário partir antes que as neves do inverno bloqueassem as passagens das montanhas.

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Quando os cristãos de Antioquia souberam que o apóstolo Paulo estava planejando uma terceira viagem, não ficaram surpresos. Entristeceram-se, porém, ao despedir-se dele mais uma vez. Já haviam compreendido que Deus preparara Paulo, melhor que qualquer outro, para levar o Evangelho às terras distantes. Numa reunião de despedida, entregaram-no aos cuidados de Deus; depois de lhe darem dinheiro e provisões para o caminho, levaram-no até os portões da cidade. Ficaram então olhando e acenando em despedida até que desaparecesse numa curva da montanha. Não sabiam eles que esse fora o último adeus. O rosto de Paulo não mais seria visto na amada igreja de Antioquia. Aproximava-se o momento em que o apóstolo dos gentios encerraria suas viagens.



TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO (ATOS 18.23-21.16)

Pela terceira vez, Paulo encaminhou-se aos Portões da Cilícia, que o levariam a Tarso e Derbe, Listra e Icônio. As coisas tinham mudado com o passar do tempo. Em cada cidade havia

agora igrejas estabelecidas; milhares haviam sido atraídos a Cristo.

Foi grande a alegria do apóstolo ao ver o progresso dos cristãos. Ele pensou naqueles primeiros dias, quando não havia uma única voz levantada para o Senhor em todas as cidades. Ao deixar cada lugar, Paulo elevava o coração em fervoroso agradecimento por cada igreja e cada crente.

VISITANDO NOVAMENTE AS PRIMEIRAS IGREJAS

O trabalho não era mais uma questão de plantar a semente, mas de arrancar o mato. Muitas vozes ergueram-se para desviar os cristãos da pureza da fé. Eles foram especialmente perturbados pelos pregadores itinerantes que, com os seus ensinos, tentaram perverter o Evangelho da graça e levar os crentes gentios de volta à lei mosaica. Onde quer que Paulo fosse, tinha de lutar contra essa influência. Em muitos casos, os falsos mestres haviam solapado o seu ministério, lançando dúvidas sobre o seu apostolado e depreciando-lhe a autoridade. Em Derbe, Icônio e em todas as regiões da Galácia, onde estivera com Silas na segunda viagem, Paulo admoestou:

Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro Evangelho, o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o Evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim, como já vo-lo dissemos, e agora de novo vo-lo digo, se alguém anunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anátema (Gl 1.6-9).

Paulo tornou a visitar todas as primeiras igrejas, resolvendo suas dificuldades, respondendo suas perguntas, rebatendo os falsos mestres, advertindo, censurando, encorajando e confirmando. Esse era o ministério de que precisavam para se manterem firmes na fé.

APOLO, UM NOVO MISSIONÁRIO

Ao mesmo tempo em que Paulo continuava seu paciente ministério nas cidades do interior, um judeu chamado Apoio chegou a Éfeso. Ele nascera em Alexandria, na embocadura do Nilo, e era culto e eloqüente. Seu conhecimento das Escrituras era comparável ao de Paulo, pois fora cuidadosamente ensinado por seus pais hebreus. Mas agora, com os olhos abertos para Jesus, o Messias, ele empenhava-se em divulgar a Verdade em toda parte.

Apoio nunca vira Jesus, nem falara com qualquer dos discípulos. Mas ouvira falar de João Batista e de como ele anunciara que Jesus era o Cristo, em cumprimento das profecias. Dominado por esses fatos, partiu com o coração cheio da mensagem, ansioso por anunciá-la aos seus conterrâneos.

Áquila e sua esposa foram ouvi-lo na sinagoga de Éfeso e maravilharam-se com a sua capacidade. Apoio era poderoso nas Escrituras. O casal compreendeu imediatamente que, se aquele jovem com tanto saber viesse a conhecer o Evangelho pleno, como Paulo lhes ensinara, seria um dos maiores homens da igreja. Que instrumento para Deus!

Amavelmente, convidaram-no a visitá-los, e ele aceitou. Com bondade, e sem ofendê-lo, repassaram alguns tópicos de seu sermão, elogiando-o, mas mostrando-lhe que o ensino de João sobre o arrependimento não era o Evangelho em sua plenitude. Fizeram-no ver também que o batismo de João não era aquele ordenado por Cristo.

Dia após dia, o brilhante orador sentou-se com o fabricante de tendas e sua mulher e, passo a passo, inteirou-se dos aspectos mais profundos da fé. Com genuína humildade cristã, o grande orador do Egito ouviu as verdades divinas e alegrou-se nelas. A cada dia, sua mensagem na sinagoga foi-se tornando mais forte. Áquila e sua fiel esposa oravam para que o Senhor enchesse aquele vaso com grande poder.

Armado de uma verdade que antes não possuía, Apoio foi a Corinto, aquela importante cidade da Acaia, a fim de pregar com todo o fervor e intrepidez da sua juventude. Assim, enquanto os judeus farisaicos de Jerusalém procuravam por todos os meios combater a Paulo e ao Evangelho, outro judeu estava visitando algumas das igrejas fundadas pelo apóstoloe atra-

indo homens e mulheres para Cristo.

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE ÉFESO

Paulo chegou a Éfeso e ouviu falar de Apoio, poucos dias depois desse ter ido para Corinto. A primeira providência de Paulo foi procurar seu velho amigo Aquila, o fabricante de tendas, e inteirar-se de tudo o que acontecera desde que deixara a cidade. Conheceu alguns crentes convertidos pela pregação de Apoio e, ao descobrir que esse os batizara no batismo de João, perguntou a 12 deles:

- Vocês receberam o batismo do Espírito Santo quando creram? Os 12 cristãos fitaram-no surpresos e responderam:

- Nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo.

Havia, evidentemente, muita coisa a ser corrigida, e Paulo ofereceu-se bondosamente para realizar a tarefa.

Depois de tê-los ensinado, batizou-os novamente, tanto homens como mulheres, em nome do Senhor Jesus, e impôs as mãos sobre eles. Uma nova igreja foi fundada naquele dia, composta de cristãos que, como os do Pentecostes, foram batizados no Espírito Santo.

Durante três meses, Paulo freqüentou a sinagoga de Éfeso e pregou ousadamente que Jesus era o Filho de Deus. Mas surgiram disputas tão acirradas quanto à sua mensagem, que o pequeno grupo de cristãos perdeu a esperança de obter quaisquer novos frutos na sinagoga. Semana após semana, os judeus tinham ouvido o Evangelho de Cristo dos lábios de Áquila e Apoio, e agora de Paulo. Mas não só se recusaram a crer, como também endureceram os corações contra Jesus e depreciaram a Paulo, advertindo o povo de que o Cristianismo era antagônico aos judeus.

Saulo afastou-se triste da sinagoga, para jamais pisar nela. A fim de continuar seus ensinamentos, ele alugou o salão de palestras da escola pertencente a Tirano. Esse homem era professor de retórica e filosofia, e dava aulas todas as manhãs. Paulo reunia seus seguidores à tarde, argumentando com eles diariamente. Não só discutia as reivindicações de Jesus, como também respondia às muitas perguntas relativas ao Cristianismo e à vida paga. Provavelmente tratou de assuntos como casamento, divórcio, escravidão e alimento oferecido aos ídolos - temas que voltaria a abordar mais tarde em suas cartas. No espaço de dois anos, a igreja de Éfeso cresceu e floresceu, e o Evangelho de Jesus Cristo foi pregado em toda a Ásia romana.

COMBATENDO A ADORAÇÃO AOS ÍDOLOS

Éfeso era o centro de uma grande província. O templo de Diana, ou Artemis, fora levantado ali havia mil anos. Quando nasceu Alexandre, o Grande, o templo queimara completamente e os asiáticos reuniram ouro e prata para reconstruí-lo. Cada família da província deu a sua contribuição, e o novo templo ficou tão magnífico que veio a ser considerado uma das sete maravilhas do mundo. No dia da sua inauguração, um príncipe persa atirou uma flecha de sua torre mais alta e declarou: "Aquele que ultrapassar essa distância, ao aproximar-se desse edifício, encontrará aqui um santuário e ficará livre da perseguição".

O imenso prédio era de mármore, com fileiras duplas de colunas entalhadas. Em toda a volta havia 14 degraus de mármore, subindo em camadas como as de um bolo de noiva, e na base de cada coluna, profundamente esculpidas na rocha, havia figuras de homens e mulheres em tamanho natural. No centro do grande templo havia uma câmara formada por pilares de jaspe verde. Das paredes pendiam caros presentes, enviados por todas as províncias vizinhas, e perto da entrada, encontrava-se um altar esculpido por Praxíteles. Uma grande cortina púrpura descia do teto e, detrás dela, havia uma estátua de madeira em forma de mulher, escurecida pelo tempo. Era Diana, a deusa dos efésios, que, segundo diziam, caíra do céu. O ídolo era hediondo; mas, oculto pela cortina mística, tornara-se objeto de adoração para milhões de pessoas.

Pequenas cópias da imagem tinham sido feitas de bronze ou prata, e algumas vezes de ouro, mostrando Diana como uma linda mulher, usando na cabeça uma coroa. Em cada casa havia uma dessas estatuetas, pois segundo acreditavam, a deusa era poderosa para afastar o mal.

O templo de Diana tornara-se o centro da vida de Éfeso. Peregrinos do mundo inteiro iam visitá-lo. Mercadores deixavam seu dinheiro com os sacerdotes, acreditando ser o tesouro do templo o lugar mais seguro do mundo. Grande número de artesãos ganhava a vida

explorando a superstição do povo e fabricando imagens para serem usadas como talismãs.

O PODER DE DEUS

Nessa cidade de mágicos e idolatras, Paulo e seus companheiros anunciaram a Cristo, levando centenas de pessoas a abandonarem a idolatria. Através do apóstolo, Deus realizou muitos milagres em Éfeso. Aquele povo, que tanto gostava de prodígios, viu que o poder do Altíssimo era maior que a magia de Diana ou de quaisquer dos seus seguidores. Assim como Moisés superara os mágicos de Faraó no Egito, pelo poder de Deus, Paulo, o servo do Senhor, recebeu autoridade para curar. Sem necessidade de talismãs, contas, ou pergaminhos contendo fórmulas mágicas, Paulo demonstrou que o imenso poder de Deus fluía dele para as pessoas. Os milagres não aconteciam só pela sua pregação, mas em alguns casos, por meio de artigos pessoais, como o avental que ele usava na fábrica de tendas, ou o lenço com que enxugava a testa.

Em um lugar assim, existiam sempre impostores que ganhavam a vida com as superstições do povo. Numa família judaica, sete irmãos, filhos do sacerdote Ceva, rebaixaram-se a ponto de ganhar dinheiro, afirmando curar por meio de talismãs e fórmulas mágicas. Certo dia, eles viram Paulo expulsar o espírito maligno de um homem e aprenderam rapidamente as palavras usadas pelo apóstolo. Na primeira oportunidade, tentaram imitá-lo.

"Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega" (At 19.13). Mas o poder de Deus não estava nas palavras deles e, em vez de ser liberto da possessão demoníaca, o endemoninhado revidou: "Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo, mas vós, quem sois?" (At 19.15). E com força sobrenatural, atirou-se sobre os sete mágicos, rasgando-lhes as roupas, batendo e ferindo-os furiosamente.

As notícias espalharam-se depressa. Muita gente presenciara o incidente e não mais acreditava no poder dos mágicos. Muitos dos que haviam praticado artes mágicas levaram seus livros de magia, amuletos e talismãs, e os queimaram em praça pública. Aquela foi uma tremenda demonstração, pois os objetos queimados valiam uma grande soma.

Agora que se haviam tornado cristãos, Deus enchera-lhes os corações com um novo poder. E diante do poder divino, os truques de Satanás perderam o valor.

OS AJUDANTES DE PAULO EM ÉFESO

A obra do Senhor prosperou, e o testemunho da igreja de Éfeso tornou-se conhecido em toda a Ásia. Timóteo chegou da Europa e juntou-se novamente a Paulo. Erasto, outro crente, seguiu os passos de Timóteo e tornou-se um dos ajudantes de Paulo em Éfeso. De fato, essa igreja veio a ser o centro da divulgação do Evangelho.

Existia uma via direta de comércio entre Éfeso e Corinto, e os mercadores iam e vinham; os crentes em Jesus também faziam freqüentes visitas às outras igrejas. Através de um desses viajantes, ou talvez de Apoio, Paulo recebeu notícias perturbadoras de Corinto. Muitos cristãos tinham voltado ao mundanismo da vida paga, e a impureza penetrara na igreja, sendo aceita passivamente.

A VISITA A CORINTO

Paulo decidiu visitar pessoalmente os coríntios e corrigir o erro, antes que o nome do Senhor fosse desonrado. Sua visita foi triste e penosa, pois ao chegar, descobriu que as coisas eram ainda piores do que supunha. Sentiu-se humilhado ao ver que tantos dos seus convertidos estavam vivendo em desacordo com a vida cristã.

A permanência de Paulo foi breve, e ele usou cada momento para advertir os crentes de Corinto contra toda forma de impureza. Lembrou-lhes que o propósito do batismo era demonstrar que haviam morrido para o pecado e ressuscitado para uma vida de justiça. Ameaçou-os com a exclusão da Igreja, se não deixassem de profaná-la. Repreendeu-os como um pai; advertiu-os de que, se não melhorassem, retornaria e não os pouparia. Como fizesse tudo com amor, doçura e humildade, logo após sua partida para Éfeso, os coríntios interpretaram sua atitude como fraqueza, achando que Paulo os temia. Continuaram no pecado, desafiando o Senhor e seu apóstolo.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Pouco tempo depois, Estéfanas, Fortunato e Acaico, três convertidos de Paulo, chegaram a Éfeso com um relatório completo sobre a igreja de Corinto. As notícias eram péssimas; o mundanismo crescera na igreja.

A seguir, alguns membros da casa de Cloé, uma família cristã importante de Corinto, chegaram a Éfeso com mais informações. Os crentes haviam-se dividido em quatro partidos, conforme a preferência que cada um dava aos pregadores locais. Havia muita contenda entre os grupos; a igreja inteira fervia de inquietação. A imoralidade, tal como nos templos pagãos, era tolerada sem pudor. Era comum os cristãos apresentarem queixas, uns contra os outros, nos tribunais seculares. Até a Ceia do Senhor transformara-se em ocasião para excessos; havia bebedeira e glutonaria.

Paulo escreveu imediatamente uma carta severa aos coríntios, ordenando que se afastassem dos desobedientes e os excluísse da comunhão. Essa carta, ou epístola, é conhecida como Primeira aos Coríntios.

Então Paulo esperou para ver como receberiam sua carta. Queria dar-lhes tempo para que se arrependessem, antes de visitá-los uma terceira vez.

Paulo julgou necessário enviar Timóteo e Erasto para verificar como iam as coisas. Mais tarde, escreveu uma outra carta severa aos coríntios, censurando-lhes o comportamento e corrigindo os males que enfraqueciam o testemunho cristão. Essa carta (que não chegou até nós) foi levada por Tito,

O jovem que anos antes o acompanhara a Jerusalém.

A indignação de Paulo não era apenas pela desordem na igreja de Corinto; ouvira também que muitas igrejas da Galácia estavam esquecendo as verdades simples do Evangelho, e aderindo à idéia de que o caminho da salvação passava pela sinagoga e pela lei de Moisés.

O Novo INIMIGO

Como se já não houvesse problemas suficientes, um novo inimigo surgiu em Éfeso. O Evangelho fora pregado eficazmente em todas as cidades e povoados perto de Éfeso, e houve centenas de convertidos. Resultado: os artesãos que vendiam imagens de prata de Diana começaram a sentir o declínio em seu comércio. Alarmados, fizeram uma reunião. O principal orador, Demétrio, era ourives e comprava suas imagens dos artífices. Em seu discurso, Demétrio explicou aos membros da corporação o motivo do declínio nas vendas e instigou-lhes a ira, sugerindo que o próprio templo corria perigo. Inflamados pelo discurso, os negociantes agarraram a Gaio e a Aristarco, dois fiéis amigos de Paulo, e arrastaram-nos até o teatro ao ar livre, considerado o maior do mundo.

Atraída pela gritaria, uma grande multidão ajuntou-se. Sem nem saber o que estava acontecendo, todos começaram a correr pelas ruas, gritando a plenos pulmões: "Grande é a Diana dos efésios!" (At 19.28).

As ruas encheram-se de gente que se dirigia apressada ao teatro, querendo saber o porquê de tamanha excitação. Paulo escapou da multidão e, quando quis entrar no teatro para juntar-se aos amigos, os discípulos o retiveram. Até alguns líderes políticos da Ásia aconselharam-no a ficar longe dos ourives.

Engrossando a multidão estavam alguns judeus que fariam tudo para silenciar a Paulo, a quem consideravam um inimigo da sinagoga. Aproveitando-se do tumulto no teatro, um deles, Alexandre, levantou a mão para ser ouvido. Sua intenção era pedir a prisão de Paulo, esperando assim dar um golpe na Igreja. Mas quando o povo reconheceu seus traços e vestimentas judias, não quis ouvi-lo. Em vez disso, gritaram mais alto: "Grande é a Diana dos efésios! (At 19.34).

Alexandre deu-se por feliz em ter a vida poupada; sem perda de tempo, misturou-se à multidão.

O tumulto durou cerca de duas horas. O poder de Diana fora posto em dúvida e os seus seguidores estavam enfurecidos. Aquele episódio foi uma demonstração de como os efésios se sentiam em relação à sua deusa e ao seu templo. Quando os gritos e vozes cessaram, o escrivão da cidade apaziguou-lhes a ira e mandou-os de volta para casa.

Varões efésios, qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a

guardadora do templo da grande deusa Diana e da imagem que desceu de Júpiter? Ora, não podendo isso ser contraditado, convém que vos aplaqueis e nada façais temerariamente. Porque esses homens que aqui trouxestes nem são sacrílegos nem blasfemam da vossa deusa. Mas, se Demétrio e os artífices que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências e há procônsules; que se acusem uns aos outros. Mas, se alguma outra coisa demandais, averiguar-se-á em legítimo ajuntamento. Na verdade até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição, não havendo causa alguma com que possamos justificar esse concurso (At 1935-40).

PAULO VOLTA À MACEDÔNIA

Naquela mesma noite Paulo convocou a igreja e contou que iria à Macedônia. Enquanto a poeira baixava, seria melhor para a igreja de Éfeso que ele não estivesse presente. O apóstolo pregou seu sermão de despedida e, depois de abraçar cada irmão, seguiu para o norte, pela estrada que levava a Trôade.

Paulo esperava encontrar Tito ali, voltando da Grécia, talvez com notícias da igreja de Corinto. Mas em Trôade, ficou desapontado: Tito não chegara. Esperou alguns dias, e embora a população de Trôade lhe mostrasse sincera amizade, ele ansiava por partir. A preocupação com a igreja de Corinto pesava-lhe grandemente, além de que, pretendia visitar todas as igrejas da Macedônia. Com essa meta, embarcou para a Macedônia e chegou a Filipos, onde podia contar com amigos sinceros.

A casa de Lídia recebeu-o cordialmente. Aquele dia foi gasto visitando cristãos que há muito não via, mas que sempre tinham sido lembrados em suas orações. O encontro foi uma alegria a Paulo e a seus filhos na fé. O carcereiro e sua família continuavam firmes em Cristo. Também encontrou-se novamente com Timóteo e soube do seu sucesso na pregação do Evangelho.

Mas os cristãos coríntios não lhe saíam da mente, e embora apreciasse a estada entre os filipenses, ficou inquieto até que Tito chegou de Corinto trazendo boas notícias. A carta enviada por Paulo, juntamente com o ministério de Tito, haviam transformado a situação. Os coríntios castigaram o pecador que estava vivendo em cabal contradição aos mandamentos do Senhor, e purificaram suas vidas dos pecados específicos que Paulo lhes apontara. Até a divisão da igreja tinha melhorado; em vez de quatro partidos havia agora só dois - os que eram a favor de Paulo e os que eram contra. Os inimigos do apóstolo duvidavam de seu apostolado e até criticavam-lhe as palavras e aparência pessoal. Os amigos, porém, tinham sido despertados e, genuinamente, se arrependido.

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Incomodado com o relatório trazido por Tito, o apóstolo Paulo escreveu a mais pessoal de todas as suas cartas - a Segunda Epístola aos Coríntios. Nela, demonstrou toda a sua preocupação com aqueles crentes. Para eliminar a dúvida que eles tinham sobre o seu apostolado, repetiu-lhes grande parte de suas experiências, pensamentos, temores e vida particular. Tinha muito a dizer sobre seus sofrimentos e empenho na causa de Cristo. Contou de suas várias prisões; das cinco ocasiões em que foi publicamente açoitado; e dos três naufrágios que sofrerá, ficando certa vez na água durante 24 horas.

Essa carta é, em certo sentido, uma autobiografia de Paulo e uma firme defesa do seu ministério e convocação superiores. Ele escreveu:

Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; Em viagens, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos. Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum, muitas vezes, em frio e nudez (2 Co 11.24-27).

Esta Carta aos Coríntios foi uma mescla de louvor e condenação -louvor aos fiéis e condenação aos rebeldes.

PAULO, MISSIONÁRIO EM TERRAS ESTRANGEIRAS

Tito ofereceu-se para voltar com a carta. Lucas, o médico amado, acompanhou-o na viagem. Mas Paulo permaneceu em Filipos, fazendo dessa cidade o centro de suas viagens por toda a província. Aonde quer que fosse, exortava os cristãos a uma vida diferente dos moldes do mundo. Viajou pelas montanhas, a oeste de Filipos, pregando o Evangelho em aldeias e cidades onde Cristo nunca havia sido proclamado. Paulo havia dito que nunca desejara construir sobre os alicerces lançados por outro; portanto, procurou visitar os lugares onde o Evangelho era desconhecido. Ele foi verdadeiramente um missionário em terras estrangeiras; fazia um trabalho pioneiro e, aonde quer que fosse, o Senhor o acompanhava, operando sinais e prodígios, e atraindo a si tanto gregos como judeus.

Indo de cidade em cidade, Paulo percebeu a terrível condição das pessoas afastadas de Deus. Embora habitassem em lindas cidades, com templos cuja glória maravilhava o mundo, viviam nas trevas. Desde essa época, Paulo já pensava em visitar Roma; planejava pregar o Evangelho no coração do Império Romano e, talvez, prosseguir até a Espanha. Depois de algumas semanas na Macedônia, ele foi para o sul, à Acaia. Queria verificar pessoalmente o estado da igreja de Corinto. Essa igreja precisava novamente dele, e além disso, como Corinto fosse a capital da Acaia, poderia fazer dela a sua base para pregar nas cidades vizinhas. Permaneceu ali três meses trabalhando com Tito, que se apegara aos cristãos coríntios e vinha demonstrando ser um ministro verdadeiramente sábio, capaz de lidar com situações difíceis.

Durante esse período, Paulo encontrou tempo para visitar todos os crentes e conversar pessoalmente com eles, fortalecendo-os na fé e advertindo-os contra os falsos mestres. Assim, passou-se o inverno.

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Paulo escreveu a carta à igreja de Roma exatamente durante esse inverno. Ele nunca visitara os crentes romanos, mas o desejo de fazê-lo crescia-lhe na alma. Roma era a maior cidade do mundo, e pregar a mensagem da salvação aos seus habitantes seria de fato um privilégio. Ele também já tinha vários amigos ali, pois a essa altura, crentes de todas as cidades que visitara haviam se estabelecido em Roma.

Paulo já era cristão há mais de 24 anos. Durante esse tempo, passara por muitas experiências e grandes decepções. Sua mente, porém, abrira-se para Jesus como uma flor se abre ao sol. Amadurecera na vida cristã, e o Evangelho de Cristo era-lhe, mais que nunca, uma preciosa realidade.

Em sua carta, Paulo decidiu proclamar o Evangelho em sua plenitude. Suas palavras, ditadas a Tércio, visavam convencer os romanos de que todos, gentios ou judeus, precisavam da salvação provida por Deus em seu Único Filho. Deus a oferecia como um dom; bastava ao homem recebê-la de graça. Homem algum pode, por esforço próprio, ser reto e aceitável a Deus.

"Não há um justo, nem um sequer" (Rm 3.10).

Nem mesmo guardando a Lei o indivíduo pode ser justo. A Lei foi dada para provar que o mundo todo é culpado diante de Deus. Pelas obras da Lei ninguém pode ser justificado (Rm 3.20). A retidão de Deus é revelada em Jesus Cristo, e pela Sua graça todos podem crer. Somos justificados pela fé no que Deus fez por nós, e não pelas boas obras que possamos fazer (Rm 3.28).

A maior carta de Paulo continuou sendo escrita dia a dia, estabelecendo as verdades fundamentais da fé cristã. Assim, quando os falsos mestres chegassem a Roma - o que sem dúvida aconteceria - os crentes de lá estariam fortalecidos. Paulo preocupava-se com os romanos, embora nunca os tivesse visto pessoalmente.

Dos altos cumes das doutrinas superiores, Paulo desceu às campinas da vida prática e rotineira, e conversou com eles sobre o viver diário, o pagamento de impostos e seu relacionamento com as autoridades. Terminou a carta com saudações pessoais a vários homens e mulheres em Roma, a quem citou pelo nome. Depois de colocado o selo, o rolo foi embrulhado numa proteção de pano e entregue a Febe, uma mulher de Cencréia, porto de

Corinto, que viajava a Roma para negócios.

A Decisão de Paulo de Voltar para Casa

Passados três meses, Paulo resolveu embarcar para a Síria. Seus inimigos não ousaram perturbá-lo enquanto se achava em Corinto, mas ao tomarem conhecimento da sua ida a Cencréia, conspiraram para matá-lo. Longe da igreja onde os amigos o defendiam, certamente conseguiriam seu intento. O plano ardiloso, porém, falhou. Um amigo inteirado do segredo avisou imediatamente a Paulo, que mudou o itinerário. Enquanto os inimigos vigiavam a estrada litorânea, ele seguiu por terra para a Macedônia.

Quando Paulo chegou a Filipos, Lucas juntou-se ele. O médico permaneceria na companhia do apóstolo até o dia da sua morte, participando de todas as suas aventuras e registrando cada uma delas no livro de Atos.

Sete homens, escolhidos em diferentes cidades, propuseram-se a acompanhar Paulo na sua viagem de volta a casa. Cada um levava uma oferta especial, que lhes fora confiada pelas diversas igrejas, e destinada aos irmãos carentes de Jerusalém. O próprio Paulo levava a oferta de Corinto. Esses sete homens foram enviados na frente, de navio, para Trôade, enquanto Paulo e Lucas permaneceram em Filipos para a Festa dos Pães Asmos. Essa festa era a mais importante para Paulo e para todo cristão, pois marcava o dia em que o Salvador ressuscitara dentre os mortos.

Cinco dias mais tarde, eles chegaram a Trôade e reuniram-se aos sete homens que os esperavam. Esses irmãos não haviam ficado ociosos. Tinham procurado todos os cristãos da cidade e lhes contado que o grande apóstolo estava vindo visitá-los.

Na chegada de Paulo, os crentes reuniram-se para celebrar a Ceia do Senhor e ouvir a doutrina cristã. O coração de Paulo pulava de alegria quando levantou-se para falar. Veio-lhe à mente a noite em que recebera, naquela cidade, a visão da Macedônia, e como, em sua pressa de partir, ofendera os irmãos; mais recentemente, em sua ânsia e temor pelos coríntios, tornara a partir às pressas, apesar das súplicas da igreja para que ficasse.

O Sermão em Trôade

Paulo fez novos planos, devendo viajar no barco que partiria no dia seguinte. Como dizer tudo o que pretendia àquelas pessoas tão queridas, numa só noite? Ele as exortou durante muitas horas, pregando com a alma; respondeu-lhes as perguntas e fortaleceu-as na fé. O ambiente, no terceiro andar, estava superlotado e aquecido pelas muitas lâmpadas acesas. Pretendendo enxergar melhor por cima da multidão, um jovem chamado Êutico subiu numa janela e sentou-se ali. Paulo continuava pregando. De repente, um grito aterrador seguido de um ruído surdo interrompeu abruptamente o sermão. Êutico adormecera e, perdendo o equilíbrio, despencara lá de cima.

A confusão reinou no aposento; ao olharem pela janela, as pessoas viram o corpo sem vida caído na rua. Todos correram para lá. Lucas, o médico, foi sem dúvida o primeiro a chegar. Talvez tenha olhado para a forma imóvel e encolhido os ombros, como se dissesse: "Não adianta, está morto".

Paulo abriu caminho entre o povo. Como o profeta Elias, estendeu seu corpo sobre o do jovem e abraçou-o, orando a Deus para que tudo acabasse bem. A seguir, levantando-se, disse aos espectadores abalados: "Não vos perturbeis, que a sua alma nele está" (At 20.10).

Enquanto observavam, a cor voltou às faces pálidas de Êutico. Paulo entregou-o aos seus entes queridos, e subiu novamente ao cenáculo, onde os fieis, cheios de gratidão, reuniram-se para ouvir mais.

Quando o alvor da manhã banhou a grande planície a leste de Trôade, Paulo ainda pregava. E os crentes ouviam! Essa era a sua grande oportunidade e eles não perderam uma só palavra. Mas, com a chegada do dia, os homens tinham de voltar ao trabalho; e Lucas e os sete cristãos fiéis precisavam chegar cedo ao navio.

A Viagem a Jerusalém

Paulo, entretanto, planejava seguir a pé para Assôs, distante cerca de 32 quilômetros, e tomar ali o mesmo navio. Ele precisava desse passeio para ficar a sós com os seus pensamentos

e tomar algumas decisões. Não se sentia muito feliz com seu retorno a Jerusalém. Seu espírito não se sentia livre a respeito; havia premonições de problemas. Paulo nunca se sentiu bem-vindo em Jerusalém, nem mesmo na igreja cristã. Seu trabalho era definitivamente entre os gentios. Portanto, seu espírito achava-se turbado. Mas não era covarde, e se tivesse de ser preso em Jerusalém, essa não seria a sua primeira prisão. O Senhor não estivera com ele na cadeia? Decidiu então, naquela caminhada solitária, que voltaria sem se importar com o que o aguardasse. Seus amigos nas igrejas que deixara talvez estivessem enganados quando o aconselharam a afastar-se de Jerusalém. Mas o aviso fora tão insistentemente repetido que não podia deixar de preocupar-lo. Ele ficou imaginando se estava, quem sabe, negligenciando a voz do Espírito de Deus.

Em Assôs tomou o navio que, depois de carregado, rumou para a ilha de Lesbos, impelido pelo vento norte.

Navegaram todo o dia seguinte entre as ilhas do mar Egeu, passando Dor Quios e, mais tarde, pela grande baía onde fora construída a cidade de Éfeso. O comandante do navio não tinha de aportar em Éfeso, mas o teria feito se Paulo lho pedisse. Este, no entanto, estava ansioso por chegar a Jerusalém a tempo para a Festa de Pentecostes, e insistiu com o comandante que não se detivesse na cidade.

PREGANDO AOS AMADOS EFÉSIOS

Em Mileto, a cerca de quarenta quilômetros ao sul de Éfeso, o navio ficou mais tempo ancorado. Descarregaram ali diversas mercadorias e receberam novas cargas para o restante da viagem. Paulo enviou uma mensagem aos seus amigos de Éfeso, contando que estava em Mileto e queria vê-los. A sensação de que esse seria seu último encontro com eles cresceu-lhe no íntimo. Não tinha sido avisado de que algemas o esperavam em Jerusalém? Pois então era melhor aproveitar cada oportunidade.

Os cristãos foram-lhe imediatamente ao encontro, especialmente os presbíteros da igreja, pois lembravam-se dos três anos que Paulo passara com eles, e amavam-no mais que a todos os outros. O encontro foi alegre, mas tenso; todos sentiam que era uma despedida final. As últimas palavras são sempre cheias de solenidade e importância, e Paulo conversou como alguém que amadurecera na fé. Insistiu para que se mantivessem firmes e se fortalecessem, não importando o que lhes sobreviesse no futuro.

Com grande eloqüência, recapitulou seus três anos com eles, lembrando os dias de sol e de sombras:

E agora, na verdade, sei que todos vós, por quem passei pregando o reino de Deus, não vereis mais o meu rosto. Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos. Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus. Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Porque eu sei isto: que, depois de minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um de vós. Agora, pois, irmãos, encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça; a Ele que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados (At 20.25-32).

Sua voz interrompeu-se e sua cabeça grisalha pendeu. O silêncio era total. Ninguém sentiu vontade de abrir a boca e parecia que a única coisa a fazer era orar. Paulo mencionou cada presbítero pelo nome, pedindo que o Salvador o mantivesse leal, sincero e forte no dia da tentação. Quando se levantaram, todos tinham lágrimas nos olhos. Eles estavam vendo, pela última vez, o grande guerreiro que os guiara bravamente na batalha. Como a mãe-pássaro desfaz o ninho, Paulo estava agora entregando-lhes toda a responsabilidade, deixando-os por conta própria. Com os corações entristecidos, eles o acompanharam até o navio e observaram até que o barco desaparecesse de vista.

A VISITA A TIRO

Dois dias mais tarde, depois de costear a ilha de Cós e aportar em Rodes, os nove viajantes foram até Pátara na Lícia. Aquele era o último porto em que o navio ancoraria. Porém tiveram sorte, e logo encontraram outra embarcação de partida para a Síria. Com um vento favorável, encaminharam-se para o alto mar, em direção à grande cidade de Tiro. Essa era uma cidade gentia, e como sempre houvesse um local onde os cristãos se reunissem, Paulo e seus amigos procuraram por ele. Durante sete dias estiveram com os irmãos de Tiro, pregando o reino de Deus e encorajando-os com as histórias do que Deus fizera em cidades distantes.

Foi ali que Paulo recebeu um aviso de certos discípulos de que o perigo o aguardava em Jerusalém. Isso confirmou-lhe os sentimentos, mas não lhe abalou o propósito. Muitas eram as razões que o levavam a Jerusalém. Tinha um grande relatório para apresentar aos discípulos sobre a divulgação do Evangelho. Além disso, levava dinheiro para os santos da cidade, o presente da igreja de Corinto, e queria entregá-lo pessoalmente.

Quando a semana passou e o navio já estava prestes a partir, Paulo e seus amigos suspiraram aliviados por terem chegado à última etapa da viagem. Em Ptolemaida, deixaram o navio que prosseguiu em sua rota. Como ainda faltassem quatorze dias para a grande festa em Jerusalém, passaram um dia com os cristãos nesse porto.

A PROFECIA DE ÁGABO

Depois de saudarem os irmãos, eles seguiram para Cesaréia pela estrada costeira. Paulo visitara freqüentemente o lugar, por isso sentia-se em casa. O evangelista Filipe morava ali, e Paulo estava certo de que seriam bem recebidos.

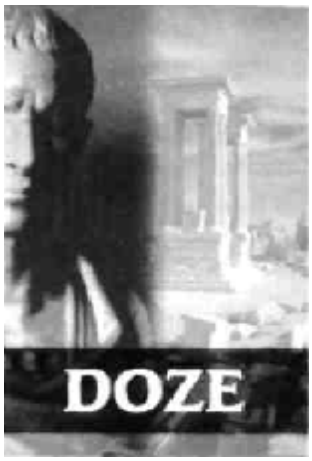
Durante a sua estada com Filipe, o profeta Ágabo - o mesmo que previra a grande fome nos dias do imperador Cláudio - chegou da Judéia. Ágabo conhecia a família de Filipe. As quatro filhas do evangelista eram conhecidas por terem o dom da profecia, e ele foi procurá-los.

Ao chegar à casa em que Paulo se hospedava, Ágabo reconheceu o apóstolo e, conhecedor do sentimento que havia em Jerusalém contra ele, aconselhou-o a não ir para lá. Como faziam os profetas do Antigo Testamento, Ágabo ilustrou sua advertência: tomando o cinto de Paulo, abaixou-se e amarrou com ele os próprios pés e mãos. Enquanto os presentes o observavam em silêncio, ele profetizou: "Isto diz o Espirito Santo: Assim ligarão os judeus em Jerusalém, o varão de quem é essa cinta e o entregarão nas mãos dos gentios" (At 21.11).

O grupo inteiro, inclusive Timóteo e Lucas, rogou a Paulo que desistisse dos planos de ir a Jerusalém. Com lágrimas nos olhos, suplicaram; mas suas palavras eram como ondas batendo num penhasco. Paulo estava decidido. As palavras dos amigos o entristeceram; seus protestos eram bem-intencionados e pretendiam poupá-lo de danos físicos, mas não era isso o que ele temia. Já enfrentara tais coisas antes, e o Senhor o livrara. Disse-lhes então: "Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus" (21.13).

Em face de tal determinação, eles aquiesceram: "Faça-se a vontade do Senhor!" (21.14).

Embora soubesse dos perigos que o aguardavam, Paulo reuniu seus pertences e seguiu para Jerusalém. Vários cristãos de Cesaréia acompanharam-no; entre eles, Mnasom, um dos primeiros convertidos. Mnasom tinha uma casa em Jerusalém, e Paulo poderia hospedar-se nela, ficando a salvo do perigo.



A ÚLTIMA VISITA A JERUSALÉM

Jerusalém preparava-se para o Dia de Pentecostes; já estava cheia de judeus provenientes de todo o império. Paulo e seus amigos abrigaram-se na casa de Mnasom. Era uma residência senhorial, rodeada por um muro alto, e os cristãos que gozavam da hospitalidade do seu proprietário tinham todo conforto.

Na casa de Maria, Paulo encontrou alguns dos líderes da igreja. Tiago, o irmão de Jesus, era um deles. Ele havia envelhecido e seu cabelo branco e encaracolado chegava-lhe aos ombros, à moda nazarena. Paulo saudou a igreja, e contou-lhe a história da sua terceira viagem. Ele atravessara os Portões da Cilícia para a Galácia, e depois de visitar todas as igrejas dali, fora para Éfeso, onde permanecera três anos. Viajara depois para a Europa e pregara aos santos de Filipos, testemunhando de Cristo nas regiões interioranas do Ilírico. Chegara finalmente a Corinto, e iniciara uma campanha que o levou a muitas outras cidades da Grécia. A história de quatro anos de trabalho foi apresentada em rápidas pinceladas.

Os crentes de Jerusalém ficaram também conhecendo a igreja rebelde de Corinto, e como esta se arrependera e afastara-se do mal. A seguir, como se para confirmar suas palavras, Paulo apresentou um saco pesado de dinheiro, dizendo ser uma contribuição dos coríntios à igreja-mãe. Aquela oferta era um socorro aos irmãos reduzidos à pobreza por causa da fé em Cristo.

PRESENTES À IGREJA-MÀE

Quando Paulo entregou o presente, seus companheiros de viagem que tinham vindo com o mesmo propósito também entregaram os seus. Lucas, de Filipos; Timóteo, de Listra; Sópatro, de Beréia; Aristarco e Segundo, de Tessalônica; Gaio, de Derbe; Tíquico e Trófimo, de Éfeso - todos eles cristãos de cidades distantes e frutos do ministério de Paulo - trouxeram sacolas pesadas de dinheiro e entregaram-nas aos irmãos, para que socorressem os santos da Judéia.

O relatório de Paulo foi grandioso. Contudo, enquanto dava as informações, pôde sentir a estreiteza mental dos crentes de Jerusalém. É claro que todos louvaram a Deus pelo maravilhoso crescimento do reino e por todo gentio que se juntara a eles. No entanto, Paulo sentia que nem todos eram como os crentes de Antioquia. Até mesmo a gloriosa história de heroísmo que contara foi recebida com certa desconfiança.

Como líder do grupo, Tiago levantou-se para receber os presentes e agradecer por eles. Tiago sempre fora um tanto formal, e Paulo e seus amigos notaram isso naquele momento. Paulo percebeu também que os presbíteros de Jerusalém haviam discutido sobre ele, e não estavam ainda convencidos de que sua posição fora determinada por Deus. Histórias sobre a pregação de Paulo haviam chegado a Jerusalém, e os presbíteros estavam contrafeitos com o

que ouviram. Quando Paulo falou-lhes do trabalho entre os gentios, dizendo que diante de Deus não havia diferença, e que o gentio cristão fazia parte da Igreja da mesma forma que o judeu cristão, as suspeitas deles foram confirmadas.

O sentimento do grupo aflorou quando Tiago, o porta-voz, expôs:

Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus há que crêem, e todos são zeladores da lei. E já acerca de ti foram informados que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei. Que faremos pois? em todo o caso é necessário que a multidão se ajunte; porque terão ouvido que já és vindo. Faze pois isto que te dizemos:

Temos quatro varões que fizeram voto. Toma estes contigo, e santifica-te com eles, e faze por eles os gastos para que rapem a cabeça, e todos ficarão sabendo que nada há daquilo de que foram informados acerca de ti, mas que também tu mesmo andas guardando a lei (At 21.20-24).

Paulo ouviu o conselho e o analisou. Como ansiasse por unir os partidos contrários, dispôs-se a ceder nos detalhes de pouca importância. Costumava explicar que estava preparado para ser tudo para com todos os homens, a fim de ganhar alguns. Essa era a sua oportunidade de promover a paz. Se aquilo era importante para o seu testemunho entre os judeus, ele podia atender ao pedido sem qualquer dano pessoal.

O apóstolo aceitou a sugestão na esperança de conseguir que houvesse paz entre os dois partidos. Levando os quatro homens ao Templo, anunciou que estavam prestes a começar os sete dias de purificação, e pagou, para cada um, dois carneiros, uma ovelha, um cesto de bolos sem fermento e uma medida de vinho.

REBELIÃO NO TEMPLO

Um grupo de judeus da Ásia Menor reuniu-se no Templo para ouvir um rabino discursando sobre a Lei. De repente, um deles puxou a roupa do amigo, e perguntou: Aquele não é Paulo, o líder cristão? O que faz ele no Templo?

O pequeno grupo virou-se rapidamente para identificar o homem a quem se haviam oposto tão amargamente quando pregara Cristo na sua sinagoga. Lembravam-se muito bem de que a pregação dele havia perturbado a sinagoga e dividido as famílias judias. Ele falara contra a adoração nacional e os costumes judaicos. Sim, esse era o mesmo homem que haviam expulso da cidade, e aqui estava ele de volta ao Templo.

Alguém lembrou-se de tê-lo visto antes com Trófimo, o efésio, e em breve todos o culpavam de haver profanado o santuário, ao introduzir nele um gentio. Correndo em direção a Paulo, gritaram:

Israelitas, acudi! Esse é o homem que por todas as partes ensina a todos, contra o povo e contra a lei, e contra esse lugar; e demais disto, introduziu também no templo os gregos, e profanou esse santo lugar (At 21.28).

Já agora, havia gente afluindo de todas as direções. A multidão ajuntou-se e os boatos corriam livremente. Fora dos muros do Templo, espalharam-se as notícias de que um traidor de Israel havia sido apanhado e seria morto. As ruas ficaram cheias de pessoas que corriam ao Templo, querendo presenciar os acontecimentos.

No Templo, a plebe amotinada agarrara a Paulo e, batendo nele com varas e socos, arrastara-o para a rua, onde preparava-se para matá-lo.

O socorro, porém, estava próximo. As tropas romanas que vigiavam a cidade durante as festas religiosas logo notaram a comoção diante do Templo. O comandante Lísias não perdeu tempo. Com uma companhia de soldados, apressou-se para o lugar onde o povo espancava a Paulo. Com a chegada dos soldados romanos, a multidão afastou-se.

A DEFESA DE PAULO

Ao ver que Paulo era o centro de toda a confusão, o comandante romano supôs que fosse um criminoso e ordenou que o acorrentassem. A seguir, perguntou à multidão-. "Quem é esse homem e que mal ele fez?"

Um rugido brotou da garganta de milhares de judeus, e na confusão Lísia nada conseguia entender. Ele detestava aqueles judeus rebeldes e suas escaramuças religiosas. Pareciam ser o único povo conquistado do império que precisava ficar sob constante observação, pois em cada festa religiosa colocavam em risco a paz romana. Agora, em meio à confusão daquela cena, cada um gritava uma coisa.

Não conseguindo entender aqueles gritos selvagens, Lísias fez um gesto impaciente, dando um sinal aos seus homens. Imediatamente eles cercaram a Paulo e recolheram-no à fortaleza. O povo mostrou-se desafiador; os gritos e caçoadas aumentaram. Os amotinados aproximaram-se tanto do prisioneiro que os soldados tiveram de levantá-lo e literalmente carregá-lo. Pelas vozes e atitude do povo, Lísias julgou ter capturado o agitador egípcio que, dias antes, havia reunido uma multidão no Monte das Oliveiras e ameaçado derrubar os muros de Jerusalém.

Ao chegarem aos degraus, tendo deixado a multidão enfurecida lá embaixo, Paulo voltou-se respeitosamente ao seu captor e indagou em grego: "É-me permitido dizer-te alguma coisa?" (At 21.37).

Lísias ficou espantado ao ver o cativo "egípcio" dirigir-se a ele no idioma grego.

Paulo explicou: "Na verdade que sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia; rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo" (At 21.39).

Lísias ficou impressionado ao ver a calma de Paulo diante do perigo e, com evidente admiração, permitiu que falasse. Enquanto os soldados guardavam os degraus, Paulo levantou a mão à multidão zangada, como sinal de que queria dirigir-lhe a palavra. Sua coragem fez com que se dispusessem a ouvi-lo. Na sua própria língua, Paulo começou o discurso.

Abaixo dele havia um mar de rostos fechados. Aqui, um fariseu com seu manto branco; ali, um rabino em trajes talares; e por toda parte, olhos ardendo de ódio.

Suas palavras foram diferentes das usuais, pois aquela gente não estava disposta a ouvir sermões.

Varões, irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós (At 22.1).

O povo vibrou. Aquela era a sua amada língua hebraica.

Quanto a mim, sou varão judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade aos pés de Gamaliel, instruído conforme a verdade da lei de nossos pais, zeloso de Deus, como todos vós hoje sois (At 22.3).

Paulo aprendera que, como orador, devia prender a atenção da platéia dizendo-lhe as coisas que esta gostava de ouvir.

Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres. Como também o sumo sacerdote me é testemunha, e todo o conselho dos anciãos; e, recebendo destes cartas para os irmãos, fui a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem, a fim de que fossem castigados (At 22.4,5).

A seguir, contou-lhes a respeito da luz que brilhara sobre ele ao entrar na cidade de Damasco, e da voz e aparição do Senhor. Falou igualmente de Ananias, da recuperação da sua vista e da comissão divina para ir e pregar Cristo ao mundo. Devido à sua súbita transformação de perseguidor em discípulo, os judeus de Jerusalém haviam se recusado a ouvi-lo. Certo dia, enquanto estava no Templo, caíra em transe. Ouvira a voz do Senhor, ordenando que deixasse Jerusalém e fosse pregar aos gentios.

A multidão ouviu em silêncio até esse ponto, mas quando o *nome gen-tio* - termo tão odiado - foi dito, sentiu-se ferida em seu orgulho religioso. Cheios de raiva, recomeçaram a gritar. O ruído transformou-se subitamente num clamor enfurecido: "Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva" (At 22.22).

Despindo-se, lançaram pó ao ar. Era a expressão evidente do seu desagrado, pedindo a morte de Paulo.

Lísias não pôde entender a defesa de Paulo, porque não conhecia o idioma hebraico. Ao ver que o povo redobrava a fúria, mandou que o apóstolo fosse recolhido à segurança da fortaleza. Depois ordenou aos soldados que o açoitassem e obtivessem a verdade mediante tortura. Quando estavam atando Paulo com as correias, este perguntou ao oficial encarregado: "É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado?" (At 22.25).

Surpreso com a pergunta, o oficial ordenou aos soldados que interrompessem o castigo, e foi procurar Lísias. Repetindo as palavras de Paulo ao comandante, aconselhou-o: "Vê o que vais fazer, porque esse homem é romano" (At 22.26).

Lísias foi com o homem até ó poste, aonde Paulo estava acorrentado e com as costas nuas. "Dize-me, és tu romano?" (At 22.27).

Quando Paulo afirmou que sim, Lísias mandou que o desamarrassem. Ele quase cometera um grande erro.

Voltou-se então a Paulo e disse: "Eu, com grande soma de dinheiro alcancei o direito de cidadão".

Ao que Paulo replicou: "Mas eu sou-o de nascimento" (At 22.28).

Os soldados receberam ordens para devolver as roupas de Paulo e ajudá-lo a vestir-se. O apóstolo foi então levado a uma cela de pedra, da qual esperava ser libertado no dia seguinte. Mas, ele passara pela porta de uma prisão romana, e em certo sentido, jamais seria verdadeiramente livre outra vez.

PAULO DIANTE DO SINÉDRIO

Em vez de solto, Paulo foi levado por uma tropa de soldados ao grande salão do Templo. Suas correntes haviam sido removidas e ele encontrou-se face a face com o Sinédrio. O grupo imponente fora convocado por Lísias; ele queria ouvir as acusações dos judeus para chegar a uma decisão sobre o prisioneiro. Ao entrar no pátio exterior do Templo, Paulo sentou-se entre os guardas, no mesmo salão onde ele próprio estivera tantas vezes como acusador, opinando contra os discípulos de Jesus.

Examinando os homens do conselho, Paulo sabia que alguns deles haviam estado presentes, um quarto de século antes, num falso julgamento, quando Jesus encontrava-se naquele mesmo lugar.

Da última vez em que Paulo estivera naquele grupo do conselho, seu coração ardia de ódio. Ele costumava assistir a todas as reuniões do Sinédrio e votar contra os cristãos. Mas agora, era diferente. Seu coração estava cheio da paz de Deus, e seu desejo era falar de um modo que testemunhasse eficazmente de seu Salvador.

Lísias deu-lhe permissão. Com a habilidade de um grande orador, Paulo começou seu discurso.

Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência (At 23.1).

Os membros do Sinédrio tinham certeza de que isso era mentira. Consideravam-no um traidor da sua causa e aquela declaração os espantou. Ananias, o sumo sacerdote, exaltou-se: "Guardas, batam-lhe na boca!"

Paulo ficou irado com essa ordem maldosa e, voltando os olhos míopes ao sumo sacerdote, replicou:

"Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?" (At 23.3).

Muitas vozes elevaram-se e alguém gritou: "Injurias o sumo sacerdote de Deus?" (At 23.4).

Houve, imediatamente, uma acusação formal contra Paulo. Este compreendeu que cometera um erro e desculpou-se na mesma hora: "Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote; porque está escrito: Não dirás mal do príncipe do teu povo" (At 23.5).

Paulo continuou seu discurso e, sabendo que o conselho era formado por fariseus e saduceus, gritou: "Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu! No tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado!" (At 23.6).

Tinha certeza de que essas palavras dividiriam o Sinédrio. Desde que os fariseus criam na ressurreição dos mortos, e os saduceus a negavam, surgiu uma grande controvérsia no conselho. De pé, com o dedo em riste, homens de ambos os partidos trocavam palavras contundentes. Por fim, os fariseus lembraram-se da recomendação de Gamaliel, de que se um espírito ou anjo falara realmente a Paulo, eles não estavam em posição de lutar contra Deus.

Portanto, esquecendo suas reclamações contra o apóstolo, admitiram: "Nenhum mal achamos nesse homem" (At 23.9).

Os saduceus, porém, não aceitaram essa decisão e o tumulto aumentou. Desgostoso, Lísias observava-os. Que cena típica das contendas religiosas judias! Gritos e maldições eram atirados de um partido contra o outro, enquanto cada um reivindicava o direito de decisão a respeito de Paulo. Alguns tentaram pôr as mãos sobre o apóstolo e arrastá-lo à morte, mas os soldados armados, a uma ordem do comandante, rodearam Paulo e livraram-no de ser feito em pedaços. Lísias ordenou rapidamente que os guardas reconduzissem o apóstolo à fortaleza.

A VISÃO NOTURNA DE PAULO

Naquela noite, deitado na cama de palha, Paulo tentava dormir, mas estava apreensivo e inquieto. Na sua agonia, viu o Senhor de pé ao seu lado, encorajando-o: "Tem ânimo; porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma" (At 23.11).

O espírito de Paulo reanimou-se; ele sentiu-se confortado. Não sabia como esta promessa se cumpriria, mas bastava que Deus o soubesse. Paulo ficou feliz. O anseio do seu coração seria respondido. Deus não terminara ainda seu propósito com ele.

Antes que findasse o dia seguinte, um jovem entrou na fortaleza pedindo para ver o prisioneiro. Afirmou ser um parente, e deixaram-no entrar. Ao vê-lo, Paulo reconheceu o filho de sua irmã. Na juventude de Paulo, em Tarso, sua irmã casara-se com um habitante de Jerusalém e fora viver nessa cidade, criando uma família leal à sinagoga.

O Aviso

- Tio Paulo - segredou o rapaz -, vim avisar o senhor de que há uma conspiração entre os judeus para matá-lo. Mais de quarenta deles fizeram um juramento de que não vão comer nem beber até que o liquidem. Amanhã, os principais sacerdotes vão pedir a Lísias que o leve novamente diante do Sinédrio, alegando que querem lhe fazer certas perguntas. Mas o grupo de quarenta ficará à espreita e, no momento em que os guardas o entregarem às autoridades do Templo, eles o atacarão e o matarão.

Paulo estava acorrentado ao guarda, mas pediu ao centurião que levasse seu sobrinho até Lísias e o avisasse da conspiração. O comandante ouviu cada palavra e fez o jovem prometer que manteria sigilo sobre o assunto.

Lísias compreendeu, porém, que a única maneira de manter a paz era fazendo Paulo sair de Jerusalém. Um plano formava-se em sua mente. Ele enviaria o prisioneiro a Félix, o governador de Cesaréia. Esta cidade era a capital romana da Judéia, e o perigo de rebelião seria menor numa cidade distante, com uma guarnição romana maior. Depois de fazer planos para escapulir com Paulo naquela mesma noite, ele sorriu ao pensar no desgosto dos judeus, quando descobrissem que o preso se fora. Riu também quando lembrou que os quarenta teriam de quebrar a promessa de jejum ou morrer de fome.

Naquela noite, uma escolta de duzentos soldados, sob o comando de dois centuriões, juntamente com setenta cavaleiros e duzentos lanceiros, dirigiu-se para Cesaréia com o prisioneiro. O grupo era grande porque Lísias temia um levante dos judeus. Além disso, a guarnição de Jerusalém fora aumentada durante a Festa do Pentecostes, mas agora que essa

terminara e os peregrinos já haviam retornado às suas casas, muitos dos soldados iam ser deslocados aos seus postos anteriores.

Em Antipatris, os soldados de infantaria deixaram Paulo aos cuidados dos cavalarianos, certos de que não havia mais perigo por parte dos judeus.

Lísias enviara uma carta a Félix, descrevendo o caso de Paulo e concluindo: "Nada encontrei contra o prisioneiro que mereça morte ou prisão, mas estou dizendo aos acusadores que façam suas acusações diante do seu tribunal".

A carta dava a impressão de que Lísias salvara a Paulo dos judeus por ser ele romano.

Quando Félix a leu, notou que Paulo era cidadão romano e indagou qual a sua província. Quando soube que era da Cilícia, ordenou que fosse mantido em segurança e que o julgamento ocorresse depois que seus acusadores chegassem a Jerusalém.

Paulo, no entanto, caíra nas mãos de um homem fraco, que tinha por hábito adiar as coisas, e que para proteger sua autoridade, era inescrupuloso e injusto. Nos dois anos seguintes, a vida de Paulo passou-se dentro dos muros da prisão de Cesaréia. A situação era desanimadora; em todo caso, ele tinha a promessa de Deus de que pregaria o Evangelho em Roma.

Antônio Félix fora nomeado para o governo pelo imperador Cláudio, em 52 A.D. Ele casara-se com uma judia, Drusila, filha de Agripa, depois de fazê-la abandonar o marido. O pecado tornou-o infeliz, apesar da sua elevada posição. Antes, fora escravo; depois de solto, recebeu um alto cargo, para o qual não estava capacitado. Seu governo destacava-se por atos de vingança e crueldade, e pela corrupção evidente, aceitando e pagando subornos. Os súditos o odiavam, e seu único remédio para as desordens na Judéia era a força bruta.

O JULGAMENTO PERANTE FÉLIX

Cinco dias após a chegada de Paulo a Cesaréia, o sumo sacerdote Ananias e os anciãos de Jerusalém compareceram para acusá-lo. Como não conhecessem a lei romana, levaram em sua companhia um advogado astuto de nome Tértulo. Dessa vez, não iriam perder! De pé, diante do tribunal de Félix, o orador começou seu discurso elogiando o governador e criticando o comandante Lísias:

Visto como, por ti, temos tanta paz, e, por tua prudência, se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, sempre e em todo lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos reconhecer. Mas, para que te não detenha muito, rogo-te que, conforme a tua eqüidade, nos ouças por pouco tempo (At 24.2-4).

A seguir, apontando o dedo comprido ao apóstolo sentado à frente da tribuna, sob a guarda de um soldado, continuou:

Temos achado que esse homem é uma peste e promotor de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo, e o principal defensor da seita dos nazarenos. O qual intentou também profanar o templo; e por isso o prendemos...examinando-o, poderás entender tudo o de que o acusamos (At 2.5-8).

Virando-se aos seus empregadores com um voltear eloqüente da mão, Tértulo perguntou-lhes se os fatos não eram exatamente aqueles. Enquanto Félix observava-lhes a fisionomia, todos concordaram com a cabeça.

As acusações eram graves, especialmente a de incitar motins entre os judeus. Se havia algo que os romanos vigiavam, era o traidor que perturbava a paz de Roma. Enquanto ouvia o discurso, Paulo notou os pontos fracos que ele continha e, quando teve permissão para defender-se, rapidamente os apontou.

A DEFESA DE PAULO

No momento em que Paulo pôs-se de pé diante do tribunal, Félix inclinou-se para escutá-lo atentamente. Ele ouvira falar dos nazarenos e do seu zelo, e desde que sua esposa era judia, tinha algum interesse em saber mais a respeito desse Jesus, que,

segundo diziam, levantara-se dentre os mortos.

Tértulo era um bom orador, mas Paulo ouvira os homens de Atenas e Deus lhe dera um dom de oratória, que superava o de qualquer de seus contemporâneos. Quando chegou a sua vez de falar ao nobre Félix, começou:

Porque sei que já vai para muitos anos que desta nação és juiz, com tanto melhor ânimo respondo por mim (At 24.10).

Iniciando a sua defesa sem mais delongas, negou cada uma das acusações feitas, descrevendo com grande simplicidade os eventos que levaram à sua prisão.

Pois bem podes saber que não há mais de doze dias que subi a Jerusalém a adorar. E não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade. Nem tão pouco podem provar as coisas de que agora me acusam. Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na lei e nos profetas. Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos. E, por isso, procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens.

Ora, muitos anos depois, vim trazer à minha nação esmolas e ofertas. Nisto me acharam já santificado no templo, não em ajuntamentos, nem com alvoroços, uns certos judeus da Ásia, os quais convinha que estivessem presentes perante ti, e me acusassem, se alguma coisa contra mim tivessem. Ou digam estes mesmos, se acharam em mim alguma iniqüidade, quando compareci perante o conselho (At 24.11-20).

Paulo olhou para todos eles e houve silêncio. Félix sentiu no coração que ele era inocente. Aquele não fora o seu primeiro encontro com a inveja e maldade judaicas. Mas, se uma voz lhe dizia para desconsiderar o caso, outra tentava-o a esperar, até descobrir que lado deveria apoiar em vantagem própria.

PAULO MANTIDO NA PRISÃO

A menção de dinheiro para os irmãos de Jerusalém o fez pensar em uma boa soma que poderia ser-lhe paga pela liberdade do apóstolo. De qualquer modo, valia a pena tentar! Se a igreja quisesse a libertação do seu líder, sem dúvida levantaria fundos para obtê-la. Decidiu adiar sua decisão. Não seria má idéia manter Paulo por perto durante algum tempo; havia muitas coisas sobre os nazarenos que o interessavam e queria ter uma conversa particular com o prisioneiro.

Com um aceno impaciente, Félix encerrou a sessão do tribunal, prometendo ouvi-los de novo quando Lísias chegasse de Jerusalém. Paulo foi mantido em custódia militar, acorrentado a um guarda, mas livre para receber seus amigos e conhecidos. Os meses passaram-se e Lísias nunca chegou. Ananias e os anciãos, decepcionados com a fraqueza do governador, voltaram irados a Jerusalém.

Durante os dias que se seguiram, Paulo teve muitos encontros privados com Félix. Certa ocasião, Félix levou a esposa, Drusila. Ela era uma princesa belíssima e com menos de vinte anos. Félix falara-lhe de Paulo e, sendo judia, quis ver esse conterrâneo que se convertera ao Cristianismo. Drusila compreendeu a diferença entre Paulo e os judeus que o acusavam, e tentou explicá-la ao marido. Seria interessante ver o homem e ouvir-lhe as palavras. Félix deu ordens para que Paulo fosse levado ao palácio.

Cercado por guardas, Paulo entrou no grande salão, onde Félix e sua jovem esposa reclinavam-se em sofás de seda. Ela era bela e ambiciosa, e com um sorriso curioso, voltou a

atenção ao conterrâneo envelhecido, de quem tanto ouvira falar. Drusila tinha antecedentes religiosos, mas, uma vez entregue à vida de iniqüidade para conseguir poder e posição, não se preocupava tanto com a entrevista, estando apenas um pouco curiosa.

Félix provavelmente não tinha religião. Como a maioria dos de sua classe, tinha um medo supersticioso do desconhecido e, ao ouvir Paulo, ficou fascinado por sua convicção e autoridade. Temeu que Paulo estivesse certo no que dizia. Era possível que houvesse realmente um Deus vivo, que guardava o futuro em suas mãos, e talvez esse Deus castigasse os perversos. Caso fosse verdade, qual seria a sua posição?

O grande apóstolo não poupou palavras. Falou com destemor sobre viver em pureza e retidão e sobre o domínio das paixões.

A vida de Félix tinha sido indisciplinada e absolutamente egoísta. Ele satisfizera todos os seus sentimentos de ódio, vingança e desejo. Mas agora, as palavras de Paulo assustavam-no, e ele tremeu ao pensar no futuro. Drusila arqueou as lindas sobrancelhas e deu um sorriso vago, ao qual Félix não conseguia resistir. Compreendeu também que, se permitisse que suas emoções o dominassem a ponto de ceder à atração de Paulo, teria de desistir dessa mulher bela e pecadora que era a luz de sua vida lasciva.

Uma sensação de medo o tomou, e disfarçando tudo, como se estivesse muito ocupado com questões oficiais, fez sinal com a mão de que a entrevista terminara. "Por agora vai-te, e tendo oportunidade, te chamarei" (At 24.25).

Quando retirava-se do aposento, Paulo ouviu o riso alegre da jovem princesa enquanto ela e o marido ocupavam-se rapidamente de outras coisas.

Félix mandou chamar Paulo repetidas vezes depois disso, pois gostava de conversar com ele sobre a eternidade e, além do mais, ainda entretinha a esperança de que os cristãos lhe oferecessem uma soma de dinheiro pela liberdade do líder. Mas, o dinheiro não chegou. A cada dia Félix rejeitava o Evangelho; a cada dia seu coração endurecia-se mais. Paulo voltou à sua vida na prisão, mantendo conversações diárias com os crentes que o visitavam.

Ávida em Cesaréia continuou rotineira. Paulo passou dois longos anos acorrentado a um guarda romano, com o seu ministério suspenso e seu caso sem solução. Seus inimigos, no entanto, não dormiam, e pediram a Félix que o mantivesse preso. Para fazer um favor aos judeus, o governador deixou que ele permanecesse encarcerado. Quando os amigos de Paulo fizeram petições, ele prometeu apressar as coisas e continuar o julgamento depois da chegada das testemunhas. Tanto os amigos como os inimigos de Paulo suplicaram ao governador que tomasse uma decisão. Mas ele não atendeu; não mandou matá-lo nem libertá-lo.

Félix foi subitamente chamado de volta à Roma. Durante seu termo de serviço, houvera muitos levantes dos zelotes, que ele havia subjugado pela força, mas que em breve voltavam à carga noutra região. Relatórios sobre esses fatos chegaram aos ouvidos de César, que não tolerava a desordem em seu império. Félix foi então removido, e outro governador, Festo, enviado com instruções para manter a paz romana.

PAULO DIANTE DE FESTO

Nem bem Festo chegara ao palácio de Herodes e tomara as rédeas da autoridade, os judeus viram outra chance de conseguir a morte de Paulo. Quando Festo fez sua primeira visita oficial a Jerusalém, o sumo sacerdote e alguns dos seus homens esperavam por ele, e suplicaram que Paulo fosse levado a julgamento nessa cidade. O plano deles era assassiná-lo em algum ponto da estrada. Mas, excederam-se em sua ansiedade, e Festo adivinhou que algo se escondia por trás de tanto interesse.

- Não é costume dos romanos - asseverou ele -, castigar alguém antes de uma acareação com os acusadores, e de dar oportunidade ao acusado para defender-se. Ele está sendo mantido em Cesaréia, e quando eu voltar, em breve, que os poderosos entre vocês me acompanhem e acusem o homem, se é que ele cometeu algo errado.

Esse governador não era como Félix. Ele cumpriu sua palavra e, no dia seguinte ao seu retorno a Cesaréia, Paulo foi levado diante da corte para enfrentar os mesmos acusadores que pediram seu sangue nos dias de Félix. Festo não entendia das leis judaicas e surpreendeu-se com o zelo daqueles homens de Jerusalém, que tanto se esforçavam para conseguir uma sentença de morte. Ouviu pacientemente as acusações e argumentos. Parecia ser uma disputa sobre religião,

que ele jamais poderia resolver.

Estava ansioso para começar bem o seu governo e ganhar o favor de seus governados. Tendo ouvido muitas testemunhas da parte deles, voltou-se a Paulo e perguntou: "Queres tu subir a Jerusalém e ser julgado acerca destas coisas em minha corte?"

O APELO A CÉSAR

Paulo lembrou-se do ódio do Sinédrio, e compreendeu que em Jerusalém estaria no meio dos inimigos. Tomou rapidamente uma decisão e apelou:

Estou perante o tribunal de César, onde convém que seja julgado; não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes. Se fiz algum agravo, ou cometi alguma coisa digna de morte, não recuso morrer; mas, se nada há das coisas de que estes me acusam, ninguém me pode entregar a eles. Apelo para César (At 25 10 11).

Festo ficou atônito. Jamais ouvira um apelo desses antes, mas sabia que, pela lei romana, não podia ser negado, pois Paulo era um cidadão livre, e esse era o seu mais nobre direito como romano. Depois de conversar às pressas com o conselho, levantou-se e fez o seu pronunciamento em tom grave: "Apelaste para César? Para César irás" (At 25.12).

O dado estava lançado. A causa do Cristianismo deveria comparecer diante da mais alta corte do mundo. Festo tinha de preparar um relatório para o imperador, mas teve dificuldade em escrevê-lo. Nada tinha de definido a declarar contra o homem; o relatório, porém, era imprescindível.

Enquanto Festo refletia, recebeu hóspedes das províncias e cidades vizinhas, que foram cumprimentá-lo pelo seu novo cargo e dar-lhe as boas-vindas najudéia. Entre eles encontrava-se o rei Herodes Agripa II, da Galiléia e da região próxima ao Jordão. Ele era irmão da jovem e bela Drusila e tataraneto de Herodes o Grande.

Todos os Herodes gostavam de espetáculos, e Festo fez o máximo para alimentar a vaidade do hóspede e cortejar-lhe o favor. No curso da conversa, ele contou ao rei sobre o seu estranho prisioneiro, pedindo conselho sobre como preparar a carta de apelo ao imperador.

PAULO DIANTE DE AGRIPA

O rei pediu para ouvir pessoalmente o apóstolo, prometendo que depois de escutá-lo ajudaria Festo a preparar seu relatório para César. O cunhado de Agripa tivera muito contato com Paulo, e essa seria uma boa oportunidade para ouvir o famoso orador, enquanto falava sobre um assunto que perturbava Israel.

O pedido foi aceito. No dia seguinte, Agripa compareceu em real esplendor, acompanhado de Berenice, adornada com todas as suas jóias. Para agradar ao rei, Festo convidara os oficiais do seu regimento e os principais da cidade. Era um falso julgamento, pois nada ia ser resolvido, mas Agripa o solicitara.

Com todo aparato, o grupo entrou no pretório, sentando-se nas cadeiras douradas que Festo mandara colocar para os visitantes. Junto às paredes, os lictores postavam-se atentos, e o prisioneiro foi colocado no centro, com uma corrente prendendo-lhe os pés.

Festo apresentou o caso segundo seus conhecimentos. A seguir, Agripa pediu a Paulo que se defendesse, e recostou-se na cadeira para ouvi-lo. Com um movimento eloqüente da mão, Paulo dominou a cena e começou sua defesa:

Tenho-me por venturoso, ó rei Agripa, de que perante ti me haja, hoje, de defender de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus. Mormente sabendo eu que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus; pelo que te rogo que me ouças com paciência (At 26.2,3).

Agripa foi devidamente homenageado e sua atitude era amigável. Paulo fizera um bom começo, e continuou. Seu testemunho, encontrado em Atos 26, foi essencialmente o seguinte:

A minha vida, pois, desde a mocidade, qual haja sido, desde o princípio, em

Jerusalém, entre os da minha nação, todos os judeus a sabem. Sabendo de mim, desde o princípio (se o quiserem testificar), que, conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu. E agora, pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais estou aqui e sou julgado. A qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. Por esta esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus. Pois quê? julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?

Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus, o nazareno, devia eu praticar muitos atos. O que também fiz... E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui.

Sobre o que, indo, então a Damasco, com poder e comissão dos principais dos sacerdotes, ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo. E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava, e em língua hebraica, dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões.

E disse eu: Quem és, Senhor?

E ele respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e póe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda. Livrando-te deste povo, e dos gentios, a quem agora te envio. Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé em mim.

Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. Antes, anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judéia, e aos gentios, que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento. Por causa disto os judeus lançaram mão de mim no templo e procuraram matar-me. Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço, dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer. Isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios (At 27.4-23).

Festo estivera ouvindo atentamente, com crescente espanto. Ele conhecia Jesus pelos registros romanos. Sabia que Ele fora crucificado sob o governo de Pôncio Pilatos; agora isso era história. Mas, esse prisioneiro falava calmamente da sua ressurreição e de tê-lo visto, e falado com Ele desde esse acontecimento. Que tolice! O homem devia estar louco.

- Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar - exclamou Festo.

Paulo respondeu:

Não deliro, ó potentíssimo Festo; antes digo palavras de verdade e de um são juízo. Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto. Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? (At 26.25-27).

Ele inclinou-se para ouvir a resposta. Agripa hesitou e não disse nada. Ele não apreciara a pergunta, pois qualquer fosse a sua resposta, seria apanhado. Paulo viu sua hesitação e acrescentou rapidamente:

- Bem sei que crês.

O rei ficou comovido, mas também muito embaraçado diante do seu séquito.

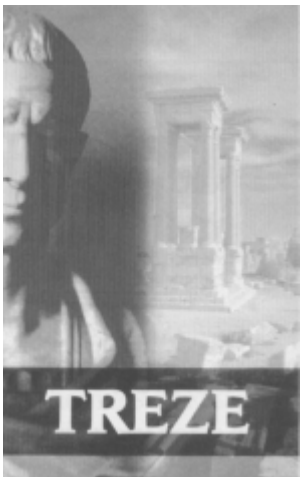
- Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!

Rápido como um esgrimista que avança para matar, Paulo respondeu prontamente: "Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo se tornassem tais qual eu sou" e acrescentou então três palavras curtas que revelavam tudo o que o Cristianismo fizera por ele, "exceto estas cadeias" (26.29).

Alguns anos antes, Paulo deleitara-se em prender homens e mulheres e lançá-los na prisão, mas agora não colocaria uma algema em ninguém.

Agripa não quis ouvir mais nada, e levantou-se. Berenice e Festo acompanharam-no para um lado do aposento. Ficaram conversando alguns minutos e concordaram que Paulo nada fizera digno de morte ou prisão. "Bem podia soltar-se este homem, se não houvera apelado para César" (At 26.32).

Festo sentou-se para fazer seu relatório e Paulo foi levado de volta à cela, a fim de esperar o dia da viagem para Roma.

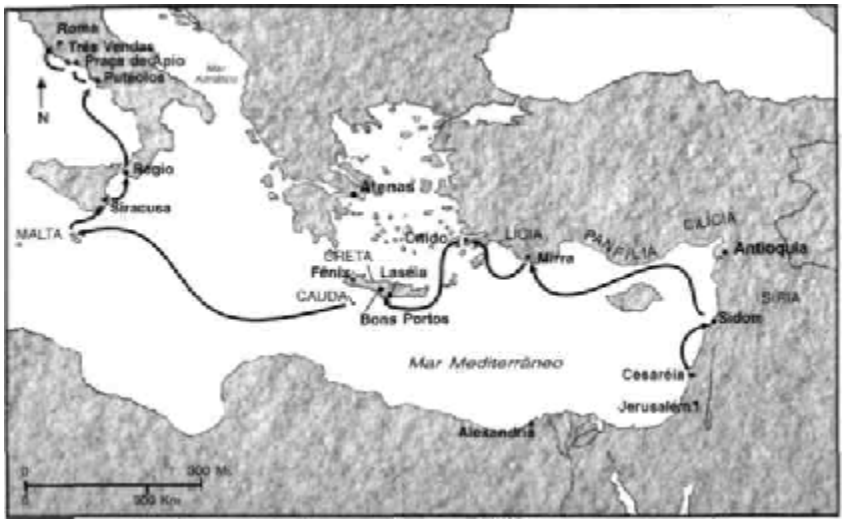


A VIAGEM PARA ROMA

O outono estava no fim quando Festo reuniu um grupo de prisioneiros e enviou-os a Roma. Em sua maioria, eram presos políticos que, por terem desafiado alguma lei romana, eram chamados de criminosos. Estavam sendo enviados à corte suprema, e se condenados, teriam de lutar com as feras no Coliseu e morrer diante da multidão insensível, num feriado.

A maior parte dos navios com destino a Roma haviam sido carregados mais cedo e seguido para o mar ocidental. Todo marinheiro sabia que os ventos equinociais tornavam perigosas as longas viagens e, em breve, os barcos seriam forçados a lançar âncora durante o inverno. Festo não conseguiu encontrar um navio para Roma, mas querendo livrar-se dos prisioneiros, colocou-os numa pequena embarcação que fazia viagens comerciais pela costa, do Egito até Adramítio, um porto da Mísia, perto da cidade de Trôade.

Os prisioneiros, a cargo de um centurião de nome Júlio e de uma escolta de soldados, iriam até onde fosse possível com o navio, na expectativa de encontrarem, em algum porto da Ásia, outro barco com destino a Roma. Festo deu instruções completas a Júlio, encarregando-o de guardar os homens como sua própria vida e entregá-los a Roma.



O centurião sabia que Paulo não era perigoso, pois Festo lhe contara que o levavam para Roma a seu próprio pedido. Tratava-se de uma questão religiosa sobre a qual estava sendo julgado. Júlio o tratou com grande respeito e bondade, chegando até a conceder-lhe privilégios em certos portos em que desembarcaram.

Lucas acompanhou Paulo como assistente e companheiro. Aristarco, um crente de

Tessalônica, que levara uma oferta à igreja de Jerusalém, estava também entre os passageiros.

Quando o vento forte soprou do Ocidente, as cordas foram retiradas e os longos remos levaram a embarcação para além do quebra-mar, em direção ao mar alto. Os marinheiros desfraldaram a vela branca; o capitão estabeleceu o curso, e navegaram por entre as ondas na direção norte, para o porto de Sidom.

O PORTO DE MIRRA

Em Sidom, o navio recebeu carregamento para as cidades da Ásia, e Paulo teve permissão para descer, porém acorrentado a um guarda. Ele passou o tempo visitando os irmãos e confirmando-os na fé. Era a sua última palavra para eles e quis adverti-los quanto aos perigos que a Igreja enfrentava. Alertou-os quanto aos inimigos de Cristo, sempre a postos. Depois de carregado o navio, os amigos de Paulo acompanharam-no de volta à nave, acenando enquanto as velas eram desfraldadas e a proa virava para o oeste, em direção à bela ilha de Chipre.

Os ventos frios do inverno já começavam a soprar e o mar mostrava-se agitado. O navio teve de mudar o curso; por segurança, ficou próximo à costa, ao abrigo do continente. Navegando em águas tempestuosas, passaram pela amada Tarso, a oeste da Panfília, avançando quando os ventos eram favoráveis e ancorando quando mostravam-se contrários. Finalmente chegaram ao porto de Mirra, na costa da Lícia.

Júlio ordenou que seus homens deixassem a embarcação, e enquanto esta preparava-se para retornar ao seu porto de origem, ao norte, ele procurou entre os navios ancorados algum que os levasse a Roma. Finalmente, encontrou um que trabalhava para os cerealistas egípcios, carregado de grãos, pronto a partir para a Itália, onde permaneceria durante o inverno.

Já havia muitos passageiros, mas o capitão abriu espaço para o grupo, esperando ser bem pago porque Júlio estava em missão imperial. Ao todo, havia 276 homens a bordo quando o navio se fez ao mar. O peso extra era-lhe favorável e o capitão levou-o para onde havia vento e águas encapelados, esperando dar tempo de chegar ao seu destino.

Era outubro, e o céu tinha a cor de chumbo. Depois de o navio haver deixado Mirra, um vento forte tirou-os da rota. Costearam a ilha de Rodes, e durante muitos dias fizeram pouco progresso, a sotavento das ilhas do Egeu, sendo levados pela correnteza para o norte até Cnido, e para o sul, até Creta. Dentro de um mês, não haveria mais navios no mar; as tempestades de inverno dominariam solitárias. Era prudente apressar-se.

BONS PORTOS

Com dificuldade e rangendo, o navio abriu caminho contra o vento, aproximando-se do Cabo Salmone e costeando a ilha de Creta. Chegaram a Bons Portos e ancoraram na baía. Bons Portos não passavam de um porto pequeno, inteiramente inadequado para se passar o inverno. Depois de uma mudança do vento, fizeram uma tentativa para chegar a Fênix, a sudoeste da ilha.

Qualquer um que conhecesse o mar teria noção do perigo. Parecia que chegar a Roma estava agora fora de questão. Tudo o que restava era procurar um porto abrigado e passar ali o inverno. O conselho de Paulo foi que permanecessem em Bons Portos. Com sua experiência do mar, onde já naufragara três vezes, aprendera a ser cauteloso. Dirigindo-se ao piloto e ao mestre, aconselhou: "Varões, vejo que a navegação há de ser incômoda e com muito dano, não só para o navio e carga, mas também para a nossa vida" (At 27.10).

O piloto do navio pensava outra coisa; e os homens, desejando invernar numa cidade maior, concordaram em seguir para Fênix, distante cerca de quarenta milhas a oeste. Uma mudança súbita do vento decidiu a questão. A tempestade do Norte abrandou e vieram ventos suaves do Sul, remanescentes de Alexandria e de um clima mais quente. Era tudo que desejavam. Nas águas calmas, os homens levantaram âncora e desfraldaram as velas, pretendendo costear Creta até alcançar Fênix.

A TEMPESTADE

Os planos dos navegantes, porém, foram rapidamente destroçados. Quando ainda se achavam há poucas milhas de Bons Portos, o vento mudou subitamente de direção, do Sul para o Nordeste, e soprou com tamanha violência das montanhas cretenses que transformou-se em

tempestade. O mastro rangeu quando o navio inclinou-se ao primeiro ataque da tormenta. Não houve sequer tempo para puxar o batei preso por uma corda na popa. Grandes ondas ergueram-se por trás do barco, como se por um golpe de mágica, e nada restou aos marinheiros senão correr adiante do temporal.

A frente deles estava o continente da África e a Baía de Sirte. Todo marinheiro temia esse lugar, pois não havia ali portos; só praias rasas onde os bancos de areia mudavam conforme os ventos e tornavam-se o túmulo de muitas embarcações. Todavia, a pequena ilha de Cauda achava-se ainda diante deles, que agradecidos, esconderam-se ao abrigo de seus penhascos. Ali ganharam tempo para levantar o batei cheio d'água e preparar o navio para o que talvez ainda tivessem de enfrentar. Grandes cordas foram passadas por sob o barco e bem amarradas para proteger a armação e mantê-la firme, especialmente se acabassem encalhando num banco de areia.

Até o abrigo inadequado de Cauda era-lhes suspeito. Encalhar na areia e ser despedaçados contra a praia era pior que a tempestade em mar aberto. O vento levou-os então para longe da ilha, e tendo feito tudo que podiam para salvar suas vidas, prenderam a grande verga ao convés e navegaram com o mastro nu. Tudo o que lhes restava fazer agora era manter-se em alto mar até que a tempestade passasse.

Trabalharam a noite inteira temendo o pior, mas esperando que o amanhecer trouxesse alguma ajuda. Na manhã seguinte, porém, o temporal não melhorara. E entrara tanta água pelo madeirame do navio, que este afundara ainda mais. O capitão ordenou que toda a bagagem pessoal fosse lançada ao mar, para aliviar a embarcação. A medida que o navio fazia água e afundava cada vez mais nas ondas, a carga teve de ser também lançada ao mar. A seguir, até a mobília, a vela grande e a verga foram atiradas, junto com todos os aprestos que podiam ser dispensados.

Dia e noite, os marinheiros lutaram arduamente contra as ondas. O navio subia e descia como uma rolha; as ondas batendo no convés e a água salgada escorrendo pelos lados. Seguiram-se dias e noites de terror, durante os quais só se via o céu cinzento; não havia sol, nem lua, nem estrelas. Ao redor deles, ondas negras assobiavam. Num momento, as águas eram como uma montanha caindo sobre o navio; no outro, um vale se abria, e eles afundavam.

Marinheiros e passageiros já haviam, há muito, perdido a esperança. Já não lutavam para salvar o navio; apenas agarravam-se às cordas e mastros. Sentiam que cada movimento do convés, afundando entre os vagalhões, seria o último. Ninguém pensava em comer; estavam certos de que a morte se aproximava.

A VISÃO DE PAULO

Paulo confiava na promessa de Deus: viveria para ver Roma. Durante um dos momentos em que adormeceu, ao deitar-se exausto abaixo do convés, teve uma visão do Senhor. Ao seu lado estava um anjo de Deus, trazendo-lhe a seguinte mensagem: não só ele seria salvo, como nenhum passageiro a bordo perderia a vida.

Quando o desânimo deles era grande, Paulo os encorajou:

Fora, na verdade, razoável, ó varões, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim, evitariam este incômodo e esta perdição. Mas, agora, vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque, esta mesma noite, o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! Importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, ó varões, tende bom ânimo! Porque creio em Deus que há de acontecer assim como a mim me foi dito. E, contudo, necessário irmos dar numa ilha (At 27.21-26).

No final da segunda semana, cerca da meia-noite, pareceu aos marinheiros experimentados que estavam se aproximando da terra. Encontravam-se em algum ponto do Mar Adriático. Um grito do vigia rasgou os ares e alarmou os corações: "Arrebentação! Arrebentação!"

Os marinheiros ouviram e acreditaram escutar o som das ondas nas rochas. O prumo foi

baixado e descobriram que a água tinha vinte braças de profundidade. Depois de avançarem um pouco, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. Isto significava que o mar estava ficando mais raso e havia o risco de rochas ou bancos de areia. Como estivesse escuro como breu, lançaram quatro âncoras para segurá-los e esperaram impacientes pelo nascer do dia.

A CONSPIRAÇÃO DOS MARINHEIROS

Na proa do barco, tramava-se uma conspiração. Alguns marinheiros planejavam fugir com o bote salva-vidas içado ao convés. Pretendiam baixar o bote e subir nele, como se quisessem lançar âncoras pela proa. Escapariam para a terra e abandonariam os amigos à fúria do mar. Paulo percebeu-lhes o intento e chamou rapidamente o centurião e seus soldados. "Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos" (At 27.31).

Júlio entrou em ação. A uma ordem sua um soldado dirigiu-se à lateral do navio com a espada desembainhada e cortou o cabo do bote. A pequena embarcação desapareceu nas trevas. Foi uma atitude imprudente; sem um bote, estavam ainda mais indefesos. Porém a conspiração terminou, e os marinheiros frustrados reuniram-se em grupos, tremendo sob a chuva gelada, até que o primeiro raio de luz aparecesse no leste. Então viram as rochas baixas e escuras da terra firme.

Ninguém sabia que terra era aquela, mas os 276 que estavam a bordo, subiram ao convés para ter um vislumbre dela. Com a confiança renovada, Paulo insistiu que todos comessem; precisariam de forças se quisessem sobreviver. Eles haviam jejuado durante 14 dias, pois o perigo fora tão grande que ninguém pensara em alimentar-se. Tomando o pão, Paulo inclinou a cabeça e, na presença dos soldados e marinheiros pagãos, deu graças a Deus e começou a comer. Sua animação foi contagiosa. As esperanças reavivaram-se, e todos se alimentaram. Com as energias renovadas, decidiram lutar por suas vidas.

Já que o navio tinha de perder-se e encalhar na praia, que chegasse o mais próximo possível da terra! Puseram mãos ao trabalho e a embarcação, aliviada da carga, boiou sobre as ondas. Isso os levaria mais perto da praia.

O que lhes dava um raio de esperança era a linha rochosa da costa, quebrada por uma pequena enseada e uma praia arenosa. O capitão julgou poder aproar o navio na direção da embocadura da enseada e encalhá-lo ali. Tiraram as amarras do leme; as cordas das âncoras foram cortadas; uma vela leve foi içada no mastro e o navio cambaleante dirigiu-se à praia. Não foram, porém, muito longe. Desconheciam a costa, e num lugar onde duas correntes se encontravam, o barco encalhou num banco de areia. Com um ruído forte, a proa imobilizou-se.

O NAUFRÁGIO

A água batia fortemente na proa. Não havia jeito de desencalhar a embarcação. As ondas continuavam furiosas e o madeirame já se soltava do barco. Na proa, os soldados romanos, sabendo que perderiam a vida se os prisioneiros fugissem, foram falar com o comandante: "Senhor, não podemos mais responsabilizar-nos pelos prisioneiros. Ninguém pode nadar nessas águas agitadas acorrentado a outro. Não seria melhor matá-los todos?"

Mas Júlio, depois de conhecer melhor a Paulo, passara a gostar dele. Por sua causa, ordenou que tirassem as correntes dos presos, e todos poderiam nadar até a praia. Os que não sabiam nadar pularam ao mar agarrados a tábuas ou pedaços de madeira, deixando que as ondas os levassem à terra firme.

Era um grupo lastimável aquele reunido na praia. Os homens fracos e exaustos ficaram olhando o navio ser despedaçado pela força das ondas gigantescas. Mas estavam todos ali; machucados, abatidos, quase afogados, e tremendo sob a chuva, porém salvos.

A tragédia atraíra os nativos à praia, e muitos correram para ajudar os estranhos, acendendo fogueiras para aquecê-los. Foi então que os náufragos souberam onde estavam. Tinham chegado à ilha de Malta.

Os habitantes de Malta eram de descendência egípcia, e durante muitos séculos foram homens do mar. Com grande simpatia, haviam observado o navio em perigo e os esforços para salvá-lo. Ao ver os homens chegarem à praia, um a um, os nativos de Malta maravilharam-se. Estavam certos de que muitos morreriam no naufrágio.

A VINGANÇA DOS DEUSES

Na praia, Paulo juntou-se aos outros para apanhar gravetos. Com uma braçada deles, aproximou-se do fogo e colocou-os nas chamas. De repente, uma víbora que estivera escondida na lenha, fugindo do calor, agarrou-se-lhe à mão. Por um segundo, ela permaneceu ali, enquanto um grito de terror elevou-se dos espectadores. Com um movimento rápido, Paulo sacudiu-a, fazendo-a cair no fogo.

O pensamento geral foi: ali estava um prisioneiro que escapara do mar, mas a vingança dos deuses o seguira, e sua hora chegara. Os ilhéus sabiam que a víbora tinha um veneno mortal, de ação rápida. Esperavam ver Paulo adoecer e cair morto em questão de minutos. Com o horror estampado nos semblantes, ficaram a observá-lo. Ele certamente havia cometido algum crime terrível para encontrar a morte assim tão de repente.

Mas, Paulo não tinha tais pensamentos. Não temia, porque confiava em Deus e acreditava que pregaria o Evangelho em Roma, como lhe fora prometido. Tranqüilamente, o apóstolo atiçou o fogo e aproximou-se dele para secar as roupas e aquecer o corpo. Quanto mais os minutos passavam, mais crescia o espanto dos observadores. Paulo não empalidecera, nem parecia um homem em agonia.

Um a um, os ilhéus supersticiosos menearam as cabeças e concluíram que ele fosse um deus disfarçado. O acontecimento, combinado com o que houve nas semanas seguintes, deu a Paulo a oportunidade de pregar o Evangelho. Pôde falar do Deus Único e Verdadeiro, que tem poder para livrar seus servos do mal.

A CURA DO PAI DO GOVERNADOR

Os ilhéus levaram os náufragos à casa de Públio, o governador romano de Malta, que morava próximo à cena do desastre. Sua residência era grande e seu coração ainda maior. Ele hospedou a todos durante três dias. Públio tinha um pai idoso que morava com ele, e que se achava doente, com febre. Quando Paulo soube, pediu para vê-lo. Recebida a permissão, impôs as mãos sobre o homem e orou. Com os olhos levantados ao céu, clamou fervorosamente por um milagre. A cura daquele homem seria um testemunho do poder de Deus e da verdade do Evangelho.

O Senhor atendeu-lhe a oração, e o pai do governador ficou bom. Públio ouviu as boas-novas, assim como muitos doentes de Malta. Os enfermos da ilha iam à procura de Paulo, esperando que este também os curasse. Durante os três meses de inverno, enquanto Júlio e seus prisioneiros aguardavam que o mar se tornasse novamente navegável, Paulo e seus amigos, Lucas e Aristarco, pregaram o Evangelho de Cristo. E Deus confirmava com milagres as suas palavras. Honras especiais foram concedidas a Paulo e a seus companheiros. Eles haviam conquistado o amor e a confiança dos ilhéus. Ricos e pobres tinham presenciado o grande poder de Deus, e alguns creram.

RUMO A SIRACUSA

Os três meses passaram-se rapidamente. Com as primeiras brisas mornas da primavera, os comandantes dos navios ancorados no porto começaram a reunir os tripulantes, preparando-se para partir. Júlio estava ansioso para seguir viagem. Fez arranjos com o proprietário de outro navio graneleiro de Alexandria, e os soldados e seus prisioneiros prepararam-se para ir embora. A essa altura, Paulo já tinha muitos amigos e esses entristeceram-se com a despedida. Numa demonstração de amor, levaram presentes e provisões, e reunidos no cais, disseram adeus ao apóstolo. A pesada embarcação foi levada à baía pelos remadores, com as velas içadas. Ventos brandos sopraram. Depois de um dia agradável sob um céu ensolarado, e cercados por águas azuis, chegaram à velha cidade de Siracusa, aninhada num lindo golfo da Sicília.

Durante três dias, Paulo e seus companheiros, escoltados por um guarda romano, visitaram a cidade, cujo povo muito se orgulhava da sua habilidade em corridas de carros. Ali, à sombra do templo branco de Diana, com os sacerdotes pagãos que matavam quatrocentos bois por ano sobre o altar dessa deusa, Paulo provavelmente falou de Jesus. Embora o tempo fosse curto e os ouvintes poucos, a semente de uma igreja fiel pode ter sido plantada.

O navio porém prosseguiu em sua rota. Na proa que cortava as ondas havia figuras dos irmãos gêmeos Castor e Pólux, que na mitologia antiga eram filhos de Zeus. Os marinheiros

orgulhavam-se de servir nesse navio, pois esses gêmeos celestiais eram tidos como protetores dos navegantes.

A CINTILANTE BAÍA DE NÁPOLES

Na direção oeste, enquanto abriam caminho para o continente, eles podiam ver a montanha de fogo, cinzenta durante o dia e iluminada à noite. O Etna era um marco para todo viajante a caminho de Roma. Nos apertados estreitos de Messina, tocaram o primeiro porto italiano. No bonito porto de Régio, protegido pelos altos montes da Sicília e pelo continente, o vento cessou e o navio permaneceu imóvel um dia inteiro. Mas, pela manhã, o vento sul soprou. Com as velas desfraldadas à brisa, o navio deixou o estreito para trás. Durante todo aquele dia e noite navegaram contra o vento e, na manhã seguinte, chegaram a um dos grandes portos de Roma. Era a cidade de Putéolos, na Baía de Nápoles. Rodeando toda a baía, ficavam os balneários da moda, dos abastados cidadãos romanos. À distância, erguia-se o Monte Vesúvio. Aos seus pés, encontravam-se as prósperas cidades de Pompéia e Herculano.

Por causa de seu magnífico cenário e clima agradável, a Baía de Nápoles era a praia favorita dos nobres de Roma. O imperador tinha a sua vila nessa baía, a mais bela do mundo. Na cidade de Putéolos, os grandes navios descarregavam suas cargas e os passageiros desembarcavam, seguindo a Estrada de Ápio até Roma. Nesse mesmo porto, havia algum tempo, Calígula, enlouquecido pelo poder, gabara-se de que poderia andar de carro até a sua vila por sobre a baía brilhante. Cumprindo suas ordens, barcos foram amarrados uns aos outros e uma estrada de quatro quilômetros construída por cima deles para que pudesse dizer que dominava o mar.

Em Putéolos, os pés de Paulo tocaram o solo italiano pela primeira vez. Júlio permaneceu durante algum tempo nessa cidade e Paulo teve permissão para encontrar-se livremente com os amigos. Agora havia cristãos por toda parte, e quando souberam da presença de Paulo, muitos foram vê-lo e pedir-lhe que ficasse mais tempo entre eles.

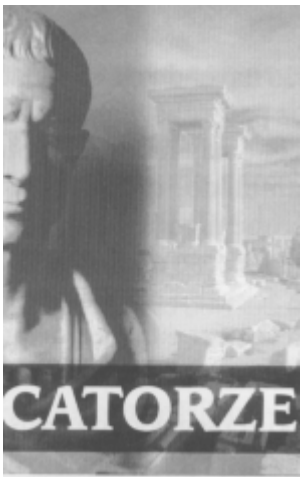
Durante a parada de sete dias, os cristãos tiveram oportunidade de enviar a Roma notícias da chegada de Paulo. Os crentes romanos sentiram-se felizes por ver o homem que passara a vida a serviço de Cristo. Haviam lido e decorado a carta recebida do apóstolo. Reuniam-se todos os domingos para a confraternização cristã, e liam partes dessa carta, alegrando-se na sua salvação. Muitos decidiram ir ao encontro de Paulo na estrada, pelo prazer de acompanhá-lo até Roma. Alguns viajaram 64 quilômetros e o encontraram na praça de Ápio; outros, 48 quilômetros, indo até as Três Tavernas.

Quando Paulo viu os amigos da igreja de Roma, seu coração comoveu-se. Pensou no julgamento que o aguardava e na possível condenação, mas ao sentir o amor e dedicação daqueles amigos a Cristo, agradeceu a Deus e recobrou ânimo. Entre os crentes dali estavam seus antigos companheiros, Áquila e Priscila.

OS PORTÕES DE ROMA

Roma estava logo adiante. Roma, a dona do mundo! A cidade de templos e palácios! O centro da terra! O trono do imperador!

Os portões agora estavam à vista. Júlio reuniu os prisioneiros no centro da escolta de soldados e fez com que marchassem pelas ruas até os alojamentos imperiais, onde foram entregues a Barros, conselheiro-chefe do imperador. Esse velho e honesto soldado, que perdera uma das mãos na batalha, ouviu com interesse e bondade, enquanto Júlio falava-lhe sobre cada homem. E quando mencionou Paulo, obteve um favor especial - um quarto privado onde pudesse morar com o soldado que o guardava, e permissão para ver os amigos sempre que quisesse.



PRISIONEIRO EM ROMA

Três dias após a chegada de Paulo a Roma, seu quarto estava cheio de visitas. Ele enviara mensagens às principais autoridades das sinagogas, convidando-as a visitá-lo e ouvir sua história. Ávida do judeu em Roma sempre fora difícil. Durante o governo de Cláudio, todos eles haviam sido expulsos da cidade, mas agora houvera um relaxamento das leis. Tantos judeus tinham voltado a Roma que sete sinagogas foram construídas. Separados dos romanos, eles viviam na margem ocidental do rio Tibre.

Compreendendo o quanto seus conterrâneos haviam sofrido nas mãos do imperador romano, e que a inimizade dos cidadãos podia ser despertada ao menor pretexto, Paulo temia que sua presença em Roma trouxesse mais problemas aos judeus. Seu apelo a César poderia ser interpretado como uma tentativa de promover mais perseguição aos judeus, por chamar a atenção sobre suas disputas religiosas.

Quando os líderes judeus atenderam ao convite de Paulo, este explicou-lhes que havia decidido fazer o apelo a César apenas por não haver outro meio de obter a liberdade. Eles ouviram e não se mostraram hostis.

Varões irmãos, não havendo eu feito nada contra o povo, ou contra os ritos paternos, vim, contudo, preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos. Os quais, havendo-me examinado, queriam soltar-me, por não haver em mim crime algum de morte. Mas, opondo-se os judeus, foi-me forçoso apelar para César, não tendo contudo, de que acusar a minha nação. Por esta causa vos chamei, para vos ver e falar; porque pela esperança de Israel estou com esta cadeia (At 28.17-20).

Eles sabiam que Paulo era seguidor de Jesus, e tinham ouvido de suas visitas a muitas sinagogas no império. Entretanto mostraram-se amáveis, pois compreendiam que qualquer demonstração contrária poderia provocar a inimizade de Roma.

Nós não recebemos acerca de ti qualquer carta da Judéia, nem veio aqui irmão algum, que nos anunciasse ou dissesse de ti algum mal. No entanto bem quiséramos ouvir de ti o que sentes; porque, quanto a esta seita, notório nos é que em toda a parte se fala contra ela (At 28.21,22).

PREGANDO EM ROMA

Num determinado dia, abriu-se finalmente a porta para o velho guerreiro pregar sobre seu tema favorito: Jesus Cristo. De manhã até a noite, Paulo conversou com os judeus que haviam comparecido em grande número para ouvi-lo falar do Messias. A luz do Evangelho brilhava-lhe nos olhos, e sua voz inflamava-se com o fogo santo, enquanto fazia os ouvintes examinarem as suas próprias Escrituras. Tudo o que aprendera na escola de Gamaliel estava sendo útil, e ele citou passagem após passagem dos rolos sagrados. Usou as palavras de Moisés

e dos profetas para mostrar que a única esperança de Israel estava no Messias. As Escrituras deles continham tudo isso; se pelo menos cressem!

Quando o dia terminou, havia divisão entre os ouvintes. Alguns creram e foram embora com a esperança no coração e uma nova vida no íntimo; outros mostraram desprezo.

Paulo, porém, continuou enquanto saíam:

Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías, dizendo: Vai a este povo, e dize: De ouvido, ouvireis, e de maneira nenhuma entendereis; e, vendo, vereis, e de maneira nenhuma percebereis...Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão (At 28.25,26,28).

Com estas palavras soando-lhes nos ouvidos, os judeus partiram irados.

A Órbita da Atividade Cristã

Não muito depois disso, a igreja de Filipos, sabendo da prisão de Paulo, reuniu e enviou dinheiro para o sustento do apóstolo em Roma. Foi um presente tão grande e abençoado, que ele pôde, com o consentimento de seus captores e a ajuda de alguns cristãos de Roma, mudar-se para uma casa alugada, onde morou durante dois anos, esperando o dia de seu julgamento pelo tribunal de Nero.

Durante sua prisão Paulo foi tratado com grande benevolência, embora continuasse sempre acorrentado a um guarda. Aonde quer que fosse, o soldado o acompanhava. Depois de dois anos dessa vida, vários guardas já tinham ouvido o Evangelho e alguns deles se converteram. Paulo não era um cristão oculto; através de seus amigos crentes, fez saber a todos que explicaria o Evangelho a quem o procurasse em sua residência. Muitos aceitaram o convite, e sua casa em Roma veio a tornar-se um centro de testemunho cristão.

Crentes de várias cidades iam e vinham, procurando os conselhos de Paulo sobre assuntos da fé cristã e levando suas cartas às igrejas do Leste. Listra e Derbe, Corinto e Éfeso, Colossos e Tessalônica, e até a igreja de Beréia enviaram seus representantes para trabalhar sob a direção de Paulo. Orientados por ele, divulgaram o Evangelho nas cidades onde Cristo não era conhecido. Alguns deles testemunhavam nas ruas movimentadas de Roma, e ao mesmo tempo ministravam ao apóstolo. Sua casa tornou-se um centro de atividades, de onde os mensageiros da Cruz partiam para todo o império. Depois de cada viagem, como os cometas em sua órbita, voltavam ao ponto de partida.

Paulo passou a amar os soldados que o guardavam. Eram homens corajosos e fiéis, e não demorou muito para que um pequeno grupo de crentes se formasse entre a guarda pretoriana e os homens da casa de César. Ao serem convencidos da Verdade, esses homens levavam a mensagem aos familiares, bem como a todos os militares nos quartéis. Cada vez que o velho apóstolo refletia sobre sua prisão, um sorriso aflorava-lhe aos lábios e ele agradecia a Deus. Suas cadeias, em vez de prejudicar o Cristianismo, tinham-no ajudado!

Enquanto os amigos iam e vinham, Paulo esperava por notícias do julgamento. Com a morte de Cláudio, Nero subira ao trono. Ele não era filho de Cláudio, mas sua mãe viúva incentivou-o e fez com que fosse coroado imperador aos dezessete anos. Britânico, seu meio-irmão, era o herdeiro legítimo; mas pelas manobras da mãe, Nero foi o escolhido. Antes de completar um ano no poder, ele mandou envenenar Britânico. Com o passar do tempo, veio a odiar a mãe e ordenou que seus amigos a matassem. Eles agarraram-na no meio da noite e tentaram afogá-la; não conseguindo, acabaram por apunhalá-la. Nero casou-se com a gentil Otávia, filha de Cláudio, a quem passou também a odiar. Quando Paulo chegou a Roma, o jovem Nero, então com 24 anos, estava planejando matar Otávia e casar-se com Pompéia.

Inteiramente entregue a uma vida de paixões e perversidade, Nero não tinha a menor intenção de perder tempo com um prisioneiro judeu. Portanto, Paulo ficou esperando sob os cuidados de um guarda, enquanto o imperador prosseguia em sua vida devassa.

A Chegada de Timóteo

Paulo sentiu-se reanimado quando seu jovem e fiel amigo Timóteo chegou a Roma. O rapaz queria estar perto de seu pai espiritual e ser dirigido por ele no trabalho do Senhor. Quatro

anos haviam se passado desde que Paulo e Timóteo viajaram juntos para pregar a Cristo na Europa. Tinham ido a Filipos e plantado o Evangelho na Macedonia, começando numa reunião de oração. Naquele dia, Lídia, a vendedora de púrpura, abrira não somente o coração a Cristo, como também sua casa aos cultos. Os pensamentos de Paulo voltaram àquele dia. Lembrou-se de como havia sido publicamente açoitado na praça do mercado e finalmente preso. Recordou-se do carcereiro que se tornara cristão com toda a família, e de como a igreja de Filipos cuidara das suas necessidades quando fora a Tessalônica. Duas vezes enviaram-lhe dinheiro. E agora, ouvindo falar de suas cadeias em Roma, mandaram novamente dinheiro por Epafrodito, que ficou para ajudar Paulo e trabalhar para Cristo sob a orientação do apóstolo.

Sem dúvida, foi Lídia, a rica mercadora, quem instigou a igreja de Filipos a ajudar o homem de Deus. Como foi animador ouvir dos lábios de Epafrodito que a igreja filipense continuava firme na fé! Que encorajamento para Paulo saber que um de seus membros fora ter com ele para ser seu companheiro no trabalho!

A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Epafrodito pregou o reino de Deus com tanto zelo e fervor, a ponto de não se importar com a própria saúde. Nas ruas estreitas de Roma, ajuntava uma multidão e falava-lhes de Jesus. Depois de alguns meses, uma grave doença interrompeu-lhe o ministério, confinando-o ao leito, onde esteve à beira da morte durante várias semanas. Aos poucos começou a melhorar, mas estava fraco e incapaz de voltar ao trabalho. Paulo percebeu que o amigo tinha saudades de casa, e resolveu mandá-lo de volta a Filipos.

Com a ajuda de Timóteo, Paulo começou a ditar uma carta. Seu pensamento retrocedeu alguns anos e ele lembrou-se vividamente de cada membro da igreja.

Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós.

E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho. De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares. E muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor (Fp 1.3,12-14).

Paulo falou do seu julgamento, sem muita certeza quanto ao futuro. Ele não tinha meios de saber o que aconteceria. O jovem imperador dava pouco valor à vida, e Paulo não sabia se seria poupado. De fato, pensara com agrado na possibilidade de morrer, pois isso significaria estar com Cristo. Todavia, teve alguns vislumbres de esperança de que seria solto. Viver significaria trabalhar mais para Jesus; morrer seria lucro e uma gloriosa entrada no céu. As palavras subiram-lhe do coração:

Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei, então, o que deva escolher. Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne. E, tendo esta confiança, sei que ficarei, e permanecerei com todos vós para proveito vosso e gozo da fé. Para que a vossa glória aumente por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida a vós.

Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo.

E espero no Senhor Jesus que em breve vos mandarei Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo dos vossos negócios... Mas confio no Senhor que também eu mesmo, em breve, irei ter convosco (At **1.23-28; 2.19,24).**

Ele escreveu sobre Epafrodito, o valoroso cooperador que adoecera e ficara muitas semanas entre a vida e a morte:

Porquanto tinha muitas saudades de vós todos, e estava muito angustiado de que tivésseis ouvido que ele estive-ra doente. E, de fato, esteve doente, e quase à morte, mas Deus se apiedou dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, vo-lo enviei mais depressa, para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis, e eu tenha menos tristeza. Recebei-o, pois, no Senhor, com todo o gozo, e tende-o em honra. Porque, pela obra de Cristo, chegou até bem próximo da morte, não fazendo caso da vida, para suprir para comigo a falta do vosso serviço (Fp 2.26-30).

A carta foi escrita e selada. Epafrodito levou-a consigo à cidade natal. Paulo tinha agora um companheiro a menos, mas Timóteo e Lucas permaneceram ao seu lado, mantendo-o em contato com os cristãos de Roma. Marcos, Tíquico, Aristarco, Demas, Trófimo e Tito colocaram-se à disposição de Paulo; passavam os dias indo de uma igreja a outra, levando as mensagens do apóstolo.

A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Epafras tinha sido o missionário por meio de quem os colossenses ouviram pela primeira vez o Evangelho e se converteram ao Cristianismo. Ele encontrava-se agora em Roma, trabalhando para o Senhor como um dos colaboradores de Paulo. A igreja de Colossos enviara seu mais importante líder para pregar o Evangelho na maior cidade do mundo.

Sendo um dos companheiros de Paulo, Epafras passou muitas horas com ele. Faziam planos e discutiam a respeito das várias igrejas sobre as quais Paulo mantinha vigilância. Todos os dias oravam juntos por cada igreja, lembrando sua fidelidade e pedindo a Deus que as fortalecesse. Sempre que orava, os pensamentos de Epafras voltavam à sua amada congregação em Colossos, e ele intercedia por aqueles cristãos; que o Senhor os aperfeiçoasse e os completasse conforme a sua vontade. Paulo nunca vira a igreja de Colossos, mas Epafras referia-se constantemente a ela por lhe ser tão cara ao coração. Falava de cada crente; contou que a congregação se reunia em casa de Filemom, e Arquipo ficara encarregado de prosseguir com a obra.

Ao falar de sua amada igreja, Epafras revelou uma profunda preocupação com um judeu, que de maneira muito sutil, estava desviando o povo para duas formas de erro. A primeira era uma espécie de ascetismo, ensinando que as pessoas tinham de negar a si mesmas para obter a salvação. Enfatizava a observância de certos dias, e sua pregação era cheia de proibições. Segundo seus ensinamentos, somente pela autonegação alguém se tornava digno da vida eterna. O segundo erro era uma filosofia mística que despojava Cristo da sua posição como Filho de Deus e Salvador dos homens.

Era o velho erro, que Paulo tantas vezes combatera, surgindo outra vez e prejudicando a mensagem cristã. Quem estava melhor preparado para advertir os colossenses contra tal heresia? Paulo decidiu escrever-lhes uma carta. Com Timóteo ao seu lado, anotando-lhe os pensamentos enquanto os ditava, começou a missiva.

Falou primeiro de seu afeto pelos colossenses e de como tivera notícias deles através de Epafras. Quanto às coisas básicas, só tinha elogios a fazer. Elogiou-lhes a fé em Cristo, o amor por todos os cristãos, e sua esperança no céu. A seguir, passando à admoestação doutrinária, advertiu-os contra o perigo da falsa filosofia e do ensino judaico que solapava a divindade do Senhor:

Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo. Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.

Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados. Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo (Cl 2.8,9,16,17).

Paulo não podia terminar a carta sem acrescentar alguns conselhos práticos à vida cristã.

Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos, e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade. Suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro: assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também.

E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoes-tando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração (3.12,13,15,16).

Terminada a carta, Paulo tomou-a das mãos de Timóteo e escreveu, ele mesmo, uma saudação final, assinando-a a fim de que não tivessem dúvidas sobre o remetente. Depois de reler a missiva, para ver se nada esquecera, ordenou a Tíquico que a levasse à igreja de Colossos; ficasse ali algum tempo, e depois voltasse com notícias.

A CONVERSÃO DE ONÉSIMO

Tíquico foi acompanhado na viagem por um homem chamado Onésimo, que fora escravo na casa de Filemom, em Colossos. Certo dia, rebelando-se contra a escravidão, Onésimo roubara roupas e dinheiro de seu dono, e fugira, imaginando que poderia esconder-se nas ruas movimentadas de Roma e começar uma nova vida. Mas em Roma, sob a influência do apóstolo Paulo, acabou convertido. Quando conheceu Jesus e seu amor, a gratidão e reverência encheram-lhe o coração. Onésimo compreendeu que Jesus morrera para salvá-lo. A ele, um escravo fugitivo e ladrão! Enquanto crescia na graça e no conhecimento de Deus, entendeu que, aos olhos do Senhor, o escravo e o livre são iguais.

Que diferença entre o tratamento que recebia de Paulo, como crente, e a antiga vida que conhecera em Colossos! Ao confessar seu pecado a Deus, Onésimo fez uma entrega completa. Tão genuína foi a sua conversão, que estava disposto a contar as Boas Novas a todo mundo. Então Paulo dirigiu-o a ganhar outros para Cristo. Metade da população de Roma era composta de escravos, e Onésimo poderia alcançar muitos deles que, de outra forma, não ouviriam o Evangelho.

Entretanto, conhecendo a injustiça que Onésimo fizera a Filemom, Paulo o fez compreender que o único curso de ação era voltar e confessar tudo ao antigo dono. Isso significava castigo. Embora Filemom e sua mulher, Afia, fossem bondosos e justos, o supervisor da casa certamente o açoitaria. Ele vira os sofrimentos infligidos a escravos que tinham sido temerários e desleais, e calculou que voltar não seria agradável, especialmente agora que era um homem livre em Cristo e útil ao grande apóstolo.

Todavia, desde que se tornara cristão, queria endireitar todos os seus erros, tanto aos olhos de Deus quanto aos dos homens. Esse era o único caminho para a paz e serviço. Decidiu então que, por causa do Senhor, voltaria a ser escravo, corrigindo seu erro.

A EPÍSTOLA A FILEMOM

A fim de abrandar a dificuldade da volta, Paulo escreveu uma breve carta pessoal a Filemom. Este senhor fora um dos seus convertidos; entregara-se a Cristo durante a longa estada de Paulo em Éfeso. Agora, com zelo pelo seu Senhor, Filemom revelava grande hospitalidade à igreja de Colossos. Os membros reuniam-se todas as semanas em sua bela casa, sob o ministério de Arquipo.

Movido por forte sentimento cristão, Paulo escreveu um ousado, porém discreto, apelo ao seu amigo.

Todavia, peço-te, antes, por caridade, sendo eu tal como sou, Paulo, o velho, e também agora prisioneiro de Jesus Cristo. Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões.

Eu bem o quisera conservar comigo, para que, por ti, me servisse nas prisões do evangelho. Mas nada quis fazer sem o teu parecer, para que o teu benefício não fosse como

por força, mas voluntário. Porque bem pode ser que ele se tenha separado de ti por algum tempo, para que o retivesses para sempre. Não já como servo, antes, mais do que servo, como irmão amado, particularmente de mim e quanto mais de ti, assim na carne como no Senhor?

Assim, pois, se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo. E, se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta...eu o pagarei.

E juntamente prepara-me também pousada, porque espero que pelas vossas orações vos hei de ser concedido (Fm 9,10,13-19,22).

A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Enquanto Tíquico e Onésimo preparavam-se para a viagem, Paulo dava as últimas pinceladas na carta que vinha escrevendo cuidadosamente havia semanas. Era uma carta geral; não se destinava a corrigir quaisquer erros em particular. Devia ser passada entre as várias igrejas, a fim de fortalecer-lhes a fé, encorajá-las na vida cristã e conscientizá-las de sua posição e privilégios em Cristo Jesus.

Ele começou com um hino de louvor às três pessoas da Santíssima Trindade - o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A seguir, com mão de mestre, pintou um quadro da igreja como o templo de Deus, construído sobre o fundamento de Cristo. Todas as grandes doutrinas da fé foram mencionadas nessa belíssima carta. A maturidade cristã do apóstolo é evidente em cada linha. Não foram feitas referências pessoais, nem saudações às famílias locais ou colaboradores. Se a carta fosse destinada apenas aos efésios, Paulo teria enviado cumprimentos a muitos, segundo o seu costume, pois trabalhara três anos entre eles - mais tempo que em qualquer outra cidade. Em vez disso, pretendia que ela fosse uma admoestação final a várias igrejas. Ele era agora Paulo, o velho, e seus dias de missivista logo terminariam. O apóstolo ansiava por incluir em uma carta circular a plenitude do Evangelho e o encorajamento que enriqueceria e firmaria cada membro do corpo de Cristo. Tal carta aplicar-se-ia a todas as igrejas que fundara. Escreveu então:

E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutro tempo, andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência... Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)... Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.

Portanto, lembrai-vos de que vós, noutro tempo, éreis gentios na carne... que, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo (Ef 2.1,2,4,5,8,9,11,12).

Numa transição rápida e precisa, desceu dos altos picos para os vales profundos da vida comum: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados" (Ef 4.1).

Enquanto ditava o último capítulo de sua obra-prima, Paulo procurava algum exemplo que fixasse para sempre suas palavras à mente dos leitores. À sua frente estava sentado o jovem a quem amava como a um filho. Timóteo, com a pena na mão, ouvia e anotava atentamente cada palavra saída dos lábios de seu mentor. Ao seu lado, encontrava-se o sempre presente guarda romano, magnífico na armadura do império, e orgulhoso por estar entre os escolhidos de Nero. Os olhos de Paulo fitaram o soldado e um sorriso surgiu-lhe nos lábios. Voltando-se a Timóteo, ditou:

No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as

astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingi-dos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça. E calçados os pés na preparação do Evangelho da paz (Ef 6.10-15).

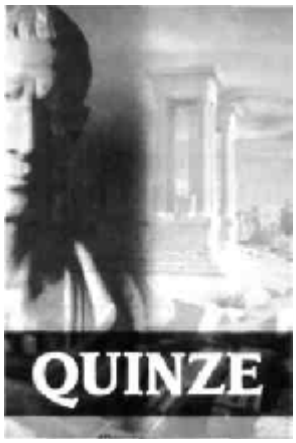
Com mais uma olhadela ao equipamento do guarda, acrescentou:

Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda a perseverança e súplica por todos os santos... Paz seja com os irmãos, e caridade com fé da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo. A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade. Amém (Ef 6.16-18,23,24).

O EVANGELHO DIFUNDIDO MEDIANTE O CATIVEIRO

As cartas foram enviadas e Paulo voltou à rotina diária de ensinar os que iam à sua casa, fortalecendo-os nas coisas divinas. Durante os anos do seu cativeiro, para surpresa dos amigos e dele mesmo, o Evangelho fora promovido. Foram tempos calmos e úteis aqueles. A indulgência do Império Romano contribuiu para que a prisão forçada não trouxesse tristezas. Sua mente estava livre de cuidados pessoais; em seu coração crescia cada vez mais a esperança de ser libertado após o julgamento. Essas palavras foram escritas da sua casa:

Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos (Fp 4.4).



O COMBATE, A CORRIDA E O DEPÓSITO

O tão esperado julgamento aconteceu finalmente no ano 63 D.C., depois de Paulo haver permanecido dois anos em prisão domiciliar.

Tudo que ele esperava e previra aconteceu. A carta favorável de Festo e o relatório de Júlio fizeram a balança pender a seu favor. Após aqueles longos meses, e com os acusadores tão distantes, a oposição judaica diminuíra. Em razão de os judeus serem olhados com suspeita, a corte dispensou rapidamente as acusações contra Paulo, e ele foi posto em liberdade.

Pouco se sabe das atividades do apóstolo depois da sua libertação, mas é fácil imaginar quais foram. Ao voltar para casa e dar-se conta de que, pela primeira vez em quatro anos, estava sem a companhia de um guarda, deve ter, imediatamente, iniciado algum plano. Não ficaria inativo; tiraria o máximo proveito do tempo que lhe restava. Sempre quisera visitar a extremidade ocidental do império. Anos antes, ao escrever à igreja de Roma, falara-lhes de sua intenção de ir à Espanha. Seu pensamento estava sempre com as igrejas, e desejava visitar muitas delas na Ásia e na Grécia. Desde que escrevera a Filemom, e ouvira a história da igreja de Colossos por intermédio de Epafras, alimentava a esperança de visitá-la. Essa era a sua oportunidade. A seguir, escrevera à sua igreja favorita - a de Filipos. A perspectiva de ver os irmãos que cuidaram dele durante a prisão em Roma aqueceu-lhe o coração.

Tudo decidido, não perdeu tempo. Encontrou um navio que ia para a Espanha e navegou para o Ocidente, a fim de conhecer novas pessoas e testemunhar de seu Salvador. Aquela foi no entanto, uma curta visita. Depois de encorajar os poucos cristãos dali e fortalecer-lhes a fé em Cristo Jesus, Paulo tomou um navio para sua amada terra. Depois de vários dias, chegou finalmente a Éfeso e, acompanhado por Lucas, seu fiel companheiro de prisão, dirigiu-se por terra a Colossos.

EM COLOSSOS

Pela primeira vez Paulo viu a igreja fundada por Epafras, e a quem escrevera uma carta. Foi recebido cordialmente. Os cristãos reverenciaram-no como o grande líder do Cristianismo; Filemom, que o conhecera em Éfeso, acolheu-o em sua vasta mansão, onde reunia-se a igreja de Colossos. Porém não houve acolhida mais cordial e sincera que a do sorridente Onésimo. O escravo fugido tornara-se um dos troféus do ministério de Paulo em Roma.

Paulo não pôde permanecer muito tempo em Colossos, mas a igreja aproveitou cada minuto de sua companhia. Quando chegou o momento da despedida, ele já tinha recapitulado tudo que dissera na carta. Lembrara-os novamente de como Deus viera à terra na pessoa de seu Único Filho; recordara-lhes que Jesus era verdadeiramente Deus e que a vida eterna só era obtida através dEle. Também advertira-os contra os falsos mestres que queriam negar a doutrina de Cristo e sua divindade. Depois de lhes haver enriquecido a fé, Paulo partiu para Éfeso.

MINISTRANDO AOS EFÉSIOS

Em Éfeso, o apóstolo sentia-se em casa. A igreja havia prosperado e mantinha-se fiel. Os membros tinham-se guardado das doutrinas falsas e zelado pela pureza do seu púlpito. Ninguém era convidado a pregar, a não ser que fosse sólido na fé, reconhecendo a divindade de Jesus Cristo e o Evangelho da graça redentora.

Os efésios ficaram felizes por ver novamente o seu pastor. Havia algum tempo, os presbíteros de Éfeso tinham chorado ao ver o navio de Paulo afastar-se do cais em Mileto; acharam que nunca mais lhe veriam o rosto. Contudo, depois de tantos meses, ele voltara! O rigor dos anos o envelhecera. Desaparecera-lhe o brilho dos olhos, bem como o andar rápido e decidido. Paulo sofrerá muito desde que pregara em Éfeso sua última mensagem. Os sulcos em seu rosto santo contavam dos fardos que tivera de carregar.

Ele não apenas estivera na prisão, naufragara e fora açoitado, como sentira no espírito a solidão e sofrerá com a dureza de coração das pessoas. Sobre seus velhos ombros pesava o cuidado por todas as igrejas. Sempre que um companheiro enfrentava dificuldades, Paulo sofria com ele. Sempre que alguém era lançado na prisão, seu espírito sentia-se também aprisionado. Paulo identificava-se com os irmãos na fé; era como se um laço familiar os unisse e os tornasse um só.

O tempo, porém, era curto. Ansiando por visitar a Macedônia, Paulo planejou viajar pelo mar Egeu até Filipos e Tessalônica, e para muitas aldeias onde houvera plantado a bandeira da cruz. Mas Éfeso precisava de um líder. A igreja era forte, mas sendo a cidade uma das mais importantes da Ásia Menor, era necessário manter ali um testemunho que contrabalançasse as forças de Diana.

Paulo alegrava-se ao pensar na igreja de Éfeso; os crentes haviam agido bem. Entretanto, ele notava que o mundanismo da cidade grande dificultava, a alguns cristãos, a conservação do primeiro amor. A oposição era grande, e a cidade atraía muitos professores de religião que tentavam destruir a pureza da igreja e confundi-la com teorias e lendas sem fim.

Durante sua permanência em Éfeso, Paulo aproveitou para advertir a igreja quanto a essas coisas, aconselhando os cristãos a serem mais vigilantes. Recomendou-lhes que afastassem da comunhão qualquer um que aparecesse com doutrinas falsas.

Paulo achou que a situação era suficientemente séria para deixar Timóteo em Éfeso, pedindo que supervisionasse essa importante igreja e fizesse dela uma fortaleza para o Evangelho puro. Com o coração apertado, o apóstolo despediu-se de seu querido amigo, orando para que ele fosse um servo fiel e que a sua presença ali enriquecesse a igreja com toda sorte de bênçãos espirituais.

A EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Do outro lado da estreita faixa de mar, no continente Europeu, os pensamentos de Paulo continuavam com Timóteo. Ele ministrou aos santos em várias cidades da Macedônia, encorajando, fortalecendo e advertindo-os, mas não conseguia tirar da mente o jovem em Éfeso e seu trabalho estratégico.

Pensou outra vez nos falsos mestres e como já haviam invadido certas igrejas, especialmente na província da Galácia. Ele estava certo de que Efeso era a chave para toda a Ásia.

Com a pena na mão e o pergaminho à sua frente, Paulo começou a escrever a Timóteo:

Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo, esperança nossa, a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé; graça, misericórdia e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da de Cristo Jesus, nosso Senhor.

Como te roguei, quando parti para a Macedônia, que ficasses em Efeso, para advertires a alguns, que não ensinem outra doutrina, nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que edificação de

Deus, que consiste na fé (1 Tm 1.1-4).

A carta prosseguiu cheia de instruções. Perguntas sobre a organização e o governo da igreja precisavam ser respondidas, e Paulo achou que seu amigo tiraria grande proveito de tais instruções e encorajamento:

Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessóes, e ações de graças por todos os homens. Pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade...

Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas, e exercita-te a ti mesmo em piedade. Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir.

Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza. Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá. Não desprezes o dom que há em ti, o qual tefoi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério...

Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão, que guardes este mandamento sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Tm 2.1,2.4.6-8,12-14; 6.13,14).

RUMO A TRÔADE, EFESO E MILETO

Paulo mencionou na carta a esperança de visitar novamente Timóteo o mais breve possível. Esse desejo foi realizado; depois de deixar a Macedônia e visitar Trôade, onde trocou idéias com os líderes da igreja que se reuniam na casa de Carpo, o apóstolo viajou para o sul e depois para Éfeso.

De fato, Paulo estava tão apressado, que chegou a deixar seus preciosos livros e material para escrever, bem como sua capa, pretendendo buscá-los antes do inverno.

Depois de uma visita satisfatória a Timóteo, ele despediu-se com lágrimas nos olhos e tomou a estrada que levava a Mileto, a cerca de 48 quilômetros da costa.

Chegaria o dia em que todas as cidades teriam uma igreja cristã. O quadro passara por grande transformação durante a vida de Paulo. Poucos anos antes, havia somente alguns cristãos, mas o Evangelho fora anunciado tão destemidamente, que agora todos os crentes tinham o seu lugar de culto. E aquele porto marítimo não era exceção.

PAULO E TITO

Durante várias semanas Paulo esteve com os irmãos em Mileto. Depois de consolá-los, estabelecendo-os na fé, embarcou para Creta na companhia de Tito, seu fiel colaborador. A igreja dali era desorganizada. Havia muitos crentes, mas para que seu testemunho fosse efetivo, algumas coisas precisavam ser mudadas. Era necessário que os crentes se unissem sob a direção de anciãos e bispos que zelassem por suas almas.

Tito, um dos convertidos de Paulo, era grego. Ele acompanhara o grande apóstolo a Jerusalém, à conferência relativa à admissão dos gentios na igreja, e Paulo tinha plena confiança nele. Decidiu deixá-lo em Creta, encarregando-o da organização das igrejas em cada cidade da ilha. Era uma tarefa colossal; mas, com a ajuda do Senhor, Tito a cumpriria.

Enquanto Tito adaptava-se à nova responsabilidade, Paulo foi para Corinto e exerceu um breve ministério junto a essa grande igreja. Ele ficou alegre ao constatar que os males de Corinto, sobre os quais escrevera alguns anos antes, haviam sido corrigidos. Seu encontro com os discípulos dali foi cordial e proveitoso. Os cristãos de toda a cidade foram ouvi-lo. Apesar de idoso, o servo do Senhor parecia não se cansar de exaltar a Cristo e confirmar a fé dos

seguidores.

Paulo pensou também em Tito, que estava em Creta, e escreveu-lhe uma carta similar à que enviara a Timóteo, descrevendo as qualificações para os líderes da igreja. Como Éfeso e Creta, Corinto também precisava de um representante digno. O escolhido por Paulo foi seu Erasto, seu fiel colaborador. Deixou-o com a responsabilidade de ajudar os crentes de Corinto e seguiu para Nicópolis, na costa oeste da Grécia.

PRISÃO DE PAULO EM NICÓPOLIS

Sentindo que sua vida achava-se perto do fim, Paulo fazia arranjos para deixar obreiros de confiança em pontos estratégicos. O tempo era curto e ele sentia a necessidade de apressar-se de cidade em cidade. Nicópolis era um centro importante para o trabalho missionário e Paulo planejava passar ali o inverno. Aquela cidade nunca fora visitada antes, e a perspectiva de iniciar um novo trabalho em curtíssimo tempo era fascinante. Acompanhado de cinco colaboradores, entrou na cidade e começou a pregar.

As suas esperanças, porém, foram de curta duração. Era o ano 67 D.C., e três anos antes, um grande incêndio queimara a cidade de Roma, desabrigando milhares de pessoas. Ninguém sabia como o fogo começara. Alguns diziam que o próprio Nero incendiara a cidade durante uma bebedeira, esperando na sua loucura que uma Roma nova e melhor se levantasse, como um monumento ao seu reinado.

Mas outro clamor ergueu-se, afirmando que os cristãos haviam incendiado a cidade. O ódio da população subiu mais alto que as chamas, e começaram-se as perseguições mais cruéis que a igreja já enfrentara. Os cristãos eram atirados aos leões no Coliseu, espancados até a morte, mergulhados em piche e incendiados nos jardins de Nero, como tochas para iluminar a noite.

Todos os que tinham condições fugiram de Roma. Áquila e Priscila foram para Éfeso. A igreja teve de esconder-se. Em todo o império, cristãos eram presos e perseguidos sem misericórdia. Histórias terríveis de tortura chegaram aos ouvidos de Paulo e seus cinco assistentes. Eles próprios haviam escapado por pouco em algumas ocasiões, mas agora uma nuvem mais negra parecia pairar sobre eles. Os missionários temiam ser inevitavelmente presos. Nero e seus homens estavam dispostos a acabar com o testemunho cristão.

Em meio à crise, Demas abandonou Paulo, partindo para Tessalônica. Era uma negativa da fé, e o apóstolo ficou profundamente magoado. Demas, entretanto, não foi o único a desertar. Crescente partiu para a Galácia; e até Tito, a quem Paulo confiara tão grande tarefa, pressionado pela perseguição, partiu para as montanhas da Dalmácia.

Só Lucas e Tíquico permaneceram com Paulo, e esse último foi enviado a ficar com Timóteo e ajudá-lo em tudo. Então o golpe abateu-se sobre eles. Um oficial romano, reconhecendo Paulo como líder das forças cristãs, prendeu-o enquanto pregava o Evangelho de Cristo em praça pública. Julgando que Nero se agradaria de ter nas mãos um líder cristão, enviou-o a Roma.

O PRIMEIRO JULGAMENTO

Desta vez Paulo não foi tratado com respeito e tolerância. Era um prisioneiro famoso, e qualquer um que lhe demonstrasse amizade seria distinguido como um dos acusados de incendiar Roma. Pouca gente visitou o apóstolo, mas Lucas, o médico amado, ia vê-lo todos os dias.

Paulo foi mantido numa cela logo abaixo da rua. Não havia qualquer saída, exceto uma abertura estreita para escoamento da água no pavimento. As paredes eram frias e úmidas, e o frio cortante do inverno já se fazia*sentir. A solidão da cela o deprimia, mas a idéia de ter sido abandonado era ainda mais difícil de suportar.

O efésio Onesíforo foi um dos que tentaram ajudá-lo. Ele mostrou ser muito diferente de tantos amigos da Ásia. Todos haviam esquecido o idoso apóstolo, mas Onesíforo não se envergonhou das cadeias de Paulo. Depois de uma longa busca, descobriu onde o prisioneiro se encontrava e passou a visitá-lo com freqüência, levando-lhe ânimo e objetos de uso pessoal.

Chegou então o dia do julgamento. Segundo o costume romano, todos deviam ter um julgamento justo. Paulo ficou sozinho diante do tribunal. A sala estava cheia, mas em todo

aquele mar de rostos não havia um que lhe parecesse amigável. Nenhuma voz se levantou a seu favor. O velho apóstolo começou sua própria defesa com um vigor vindo da certeza de que o Senhor estava ao seu lado. Cristo era tão real naquele dia como o fora na estrada de Damasco, tantos anos antes.

Seu discurso foi eloqüente. Todo o antigo fogo ainda queimava nele. Toda a lógica e poder do Evangelho estavam-lhe à disposição. Suas sentenças começaram vagarosas, mas à medida que contava a história do Evangelho, ganharam velocidade. Seus olhos brilhavam de convicção. Ele estava pregando para obter um veredicto, e seus argumentos caíam em pesados golpes nos corações dos ouvintes. Esse seria seu último sermão na terra.

Alexandre, o latoeiro, era a principal testemunha contra Paulo. Esse homem levantou-se e identificou-o como líder da igreja cristã e centro de tanta controvérsia. Afirmou que aonde Paulo ia, formava uma comunidade de cristãos fiéis a Jesus de Nazaré, e que a lealdade dessas pessoas ao imperador era questionável. Apesar do testemunho de Alexandre, a corte impressionou-se com as palavras ardentes do grande apóstolo; o caso foi suspenso até um novo interrogatório.

Paulo escapou dos dentes do leão para ser enviado de volta à cela sombria, onde aguardaria o lento girar das rodas da justiça romana. Tratava-se de uma vitória temporária. Ele, porém, já podia visualizar o final à distância, e esperava que o julgamento viesse rapidamente. O apóstolo dos gentios só tinha um último desejo: ver Timóteo antes de morrer.

A Segunda Epístola a Timóteo

Paulo receava os dias de ócio forçado na cela desconfortável. Pensou na capa que deixara em Trôade, com os livros e pergaminhos. Se estivessem agora em suas mãos! Pediu uma pena, tinta e pergaminho, e obteve permissão para escrever ao amado amigo Timóteo, em Éfeso:

Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos... Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus...

Mas não me envergonho, porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia...

Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus... Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade (2 Tm 1.6,8,12; 2.1,15).

Paulo advertiu o jovem pregador sobre a maldade dos homens e o perigo da falsa doutrina. Encarregou-o solenemente de pregar a Palavra de Deus e jamais perder o sentimento de urgência:

Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências. E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra dum evangelista, cumpre o teu ministério.

Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.

Procura vir ter comigo depressa. Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica; Crescente, para Galada. Tito para Dalmácia. Só Lucas está comigo. Toma Marcos, e traze-o contigo, porque me é

muito útil para o ministério. Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos.

Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, porque resistiu muito às nossas palavras.

Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação, e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão. E o Senhor me livrará de toda a má obra, e guardar-me-á para o seu reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém... Procura vir antes do inverno (2 Tm 4.3-11,13-18,21).

Essa foi a sua última carta.

O SEGUNDO JULGAMENTO

O segundo julgamento de Paulo seguiu-se logo após o primeiro. Não havia ninguém para defendê-lo ou apoiá-lo. Ele fora acusado de ser o líder dos cristãos, contra quem o ressentimento público era grande. Alexandre, o latoeiro, e os demais acusadores venceram. Sob os olhos desatentos de Nero, foi feita a votação. Era uma sentença de morte. Por ser um cidadão romano, Paulo não seria crucificado, mas decapitado.

Com o rosto pálido, porém de cabeça erguida, o apóstolo foi levado para fora dos muros da cidade. Ali, em meio a uma multidão hostil, ávida pela execução, o velho missionário da cruz levantou os olhos para orar. Muitas e muitas vezes o Senhor o livrara de um momento como aquele. Contudo, muitos outros santos haviam enfrentado a morte, e a graça de Deus seria suficiente a Paulo também. O Senhor Jesus sofrerá uma morte vergonhosa fora dos muros de Jerusalém; mas pela sua vitória, tornou a morte gloriosa a todo cristão. Enquanto Paulo pensava na ressurreição, um riso de triunfo dançou-lhe nos olhos e brincou-lhe nos cantos da boca. Sua face estava radiante, brilhando com a luz de um outro mundo.

NOS BRAÇOS DE JESUS

O capitão da guarda ordenou que parassem. O ar frio do inverno esfriara o cepo junto ao qual Paulo ajoelhou-se. *Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada.* A lâmina da espada brilhou ao sol. Paulo fechou os olhos para a multidão ruidosa, e quando abriu-os de novo, estava na presença de Jesus de Nazaré, onde há plenitude de alegria, e em cuja destra há prazeres eternos (SI 16.11).



CHARLES FERGUSON BALL

A reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja cristã

"Ao descerem o monte, um raio de luz, mais brilhante que o sol em todo o seu esplendor, veio subitamente sobre o pequeno grupo. Sua radiância era tanta que o sol pareceu enfraquecer. Eles ficaram ofuscados com o brilho e caíram por terra; alguns, de bruços para protegerem-se da luz, e outros com as mãos cobrindo os olhos, temendo aqueles raios.

Admirados, entreolharam-se como que pedindo uma explicação do que houvera. Foi então que viram o seu chefe caído no chão, enquanto o animal, em que montara, mantinha-se perto dele amedrontado. Saulo falava com alguém, mas eles não viam o seu interlocutor. Embora parecesse uma voz, não lhe compreendiam as palavras. Agora os lábios de Saulo se moviam; tinha ele as mãos estendidas à sua frente como se estivesse cego. Saulo tremia da cabeça aos pés..."

A história missionária mais famosa e comovente do mundo nunca foi tão agradável de se ler! Com base nas Escrituras e em registros históricos, o autor pinta um quadro pitoresco e genuíno do apóstolo Paulo, de seu ministério e de sua época.

O DR. CHARLES FERGUSON BALL é pastor aposentado. Ele estudou a fundo a cultura e os dias em que Paulo viveu e trabalhou. Viajou por todo o mundo, levando grupos de turistas a Europa e à Terra Santa, inclusive a todas as cidades em que sabemos que Paulo ministrou.

ISBN 85-263-0186-1